

O BRASIL 1930
DE TODAS
AS COPAS 2010





1930

Antônio Carlos Napoleão

2010

O BRASIL
DE TODAS
AS COPAS

Brasília
2012

©2012. Todos os direitos reservados. O autor permite a reprodução de partes deste livro desde que citada a fonte.

Ministério do Esporte
Esplanada dos Ministérios, Bloco A
CEP 70054-906
Brasília, DF

N216b

Napoleão, Antônio Carlos.
O Brasil de todas as Copas 1930 - 2010 / Antônio Carlos Napoleão. – Brasília :
Ministério do Esporte, 2012.
260 p. ; 23 cm.

ISBN

1. História do futebol. 2. História do Brasil na Copa do Mundo. 3. Futebol.
4. Seleção Brasileira de Futebol. I. Título.

CDD: 981

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| A COPA DO MUNDO DO BRASIL | 10 |
| COICES E RELINCHOS TRIUNFAIS | 14 |
| 1930 A PRIMEIRA COPA DO MUNDO | 18 |
| FAUSTO DOS SANTOS | 24 |
| 1934 SONHO DESFEITO | 26 |
| 1938 A FORÇA DO FUTEBOL BRASILEIRO | 34 |
| LEÔNIDAS DA SILVA O DIAMANTE NEGRO | 42 |
| 1950 O PAÍS DO FUTEBOL RECEBE A COPA DO MUNDO | 46 |
| ADEMIR MENEZES O QUEIXADA | 52 |
| 1954 FESTIVAL DE GOLS | 56 |

| | |
|--|-----|
| JULINHO BOTELHO | 62 |
| 1958 A TAÇA DO MUNDO É NOSSA | 64 |
| 1962 BRASIL BICAMPEÃO DO MUNDO | 74 |
| 1966 ELIMINAÇÃO PRECOCE | 86 |
| 1970 BRASIL TRÊS VEZES CAMPEÃO | 93 |
| 1974 COPA REVELA LARANJA MECÂNICA | 103 |
| 1978 BRASIL, CAMPEÃO MORAL DA COPA | 109 |
| 1982 FUTEBOL ARTE NÃO GARANTE O TÍTULO | 117 |
| 1986 A ÚLTIMA COPA DE UMA GERAÇÃO DE CRAQUES | 123 |
| 1990 INÍCIO DA ERA DUNGA | 129 |
| 1994 BRASIL ERGUE A TAÇA DO TETRA | 135 |
| 1998 FINAL NEBULOSA | 147 |
| 2002 O PRIMEIRO PENTACAMPEÃO DO MUNDO | 154 |
| 2006 BRASIL NAS QUARTAS DE FINAL | 171 |
| 2010 SONHO DESFEITO | 179 |
| JOGOS DO BRASIL EM TODAS AS COPAS | 186 |
| RECORDES DO BRASIL EM TODAS AS COPAS | 238 |



Se a Copa é o maior espetáculo da Terra, em nenhum outro país entusiasma o povo como em nossos campos de terra e grama. O que lemos em O Brasil de Todas as Copas é a prova de que, acima do que confirma nossa participação em todas elas, jamais houve, porque não pode haver, Copa do Mundo sem o Brasil.

O Brasil coleciona troféus na Copa do Mundo, a começar da participação em todas as dezenove já realizadas e do lugar garantido como sede em 2014; chegou a sete finais e venceu cinco; e ostenta outro diferencial pouco observado, mas não menos importante: a maestria do brasileiro enriqueceu o futebol com uma densidade artística que fez aumentar o interesse e a admiração pelo jogo da bola com os pés. Se é o esporte do mundo, em grande parte, essa devoção se deve à liturgia introduzida pelo time canarinho, com a ginga, o improviso, a imprevisibi-

nacional. Os sul-americanos, e entre eles o Brasil, foram essenciais na construção dessa jornada, convindo lembrar que o primeiro mundial foi desdenhado pelos países mais importantes da Europa, a começar da Inglaterra, que sempre se achou sândica do futebol, e coube ao Uruguai, já bicampeão olímpico, patrociná-lo integralmente.

O futebol era um jogo rígido, sem cintura, praticado com base em manual escrito pelos ingleses. Predominavam jogadores brancos, em geral da elite, amadores que dispensavam remuneração. A partir do Brasil, virou uma plataforma de inclusão e mobilidade social. Garotos pobres, negros e mulatos tornaram-se os primeiros ídolos de massa, a exemplo de Friedenreich, Heitor Domingos da Guia e Leônidas da Silva. Já disputávamos um torneio internacional, a Copa América, desde 1916, e introduzimos o bailado na

ainda tem adeptos até mesmo no Brasil, porém nunca mais o mundo jogou bola do mesmo jeito, sem deixar de observar e muito menos de temer o selecionado brasileiro.

A epopeia do futebol verde-amarelo na arena de gala da Copa do Mundo é esmiuçada neste livro de Antônio Carlos Napoleão tal e qual uma narrativa épica. Consolidando-se como historiador do esporte, o autor registra a trajetória do futebol brasileiro nas copas com riqueza documental e uma luminosa iconografia que reúne flagrantes desde a estreia no Uruguai em 1930 até as peripécias na África do Sul em 2010. Verbetes de todos os jogos nas dezenove copas e uma antologia dos recordes da Seleção complementam a pesquisa como uma enciclopédia informativa e um almanaque ilustrativo do melhor futebol.

O saldo geral, no entanto, é que, mesmo perdendo, a Seleção encanta o mundo. Os exemplos mais eloquentes ainda são os das copas de 1982, na Espanha, e 1986, no México, onde cintilou uma geração de craques de primeira grandeza, como Falcão, Sócrates, Careca, Zico.

O estilo do jogador engendrou no torcedor brasileiro uma reação atípica: não basta ganhar, é indispensável também jogar bonito. Ciclotímico, crítico, derrotista, é também estável, fiel, entusiasta, e tal paradoxo se explica pelo cintilante complexo de superioridade que projeta na Seleção: não admite que o time, sendo o melhor, deixe a vitória escapar. Não por acaso, o torcedor figura neste livro em álbum fotográfico farto e interdependente, como expressão de que Copa do Mundo e Brasil são verso e reverso da valiosa moeda do futebol.

A COPA DO MUNDO DO BRASIL

lidade, a finta de corpo, a técnica de pôr a bola no ponto desejado, carregando-a de efeitos irregulares e trajetórias assimétricas, sintetizados na folha-seca.

A excelência do jogador em campo e a importância do jogo na sociedade foram diferenciais brasileiros que ajudaram a conferir ao futebol uma dimensão universal. Atualmente, 204 federações filiadas à Fifa (nem todas representam Estados autônomos, como as de Hong Kong e Taiti) disputam as trinta e uma vagas da competição (a 32.^a é do anfitrião). Um longo jogo de efeitos geopolíticos e sociológicos foi travado ao longo de décadas para que cada selecionado vestisse a camisa da nação. Todo time do mundo vai a campo imbuído do orgulho de ser, como disse o cronista Nelson Rodrigues, “a pátria de chuteiras”, e foi na Copa do Mundo que o futebol consolidou-se como elemento da identidade

Copa do Mundo de 1930, no primeiro jogo oficial contra uma seleção da Europa, a Iugoslávia. A Seleção não passou das eliminatórias, vítima da politicalha que desunia os cartolas do Rio e São Paulo, estes negando a liberação de quatorze jogadores convocados. Mas quem acompanhou os dois jogos disputados pelo Brasil teve a ventura de testemunhar a elevação de um esporte à categoria de arte.

Friedenreich não foi liberado pelos paulistas para ir ao Uruguai, mas outro garoto negro e pobre, o maranhense Fausto dos Santos, arrebatou a Copa. Foi um dos primeiros ídolos do campo a conquistar epítetos superlativos: Maravilha Negra, tão destacado que também esteve entre os primeiros brasileiros a entrarem na ciranda transnacional de astros imigrados, indo jogar no Barcelona da Espanha em 1931. O futebol-força jamais penduraria as chuteiras,

Ao final da leitura, conclui-se que, se o Brasil deixou de ganhar quatorze dos dezenove mundiais que disputou, jamais foi por inépcia coletiva ou falta de qualidade dos jogadores. Mais de uma vez, a Seleção perdeu para si própria – por desorganização, falta e/ou excesso de confiança, erros individuais, incompatibilidade de treinadores. Na Itália, em 1938, nem conhecíamos as regras direito – o técnico Ademar Pimenta ignorava a regularização do tiro de meta. O amadorismo da desorganização acabou em 1958, quando o presidente da Confederação Brasileira de Desportos, João Havelange, golpeou o bairrismo, unificou paulistas e cariocas e deu ao time a logística necessária para vencermos a maior disputa esportiva do planeta. Enfim, o Brasil equilibrou potencial com desempenho e, de quebra, apresentou ao mundo a síntese perfeita da excelência futebolística, o garoto Pelé.

Se a Copa é o maior espetáculo da Terra, em nenhum outro país entusiasma o povo como em nossos campos de terra e grama. O que lemos em O Brasil de Todas as Copas é a prova de que, acima do que confirma nossa participação em todas elas, jamais houve, porque não pode haver, Copa do Mundo sem o Brasil.

Aldo Rebelo
Ministro do Esporte



COICES E RELINCHOS TRIUNFAIS

Amigos, o meu personagem da semana é o cronista patricio que foi à Inglaterra. Pois bem: - saiu daqui bípede e voltou quadrúpede. Desembarcou no Galeão soltando, em todas as direções, os seus coices triunfais. Por aí se vê que o subdesenvolvido não pode viajar e repito: - não pode nem ultrapassar o Méier. A partir de Vigário Geral baixa, em nós, uma súbita e incontrolável burrice.

Não há, nas palavras acima, nenhuma piada. Faço uma casta e singela constatação. Ponham um inglês na Lua. E na árida paisagem lunar, ele continuará mais inglês do que nunca. Sua primeira providência será anexar a própria Lua ao império britânico. Mas o subdesenvolvido faz um imperialismo às avessas. Vai ao estrangeiro e, em vez de conquistá-lo, ele se entrega e se declara colônia.

É o que está acontecendo nas nossas barbas estarecidas. O cronista que foi à Inglaterra (salvo raríssimas exceções) quer apenas isto: - fazer do futebol brasileiro uma miserável colônia do futebol inglês. Insisto no problema da viagem. O brasileiro que vai a Vigário Geral volta com sotaque. Mas pergunto aos paralelepípedos de Boca do Mato: - tínhamos alguma coisa que aprender com o inglês?

Sim. Tínhamos. Por exemplo: - aprendemos como ganhar no apito. E, realmente, fomos caçados com a convivência deslavada dos juizes, dos juizes que a Inglaterra manipulava. Aí está o Canal 100. É o cinema, com uma ampliação miguelangelesca, mostrando o nosso massacre. Nada descreve e nada se compara ao cinismo com que se exterminou Pelé. Tal cinismo foi, talvez, a maior lição que recebemos da Copa.

A melhor lição e não a única. Aprendemos também que um império se faz pulando o muro e saqueando o vizinho. E só uma coisa não precisávamos aprender: - futebol. Vocês viram a sorte do escrete russo no Brasil. É uma das melhores equipes do mundo. Só não foi finalista, no lugar da Alemanha, porque jogou a semifinal com nove elementos. E, aqui, a Rússia perdeu até em Maringá.

Mas há pior: - o mesmíssimo escrete russo tomou um banho de bola e de gols, sabem onde? Em Moscou. Aqui, o escrete inglês levou uma de cinco. Vejam bem: - de cinco. E só concedemos ao adversário um único e compassivo gol. Pois bem. Vai o cronista à Inglaterra e lá tem todo o comportamento do subdesenvolvido, de várias encarnações. O futebol inglês, ou alemão, ou russo é de uma clara, taxativa, ululante mediocridade.

Trata-se de um retrocesso evidentíssimo. A grossura, a truculência, a deslealdade ou, numa palavra, o coice nunca foi moderno. É um futebol que se devia jogar de quatro, aos relinchos, aos mugidos; e que também se devia assistir de quatro, com os mesmos relinchos e os mesmos mugidos. Muito bem: - e que faz o cronista? Quer que o jogador brasileiro, o melhor do mundo, também se transforme num centauro – um centauro que fosse a metade cavalo e a outra metade também.

Não sei se vocês viram a página mais negra da nossa crônica. Vários colegas escalaram o escrete da Copa. Não há um único e escasso brasileiro. O leitor há de perguntar: - “Nem Pelé?”. Nem Pelé. O cronista patricio está de tal forma fascinado com o futebol-débil mental,

que varreu do mapa o divino crioulo. Dirá alguém que Pelé só jogou contra a Bulgária e foi assassinado no jogo Brasil x Portugal.

Mas nenhum jogador europeu fez, jamais, nada que se parecesse com as jogadas de Pelé na estreia brasileira. E mesmo de maca, mesmo de rabeção, ele teria que entrar em qualquer seleção da Copa. E Gilmar? E Paulo Henrique? E Altair etc. etc. Saímos da burrice da Comissão Técnica e vamos cair na burrice de certa crônica. Uma conseguiu destruir o escrete, a outra quer destruir o próprio futebol brasileiro.

Graças a Deus, há duas pessoas inteligentes em nosso futebol: - o craque e o torcedor. Os dois não estão de quatro. O craque tem uma tal qualidade, que não se deixou cretinizar pela viagem. E a torcida sabe que a finalíssima foi a festa da mediocridade chapada.

Eu quero terminar dizendo: - quando, após a partida de anteontem, o capitão inglês ergueu a mãos ambas a Jules Rimet, o urubu de Edgar Allan Poe declarava aos jornalistas credenciados: - “Nunca mais, nunca mais!”. E, de fato, como as outras Copas vão ser disputadas em terreno neutro, nunca mais a Inglaterra vai conseguir impor o seu futebol sem imaginação, sem arte, sem originalidade. E o cronista que foi nos dois pés e voltou de quatro, que se cuide. O mesmo urubu de Edgar Poe diria que não se levantará, nunca mais, nunca mais, nunca mais.

[O Globo, 2/8/1966]

Nelson Rodrigues

“Coices e Relinchos Triunfais”

Título: A Pátria em Chuteiras, Novas crônicas de futebol

São Paulo: Companhia das Letras, 1994

p. 123-125



1930

Uruguai

A PRIMEIRA COPA DO MUNDO

A ideia de organizar um campeonato mundial de futebol surgiu em maio de 1902, quando um comerciante holandês chamado Carl Anton Wilhelm Hirschman redigiu um estatuto com o objetivo de reunir, numa só entidade, as federações de futebol de todo o planeta. A partir de 21 de maio de 1904, com a fundação da FIFA, o sonho ganhou força, mas nenhum dos países filiados à entidade quis assumir a responsabilidade de organizar a competição. Somente em 1919, quando o francês Jules Rimet foi eleito presidente da FIFA, o projeto da competição começou a ser posto em prática. Após os Jogos Olímpicos de Amsterdã, Holanda (1928), a FIFA aprovou, enfim, o novo torneio, que passaria a ser disputado de quatro em quatro anos.

A primeira edição seria no Uruguai, dois anos depois. O país foi escolhido em função da conquista dos títulos olímpicos de 1924 e 1928, da comemoração do centenário de sua independência e pela garantia de que a Associação Uruguaia de Futebol (AUF) ficaria responsável pelas despesas com passagens, estadias e daria participação nos lucros da competição. Jules Rimet passou a providenciar a produção do troféu. Encomendou a tarefa ao escultor francês Abel Lafleur.

Em abril de 1930, Jules Rimet recebeu a pequena estatueta, de um quilo e oitocentos gramas de ouro puro, cujo valor foi de cinquenta mil francos.

Dois meses antes da Copa, ninguém tinha confirmado presença na competição. Tchecoslováquia, Alemanha, Itália, Áustria, Hungria, Espanha e Suíça desistiram de forma definitiva, alegando que seus jogadores eram amadores e não poderiam ausentar-se de seus empregos por mais de trinta dias. Após grande esforço pessoal, Rimet conseguiu garantir a presença da França, Bélgica, Iugoslávia e Romênia. Da América do Sul, confirmaram presença Argentina, Brasil, Paraguai, Chile, Bolívia, Peru e os donos da festa, os uruguaios; da América do Norte, Estados Unidos e México. O Brasil estava em condições de formar uma das melhores seleções de todos os tempos e fazer um belo papel na competição, com chances claras de conquistar o torneio. Mas a falta de bom-senso marcou presença no nosso futebol. De um lado, a Liga de São Paulo, APEA, sedenta pelo poder, criou um novo conflito e, do outro, a CBD – Confederação Brasileira de Desportos, atual CBF –, intransigente, estava disposta a mostrar quem mandava no futebol brasileiro. A desavença entre as entidades impediu a Seleção Brasileira de contar com os seus melhores jogadores para disputar o torneio.

No dia 6 de maio, conforme ofício da CBD à APEA, foi comunicada a viagem dos membros da comissão técnica, sob a direção do Dr. Píndaro de Carvalho (técnico), a São Paulo, com o intuito de escolher os jogadores paulistas que fariam parte da delegação que iria ao Uruguai.

No dia seguinte, Elpídio de Paiva Azevedo, então presidente da entidade paulista, respondeu o ofício dando o “de acordo”, mas com uma pequena ressalva: solicitava a inclusão de Jorge Caldeira, representante da Liga Paulista, na comissão técnica. Sem dar resposta à APEA, no início de junho, a CBD enviou-lhe outro ofício informando a relação dos jogadores paulistas convocados para a disputa do torneio. Eram eles: Clodô (São Paulo), Athié (Santos), Grané (Corinthians), Del Debbio

(Corinthians), Pepe (Palestra Itália), Filó (Corinthians), Amílcar (Palestra Itália), Araken (Santos), Friedenreich (São Paulo), Petronilho de Britto (Sírio), De Maria (Corinthians), Heitor (Palestra Itália), Luizinho (São Paulo), Nestor (São Paulo) e Serafini (Palestra Itália).

O número de convocados demonstrava a força do futebol paulista. Do Rio de Janeiro, apenas oito jogadores haviam sido selecionados: Joel (América), Itália (Vasco), Fausto (Vasco), Russinho (Vasco), Carvalho Leite (Botafogo), Nilo (Botafogo), Preguinho (Fluminense) e Moderato (Flamengo). Unidos, esses craques estavam habilitados, sem qualquer sombra de dúvida, a conquistar o título da I Copa do Mundo. Mas os dias passavam e nem a CBD respondia à solicitação nem, tampouco, a APEA liberava os jogadores paulistas para se apresentarem para a viagem. Em 7 de junho, Elpídio de Paiva Azevedo telefonou para o presidente da CBD, Renato Pacheco, com o objetivo de cobrar a inclusão de Jorge Caldeira. Alegava que São Paulo, entre titulares e reservas, enviaria quinze jogadores, enquanto o Rio de Janeiro estava contribuindo com apenas oito, de modo que seria justa a inclusão de um paulista na comissão técnica. Renato Pacheco argumentou que os estatutos fixavam em três os membros da comissão técnica e estes já estavam nomeados: Dr. Píndaro de Carvalho, Dr. Egas de Mendonça e Dr. Gilberto de Almeida Rego, assim como os seus suplentes, João Paulo Vinelli de Moraes e Fábio de Oliveira.

Elpídio, então, indagou se aquela era a palavra final da CBD. Ao ouvir a confirmação, desligou o telefone. Somente no dia 12 de junho, a Liga de São Paulo enviou ofício à CBD informando: “A APEA adotou a única deliberação compatível com o brio e o amor próprio, senhores dirigentes da CBD, e informa a esta entidade que, por uma questão de decoro íntimo, se vê na contingência de negar a presença de seus jogadores para o selecionado brasileiro.”

Em consequência disso, a Seleção foi formada apenas por jogadores cariocas, com a inclusão de um único craque paulista, Araken Patuska, que estava sem contrato com o



Santos e foi inscrito pelo Flamengo (RJ). Eles embarcaram a bordo do navio Conte Verde rumo a Montevideu para a disputa da primeira Copa do Mundo.

No dia da estreia do Brasil contra a Iugoslávia, a temperatura em Montevideu beirava zero grau. Desacostumados, os brasileiros demoraram a esquentar no jogo. Por outro lado, os iugoslavos, acostumados à baixa temperatura de seu país, abriram o jogo com 2x0. Na Seleção Brasileira, apenas Fausto e Preguinho estavam desenvolvendo um bom futebol. Veio o segundo tempo e Preguinho marcou, de cabeça, para o Brasil, aos 17 minutos.

Como a Iugoslávia já havia vencido a Bolívia por 4x0, restou aos brasileiros disputarem a sua última partida já sem qualquer pretensão de se classificar para a próxima fase. Com diversas modificações no time, principalmente no ataque, o Brasil não teve dificuldades para derrotar a fraca Seleção Boliviana e venceu pelo mesmo placar dos iugoslavos, com gols marcados por Moderato (2) e Preguinho (2). Com o resultado, o Brasil ficou em segundo lugar no seu grupo, mas fora da Copa, já que o regulamento estabelecia que apenas os vencedores de grupo se classificariam para as semifinais. O campeão foi o Uruguai, que, na final, derrotou a Seleção da Argentina pelo placar de 4x2. De positivo, apenas o sucesso de Fausto dos Santos. Filho de lavadeira, negro, pobre e nordestino, nascido na cidade de Codó, no Maranhão, ele possuía o perfil que ia de encontro aos padrões determinados pelos dirigentes para a prática do futebol.

Mas Fausto dos Santos foi o que se pode chamar de um jogador completo: tinha um estilo clássico; quando dominava a bola, era elegante, inteligente e criativo. Sua maneira de fazer o futebol parecer tão fácil deslumbrou o público que assistiu aos dois jogos do Brasil durante a Copa do Mundo. E, já naquela época, quantos Faustos não deveriam existir pelos campos de subúrbio, nas várzeas e nas favelas das cidades brasileiras? Logo após a Copa do Mundo, o Brasil disputou três partidas amistosas no Rio de Janeiro – contra a França, a Iugoslávia e os Esta-



Jaksic, goleiro da Iugoslávia, desvia a trajetória da bola em um cruzamento, para o desespero de Nilo, que aguardava para concluir a jogada. O goleiro iugoslavo foi o grande destaque no segundo tempo do jogo.



Equipe do Brasil que foi derrotada pela Iugoslávia na estreia da Copa do Mundo de 1930. Em pé, da esquerda para a direita: Píndaro de Carvalho (técnico), Hermógenes, Fausto, Brilhante, Itália, Joel e Fernando Giudicelli. Agachados: Poly, Nilo, Araken, Preguinho e Theóphilo.



O atacante Carvalho Leite aguarda o desenrolar da jogada após uma intervenção do goleiro boliviano Bermúdez.

Jules Rimet, presidente da FIFA.

dos Unidos (cujos jogadores também haviam disputado a competição e estavam retornando a seus países). Na primeira partida contra os franceses, já contando com os craques paulistas que não haviam disputado a Copa do Mundo, o Brasil venceu por 3x2. O jogo foi realizado no Estádio das Laranjeiras. Os gols foram marcados por Heitor (2) e Friedenreich.

O mais interessante aconteceu na partida contra a Iugoslávia, país que derrotou a Seleção Brasileira na Copa. Contando praticamente com a mesma equipe que foi ao Mundial e sem os craques paulistas, o Brasil realizou uma exibição de gala. Com o Estádio de São Januário completamente lotado, impôs uma goleada impiedosa aos iugoslavos: 4x1. Carvalho Leite, que marcou dois gols, e Russinho foram os grandes destaques do jogo. Na terceira partida, contra os Estados Unidos, realizada no Estádio das Laranjeiras, o Brasil venceu a seleção norte-americana por 4x3. Os resultados positivos provaram que não faltava futebol, mas organização por parte dos dirigentes brasileiros que, na época, colocaram o bairrismo e a vaidade pessoal acima dos interesses da Seleção Brasileira.



Em 1930, quando a delegação brasileira chegou a Montevideu, desembarcava com seus companheiros Fausto dos Santos. Na capital uruguaia, aquele negro esguio encantaria a torcida com seu extraordinário futebol. Fausto nasceu na cidade de Codó, em 28 de fevereiro de 1905. Esta cidade fica localizada no interior do Maranhão, ao longo da Estrada de Ferro São Luís–Teresina. Por conta das dificuldades enfrentadas pela família e por se tratar de uma região pobre, migraram para o Rio de Janeiro.

Fausto iniciou sua carreira no Bangu como meia-direita e se destacou por sua habilidade no trato da bola, mas também passou a ser conhecido por sua vida levada na boemia. Em 1928, transferiu-se para o Vasco da Gama. Por conta de suas grandes atuações, foi convocado para a Seleção Brasileira. Fausto seguiu com a delegação brasileira e, na capital uruguaia, atuou contra a Iugoslávia e a Bolívia. Suas duas notáveis exibições extasiaram a crônica esportiva e o público uruguaios.

Em 1931, durante uma excursão do Vasco à Europa,



FAUSTO

Fausto assinou contrato com o Barcelona. Dois anos depois, transferiu-se para o BSC Young Boys, da Suíça, onde permaneceu apenas dois meses. Retornou ao Brasil e ao Vasco da Gama em 1935. No ano seguinte, ao lado de grandes craques como Domingos da Guia e Leônidas da Silva, seu maravilhoso futebol voltou a brilhar. Mas Fausto não se afastava da boemia e as gripes eram mais frequentes.

Mesmo consciente do mal que o acometia, o jogador continuava a não seguir os conselhos médicos. Passou a fazer segredo da doença e a tocar a vida normalmente, mas o fôlego começou a faltar nos jogos. Ainda assim, aceitou a proposta do Nacional e viajou para Montevideu. Sua permanência não durou mais que sete meses.

Quando retornou ao Brasil, vários clubes se interessaram em contratá-lo e o Vasco acabou liberando-o para o Flamengo, que lhe dava uma nova oportunidade na carreira. Agradecido à Diretoria do Flamengo, Fausto se afastou um pouco da vida boêmia.

DOS SANTOS

Mas, alguns meses depois, num treino, sentiu profundo cansaço e forte dor no peito. Mesmo muito doente, participou da equipe reserva contra o América na decisão do título da categoria. Era sua despedida dos gramados. No dia seguinte, teve uma hemoptise. Insistente, Fausto se apresentou na Gávea para treinar. Veio o desmaio e nova hemoptise. Era o início do fim. Aconselhado pelo médico, viajou para Palmira, no interior de Minas Gerais. Lá ficou internado num sanatório até às 18h do dia 29 de março de 1939. Nesse dia, o futebol brasileiro perdia um dos maiores craques da sua história.



SONHO DESFETO

No início de 1934, já prevendo o que poderia acontecer, as imprensas do Rio e de São Paulo procuraram se empenhar numa campanha para que a briga entre as entidades de regime de futebol amador e profissional do Rio e de São Paulo não prejudicasse a participação da Seleção Brasileira na Copa do Mundo.

Eduardo Trindade, presidente da AMEA - Associação Metropolitana de Esportes Athléticos, sugeriu a adoção de um regime misto, previsto nos estatutos da Confederação Brasileira de Desportos, com o objetivo de se chegar a um acordo. No entanto, a Liga Paulista de Futebol e a Liga Carioca de Futebol se negaram a ceder seus jogadores à CBD. Com a negativa, coube a Carlos Martins da Rocha, o Carlito Rocha, dirigente do Botafogo, a tarefa de montar a Seleção.

Carlito Rocha era profundo conhecedor de futebol. Experiência, sabia que iria necessitar de uma equipe forte para a disputa do torneio. O primeiro passo foi acertar com o técnico, Luis Vinhais, vencedor de duas edições da Copa Rio Branco. Em seguida, partiu em busca dos profissionais, uma atitude considerada leviana, pois como poderia um defensor ferrenho do amadorismo contratar atletas profissionais? Mas, na verdade, ele tinha conhecimento de que, só com amadores, não chegaria a lugar algum.

Na capital paulista, contratou quatro jogadores da equipe do São Paulo. Após uma partida contra a Portuguesa de Desportos, Sylvio Hoffmann, Luizinho, Waldemar de Brito e Armandinho embarcaram, às escondidas, para o Rio de Janeiro. No Rio Grande do Sul, acertou com Luiz Luz e Patesko. No Rio de Janeiro, o único clube prejudicado foi o Vasco da Gama: perdeu Tinoco e Leônidas da Silva. Corria o boato de que a CBD havia assinado contrato com estes atletas pagando 30 contos de luvas e ordenado de 1 conto de réis, o que levou o Jornal dos Sports a estampar, em sua primeira página, a seguinte manchete: “Patriotismo por 30 contos”. Pouco adiantou todo o esforço. A Seleção Brasileira partiu para disputar a sua segunda Copa do Mundo sem qualquer planejamento, numa viagem cansativa de doze dias de duração, a bordo do navio Conte de Biancamano.

Os treinos visando a preparação física do grupo, como em 1930, eram realizados no convés do navio. As únicas exceções ocorreram quando o navio aportou em Barcelona, para o embarque dos espanhóis, nossos adversários. Os jogadores fizeram um pequeno treino recreativo de, aproximadamente, 40 minutos e, posteriormente, um único treino, num campo de dimensões reduzidas, pró-

ximo ao Estádio Luigi Ferraris. Muito pouco para quem enfrentaria uma das melhores seleções da Europa em sistema eliminatório.

Não deu outra, a Espanha venceu por 3x1. Os espanhóis começaram o jogo muito concentrados e, em menos de 30 minutos, já venciam por 3x0. Iraragorri fez 1x0, em cobrança de pênalti. Oito minutos depois, Lángara marcou o segundo. Pouco mais de três minutos haviam se passado e o próprio Lángara marcou o terceiro gol espanhol. No segundo tempo, o Brasil melhorou. Leônidas pegou um rebote do goleiro Zamora e descontou aos 55 minutos. Ainda tivemos a chance de empatar o jogo. Aos 59 minutos, Luisinho teve um gol mal anulado pelo árbitro, que marcou impedimento. Aos 62 minutos, pênalti a favor do Brasil. Waldemar de Britto bateu e Zamora defendeu.

Foi uma partida repleta de erros do árbitro alemão Alfred Birlen. Os brasileiros saíram reclamando de um pênalti não marcado contra a Espanha: quando o zagueiro Quincoces tirou a bola com a mão em cima da linha de gol, Leônidas chutou, Zamora ficou batido e o zagueiro cometeu o pênalti. Reclamações à parte, o Brasil estava, novamente, fora da Copa. A campeã foi a Itália.



Equipe que foi derrotada pela Espanha por 3x1. Em pé, da esquerda para a direita: Martim, Pedrosa, Sylvio Hoffmann, Tinoco, Luiz Luz, Canalli, Armandinho, Waldemar de Britto, Leônidas da Silva, Patesko e Luisinho.



As seleções do Brasil e da Espanha posam para foto junto com o trio de arbitragem antes do início do jogo.



Alguns lances da partida, válida pela primeira fase da Copa. Os espanhóis venceram por 3x1 e o Brasil foi eliminado da competição.



A preparação física aconteceu no convés do Conte de Biancamano.







A FORÇA DO FUTEBOL BRASILEIRO

Jules Rimet, idealizador da competição, realizava um sonho. Seu país, França, iria promover a Copa do Mundo. Pela primeira vez na história, o Brasil iria contar com a sua força máxima. Os jogadores foram convocados pelo técnico Ademar Pimenta, que fizera uma boa campanha no Sul-Americano, sem qualquer pressão política. O único problema de Pimenta era a ignorância tática: desconhecia totalmente o sistema WM, criado por Herbert Chapman, técnico do Arsenal de Londres, em 1925, que foi introduzido no Brasil em 1937, quando o treinador húngaro Dori Krueschner chegou para dirigir o Flamengo. O treinador Ademar Pimenta também não sabia que a FIFA havia regularizado a cobrança de tiro de meta.

O treinador organizou duas equipes. Uma pesada, chamada de equipe azul e formada por Batatais; Domingos da Guia e Machado; Zezé Procópio, Martim Silveira e Afonso; Lopes, Romeu Pellicciari, Leônidas da Silva, Perácio e Hércules. A outra equipe, leve, chamada de equipe branca, era formada por Walter; Jaú e Nariz; Britto, Brandão e Argemiro; Roberto, Luizinho, Niginho e Patesko. A CBD atendeu a um pedido do treinador e os craques foram para Caxambu, em Minas Gerais, para um período de preparo de trinta dias. Alguns jornalistas que acompanharam os treinamentos comentavam que a disciplina não era o ponto forte da-

quele grupo. Sabe-se que os jogadores, e até o próprio Ademar Pimenta, não conseguiram resistir às tentações das mesas de bacará, do vinho e das mulheres.

Encerrado esse período, a delegação brasileira embarcou no transatlântico Arlanza rumo à França. Foi também nesta competição que o locutor Leonardo Gagliano Netto, da Rádio Cruzeiro do Sul, realizou a primeira transmissão para o Brasil de uma partida de Copa do Mundo através do rádio. O sistema de disputa ainda era o eliminatório: quem perdesse dava adeus à Copa do Mundo. Por isso, nossa primeira adversária, a Polônia, era encarada por todos com muito respeito.

Durante os quinze dias de viagem, Pimenta cometeria o seu primeiro erro. Dirigentes e profissionais de imprensa não paravam de opinar sobre quem deveria jogar e quem deveria sair da equipe. Com a intenção de agradar a todos, Pimenta resolveu mexer na equipe. Mandou a campo, contra a Polônia, a dupla Perácio–Hércules. Chovia muito, o campo ficou pesado e a partida, em seu tempo normal, terminou empatada em 4x4. Leônidas, Romeu e Perácio duas vezes marcaram para o Brasil, enquanto Wilimovski (3) e Scherfke fizeram os gols da Polônia. Veio a prorrogação. Logo aos três minutos, Leônidas marcou o quinto gol do Brasil. Reza a lenda que o Diamante Negro fez esse gol descalço. A chuteira havia saído do seu pé quando dividiu uma jogada; na sequência da jogada seguinte, ele recebeu livre e marcou. Pelo regulamento, o gol não deveria valer, mas que bom que o árbitro não percebeu. Algum tempo depois, em uma entrevista, ele confirmou o episódio, que segundo ele foi facilitado pelo fato das meias serem pretas. Leônidas marcou mais um e a Polônia ainda diminuiu com Wilimovski, que marcou o seu quarto gol no jogo. Ao final, o Brasil venceu por 6x5, classificando-se para a próxima fase, em que enfrentaria a Tchecoslováquia.

No jogo seguinte, o Brasil empatou com a Tchecoslováquia em 1x1. A partida foi uma verdadeira batalha campal. Alguns jogadores brasileiros estavam com os

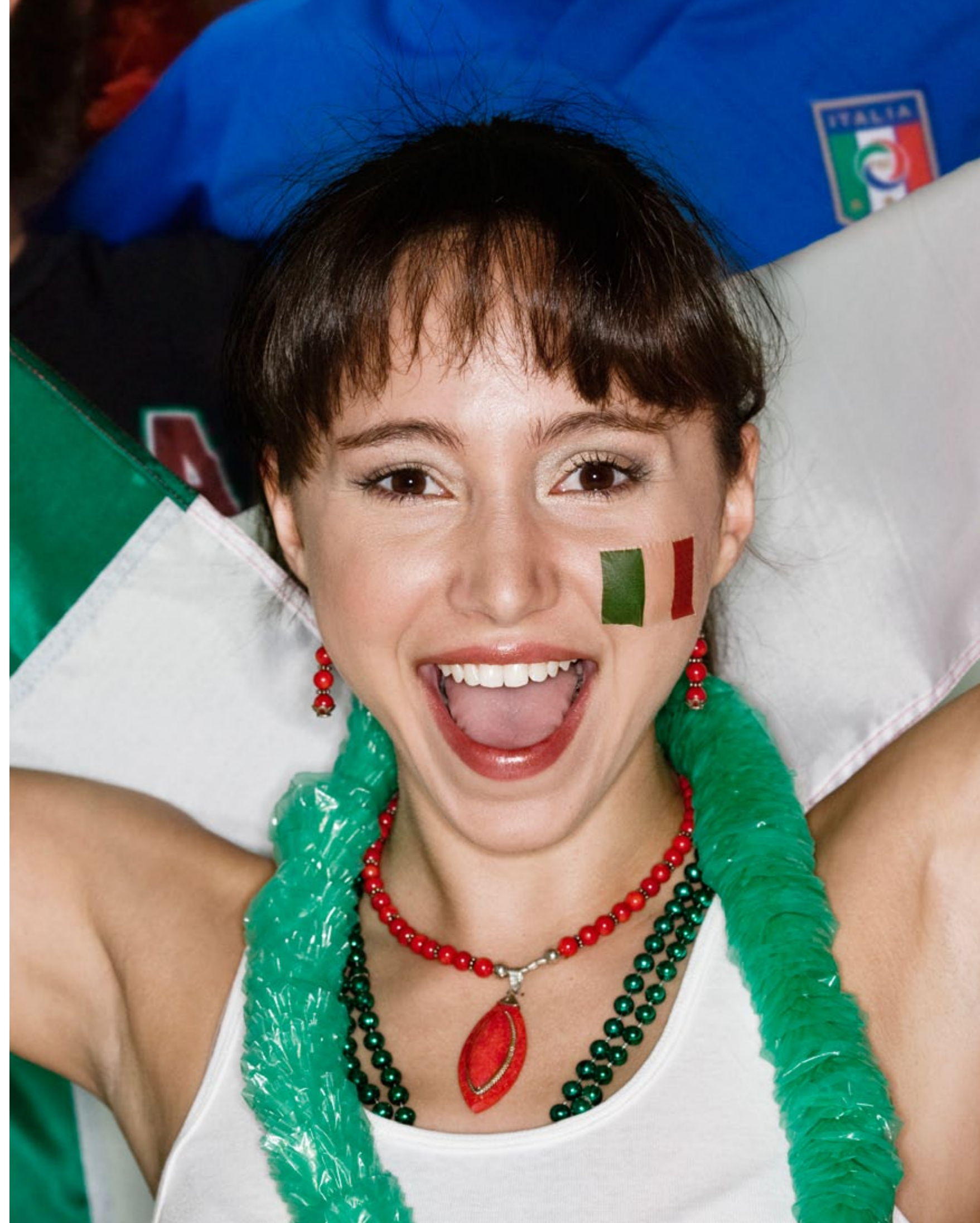
nervos à flor da pele. Para se ter uma ideia, aos 14 minutos, Zezé Procópio perdeu a cabeça, deu um pontapé em Nejedly e foi expulso.

Aos 30 minutos, Leônidas da Silva marcou o primeiro gol do jogo e a partida permaneceu muito disputada até o final do primeiro tempo. Veio o segundo tempo e, aos 18 minutos, Domingos da Guia cometeu um toque na área e o árbitro marcou pênalti, claro e indiscutível. Nejedly cobrou e empatou o jogo. A partir daí, a violência tomou conta da partida. Pelo Brasil, Leônidas e Perácio foram as primeiras vítimas e se machucaram seriamente.

Pelo lado tcheco, o atacante Nejedly fraturou a perna e, próximo ao final do tempo normal, num choque involuntário com Perácio, o goleiro Planicka deslocou a clavícula. No último minuto do tempo normal, o zagueiro Machado e o atacante Riha trocaram agressões e foram expulsos. No final da partida, o placar era 1x1, o que determinava a realização de outra prorrogação para definir o vencedor.

Na prorrogação, as duas equipes se arrastavam. Ao final dos 30 minutos, o empate persistia. Seria necessária a realização de uma segunda partida para definir o país classificado para as semifinais. Nesta partida, sem poder contar com os contundidos, Pimenta resolveu escalar o time considerado leve. Manteve apenas Leônidas, mesmo estando ele em condições precárias. Vencemos por 2x1, mas perdemos Leônidas para o jogo contra a poderosa Itália, campeã do mundo e favorita para a conquista do título.

Conformado com o desfalque de seu melhor jogador, Pimenta resolveu escalar Niginho, mas José Maria Castello Branco – que, além de médico, era, também, o chefe da delegação – descartou a utilização do atacante, pois havia uma irregularidade na sua documentação. Niginho havia sido contratado pela Lazio, da Itália, junto ao Palestra Itália (atual Cruzeiro-MG), em 1930. Em 1937, rompeu o contrato por conta própria e retornou ao Brasil. Jogou



pelo outro Palestra Itália (Palmeiras-SP) e posteriormente, foi emprestado ao Vasco da Gama (RJ), clube pelo qual atuava quando foi convocado. Castello Branco descobriu que a Federação Italiana não havia liberado o jogador do seu contrato com a Lazio. Portanto, perante a FIFA, estava irregular e não poderia atuar. A Seleção Italiana era uma equipe forte, possuía um sistema tático e um padrão de jogo bem definido. Apesar disso, no primeiro tempo, o Brasil não jogou mal e o placar de 0x0, apesar do maior volume de jogo dos italianos, foi até justo.

Veio o segundo tempo e, logo aos 10 minutos, Colaussi, em jogada individual, fez o primeiro gol italiano. E veio o golpe fatal. Domingos, que vinha sofrendo provocações do atacante Piola desde o início da partida, perdeu a cabeça e cometeu um pênalti infantil. A jogada acontecia no meio-campo, quando Domingos deu um pontapé em Piola, que caiu na área. Para infelicidade do zagueiro brasileiro, o árbitro suíço Wüttrich viu o lance e marcou o pênalti. Meazza bateu e marcou o segundo gol. No final da partida, Romeu ainda diminuiu, mas já era tarde.

Na decisão pelo terceiro lugar, o Brasil derrotou a Suécia por 4x2, com direito a um show de Leônidas, que voltava ao time, marcando dois gols. Apesar dos percalços, a Seleção de 38 foi uma das melhores da história do nosso futebol em todos os tempos. Nesta Copa, a Itália conquistou o bicampeonato.

Na volta dos jogadores, milhares de torcedores aguardavam com grande expectativa o desembarque. Leônidas da Silva foi eleito o jogador mais popular do Brasil num concurso realizado pelo Cigarro Magnólia. A fama do histórico resultado fez com que a Lacta criasse o chocolate Diamante Negro, que passou a ser o produto mais vendido do país, dando a Leônidas a quantia de 20 contos de réis – um valor considerável para a época – pelo contrato de promoção.



À esquerda, uma das formações durante o treinamento de Caxambu. Em pé, da esquerda para a direita: Nariz, Luisinho, Zezé Procópio, Britto, Afonsinho e Ademar Pimenta (treinador). Agachados: Walter, Jaú, Hércules, Roberto, Leônidas da Silva e Perácio. Abaixo, o treinador e os jogadores posam de braços dados numa rua de Caxambu.



Leônidas marca um de seus três gols na partida.



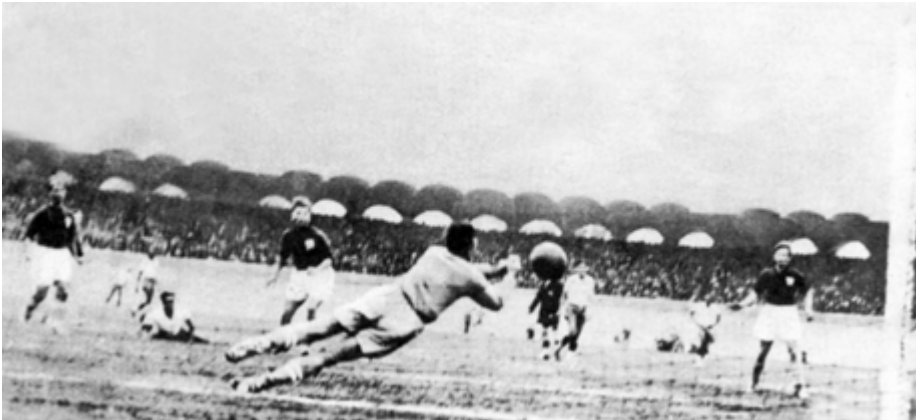
À esquerda, delegação do Brasil posa para uma foto em frente ao hotel onde ficou hospedada, em Paris, capital da França.



Roberto, que não aparece na imagem, chuta para marcar o gol da vitória brasileira no jogo de desempate contra a Tchecoslováquia. Leônidas, caído, observa todo o esforço do goleiro Burket, numa tentativa, em vão, de impedir o gol brasileiro.



À esquerda, equipe que, na estreia, venceu a Polônia pelo placar de 6x5. Da esquerda para a direita: Ademar Pimenta (técnico), Leônidas da Silva, Afonsinho, Romeu, Machado, Zezé Procópio, Lopes, Hércules, Perácio, Domingos da Guia, Batatais e Martim.





Equipe que foi derrotada pela Itália por 2x1.
Em pé, da esquerda para a direita: Luisinho,
Patesko, Afonsinho, Romeu, Machado, Zezé
Procópio, Lopes, Domingos da Guia, Wálter,
Martim e Ademar Pimenta (técnico).



Domingos da Guia, Wálter e Martim.
A defesa brasileira teve que se desdobrar
para tentar conter o forte ataque italiano.



Equipe que derrotou a Seleção da Suécia
por 4x2 e conquistou o terceiro lugar
na Copa do Mundo de 1938.

Em pé, perfilados da esquerda para a direita:
Leônidas da Silva, Batatais, Perácio, Domingos
da Guia, Brandão, Zezé Procópio, Machado,
Roberto, Romeu, Afonsinho, Patesko
e Ademar Pimenta (técnico).



O DIAMANTE NEGRO LEÔNIDAS

Na história da Seleção em Copas do Mundo, a primeira grande estrela do Brasil foi Leônidas da Silva. Na Copa de 1938, a população do Brasil acompanhava o futebol do Diamante Negro com todas as atenções voltadas para o rádio. A transmissão, com a narração do locutor Gagliano Neto, era cheia de estática, com ruído que incomodava os ouvidos. Nas Copas de 1930 e 1934, o rádio ainda era um artigo de luxo e não chegara ao grande público. Mas, em 1938, ele já era objeto encontrado em todos os lares.

Na Copa do Mundo de 1938, Leônidas foi eleito o melhor jogador e foi o artilheiro da competição, com sete gols marcados. Lá, recebeu o apelido de Diamante Negro, dado pelo jornalista francês Raymond Thourmagem, da revista Paris Match, maravilhado pela habilidade do brasileiro. O mesmo jornalista também lhe deu o apelido de “Homem-Borracha”, devido à sua elasticidade.

Leônidas retornou ao Brasil consagrado, com desfile em carro aberto. Na esteira de sua popularidade, a Lacta passou a fabricar o chocolate Diamante Negro, que é comercializado até os dias de hoje.

Filho de um marinheiro português e de uma cozinheira, Leônidas da Silva nasceu no dia 06/09/1913, no Rio de Janeiro, onde teve uma infância bem simples. Estudou no colégio Epiácio Pessoa e, frequentemente, matava aulas para jogar futebol.

Em 1922, por conta da morte do seu pai, Leônidas foi adotado pelos patrões de sua mãe. Seu pai adotivo tinha um bar perto do campo de São Cristóvão, onde o menino Leônidas passou a jogar nas categorias de base. Posteriormente, passou por diversos clubes do subúrbio carioca, até que, em 1930, aos 17 anos, foi contratado pelo Sírrio-Libanês. Em seguida, transferiu-se para o Bonsucesso. A convocação para a Seleção Carioca, em 1931, colocou-o definitivamente, na vitrine. No ano seguinte, Leônidas foi convocado para a Seleção Brasileira, que disputou a Copa Rio Branco, no Uruguai. Ali, foi considerado o grande responsável pela conquista do título. Logo em seguida, em 1933, foi contratado pelo Peñarol. No ano seguinte, retornou ao Brasil e passou a jogar no Vasco da Gama. O único gol marcado pelo Brasil na Copa do Mundo de 1934, quando fomos eliminados na primeira partida pela Espanha por 3x1, foi marcado por ele.

DA SILVA

Jogou pelo Botafogo de 1935 a 1936. Posteriormente, foi para o Flamengo, onde permaneceu até 1941. Em 1942, Leônidas se transferiu para o São Paulo Futebol Clube, onde se tornou um dos seus maiores ídolos, e encerrou a carreira em 1950. Passou a atuar como comentarista esportivo para várias rádios e, em 1974, cobriu sua última Copa do Mundo. No mesmo ano, teve os primeiros sintomas do Mal de Alzheimer e a doença comprometeu sua saúde progressivamente. Internado numa casa de saúde, Leônidas da Silva faleceu no dia 24 de janeiro de 2004, aos 90 anos.





LEO 9 R

Brasil

O PAÍS DO FUTEBOL RECEBE A COPA DO MUNDO

Em 1938, a FIFA realizou um congresso em sua sede em Paris. Foi neste evento que o Brasil manifestou a pretensão de promover o torneio máximo da entidade. Durante a reunião, o jornalista Célio de Barros garantiu aos delegados que o Brasil estava pronto para sediar uma Copa do Mundo. O único problema era a Alemanha, também candidata a sediar a competição. Jules Rimet, presidente da FIFA, tinha dois motivos para apoiar a candidatura brasileira: o seu estatuto, que previa a alternância de continentes, e o fato de o Brasil ter sido o único país a prestigiar o torneio, estando presente nos três primeiros mundiais. Veio a II Guerra Mundial. As Copas de 1942 e 1946 não aconteceram. Com o fim do conflito, a FIFA realizou, em Luxemburgo, o congresso que definiria o país-sede da Copa do Mundo de 1950. A Alemanha, derrotada e destruída, juntava os escombros e estava fora. Os demais países da Europa estavam em reconstrução e, portanto, sem condições de promover o torneio. Dois anos depois, em 1948, em reunião promovida durante os Jogos Olímpicos de Londres, o Brasil foi escolhido como o país-sede da quarta Copa do Mundo.

Por sugestão da CBD, o sistema de disputa foi modificado, apesar de encontrar alguma resistência por parte dos membros da FIFA. Mais uma vez, a diplomacia de Jules Rimet foi fundamental para que aceitassem a nova fórmula. Os dezesseis países finalistas seriam divididos em quatro grupos de quatro. Na fase final da competição, os quatro vencedores de chave, jogando todos contra todos, disputariam o título da competição.

Em 1949, a FIFA possuía 49 países filiados. Destes, apenas trinta e três participaram das eliminatórias. Áustria, França, Portugal e Turquia alegaram que o continente sul-americano era muito distante. Hungria, Polônia e Tchecoslováquia sequer responderam ao convite da FIFA. Enquanto Peru, Equador e Índia desistiram por falta de condições financeiras. Já a Escócia priorizou a Copa Britânica de Nações, que acabou perdendo para a Inglaterra. A Argentina não participou, temendo que seus jogadores sofressem represálias por conta de fatos ocorridos na decisão do Sul-Americano de 1946. A Inglaterra confirmou presença e participaria de sua primeira Copa do Mundo. Além dos ingleses, Itália, Iugoslávia, Espanha, Suécia e Suíça representariam o continente europeu. Os outros participantes foram Bolívia, Chile, Estados Unidos, México, Paraguai e Uruguai.

Os torcedores de todo o país viviam momentos de expectativa. Afinal, a organização prometia a realização de partidas em Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Recife e São Paulo. Mas as atenções estavam voltadas para o Rio de Janeiro, onde a Prefeitura construía o Maracanã, uma das promessas de Jules Rimet aos delegados da FIFA quando os convenceu da escolha do Brasil para sediar a competição.

Os números são impressionantes. Cerca de dois anos, e mais de 7 milhões e 500 mil homens/hora de trabalho — este foi o tempo necessário para a construção do estádio. Foram gastos, aproximadamente, 500 mil sacos de cimento, 10 mil toneladas de ferro e 80 mil m³ de concreto. Um gigante para receber a mais impor-

tante competição de futebol do planeta. A inauguração aconteceu no dia 16 de junho de 1950, num jogo em que a Seleção Paulista venceu a Carioca por 3x1. Coube a Didi, “O Homem da Folha Seca”, marcar o primeiro gol da história do maior estádio do mundo. Ao longo do tempo, muitos são os historiadores e pesquisadores que acham que o Brasil começou a perder a Copa do Mundo de 1950 a um mês do início de sua disputa, ao envolver-se, desnecessariamente, em duas disputas desgastantes: a Copa Rio Branco e a recém-criada Taça Oswaldo Cruz, disputada contra o Paraguai. Contra os paraguaios, utilizando a equipe reserva, uma vitória por 2x0 e um empate em 3x3. Já contra os uruguaios, foram disputados três jogos desgastantes. Em São Paulo, uma derrota por 4x3. No segundo jogo, o Brasil venceu por 3x2. Na partida decisiva, nova vitória da Seleção Brasileira pelo placar de 1x0.

No jogo de abertura da Copa, diante de 81 mil e 649 pagantes, o Brasil derrotou o México, ainda desfalcado de Zizinho, por 4x0. No segundo jogo, contra a Suíça, disputado no Estádio do Pacaembu, o treinador Flávio Costa repetia um gesto conhecido por todos. Em jogo da Seleção em São Paulo, foram escalados os jogadores paulistas — desta forma, conseguia-se agradar politicamente a todos: os dirigentes e a imprensa paulista, que era contrária à base vascaína da Seleção Brasileira. O tiro saiu pela culatra.

A equipe foi mal, empatou a partida contra os suíços em 2x2 e deixou o campo sob as vaias da torcida. Na última partida da primeira fase, bastava à Iugoslávia, que havia vencido seus dois primeiros jogos, empatar para alcançar a classificação. O Brasil fez uma bela exibição e venceu por 2x0, conseguindo a classificação para a fase final.

O resultado mais surpreendente desta Copa foi a eliminação da favorita Inglaterra, com a derrota para os Estados Unidos por 1x0. Os outros países classificados para disputar a final foram Espanha, Suécia e Uruguai.



Na primeira rodada da fase final, no Maracanã, o Brasil venceu a Suécia por 7x1, sendo que, no primeiro tempo, já vencia com facilidade por 3x0. Enquanto isso, no Pacaembu, Uruguai e Espanha empatavam em 2x2. Com os resultados, o Brasil assumiu a liderança da fase final.

Na segunda rodada, diante de 152 mil e 772 espectadores, o Brasil confirmaria o seu favoritismo ao título: derrotou os espanhóis por 6x1. Nas dependências do maior estádio do mundo, os torcedores entoaram “Touradas em Madri”, sucesso de Braguinha e Alberto Ribeiro, lançado em 1937 e imortalizado na voz de Almirante. No mesmo dia, na capital paulista, a Suécia vencia o jogo por 2x1, quando, comandado por Obdúlio Varela, o Uruguai virou o marcador para 3x2.

Veio a decisão contra os uruguaios. O Brasil necessitava apenas de um empate para conquistar o título. Só que tanto o treinador Flávio Costa quanto os jogadores esqueceram-se de um detalhe: jogar contra o Uruguai nunca foi e nunca será uma parada fácil. Esqueceram-se de outra lição: a final do Sul-Americano de 1949, quando necessitaram de dois jogos para vencer o fraco Paraguai. Ter um time cheio de craques ajuda, e muito, mas não garante a vitória a ninguém.

Na véspera da partida, rádios e jornais exaltavam a qualidade dos nossos craques. O vespertino carioca A Noite estampava e em sua primeira página, a foto do time com a seguinte manchete: “Estes são os campeões do mundo”. Políticos, dirigentes e empresários invadiram a concentração, a esta altura transferida do Alto da Boa Vista, na Casa das Pedras, para o Estádio de São Januário, com um único objetivo: a promoção pessoal. Em suma, ninguém acreditava na derrota.

O placar de 0x0 no primeiro tempo não alterou o comportamento do público no Maracanã, estimado em 200 mil torcedores. A certeza do título veio logo após o primeiro minuto do segundo tempo, quando Friaça marcou o primeiro gol do Brasil. Ninguém mais tinha dúvida de

que o título seria conquistado pela Seleção Brasileira. Ninguém, a não ser Obdúlio Varela, que trocou a posição de armador pela de apoiador e gritou ferozmente para todos: Vamos “adelante”!

Aos 21 minutos, Ghiggia, pela terceira vez, batia Bigode em velocidade, correndo por uns vinte ou trinta metros sem cobertura. Ele cruzou para a área e Schiaffino bateu no ângulo de Barbosa. O gol de empate calou o estádio, sem justificativa, pois, com o empate, éramos os campeões. Mas os jogadores brasileiros sentiram o gol e perderam totalmente o controle do jogo. Faltando 10 minutos para o fim da partida, Jules Rimet desceu da tribuna em direção ao gramado, convicto de que iria entregar a taça a Augusto, capitão brasileiro. Por volta dos 34 minutos, Danilo tem a bola dominada e perde para Julio Perez. Ele tabela com Miguez e, como num *replay*, lança Ghiggia nas costas de Bigode. O atacante chega à linha de fundo e percebe que Barbosa dá um passo para cortar o cruzamento. Inteligente, chuta entre o corpo do goleiro e a trave esquerda. Gol do Uruguai. Os brasileiros, à base do coração, tentaram, inutilmente, uma reação. Ao chegar à beira do campo, Jules Rimet ficou perplexo diante do silêncio das 200 mil pessoas presentes ao estádio. Ao apito final de Mr. Ellis, em meio ao tumulto, ele entregou a taça a Obdúlio Varela, capitão uruguaio, sem qualquer cerimônia especial.



Ademir marca um dos gols do Brasil na goleada de 4x0 sobre o México na estreia da seleção na Copa do Mundo de 1950.



Equipe que empatou por 2x2 com a Suíça no Pacaembu, em São Paulo. Em pé, da esquerda para a direita: Johnson (massagista), Ruy, Barbosa, Augusto, Bauer, Noronha e Juvenal. Agachados: Alfredo II, Maneca, Baltazar, Ademir, Friaça e Mário Américo (massagista).



Equipe que goleou a Suécia por 7x1. Da esquerda para a direita: Johnson (massagista), Mário Américo (massagista), Augusto, Barbosa, Juvenal, Maneca, Ademir, Zizinho, Chico, Danilo Alvim, Jair Rosa Pinto, Bigode e Bauer.

À esquerda, Estádio Municipal do Maracanã, na época, o maior do mundo, com capacidade para 200.000 torcedores e construído para a disputa da Copa do Mundo de 1950.

Ademir disputa uma jogada pelo alto com a zaga espanhola.



Seleção Vice-Campeã Mundial de Futebol.



Ademir Marques de Menezes iniciou a sua vida no futebol jogando peladas com bola de meia na praia do Pina, no Recife, onde nasceu a 8 de novembro de 1922, na Vila de Bico do Motocolombó, filho do casal pernambucano Antônio Rodrigues Menezes e D. Otília Menezes. O pai era vendedor de automóveis e diretor de remo do Sport Clube Recife, onde Ademir iniciou a carreira no infanto-juvenil em 1938. Após brilhar na base e participar do elenco profissional em 1938 e 1939, profissionalizou-se em 1941, quando conquistou o título de Campeão Pernambucano e foi o artilheiro da competição, com onze gols.

Posteriormente, se transferiu para o Vasco da Gama, onde integrou um dos maiores times da história do clube, que ficou conhecido como o Expresso da Vitória e conquistou diversos títulos nacionais e internacionais. O período de Ademir no Vasco foi interrompido brevemente quando ele se desentendeu com a diretoria do clube cruzmaltino em 1946. O técnico do Fluminense, Gentil Cardoso, exigiu que o clube o contratasse. Ficou famosa a sua frase “Dêem-me Ademir que eu lhes darei o

bola para chutar. Sem mudar o passo, partia para a bola e batia com precisão, surpreendendo a maioria dos goleiros.

Uma curiosidade: Ademir era alto, tinha o corpo esguio e possuía as pernas alinhadas, no rosto, sobressaía o queixo, daí o apelido de Queixada.

Pela Seleção Brasileira, foi campeão sul-americano em 1949 e artilheiro da Copa do Mundo de 1950, com nove gols. Ao lado de Friaça, Zizinho, Jair Rosa Pinto e Chico, formou um dos maiores times da história da Seleção Brasileira e um dos maiores da história das copas. Afinal, foram vinte e dois gols em cinco jogos, com uma média incrível de 4,4 gols por partida. Mas o destino foi cruel. Na final contra o Uruguai, com um público estimado de 200.000 torcedores no Maracanã, o Brasil foi derrotado por 2x1 e o Uruguai ficou com o título.

Após encerrar a carreira, Ademir se tornou comentarista esportivo. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 11 de maio de 1996.



ADEMIR

campeonato", o que efetivamente aconteceu. Em 1948, Ademir retornou ao Vasco da Gama, onde permaneceu até 1955, quando encerrou sua brilhante carreira.

Uma das principais características de Ademir era a sua versatilidade para atuar em qualquer posição do ataque. Sua habilidade era incontestável, além de extremamente veloz nas suas arrancadas em direção ao gol, quando quase sempre, levava ao desespero os zagueiros adversários, que faziam de tudo para tentar contê-lo. Uma outra característica era que ele não tomava grande distância da

MENEZES

O QUEIXADA





Suíça

FESTIVAL DE GOLS

Pela primeira vez, o Brasil iria submeter-se a uma eliminatória de Copa do Mundo, já que, das vezes anteriores, as disputas não aconteceram em virtude da desistência dos adversários. Zezé Moreira estava de volta ao comando da Seleção Brasileira. Apesar de algumas dificuldades, passamos pelo Chile – 2x0 em Santiago e 1x0 no Maracanã – e pelo Paraguai – 1x0 em Assunção e 4x1 no Maracanã –, alcançando a classificação para a Copa do Mundo.

No dia 25 de maio de 1954, a delegação partiu, em voo da Panair, para a disputa da Copa do Mundo na Suíça. A estreia na Copa foi tranquila. Mais uma vez, o Brasil enfrentava o México, ao qual derrotou com facilidade por 5x0. Um fato pitoresco aconteceu quando da realização da segunda partida contra a Iugoslávia. O novo regulamento previa a classificação de duas equipes em cada chave. Com a partida empatada em 1x1, desconhecendo o regulamento, os jogadores brasileiros lutavam desesperadamente pela vitória. Enquanto isso, os iugoslavos faziam gestos e tentavam explicar em inglês que o resultado deixava as duas equipes classificadas. Ignorando o fato, os brasileiros correram feito loucos até o final do jogo. Interessante é que nem João Lyra Filho, especialista em leis esportivas, conhecia a nova fórmula de disputa.

No sorteio realizado na cidade de Berna, que definiria os adversários da próxima fase da competição, aconteceu o que todos temiam. Nossa adversária no dia 27 de junho seria a poderosa Seleção Húngara de Grosics, Boszik, Kocsis e Czibor, sem o astro Puskas, que, se recuperando de uma contusão, não disputou a partida.

O Brasil entrou em campo muito tenso e, com 10 minutos de jogo, a Hungria já vencia por 2 x 0. Aos 19 minutos, Djalma Santos cobrou pênalti sofrido por Índio, diminuindo o placar. Veio o segundo tempo e, aos 15 minutos, Lantos, de pênalti, aumentou para 3 x 1. Por conta da marcação do árbitro, Nilton Santos e Boszik trocaram socos e foram expulsos. Julinho diminuiu aos 20 minutos, logo em seguida, Didi acertou a trave do goleiro húngaro. Aos 42 minutos, em posição duvidosa, Kocsis fechou o placar em

4x2. Mal o juiz Mr. Ellis apitou o fim do jogo e a verdadeira batalha começou. Puskas, que assistira ao prélio das arquibancadas, desceu ao gramado e provocou Pinheiro na entrada do vestiário. O zagueiro canarinho revidou e os vinte e dois jogadores se envolveram na pancadaria.

Um policial imenso, com mais de 130 quilos, foi correndo apartar a briga, tomou uma rasteira do radialista brasileiro Paulo Planet Buarque e caiu estatelado no gramado para delírio do público. A polícia revidou e jornalistas e dirigentes acabaram se envolvendo no furdunço. O técnico Zezé Moreira viu um homem de terno correndo em direção ao vestiário e não teve dúvidas em acertá-lo com as chuteiras que Didi trocara durante o jogo e estavam em suas mãos. O agredido era o Ministro do Esporte da Hungria, Gustavo Sebes.

Abaixo, os jogadores do Brasil fazem uma saudação à torcida antes do início da partida contra o México.



Acima, Pinga (10) observa uma disputa entre um zagueiro, Baltazar e o lendário goleiro mexicano Carbajal.





À esquerda, equipe que foi derrotada pela Hungria por 4x2 pelas quartas de final da Copa do Mundo de 1954. Em pé, da esquerda para a direita: Índio, Didi, Humberto Tozzi, Maurinho, Djalma Santos, Brandãozinho, Nilton Santos, Pinheiro, Julinho, Castilho, Bauer e Mário Américo [massagista].



JULINHO BOTELHO

Júlio Botelho, ou Julinho Botelho, nasceu no bairro da Penha, em São Paulo, no dia 29 de julho de 1929. Foi um dos melhores e maiores ponteiros direitos da história do futebol brasileiro e do mundo.

Julinho começou a carreira no Juventus, no início dos anos 50, e depois se transferiu para a Portuguesa. Defendeu a Lusa do Canindé até 1955, ano em que foi negociado com a Fiorentina, da Itália. Em Florença, o ponta-direita também foi ídolo e até hoje é venerado pelos torcedores italianos, que ficaram órfãos de seu futebol quando ele resolveu voltar ao Brasil, em 1958, para defender o Palmeiras, onde ficou até 1967. Em 1996, foi premiado como melhor jogador da história da Fiorentina.

Na Copa do Mundo de 1954, Julinho se destacou, levando à loucura os seus marcadores com dribles desconcertantes. Marcou um gol antológico na goleada de 5x0 sobre o México e outro lindo gol contra a poderosa Hungria. Por conta disso, foi considerado pela imprensa mundial daquela época um dos melhores jogadores da Copa.

Declinou a convocação para Seleção Brasileira de Futebol que disputaria a Copa do Mundo de 1958, alegando como motivo o fato de que, como não atuava no futebol brasileiro, não seria justo para com os jogadores que atuavam no Brasil que ele representasse o país em um campeonato mundial.

Mas o dia 13 de maio de 1959 foi marcante para a vida de Júlio Botelho. Naquela data o Brasil enfrentaria a Inglaterra no estádio do Maracanã em uma partida amistosa. Quando o locutor oficial do estádio anunciou a escalação da Seleção Brasileira, as 160 mil pessoas que estavam no estádio foram uníssonas vaiando o nome de Julinho, pois o técnico Vicente Feola havia preterido, para a partida, Mané Garrincha, jogador naturalmente amado e idolatrado pela torcida carioca. Mas Julinho calou as vaías com uma atuação magistral, sendo fundamental para a construção do placar de 2x0 para o Brasil, dando um passe para que Henrique abrisse e, depois marcando um dos mais belos gols da história do estádio, sendo aplaudido por todos.

Após encerrar a carreira como jogador, Julinho dirigiu as categorias inferiores de Portuguesa, Palmeiras e Corinthians. No Canindé, chegou a comandar a equipe principal. Aposentou-se do futebol em 1980 e faleceu, em São Paulo, aos 73 anos de idade, no dia 11 de janeiro de 2003, vítima de problemas cardíacos.



A TAÇA DO MUNDO É NOSSA

No dia 24 de maio de 1958, quando a seleção brasileira embarcou rumo à Europa para disputar o seu sexto Mundial, poucos acreditavam que a equipe pudesse regressar com a tão cobiçada Jules Rimet.

A maioria estava convencida de que os fracassos anteriores se repetiriam nos gramados da Suécia, como havia sugerido, no começo daquele ano, a France Football, ao publicar uma ampla análise sobre os 16 finalistas do torneio. “O Brasil possui grandes craques, mas são todos excessivamente imaturos, emocionalmente vulneráveis, de difícil adaptação a ambientes de competição, despreparados psicologicamente para disputas de tal porte”, pregou a conceituada revista, concluindo que Alemanha Ocidental, Hungria, Inglaterra, Suécia e Tchecoslováquia eram os mais credenciados ao título. Segundo a revista, o Brasil poderia, no máximo, chegar ao sexto lugar.

O que os analistas da France Football ainda desconheciam é que João Havelange acabara de assumir a presidência da CBD determinado a dar um fim às muitas teorias que jogavam por terra a possibilidade dos scratchmen nacionais conquistarem um título mundial. Na realidade, as experiências anteriores mais próximas, como a perda do

Sul-Americano de 1957 para a Argentina, haviam demonstrado, na prática, que a Seleção, por vezes, perdia-se pelo excesso de entusiasmo, e que, em outras, se deixava vencer por um nervosismo não raro transformado em medo.

Logo, Havelange abraçou o desafio com entusiasmo e colocou em execução um plano de trabalho elaborado pelo empresário Paulo Machado de Carvalho, dono de emissoras de rádio e de TV, com alguma cancha de dirigente em São Paulo. O projeto terminou com o poder quase intocável que caracterizara, até então, os treinadores da Seleção e estabeleceu uma Comissão Técnica, também integrada por um supervisor, um psicólogo e uma equipe médica.

Descartaram-se vários nomes de peso para dirigir a equipe, como, por exemplo, Flávio Costa e Zezé Moreira, adeptos de métodos absolutistas. Fleitas Solich, tricampeão carioca pelo Flamengo em 1953/54/55, era paraguaio e rezava a tradição que a CBD não deveria contratar um estrangeiro. Vicente Feola, três décadas de futebol a serviço do São Paulo, um homem de espírito conciliador, capaz de aceitar de bom grado as ponderações dos demais membros da Comissão Técnica, acabou sendo o escolhido. Um ponto definitivo a favor de Feola: Pelé, que ainda não era titular absoluto no Santos, mas que havia feito uma boa estreia na Seleção nos jogos da Copa Roca, inclusive marcando um gol em cada partida, ganhou logo a confiança do treinador, que desafiou os deuses do futebol.

Existe um quase consenso de que a CBD acreditou nos conceitos da France Football, dado que a Seleção estreou na Copa com dez jogadores brancos – Didi foi a exceção. Mas o que ocorreu, de fato, é que a Comissão Técnica preferiu pôr em campo o time base que atuara nos sete amistosos realizados em 1958, antes da Copa, e que as mudanças processadas ao longo do torneio foram determinadas pela confirmação do óbvio – alguns jogadores não poderiam continuar de fora: Zito, pelo espírito de liderança; Garrincha, pela excepciona-

lidade do futebol que jogava; e Pelé, que, ao contrário do que muitos imaginam, não foi barrado por Dida no primeiro jogo do Mundial. Pelé era o titular absoluto do time do técnico Vicente Feola, mas se contundiu em amistoso contra o Corinthians, no dia 21 de maio de 1958. Os médicos disseram que o jogador talvez não pudesse ser aproveitado no torneio, mas Feola insistiu e convenceu a todos, que acabaram concordando em levá-lo para a Suécia.

Na estreia, o time venceu a Áustria, com autoridade, por 3x0. Os austríacos exerciam uma marcação dura, por vezes até com violência, mas pouco adiantou. Aos 38 minutos, Zagallo fez um belo lançamento para Mazzola, que abriu o placar. Veio o segundo tempo e, aos 5 minutos, um gol histórico: Nilton Santos dominou a bola em seu campo e partiu com ela. Na intermediária da Áustria, tocou para Mazzola e pediu de volta. Recebeu a devolução na frente e, da entrada da área, encobriu o goleiro Szanwald com grande classe. Mazzola, aos 44 minutos do segundo tempo, após receber um outro lançamento, fechou o placar.

A segunda partida foi contra a Inglaterra. Dida, que estava contundido, foi substituído por Vavá. Apesar de ter feito um bom início, o Brasil não conseguiu superar a defesa inglesa. O jogo ficou amarrado com muitas jogadas disputadas no meio de campo e, ao final, o empate por 0x0 praticamente obrigava a Seleção a derrotar a URSS, na terceira partida, para não depender de uma combinação de resultados.

A URSS chegara à Suécia cercada de mistério, em função do segredo alimentado em torno de um tal “jogo científico”. Na realidade, uma fantasia criada pelos que viviam a imaginar o que havia por trás da chamada “cortina de ferro”. Logo, Garrincha e Pelé foram lançados na equipe e começaram a fazer a diferença. O primeiro gol aconteceu aos 2 minutos de jogo, quando Garrincha fez bela jogada pela direita e deixou Vavá à vontade para marcar. Veio o segundo tempo e, aos 20 minutos, de novo Garrincha



fez uma nova jogada pela direita e lançou para Vavá, que deu números definitivos ao placar. Estavam derrubadas as muralhas do Kremlin e o Brasil, que venceu por 2x0, estava classificado para as quartas de final.

Veio o País de Gales, um adversário desconhecido, mas que, em seu grupo, havia empatado com os suecos, donos da casa, e eliminado ninguém menos que a Hungria, vice-campeã da Copa anterior. Vavá, contundido, foi substituído por Mazzola, que teve um golaço de bicicleta anulado. Estava muito difícil furar a resistência galesa, mas o Brasil tinha Pelé. O menino recebeu a bola na área e, após lençol formidável em Melvyn Charles, chutou antes que a bola tocasse o solo, por baixo do corpanzil de Jack Kelsey. Um gol antológico, um gol de placa, o seu primeiro em Copas do Mundo, que venceu a retranca de Gales e colocou o Brasil na semifinal, diante da França.

Vavá estava de volta ao ataque. A França tinha um time forte, que contava com Just Fontaine – que seria o artilheiro da Copa –, Kopa, Jonquet e Piantoni. A partida do estádio Rasunda poderia ser considerada uma decisão antecipada, por conta da campanha das duas equipes.

Aos 2 minutos, Garrincha lançou para Vavá, que cravou 1x0. Cinco minutos depois, Fontaine empatou para a França. Aos 14 minutos, Zagallo teve um gol anulado. Mas coube a Didi, com sua inconfundível “folha seca”, marcar um golaço aos 39 minutos. Dois minutos antes Vavá e Robert Jonquet dividiram uma jogada e o zagueiro francês fraturou a perna.

Chegou a se veicular a hipótese de que a contusão do zagueiro acabou enfraquecendo a França, mas a sequência de gols marcados por Pelé na etapa final é suficiente para deixar evidente que o Brasil sobrava. Tanto que os próprios franceses não tardaram a chamá-lo de “Rei do Futebol”. O próprio Just Fontaine, surpreso com a atuação de Pelé, foi ao encontro ao brasileiro para cumprimentá-lo depois do último gol. Já Kopa, parecendo não acreditar na goleada, previu que ninguém tiraria a taça da nossa Seleção.



À esquerda, elenco que disputou a Copa do Mundo de 1958. Em pé, da esquerda para a direita: Vicente Feola (técnico), Hilton Gosling (médico), De Sordi, Djalma Santos, Nilton Santos, Castilho, Bellini, Oreco, Orlando, Zózimo, Zito, Mauro Ramos, Gilmar, Mário Américo (massagista) e Assis (roupeiro). Agachados: Paulo Amaral (preparador físico), Dino Sani, Joel, Garrincha, Didi, Pelé, Vavá, Zagallo, Dida, Mazzola, Pepe e Moacir.

Equipe que venceu a Áustria por 3x0. Em pé, da esquerda para a direita: De Sordi, Dino Sani, Bellini, Nilton Santos, Orlando e Gilmar. Agachados: Mário Américo (massagista), Joel, Didi, Mazzola, Dida e Zagallo.



Equipe que empatou por 0x0 com a Inglaterra. Em pé, da esquerda para a direita: De Sordi, Dino Sani, Bellini, Nilton Santos, Orlando e Gilmar. Agachados: Mário Américo (massagista), Joel, Didi, Mazzola, Dida e Zagallo.



Observado por Pelé, Vavá recebe lançamento de Garrincha e marca o segundo gol do Brasil na vitória por 2x0 sobre a URSS.



No final das contas, os franceses acabaram reconhecendo a superioridade do time de Feola, enterrando a teoria de que nossos craques eram emocionalmente vulneráveis, despreparados psicologicamente para disputar um Mundial, como pregara a France Football. A vitória de 5x2 pôs o Brasil na decisão, diante da Suécia.

E é importante destacar, antes de tudo, que os donos da casa foram de uma elegância exemplar. Trataram de cobrir o gramado do Estádio Rasunda, no subúrbio de Solna, para protegê-lo da chuva que começou a cair na véspera da grande final. E, ao contrário do que se costuma propagar, a Suécia possuía uma equipe forte, com destaque para o goleiro Kalle Svensson e o ponta-esquerda Lennart Skoglund, veteranos da Copa de 1950, e para o trio Gunnar Gren–Nils Liedholm–Kurt Hamrin, que fez história no futebol italiano.

Na partida final contra os suecos, De Sordi, que estava contundido, foi substituído por Djalma Santos. Aos 3 minutos, os anfitriões, incentivados pela torcida, marcaram com Ledholm. Despertado por seu instinto de liderança, Didi apanhou a bola na rede e cruzou o campo brasileiro, lembrando aos companheiros quantas vezes times brasileiros haviam derrotado suecos na terra deles. A reação brasileira não demorou muito e, aos 9 minutos, o Brasil empatou. Garrincha foi ao fundo e cruzou para Vavá que, entre os zagueiros, empatou a partida. Aos 32 minutos, como num *replay*, Garrincha foi novamente ao fundo e cruzou para Vavá colocar o Brasil na frente. Veio o segundo tempo e, aos 10 minutos, Pelé marcou o terceiro. Zagallo marcou o quarto, a Suécia diminuiu com Simonsson e Pelé fechou o placar no último minuto de jogo.

Estavam derrubadas as previsões da France Football. O Brasil venceu por 5x2 e conquistou o seu primeiro título mundial. Até o mais descrente torcedor tomou as cidades do país para cantar a marchinha que marcou época: “A taça do mundo é nossa/com brasileiro não há quem possa...”



Equipe que goleou a França nas semifinais por 5x2. Em pé, da esquerda para a direita: De Sordi, Zito, Bellini, Nilton Santos, Orlando e Gilmar. Agachados: Garrincha, Didi, Pelé, Vavá, Zagallo e Mário Américo (massagista).



Equipe que venceu a Suécia por 5x2. Em pé, da esquerda para a direita: Djalma Santos, Zito, Bellini, Nilton Santos, Orlando e Gilmar. Agachados: Garrincha, Didi, Pelé, Vavá, Zagallo e Mário Américo (massagista).



Vavá marca o primeiro gol do Brasil na goleada de 5x2 sobre os franceses.

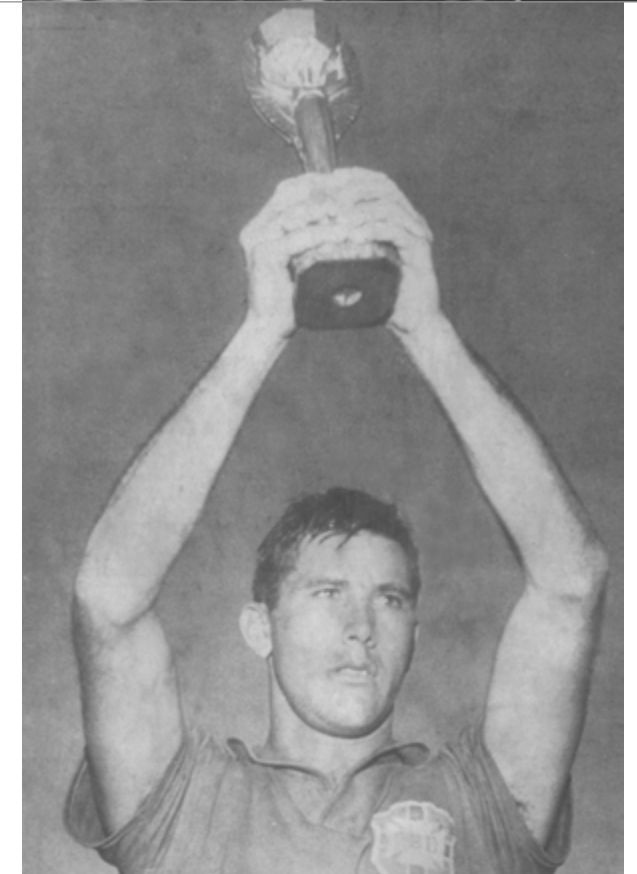


Pelé marca um dos seus três gols na partida.



O garoto Pelé chora nos ombros de Didi, Gilmar e Orlando.

Bellini, capitão do Brasil, ergue a Taça Jules Rimet. O Brasil é campeão mundial de futebol.







BRASIL, BICAMPEÃO DO MUNDO

Para a Copa do Mundo de 1962, a Seleção Brasileira seguiu basicamente o mesmo planejamento da competição anterior. Outra mudança na Comissão Técnica de 1958 foi a saída do psicólogo João Carvalhaes, que aconselhara a interdição de Garrincha. Em seu lugar, entrou Ataíde Ribeiro, que mostrou aceitar com maior naturalidade o imponderável do futebol. Além deles, a Seleção contava com oito caras novas: Jair Marinho, Jurandir, Altair, Zequinha, Mengálvio, Jair da Costa, Coutinho e Amarildo, que substituíram, respectivamente, De Sordi, Orlando Peçanha, Oreco, Dino Sani, Moacir, Joel, Mazzola e Dida.

A mobilização, e preparação para a disputa do Mundial teve início apenas em abril, cinquenta dias antes do início do torneio, com a disputa da Taça Oswaldo Cruz. Foram duas goleadas, de 6x0 e de 4x0, sobre o Paraguai. Seguiram-se mais dois amistosos vitoriosos – contra Portugal e País de Gales.

Posteriormente foram iniciados os períodos de treinamentos nas cidades de Campos do Jordão e Serra Negra, no interior paulista, e Nova Friburgo, região serrana do Rio de Janeiro. Na realidade, apenas dois campeões mundias de 1958 perderam seus lugares para a estreia contra o México: Bellini, barrado por Mauro, que se encontrava em melhor forma física, e

Orlando, descartado por estar jogando no Boca Juniors da Argentina, que foi substituído por Zózimo.

Na estreia, o time passou sem dificuldades pelo México, com vitória de 2x0. No primeiro tempo, o placar foi 0x0. No início do segundo tempo, Zagallo, de peixinho, aos 4 minutos, marcou o primeiro gol. Aos 27 minutos, Pelé, em um chute de fora da área, deu números finais ao placar.

Mas Pelé ganhou um problema sem tamanho logo na segunda partida, no empate de 0x0 com a Tchecoslováquia. Ele chutou uma bola de fora da área aos 28 minutos do primeiro tempo e caiu no chão, estava com um estiramento na coxa. Como substituições não eram permitidas, Pelé ficou no campo até o final. Equilibrado, o jogo terminou sem gols. Mas, daí em diante, a equipe de Aymoré Moreira não pôde mais contar com Pelé, com a contusão ele dava adeus ao Mundial. Com Pelé fora da Copa, o treinador Aymoré Moreira chegou a pensar em colocar Jair da Costa na ponta direita, deslocando Garrincha para o meio. Tudo porque o temperamental Amarildo era inexperiente em jogos internacionais. Mas, mesmo assim, o técnico decidiu que Amarildo deveria ser o substituto imediato de Pelé.

O Brasil ganhou porque Mané Garrincha, o gênio das pernas tortas, começou ali a jogar o seu Mundial particular, gastando todo o repertório de dribles, passes e gols fundamentais para a conquista do bicampeonato. Foi uma partida difícil. Nos primeiros minutos do jogo, Didi não estava bem. Zózimo parecia inseguro; Zito, indeciso nas antecipações e Amarildo, sem tremer, sentia claramente o peso da responsabilidade. Os espanhóis, então, se aproveitaram da situação e, aos 35 minutos do primeiro tempo, Adelardo fez 1x0. Logo depois, o jogador foi derrubado na área por Nilton Santos, que deu um passo para frente e o árbitro chileno Sergio Bustamante marcou falta fora da área. Gilmar ainda fez uma defesa maravilhosa e o árbitro anulou um gol de Peiró, aparentemente legítimo. Fim do primeiro tempo e todos os brasileiros achavam que o resultado poderia ter sido pior. Já os espanhóis, estavam certos de que venceriam a partida.

No vestiário dos brasileiros, Amarildo estava nervoso. Ele e os outros jogadores voltaram para o segundo tempo determinados a virar o placar. Não deu outra. Aos 27 minutos, Zito roubou uma bola de Puskas e soltou rápido para Zagallo, que foi à linha de fundo e centrou. Amarildo entrou rápido entre os zagueiros espanhóis, enfiando o bico da chuteira na bola e empatando o jogo.



Delegação do Brasil bicampeã mundial em 1962. Em pé, da esquerda para a direita: Jair da Costa, Mário Américo (massagista), Djalma Santos, Didi, Mengálvio, Castilho, Pepe, Zózimo, Zito, Gilmar (ao fundo), Zequinha, Mauro (ao fundo), Amarildo, Zagallo, Nilton Santos (ao fundo), Assis (roupeiro, ao fundo), Aristides (sapateiro) e Vavá. Ao centro: Mário Trigo (dentista), Ronald Vaz Moreira (dirigente), Paulo Amaral (preparador físico), Aymoré Moreira (técnico), Paulo Machado de Carvalho, Adolfo Marques, Carlos Nascimento e José de Almeida. Sentados: Pelé, Jair Marinho, Jurandir, Altair, Garrincha e Coutinho.



A 5 minutos do fim da partida, Didi, com a precisão de um mestre, lançou para Garrincha num passe de trivela. Com os espanhóis à sua frente, Garrincha foi driblando, um a um, os zagueiros que apareciam. Amarildo subiu e marcou, de cabeça, o segundo gol do Brasil aos 40 minutos do segundo tempo. O Brasil estava classificado para as quartas de final.

Nas quartas, o Brasil venceu a Inglaterra por 3x1, jogo em que o lateral Ron Flowers prometeu anular Garrincha. Mas o talento de Mané Garrincha brilhou mais do que nunca. Mané armou, driblou, deu passes, humilhou seus marcadores, foi à linha de fundo quantas vezes quis – levando Flowers à loucura –, fez um gol de cabeça e outro com um lindo chute de curva no ângulo do goleiro Springett. O terceiro gol do Brasil foi marcado por Vavá.

O Brasil disputaria com os chilenos, os donos da casa, uma das vagas para a grande final. A delegação brasileira foi informada que existia um plano dos chilenos para perturbar o time do Brasil na chegada da Seleção à capital, Santiago. Seguindo o plano traçado pelo chefe da delegação, Paulo Machado de Carvalho, a Seleção viajou de trem. Os jogadores desceram duas estações antes do destino final, seguindo de ônibus diretamente para o Estádio Nacional, driblando a multidão que foi à estação de trem para hostilizar os brasileiros.

Diante de quase 80 mil espectadores, o Brasil se impôs com outro show de Garrincha, que marcou duas vezes aos 9 e aos 31 minutos do primeiro tempo. Pouco antes do fim da etapa inicial, Toro reacendeu a esperança da torcida local, descontando para o Chile.

Logo aos 3 minutos do segundo tempo, Vavá marcou o terceiro gol do Brasil. Leonel Sanchez ainda diminuiria, de pênalti, aos 16 minutos e aos 32 minutos. Depois que Vavá balançou novamente a rede, o Chile não encontrou forças para reagir.

Quase no final do jogo, Garrincha, cansado de apanhar do seu marcador Rojas, revidou uma entrada desleal com um

pontapé no traseiro do lateral chileno. O árbitro peruano Arturo Yamasaki expulsou Garrincha, atendendo a uma indicação do assistente Esteban Marino, que não compareceu ao julgamento. Na sua ausência, e sem a narrativa exata do que se passara no gramado do Estádio Nacional, a FIFA absolveu o jogador brasileiro.

Garrincha disputou a final com 38 graus de febre, mas a sua simples presença foi suficiente para assustar, tanto que o treinador tcheco Rudolf Vytlačil pôs sempre dois homens a vigiá-lo, deixando que Amarildo voltasse a fazer a festa. Os tchecos saíram na frente com um gol de Masopust aos 14 minutos. Três minutos depois, Amarildo empatou. Apesar da pressão do Brasil, este foi o placar do primeiro tempo.

Veio o segundo tempo e, aos 23 minutos, Amarildo fez um bela jogada pelo lado esquerdo e cruzou na cabeça de Zito, que marcou o segundo gol do Brasil. Aos 32 minutos Vavá, se aproveitando de uma falha bisonha do goleiro Schrojf, estabeleceu o placar de 3x1, que deu ao Brasil o bicampeonato.

É importante destacar, definitivamente, que Mané teve, no Chile, a maior atuação individual de um jogador em um Mundial pelo menos até 1986, quando Diego Maradona também entrou para esta seletíssima galeria.



À direita, Garrincha cruza na cabeça de Amarildo, que marca o segundo gol do Brasil contra a Espanha.



À esquerda, Garrincha salta com o zagueiro inglês e marca, de cabeça, um dos gols da vitória de 3x1 sobre a Inglaterra, que classificou o Brasil para as semifinais.

Didi e Zagallo observam a jogada de Garrincha, que se livra de mais um marcador na vitória de 4x2 sobre a seleção chilena.



À direita, Vavá marca o terceiro, após uma falha do goleiro tcheco. À direita e abaixo, o capitão Mauro se livra de dois atacantes tchecos.



À esquerda, equipe que venceu o México por 2x0 e empatou por 0x0 com a Tchecoslováquia. Em pé, da esquerda para a direita: Hilton Gosling (médico), Djalma Santos, Zito, Gilmar, Zózimo, Nilton Santos, Mauro Ramos e Aymoré Moreira (técnico). Agachados: Mário Américo (massagista), Garrincha, Didi, Pelé, Vavá e Zagallo.





Mauro ergue a Taça Jules Rimet.
O Brasil é bicampeão mundial de futebol.







Inglaterra

ELIMINAÇÃO PRECOCE

Alguns dirigentes da CBD defenderam a tese de que, com Garrincha e Pelé, o Brasil continuaria sendo invencível. Até então, a Seleção disputara trinta jogos com a dupla, ganhando vinte e cinco e empatando os outros cinco. Mas, na ânsia de repetir a fórmula vencedora em 1958 e em 1962, cometeram-se alguns equívocos ao longo dos treinamentos para o Mundial de 1966, na Inglaterra. Vicente Feola substituiu Aymoré, após a excursão à Europa em 1963. E graças ao saldo positivo obtido desde então foi mantido no cargo.

Pressionada por dirigentes dos clubes, pois cada qual desejava ver representantes na Seleção, a Comissão Técnica acabou convocando 47 jogadores. Goleiros: Fábio (São Paulo), Gilmar (Santos), Manga (Botafogo), Ubirajara Mota (Bangu) e Valdir (Palmeiras). Laterais: Carlos Alberto Torres (Santos), Djalma Santos (Palmeiras), Fidélis (Bangu), Murilo (Flamengo), Edson Cegonha (Corinthians), Paulo Henrique (Flamengo) e Rildo (Botafogo). Zagueiros: Altair (Fluminense), Bellini (São Paulo), Britto (Vasco), Ditão (Flamengo), Djalma Dias (Palmeiras), Fontana (Vasco), Leônidas (América-RJ), Orlando Peçanha (Santos) e Dias (São Paulo). Meias: Denílson (Fluminense), Dino Sani (Corinthians), Dudu (Palmeiras), Edu (Santos), Fefeu (São Paulo), Gérson (Botafogo), Lima (Santos), Oldair

{Vasco} e Zito {Santos}. Atacantes: Alcindo {Grêmio}, Amarildo {Milan-ITA}, Célio {Vasco}, Flávio {Corinthians}, Garrincha {Corinthians}, Ivair {Portuguesa de Desportos}, Jair da Costa {Internazionale-ITA}, Jairzinho {Botafogo}, Nado {Náutico}, Parada {Botafogo}, Paraná {São Paulo}, Paulo Borges {Bangu}, Pelé {Santos}, Servílio {Palmeiras}, Rinaldo {Palmeiras}, Silva {Flamengo} e Tostão {Cruzeiro}.

Formaram-se, sem muito critério, quatro equipes – branca, azul, verde e grená – e decidiu-se que os cortes seriam executados pouco antes do embarque para a Europa, previsto para a segunda semana de junho, um mês antes da data marcada para a estreia na Copa contra a Bulgária, em 12 de julho.

Durante o período de testes, realizados em Serra Negra e Caxambu, a tensão foi crescendo, dado que vinte e cinco jogadores não iriam à Inglaterra. Logo ficou evidente que alguns mais veteranos já não tinham gás. O próprio médico Hilton Gosling reconheceu que a artrose de Mané Garrincha dificultava-lhe repetir os velhos dribles.

No Brasil, entre 1º de maio e 15 de junho, a Seleção fez onze amistosos, experimentando escalações distintas. No dia 8 de junho, por exemplo, a equipe jogou duas vezes no Maracanã, vencendo o Peru por 3x1 e a Polônia por 2x1, colocando em ação vinte e três jogadores.

Já na Europa, foram outras seis partidas contra adversários de fragilidade aparente. E o fato é que a Seleção chegou ao dia da estreia sem conjunto, tantas as indefinições. A Bulgária não ofereceu muita resistência e o Brasil venceu por 2x0 no Estádio Goodison Park de Liverpool (gols de Pelé e Garrincha, ambos de falta). Foi o último gol de Garrincha com a camisa da Seleção Brasileira e a última vez que ele e Pelé atuaram juntos pela Seleção. Com os dois em campo, jamais perderam uma partida.

Mas não bastasse o desentrosamento, os búlgaros haviam batido à vontade, sob o olhar complacente do árbitro alemão Kurt Tschenschner. As pancadas foram tantas que

acabaram deixando Pelé de fora do jogo contra a Hungria. Contra os húngaros, Tostão substituiu Pelé e Gérson ocupou o lugar de Denílson. Com 2 minutos, a Hungria chegou ao primeiro gol por intermédio de Bene. Aos 14 minutos, aproveitando uma confusão na área, Tostão empatou a partida.

Veio o segundo tempo e o time continuava confuso. A Hungria aproveitou e passou a se valer da sua tática, baseada na correria, o tal futebol-força, ocupando todos os espaços do campo, até que, aos 19 minutos, Farkas marcou o segundo. Quando o Brasil tentava reagir buscando o empate, Paulo Henrique cometeu um pênalti infantil. Meszoly bateu e marcou o terceiro. A derrota por 3x1 marcou também o fim da invencibilidade da Seleção Brasileira, que não perdia uma partida em Copas do Mundo desde 1954, quando, por ironia do destino, foi derrotada pela própria Hungria.

Para o duelo contra Portugal, a única alternativa era a vitória. Por isso, a Comissão Técnica decidiu trocar nove jogadores. O Brasil precisava vencer. E pior, por uma diferença de gols que não sabia ao certo, pois, para obter a classificação, dependeria do resultado do jogo entre Hungria e Bulgária, previsto apenas para o dia seguinte, em Manchester. Portugal já garantira a vaga. Brasil e Hungria somavam dois pontos ganhos e saldo zero. A Bulgária, zero ponto e saldo negativo de cinco gols.

A Seleção de Portugal, do craque Eusébio, tinha como base o time de Benfica e jogava um futebol considerado moderno na época, com bastante rapidez e objetividade.

Pelé entrara sem as condições mínimas e a ordem do técnico Otto Glória era parar o jogador de qualquer jeito, o que incitou os jogadores portugueses a usarem da violência. Após diversas faltas e depois de ser atingido, por duas vezes seguidas, pelo zagueiro Moraes com faltas criminosas, Pelé passou a ser um mero figurante. Com menos de meia hora, Portugal fez 2x0, gols de Simões e Eusébio, em duas falhas grotescas do goleiro Manga.



Rildo descontou, meio ao acaso, mas Eusébio fez o terceiro, pouco depois, tornando a derrota inevitável. A eliminação foi consumada depois que a Hungria venceu a Bulgária por 3x1.



A campeã foi a Inglaterra, que venceu a Alemanha por 4x2 numa partida cheia de erros de arbitragem. O principal foi o terceiro gol inglês, marcado por Hurst, na prorrogação, uma bola na trave que não ultrapassou a linha de gol.

Jairzinho estufa a rede búlgara para comemorar o primeiro gol do Brasil, que foi marcado por Pelé, em cobrança de falta.

Djalma Santos, Garrincha, Lima, Jairzinho e Bellini comemoram o gol marcado por Tostão, o de empate do Brasil contra a Hungria. Os húngaros venceram por 3x1.



Equipe que foi derrotada pela Seleção Portuguesa por 3x1. Em pé, da esquerda para a direita: Orlando, Manga, Britto, Denílson, Rildo e Fidélis. Agachados: Mário Américo (massagista), Jairzinho, Lima, Silva, Pelé e Paraná.



Já lesionado por conta da violência dos zagueiros portugueses, Pelé, com o joelho enfaixado, tenta uma tabela com Rildo.



1970

México

BRASIL TRÊS VEZES CAMPEÃO

A conquista do tricampeonato mundial de 1970, no México, começou a ganhar fôlego em 4 de fevereiro de 1969, quando João Saldanha aceitou pôr, a serviço da CBD, as muitas teses que defendia como comentarista de jornal, rádio e TV e os conceitos que aplicara, com algum sucesso, como técnico do seu clube, o Botafogo, entre 1957 e 1959. O time foi campeão carioca no primeiro ano.

João Saldanha assumiu e não deu margem a especulações. Foi logo definindo seu time titular para as eliminatórias, embora ainda restassem quase seis meses. “Vamos ter onze feras”, disse, escalando, de imediato, uma equipe formada com base no Santos, no Botafogo e no Cruzeiro, os três melhores times do Brasil à época: Félix, Carlos Alberto Torres, Brito, Djalma Dias e Rildo; Wilson Piazza, Gérson e Dirceu Lopes; Jairzinho, Tostão e Pelé.

A Seleção disputou sete amistosos antes da estreia e venceu todos – um deles contra a Inglaterra; por 2x1, no Maracanã, com um gol que Tostão marcou nos acréscimos, sentado na pequena área. Foi a partir daí que João trocou o 4-3-3 pelo ousado 4-2-4, substituindo Dirceu Lopes por Edu, um ponta-esquerda especialista. As “feras” seguiram sem decepcionar. O time obteve uma classificação tranquila, com seis vitórias, a última delas de 1x0 sobre o Paraguai, no Maracanã – no jogo que estabeleceu

o recorde oficial de público dos 54 anos de história do estádio, 183.341 pagantes –, gol de Pelé aproveitando rebote do excelente goleiro Aguilera.

Sob o comando de João, a Seleção só perdeu uma vez – para a Argentina, em Porto Alegre –, praticando um futebol ofensivo, de qualidade. Mas o forte temperamento do treinador, um tanto avesso a críticas e rumores, acabou determinando a sua saída. As dificuldades começaram em 3 de setembro de 1969, na última partida daquele ano, na qual a Seleção foi derrotada por 2x1 pelo Atlético-MG, no Mineirão, e terminou no empate de 1x1 com o Bangu, no estádio de Moça Bonita, subúrbio carioca, em 14 de março de 1970. O Sindicato dos Treinadores chamava João de “alienígena”, por não ser diplomado. Corriam boatos de interferência política, jamais devidamente comprovados, e ele chegou a ser acusado de ter dito que Pelé já não enxergava direito, quando sugeriu que o Rei enfrentava problemas fora do campo. Quatro dias depois do empate com o Bangu, João deixou o cargo.

Após tentar o ex-apoiador paulista Dino Sani, campeão mundial em 1958, e o carioca Otto Glória, que levara Portugal ao terceiro lugar na Copa de 1966, a CBD optou por Mário Jorge Lôbo Zagallo, bicampeão do Rio e da Taça Guanabara com o Botafogo em 1967-68.

E aqui um parênteses. É uma tremenda injustiça insistir na tese de que a Seleção Brasileira que ganhou o tri foi

inteiramente concebida por João Saldanha. Seria absurdo, é evidente, tirar-lhe o mérito de ter levado o torcedor a resgatar a crença de que o tri seria possível. João teve também a preocupação de evitar que pudessem se repetir os erros de 1966, para que a Seleção não chegasse ao Mundial sem uma estrutura montada. E Zagallo cuidou de aparar as arestas da herança deixada pelo antecessor, levando adiante as mudanças que se faziam necessárias para tornar o time mais competitivo. Os zagueiros Djalma Dias e Joel Camargo deram vagas a, respectivamente, Brito e Wilson Piazza. O lateral-esquerdo Rildo foi trocado por Everaldo. Piazza, que disputara as eliminatórias como apoiador, sua posição de origem, recuou, abrindo espaço para Clodoaldo. E Edu foi sacado para a entrada de Rivelino, que passou a fazer o terceiro homem de meio-campo. Com João, o time seguia jogando no 4-2-4, um esquema já um tanto superado pelas seleções da Europa. Nove delas estariam no México, três no grupo do Brasil, e não seria interessante, concluiu Zagallo, enfrentá-las em desvantagem.

Zagallo também encontraria problemas em sua trajetória, como no empate de 0x0 com a Bulgária, no Morumbi, quando experimentou deixar Pelé no banco, dado que ainda defendia a tese, logo abandonada, de que o Rei e Tostão não podiam jogar juntos, por serem craques de características semelhantes.

A Seleção chegou ao México um mês antes do Mundial para realizar um trabalho de adaptação à altitude e deu



Delegação do Brasil em 1970. Em pé, da esquerda para a direita: Rogério, Cláudio Coutinho (preparador físico), Carlos Alberto Parreira (preparador físico), Félix, Joel Camargo, Leão, Fontana, Brito, Clodoaldo, Zagallo (treinador) e Admildo Chirol (preparador físico). Ajoelhados, ao centro: Rivelino, Carlos Alberto Torres, Baldochi, Wilson Piazza, Everaldo, Paulo César Lima, Tostão, Marco Antonio e Ado. Sentados: Mário Américo (massagista), Edu, Zé Maria, Dario, Gérson, Roberto Miranda, Jairzinho, Pelé e Nocaute Jack (massagista).





Acima, Jairzinho tenta se livrar de três zagueiros romenos. Ao lado, zagueiros tchecos cometem falta em Pelé, o lance originou o gol de empate do Brasil. Rivelino bateu a falta e empatou a partida.

importância especial ao preparo físico, certa a Comissão Técnica de que, com fôlego de sobra, a equipe, indiscutivelmente de alta qualidade, seria imbatível. Nas eliminatórias, o time assinalou vinte e três gols em seis jogos, contra a Colômbia, o Paraguai e a Venezuela. E, no Mundial, provou definitivamente que Zagallo não era apenas cauteloso, como muitos ainda afirmam, marcando dezenove vezes em seis partidas e enfrentando três ex-campeões mundiais, a Inglaterra, o Uruguai e a Itália.

A conquista do tri é um capítulo mais do que especial na história da Seleção. Na primeira partida, uma goleada de 4x1 sobre a Tchecoslováquia. Petras abriu o placar para os tchecos numa bobada da defesa. Aos 24 minutos,



Acima, zagueiros uruguaios cometem mais uma falta em Pelé. Apesar da violência, o Brasil venceu por 3x1.

Jairzinho encara três marcadores uruguaios. Tostão acompanha o lance e aguarda o desenrolar da jogada.



À direita, Tostão comemora, dentro do gol, um dos dois gols que marcou na vitória de 4x2 sobre o Peru.



À esquerda, Pelé se livra da marcação de dois zagueiros do Peru. Abaixo, Gérson se prepara para mandar a canhota e marcar o segundo gol do Brasil, na goleada de 4x1 sobre a Itália na final da Copa do Mundo de 1970.



À direita, Pelé e Tostão tentam furar a retranca italiana.



uma bomba de Rivelino, em cobrança de falta, decretou o empate. Veio o segundo tempo e o Brasil foi o dono do jogo. Aos 14 minutos, Gérson fez um lançamento do meio de campo no peito de Pelé, o Rei matou e, sem deixar a bola cair, marcou o segundo do Brasil. Dois minutos depois, em outro lançamento de Gérson, Jairzinho fez um dos gols mais bonitos da história das copas: deu um chapéu no goleiro Viktor e marcou um golaço. Coube também a Jairzinho a autoria do quarto gol, numa arrancada da intermediária em que ele driblou vários defensores e marcou.

A segunda partida foi contra a Inglaterra, campeã da edição anterior. Foi um jogo muito disputado por ambas as equipes, por muitas vezes, chegaram a acontecer jogadas violentas. O primeiro tempo terminou 0x0. No segundo tempo, veio a vitória do Brasil. Aos 14 minutos, Tostão fez uma jogada de gênio: tocou para Pelé, na entrada da área; Pelé rolou para Jairzinho, que fuzilou Banks, marcando o gol da vitória.

Já classificado, Zagallo poupou Gérson e Rivelino para a partida contra a Romênia. Piazza foi para o meio campo e Paulo César entrou na ponta-esquerda. O Brasil venceu por 3x2, com dois gols de Pelé e um de Jairzinho. Destaque para o lindo passe de calcanhar de Tostão para Pelé marcar o segundo gol dele no jogo.

Pelas quartas de final, o Brasil enfrentaria o Peru, que era dirigido pelo bicampeão mundial Didi. A Seleção Peruana era uma boa equipe do meio para frente; já sua defesa deixava a desejar, principalmente, o goleiro Rubiños. Rivelino abriu o placar, aos 11 minutos num chute de fora da área. Tostão – o grande nome do jogo, que marcou duas vezes – e Jairzinho marcaram para o Brasil. Gallardo e Cubillas descontaram para o Peru. O Brasil venceu por 4x2 e passou às semifinais.

Nesta fase, o adversário era o Uruguai, um velho conhecido dos brasileiros, que praticava um bom futebol, mas não media esforços para praticar a catimba e o antijogo. Aos 18 minutos, um susto: Félix e os zagueiros se atrapalham

e Cubillas marca para os uruguaiois. O Brasil se perdeu um pouco no jogo, mas Gérson, que estava muito bem marcado, trocou de posição com Clodoaldo e foi justamente ele, recebendo um lançamento de Tostão, que empatou a partida no último minuto, trazendo tranquilidade para a equipe brasileira.

No segundo tempo, o Brasil voltou mais arrumado e chegou à vitória. Aos 30 minutos, Tostão trocou passes com Pelé e lançou Jairzinho em velocidade, que tocou na saída de Mazurkiewicz e marcou o segundo do Brasil. A um minuto do fim, Pelé rolou para Rivelino na entrada da área, que mandou uma bomba marcando o terceiro. Era o fim do mito de 50, o Brasil estava na final.

A final foi contra a Itália, a Squadra Azzurra. O estádio Azteca estava totalmente lotado, mais de 100.000 torcedores para assistir a final histórica entre dois bicampeões mundiais, e o vencedor ficaria com a posse definitiva da Taça Jules Rimet.

Ferruccio Valcareggi, técnico da Seleção Italiana, teve um desentendimento com Rivera, um dos seus melhores jogadores, e o deixou no banco. A partida começou com as equipes apresentando um futebol cauteloso e de muita marcação, mas o Brasil jogava melhor. Aos 17 minutos, Rivelino cruzou na área e Pelé subiu mais que Burgnich e cabeceou no canto de Albertosi, fazendo 1x0. Pouco antes do fim do primeiro tempo, Clodoaldo tentou uma jogada de efeito e perdeu a bola, Félix se atrapalhou na saída de gol e Boninsegna marcou para a Itália.

No segundo tempo, o Brasil voltou pressionando mais em busca do resultado e, aos 20 minutos, Gérson dominou uma bola na entrada da área e chutou no canto: foi o segundo gol brasileiro. Poucos minutos depois, Jairzinho marcou o terceiro. O Brasil já administrava o resultado quando Clodoaldo fez uma grande jogada driblando vários italianos. A bola vai de pé em pé até chegar a Pelé na entrada da área. O Rei percebeu a passagem de Carlos Alberto e rolou para o capitão, em velocidade, bater no



Acima, o capitão Carlos Alberto Torres ergue a Taça Jules Rimet. Com o tricampeonato, sua posse definitiva era do Brasil. Ao lado, os tricampeões desfilam num carro do Corpo de Bombeiros pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro, em comemoração à conquista do título no México.

canto de Albertosi: 4x1. O Brasil era tricampeão e tinha a posse definitiva da Taça Jules Rimet.

Nesta Copa, pelo menos quatro jogadas de efeito que fazem parte de qualquer enciclopédia que se proponha a contar a história do futebol envolvem Pelé. São elas: a bola chutada do meio-campo que saiu raspando o travessão, enquanto o goleiro tcheco Viktor corria, inútil e desesperadamente, para detê-la; a antológica defesa do inglês Gordon Banks em cabeçada certa no canto direito, após cruzamento de Jairzinho; o inédito drible de corpo que enganou Mazurkiewicz, seguido da conclusão que saiu caprichosamente pelo lado esquerdo da baliza defendida pelo uruguaio; e o toque de gênio, calculado com régua e compasso, para Carlos Alberto Torres marcar o quarto gol contra a Itália.

A conquista do tri comprovou, na prática, a previsão de que a qualidade técnica do jogador brasileiro prosseguia insuperável, desde, é claro, que os trabalhos de treinamento tático e de preparação física fossem conduzidos com acerto.







COPA REVELA A LARANJA MECÂNICA

O Brasil repetiu, no mundial de 1974, na Alemanha, parte dos erros que o derrotaram em 1966, na Inglaterra. O time disputou doze amistosos desde janeiro e chegou ao dia da estreia sem uma equipe definida. A apreensão do torcedor começou bem antes da Copa: Pelé deixara a Seleção; Tostão largara o futebol em 1973; e jogadores importantes na conquista do México, como Wilson Piazza, Rivelino e Jairzinho, já beiravam os 30 anos de idade. Para agravar a situação, Zagallo perdeu Clodoaldo, irremediavelmente contundido, dez dias antes do Mundial.

O treinador até possuía em mãos um punhado de grandes jogadores, como o goleiro Leão, o zagueiro Luís Pereira, o lateral Marinho Chagas, o meia Paulo César Carpegiani e o atacante Leivinha. Mas o fato é que a equipe andou fracassando em alguns amistosos — empates com México, Grécia, Áustria e Racing Strasbourg, da França —, deixando transparecer que faltava algo para deslancar, como ficou mais do que evidente logo na estreia da Copa, contra a Iugoslávia, em Frankfurt. A Iugoslávia tomou as rédeas da partida, mandou duas bolas na trave e obrigou Leão a duas grandes defesas. O 0x0 ficou de bom tamanho para o Brasil. A crônica acusou Zagallo de fazer a Seleção jogar excessivamente retrancada e o técnico alegou que precisava tomar os seus cuidados, lembrando que já não tinha o time de 1970.

Longe do campo, reinava o tédio provocado pelo isolamento da concentração nas montanhas de Feldberg, cercada por cães ferozes e policiais armados até os dentes. Os alemães temiam um bis do atentado terrorista que manchou as Olimpíadas de Munique, dois anos antes, e acabaram submetendo os visitantes a um sufocante esquema de segurança.

A atuação discreta da estreia repetiu-se no segundo jogo, contra a Escócia, encerrado com outro frustrante 0x0, resultado que obrigou o Brasil a derrotar o Zaire por três gols de diferença na terceira partida, o que só ocorreu porque o ponta Valdomiro errou um cruzamento, chutando entre a trave e o goleiro Muamba Kazadi, que acabou engolindo um frango memorável, quando restavam nove minutos para o fim.

Um sopro de esperança veio quando Zagallo fixou Dirceu como terceiro homem de meio-campo, permitindo que Rivelino e Paulo César Lima também pudessem se revezar como atacantes. Vieram vitórias de 1x0 sobre a Alemanha Oriental, numa cobrança de falta de Rivelino, e de 2x1 sobre a Argentina, numa cabeçada oportunista de Jairzinho. Restava derrotar a Holanda para chegar à final. O time adversário, porém, tinha posto em prática, no Mundial de 1974, um sistema que ficou conhecido como “futebol total”, ou “carrossel”, no qual ninguém tinha posição fixa, e sim o compromisso de ocupar todos os espaços do campo, tornando-se peças de uma dinâmica impressionante,

recheada de variações, eventualmente, centralizada em Johannes Crujff, um jogador fora de série.

Apesar de tudo, o Brasil quase decidiu o título, pois criou uma jogada que desmontou, pelo menos no primeiro tempo, outra das estratégias da Holanda dirigida por Rinus Michels, a “tática de impedimento”. Em vez de executar o lançamento, o homem que estava na condição de pivô parava a bola, esperando que um companheiro viesse de trás para municiá-lo e fazê-lo, enfim, superar a linha de zagueiros do adversário em condições de marcar. Assim, em duas ocasiões, primeiro com Jairzinho e depois com Paulo César Lima, o gol só não saiu por fatalidade.

Mas, logo no começo da etapa final, o meia Neeskens desviou de bico um cruzamento e abriu o placar. É necessário ressaltar que o Brasil jogava sob forte pressão, dado que 40 mil torcedores da Laranja Mecânica – como é conhecida a Seleção da Holanda – lotavam o Westfalenstadion de Dortmund, cidade que fica a apenas cinco horas de trem da fronteira holandesa. Aos 20 minutos, Crujff, completamente impedido, marcou o segundo gol e tornou inviável uma reação brasileira.

Três dias depois, desmotivada, a Seleção perdeu de 1x0 para a Polônia e ficou em apenas quarto lugar. Um castigo para Marinho Chagas, o melhor lateral da Copa, que cismara de avançar para tentar o gol, deixando o espaço que Lato aproveitou para decretar a derrota brasileira.



Equipe que empatou por 0x0 com a Iugoslávia. Em pé, da esquerda para a direita: Nelinho, Leão, Luiz Pereira, Marinho Chagas, Marinho Peres, Piazza e Admildo Chirol (preparador físico). Agachados: Mário Américo (massagista), Valdomiro, Leivinha, Jairzinho, Rivelino, Paulo César Lima e Nocaute Jack (massagista).





Jairzinho é observado por Marinho Peres, enquanto disputa a bola com o goleiro na área do Zaire.



Equipe que empatou por 0x0 com a Escócia.
Em pé, da esquerda para a direita: Nelinho, Leão, Luiz Pereira, Marinho Chagas, Marinho Peres, Wilson Piazza e Admildo Chirol (preparador físico). Agachados: Jairzinho, Leivinha, Mirandinha, Rivelino, Paulo César Lima e Nocaute Jack (massagista).



Rivelino cobra a falta, Jairzinho se abaixa na barreira e a bola passa na brecha. É o gol do Brasil na vitória por 1x0 sobre a Alemanha Oriental.



Carpegiani e Lato disputam uma jogada na derrota por 1x0 diante da Polônia.





Argentina

BRASIL, CAMPEÃO MORAL DA COPA

A preparação para a Copa do Mundo de 1978 começou em março, com amistosos no Brasil, e prosseguiu com uma nova excursão da Seleção pela Ásia e Europa. Coutinho logo tornou-se o centro das atenções, incorporando novas palavras ao vocabulário da bola, tipo overlapping e “ponto futuro”, defendendo o futebol que chamava de polivalente, próximo ao modelo que Alemanha Ocidental, Holanda e Polônia haviam apresentado no Mundial de 1974.

Na excursão, o time cumpriu atuações discretas, como a da estreia, quando perdeu de 1x0 para a França, gol de Michel Platini, cobrando falta, e fez boas apresentações, como na vitória de 1x0 sobre a Alemanha Ocidental, em Hamburgo, quando Nunes concluiu jogada espetacular de Zé Maria pela direita. A ideia de que o Brasil precisava adaptar-se aos métodos europeus provocou alguns equívocos, como reagir com a mesma moeda à violência empregada pelo adversário no empate de 1x1 com a Inglaterra. Esperava-se que o time dirigido por Coutinho exibisse, sobretudo, um futebol de toque refinado. Assim, as pancadas que distribuiu em Wembley acabaram ficando mais explícitas, levando a imprensa britânica a chamar os jogadores brasileiros de “animais”, quando, na realidade, ambas as equipes andaram abusando da selvageria.

Equipe que na estreia empatou com a Suécia por 1x1. Em pé, da esquerda para a direita: Toninho, Leão, Edinho, Amaral, Oscar e Batista. Agachados: Gil, Zico, Reinaldo, Rivelino e Toninho Cerezo.



O saldo do giro acabou sendo positivo, mas, quando embarcou para a disputa do Mundial, na última semana de maio, Coutinho já não tinha tanta certeza da eficácia de seus conceitos, dado que algumas decisões e soluções revelaram-se desastrosas. As ausências de Júnior, Falcão e Sócrates e as escalações do zagueiro Edinho como lateral-esquerdo e do lateral Toninho como ponta-direita são exemplos.

O Brasil estreou empatando em 1x1 com a Suécia, jogando um mau futebol. O péssimo estado do campo de Mar del Plata também não ajudou, tanto que a Seleção não conseguiu sequer brilhar no plano individual. Mesmo assim, a equipe só não saiu vencedora porque o árbitro galês Clive Thomas anulou um gol de Zico no fim, alegando que encerrou o jogo antes que a bola chutada por Nelinho, em cobrança de escanteio, chegasse até a cabeça do atacante rubro-negro. Thomas acabou suspenso pela FIFA. Mas o fato é que o resultado de 1x1 foi mantido.

O Brasil voltou a fazer partida discreta contra a Espanha e só não deixou o campo derrotado porque o atacante Cardenosa desperdiçou duas oportunidades consecutivas sob a baliza brasileira, finalizando-as nos pés do zagueiro Amaral, sentado em cima da linha de gol. O 0x0 e o iminente risco de eliminação precoce assustaram a

CBD. O presidente, Heleno Nunes, reuniu-se com a Comissão Técnica e decidiu um punhado de modificações. Toninho voltou a ser lateral no lugar de Nelinho, Rodrigues Neto substituiu Edinho, Gil entrou na ponta-direita, Jorge Mendonça tomou a vaga de Zico e Roberto Dinamite barrou Reinaldo. A vitória de 1x0 sobre o bom time da Áustria garantiu a Seleção na segunda fase do Mundial.

A segunda fase teve oito seleções divididas em dois grupos. Os campeões de cada um deles decidiriam o título. O Brasil melhorou consideravelmente, derrotando o Peru por 3x0, mas pecou ao não procurar marcar mais gols. Pior foi considerar que o empate com a Argentina, em Rosário, estava de bom tamanho, pois, apesar da pressão dos quase 40 mil torcedores, a Seleção anfitriã também tremia de medo, daí o 0x0. Os resultados empurraram a definição da vaga para a última rodada, provocando uma situação excepcional.

Brasil e Argentina somavam três pontos cada. A Polônia tinha dois e o Peru, já eliminado, nenhum. O regulamento previa que, se houvesse igualdade em número de pontos, a vaga na final seria de quem apresentasse melhor saldo de gols. A tabela determinava que o jogo entre Brasil e Polônia deveria realizar-se antes de Argentina e Peru. Assim, os anfitriões entrariam em campo sabendo quantas vezes precisariam marcar. O Brasil ganhou por 3x1, ficando com saldo de cinco gols. A Argentina teria que vencer por, pelo menos, quatro gols de diferença. Fez 4x0 aos 5 minutos do segundo tempo. E fechou a contagem em 6x0. O Jornal dos Sports lançou a manchete que exprimia o sentimento do povo: “Peru sem-vergonha!”. Mas a badalada e eterna suspeita de que o Peru entregou o jogo jamais foi devidamente comprovada.

O Brasil derrotou a Itália por 2x1 na disputa de terceiro e quarto lugares, com um golaço de Nelinho num chute sem ângulo e cheio de efeito. Fim de jogo, Coutinho soltou a frase histórica : – “Somos os campeões morais” – que hoje, diante de tudo, quase três décadas depois, ainda é verdadeira.



À direita, Oscar, Rivelino, Batista e Zico reclamam com o árbitro John Clive Thomas do gol anulado contra a Suécia. Abaixo, Zico chega atrasado, para alívio do goleiro espanhol, Miguel Angel, que faz a defesa.



Brasil e Argentina empataram por 0x0. Na imagem acima, Batista e Ardiles disputam uma jogada. Ao lado, Rivelino, disputa uma jogada com Causio, foi a última vez que vestiu a camisa da Seleção Brasileira, em uma Copa do Mundo. O Brasil venceu a Itália por 3x1 e conquistou o terceiro lugar.



Ao lado, equipe que derrotou a Polônia por 3x1. Em pé, da esquerda para a direita: Nelinho, Leão, Oscar, Amaral, Batista e Toninho. Agachados: Gil, Zico, Roberto Dinamite, Dirceu e Toninho Cerezo.

Abaixo, equipe que conquistou o 3º lugar na Copa do Mundo de 1978. Em pé: Nelinho, Leão, Oscar, Amaral, Batista e Rodrigues Neto. Agachados: Nocaute Jack (massagista), Gil, Toninho Cerezo, Jorge Mendonça, Roberto Dinamite, Dirceu e Ximbica (roupeiro).







Espanha

FUTEBOL ARTE NÃO GARANTE O TÍTULO

A expectativa em torno do tetra aumentou depois que a Seleção prosseguiu marcando muitos gols em amistosos, como 7x0 sobre o Eire no último jogo que realizou, em vinte e sete de maio, um dia antes do embarque para a Espanha. Os números da equipe sob o comando de Telê eram mesmo incontestáveis: trinta e dois jogos, vinte e quatro vitórias, seis empates e apenas duas derrotas – para a URSS em 1980 e para o Uruguai em 1981 –, com oitenta e quatro gols a favor e vinte contra. Não levava bola na rede em quatorze ocasiões e só uma única vez deixara de marcar, contra o Chile, num amistoso em Santiago. E, se os números já seriam suficientes para entusiasmar o mais cético dos torcedores, é sempre importante destacar que a Seleção de Telê abrigava pelo menos seis craques de primeira linha: Leandro, Júnior, Toninho Cerezo, Falcão, Sócrates e Zico.

O Brasil estreou com triunfo de 2x1 sobre a URSS, ressentindo-se da ausência de Toninho Cerezo, suspenso, marcando seus gols nos 10 minutos derradeiros, ambos de fora da área: o primeiro num chute colocado de Sócrates, o segundo num petardo de Éder, depois que Falcão enganou a zaga, deixando que a bola passasse entre as suas pernas, para a conclusão do companheiro.

Seguiram-se exibições de gala e momentos de rara beleza nas vitórias de 4x1 sobre a Escócia e a Nova Zelândia, como o gol de Éder contra o time escocês, num lance em que ameaçou a pancada, para apenas cobrir com sutileza o goleiro Alan Rough. Inesquecível também o triunfo de 3x1 sobre a Argentina, num toma lá, dá cá formidável definido com o gol de Júnior – chute entre as pernas de Fillol –, levando Diego Maradona a perder a cabeça, cavando sua expulsão após atingir Batista.

Mas, quando se joga competição eliminatória, existe sempre o risco de se topar com a fatalidade, uma bruxa concebida pelos deuses do futebol num dia de muito mau humor e que acabou atingindo o Brasil no dia 5 de julho, diante da Itália. Mas seria uma exagero atribuir a derrota de 3x2 no Estádio de Sarrià, em Barcelona, apenas à tal fatalidade. Após a vitória sobre os argentinos, na realidade, o excesso de confiança contagiou a todos – Comissão Técnica, jogadores, mídia, torcedor –, levando a crônica europeia e, principalmente o adversário, a explorar a situação, com elogios e superlativos. “Ora, os brasileiros

foram perfeitos. Taticamente, fizeram uma partida sem erros, ocuparam todos os espaços do campo com um jogo objetivo e de conjunto. Estou encantado”, comentou o técnico da Itália, Enzo Bearzot, velha raposa do futebol.

Bearzot recuou a sua equipe, pôs Gentile e Tardelli para bater nas canelas dos brasileiros, e mandou que Paolo Rossi se aproveitasse dos espaços que a zaga, generosamente concedia, marcando os italianos à distância, ordem cumprida à risca desde os 5 minutos do primeiro tempo, quando Pablito abriu o placar num chute indefensável. O Brasil igualou em jogada trabalhada, concluída por Sócrates; Rossi fez 2x1 numa bobeada coletiva da defesa, e, quando Falcão estabeleceu novo empate, resultado suficiente para classificar o time de Telê, o técnico trocou Serginho por Paulo Isidoro, para fechar o meio-campo. Mas a tática não surtiu efeito. Pior: no bate-rebate de um escanteio fortuito, os tais deuses conduziram a bola pela terceira vez aos pés de Rossi, que fez 3x2, decretando a inesperada derrota brasileira. Restou o consolo de que o Brasil havia apresentado o melhor futebol da Copa.



Acima, em pé, da esquerda para a direita: Waldir Peres, Leandro, Oscar, Falcão, Luizinho e Júnior. Agachados: Nocaute Jack (massagista), Sócrates, Toninho Cerezo, Serginho, Zico e Éder. Ao lado, Toninho Cerezo disputa jogada com o argentino, Daniel Passarella. O Brasil venceu a Argentina por 3x1.







México

A ÚLTIMA COPA DE UMA GERAÇÃO DE CRAQUES

Ao reencontrar o seu grupo, nove meses mais tarde, Telê viu-se obrigado a reformular alguns planos. Zico havia sido deslealmente atingido pelo zagueiro Márcio Nunes, do Bangu, em jogo do Estadual do Rio, e dependeria de longa recuperação para disputar a Copa. Falcão e Sócrates também estavam às voltas com contusões e frequentemente fora de forma, deixando de ser unanimidade.

Ao longo dos sete amistosos realizados antes da estreia do Mundial, muita água rolou sob a ponte. A derrota de 3x0 para a Hungria, em Budapeste, mostrou que o trabalho estava apenas recomeçando. Logo, Leandro e Renato Gaúcho escaparam da concentração da Toca da Raposa, em Belo Horizonte, onde a Seleção estava concentrada, e acabaram sendo descartados. Leandro foi perdoado e voltou, mas solicitou dispensa no dia do embarque para o México, alegando que já não tinha condições para atuar como lateral-direito, como Telê queria. Éder agrediu tolamente um jogador do Peru, em amistoso realizado no Maranhão, e foi dispensado. Oscar perdeu o pique e a posição para Júlio César, novato que se destacara no Guarani de Campinas. Toninho Cerezo e Dirceu, também contundidos, acabaram riscados da lista.

Zico garantiu vaga em função do esforço extraordinário que fez para manter-se útil e graças à exibição fantástica na vitória de 4x2 sobre a Iugoslávia, em Recife, quando marcou três vezes, a última delas driblando a retaguarda adversária inteira. Telê convenceu-se também de que Falcão e Sócrates poderiam ser fundamentais, dada a qualidade do futebol de ambos, e resolveu mantê-los no grupo. Assim, dos onze que foram titulares no empate de 1x1 com a Bolívia, em junho de 1985, no último jogo das eliminatórias, apenas Carlos, Édson, Edinho, Júnior (este deslocado para o meio campo), Sócrates, Careca e Casagrande iniciaram na partida de estreia no Mundial contra a Espanha, em Guadalajara.

O Brasil venceu a Espanha e a Argélia, ambas por 1x0 — a primeira, com Sócrates escorando de cabeça rebote do goleiro Zubizarreta; a segunda, com Careca aproveitando indecisão da zaga — e superou a Irlanda do Norte com um folgado 3x0, garantindo a vaga com tranquilidade. Na segunda fase, o time de Telê goleou a Polônia por 4x0, jogando bom futebol, como sugere o resultado, embora o importante tenha sido o fato de o treinador encontrar a formação mais próxima do ideal. Alguns novatos, como Josimar, Branco, Alemão e Müller, começaram a surpreender e Careca desandou a marcar. Josimar destacou-se

com dois gols antológicos, quase iguais, com chutes sem ângulo pelo lado direito, o primeiro contra os britânicos, o segundo contra os poloneses. Aos que o criticavam por manter dois cabeças de área, Telê lembrava que a equipe não havia levado um único gol nas quatro partidas. E, na prática, com ou sem cães de guarda, o Brasil só foi eliminado pela França por causa de uma série de fatos bizarros que fugiram ao controle do técnico. A França possuía um punhado de jogadores experientes e de boa qualidade, mas o time de Telê fez 1x0 e vinha muito bem no jogo, até que, num cruzamento fortuito de Rocheteau, a bola resvalou em Edinho, oferecendo-se para Michel Platini igualar. O Brasil continuou melhor e pressionava, quando Zico, que acabara de substituir Sócrates, fez belo lançamento para Branco, que driblou o goleiro e foi derrubado na área por Joel Bats. Zico bateu nas mãos do goleiro. Veio a prorrogação e a disputa por pênaltis. Júlio César e Sócrates desperdiçaram. Bruno Bellone chutou o seu na trave, mas a bola bateu nas costas de Carlos e entrou. E Luis Fernandez estabeleceu o 4x3 definitivo. Dias depois, a FIFA informou em comunicado que o árbitro romeno se equivocara ao validar o pênalti de Bellone. Restava tal consolo e a certeza de que a roda da fortuna tinha cismado de não premiar Telê Santana e toda uma geração de craques em Copas do Mundo.

Equipe base do Brasil. Em pé, da esquerda para a direita: Paulinho (massagista), Sócrates, Elzo, Júlio César, Edinho, Branco e Carlos. Agachados: Nocaute Jack (massagista), Josimar, Müller, Júnior, Careca, Alemão e Ximbica (roupeiro).







Itália

INÍCIO DA ERA DUNGA

Os resultados obtidos em 1989 fizeram Sebastião Lazaroni continuar mantendo o 3-5-2, com um líbero, dois alas, três zagueiros, três apoiadores e dois atacantes. A mídia e a opinião pública, vez por outra, comentavam que o esquema escolhido pelo treinador fugia às características do futebol brasileiro, mas os resultados positivos inibiam as críticas mais explícitas, que só começaram de fato após os primeiros amistosos disputados em 1990, especialmente, aquele que terminou num empate de 3x3 com a Alemanha Oriental, em pleno Maracanã.

A desconfiança aumentou quando o Brasil perdeu de 1x0 para o Combinado da Úmbria, no último teste antes do Mundial, realizado em Terni. Muita gente preferiu creditar a derrota à proximidade da estreia, lembrando que nenhum jogador iria expor as canelas diante de um time de província, e não faltou quem voltasse a apostar na tradição e na eterna capacidade de improvisação do jogador brasileiro, que tantas e tantas vezes quebrara galhos que pareciam irremediavelmente condenados à queda.

O fato é que, na estreia, o time fez uma partida, no mínimo razoável, o suficiente para derrotar a Suécia por 2x1, com gols de Careca, o segundo após a bela jogada de Müller, que deixava esperanças de maior criatividade

para o próximo compromisso, diante da Costa Rica. Foi uma partida complicada. O técnico iugoslavo Bora Milutinovic pôs o time todo recuado e defendeu-se tanto que, por ironia, acabou perdendo de 1x0 com um gol contra do zagueiro Mauricio Montero. Outra vitória de 1x0, sobre a Escócia, foi o bastante para garantir nosso primeiro lugar do Grupo 3, que levou a equipe a um confronto com uma velha e tradicional rival: a Argentina.

Foi no primeiro tempo contra a Argentina que o Brasil viveu os seus melhores momentos no Mundial. Tomou a iniciativa do jogo, imprensou a adversária e acertou duas bolas na trave, mas o gol não saiu. A Argentina garantira a sua classificação aos trancos e barrancos, tomara um vareio em 45 minutos, mas o fato é que tinha Diego Maradona, que já não era o Maradona da Copa do México, mas que seguia sendo um jogador em atividade. A partida caminhava para a prorrogação quando Maradona recebeu na intermediária e descobriu um buraco na zaga, por onde lançou a bola, que caiu nos pés de Caniggia, que driblou Taffarel para fazer 1x0 e decretar a eliminação brasileira.

Mais tarde vieram a público os diversos fatos que ajudaram a derrubar o Brasil na Copa: as disputas internas que dividiram o grupo, a preocupação dos jogadores

com a participação nas cotas de publicidade e o prêmio pela conquista do tetra, a livre circulação dos empresários com suas promessas de transferências milionárias e a inexperiência dos novos dirigentes da CBF no trato com tais episódios. A genialidade de Maradona fora apenas o pingô que fez a água do copo transbordar. A imprensa cismou em dar ao conjunto da obra o jocoso apelido de “Era Dunga”. E, logo, o próprio presidente, Ricardo Teixeira, se apressou em explicar que a lição havia sido muito bem aprendida, como ficaria demonstrado, aliás, nos quatro anos que se seguiram até o Mundial dos Estados Unidos.

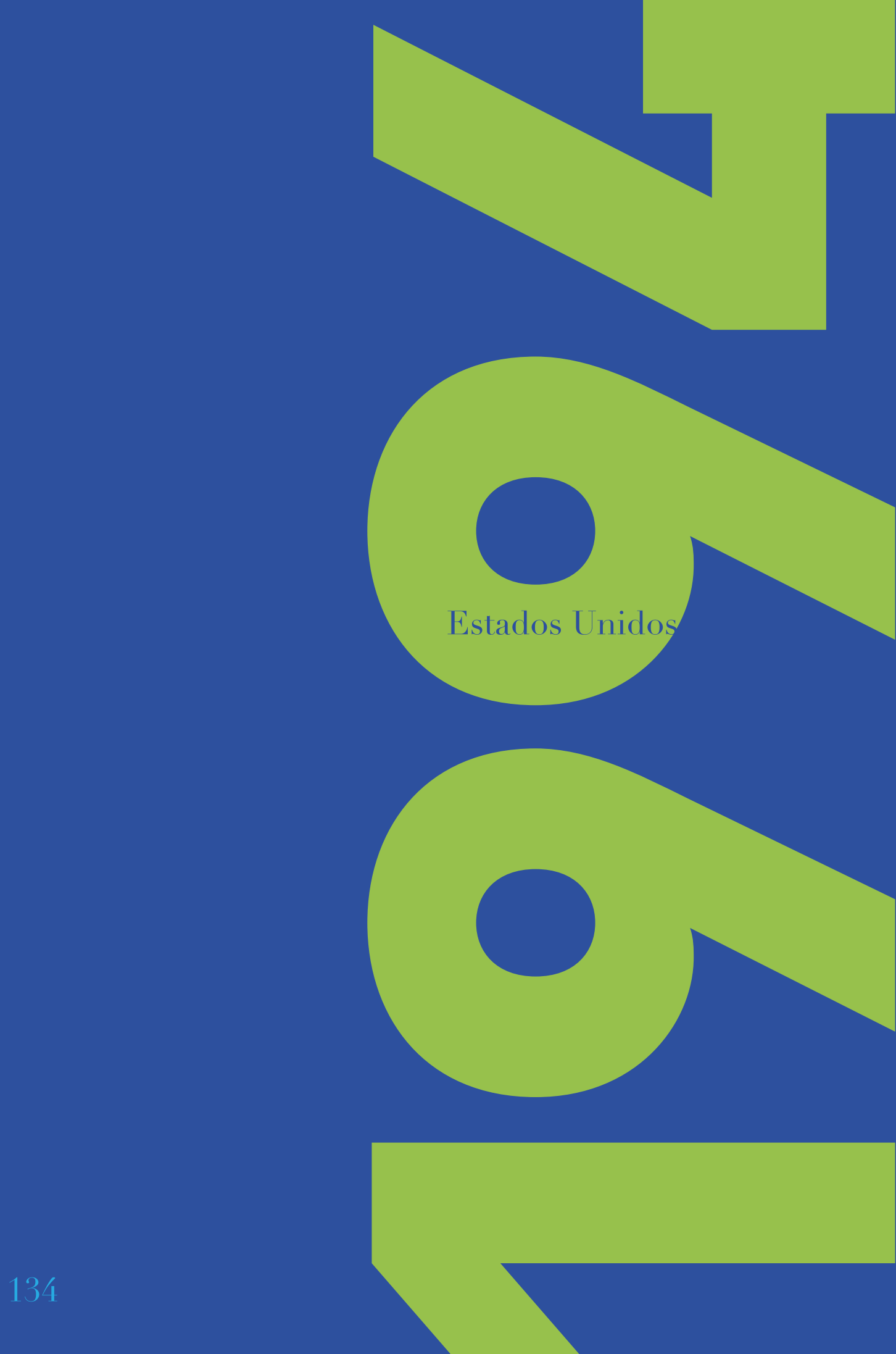
Dunga arranca entre dois jogadores da Costa Rica, Alemão observa a jogada à distância.



Equipe base do Brasil.
Em pé, da esquerda para a direita: Taffarel, Ricardo Rocha, Mauro Galvão, Ricardo Gomes, Jorginho e Branco.
Agachados: Müller, Alemão, Careca, Dunga e Valdo.







BRASIL ERGUE A TAÇA DO TETRA

Romário garantiu a vaga do Brasil nos Estados Unidos e a sua na Seleção. Parreira e Zagallo levaram a equipe até a Copa do jeito que desejavam: defendendo, na teoria e na prática, a tese de que o futebol exige um esquema pragmático, baseado no equilíbrio de forças entre retaguarda, meio-campo e ataque. “A Copa do Mundo é um torneio recheado de partidas eliminatórias. Não vamos jogar bonito nem feio, e sim de acordo com as circunstâncias. O que é jogar feio?”, ressaltou Parreira, que fortaleceu o sistema defensivo, protegendo-o com dois cabeças de área, e deixou pelo menos um apoiador livre para criar, pois sabia que contava com dois atacantes excepcionais, ambos em grande forma, prontos para desequilibrar, fosse nos dribles curtos, diante de retrancas, fosse com técnica e velocidade nos contragolpes, diante dos adversários que arriscassem um pouco mais.

Parreira ainda perdeu a zaga titular antes que pudesse completar a sua primeira partida do Mundial. Ricardo Gomes machucou-se na vitória de 4x0 sobre El Salvador, a uma semana do começo do torneio, e Ricardo Rocha deixou o campo aos 20 minutos do primeiro tempo do triunfo de estreia por 2x0 sobre a Rússia, em San Francisco. Mas o esquema estava de tal forma ajustado que os substi-

tutos da dupla, Aldair e Márcio Santos, acabaram tendo desempenhos intocáveis. Romário, escorando escanteio, e Raí, cobrando pênalti, fizeram os gols do Brasil. “Faltam seis”, exclamou Zagallo, iniciando a contagem regressiva que foi ganhando força a cada resultado.

No segundo jogo, Camarões cometeu o pecado de tentar, no primeiro tempo, jogar de igual para igual e acabou abrindo espaços. Num deles, Dunga lançou Romário, deixando-o livre à frente do grandalhão Bell. Como fazia com frequência na época, o atacante ganhou a corrida que apostou com a zaga e tocou na bola antes que o goleiro pudesse abafá-la. Márcio Santos e Bebeto completaram o placar na etapa final.

Na terceira partida, contra a Suécia, o Brasil teve uma ideia do que seria obrigado a enfrentar se quisesse chegar à decisão. O adversário entrou e permaneceu fechado, mas Kennet Andersson soube aproveitar-se de uma das raras falhas da zaga para marcar o gol que abriu o placar, ainda no primeiro tempo. Romário, num chute de bico de fora da área, igualou no comecinho da etapa final. E como o empate era suficiente para manter a liderança, o time de Parreira entendeu que não valia a pena forçar a barra, preservando-se para a segunda fase.

Brasil e Estados Unidos jogaram em San Francisco no dia 4 de julho, dia do aniversário da independência norte-americana, diante de quase 85 mil pagantes. Começava o mata-mata. A equipe da casa entrou com uma prioridade: sustentar o empate que levaria a decisão da vaga nas quartas de final para os pênaltis, pelos quais, obviamente, teriam mais chances de vencer. Armou uma retranca feroz. O Brasil pôs em prática uma das características do estilo Parreira, tocando a bola com toda a paciência, em busca da brecha que pudesse levar o time à vitória. Água mole em pedra dura tanto bate até que fura. Aos 72 minutos, Romário percebeu a entrada de Bebeto pelo lado direito da grande área e rolou a bola que o jogador, num toque mágico, de sinuca, pôs do lado esquerdo de Tony Meola, garantindo a suada, mas justa, vitória.

A nota desagradável foi a cotovelada de Leonardo em Tab Ramos, que causou não só a expulsão, mas a suspensão do lateral pelo resto da Copa, além dos danos físicos ao jogador norte-americano, que só se recuperou definitivamente em dezembro, quando voltou a jogar com o seu clube de então, o Bétis, da Espanha.

Havia a expectativa de um jogo mais aberto entre Brasil e Holanda, dada a qualidade do adversário, mas o esperado só ocorreu no segundo tempo. O Brasil fez 2x0 em dois contra-ataques. No primeiro gol, Romário completou de bico o cruzamento de Bebeto. No segundo, Aldair deu passe longo para Romário, que serviu Bebeto. A zaga holandesa vacilou, imaginando que o atacante estivesse em posição de impedimento, e Bebeto driblou o goleiro De Goeij para pôr a bola na rede e comemorar com o “nana nenê” que fez história. Nos outros dois descuidos brasileiros durante toda a Copa, a Holanda empatou nos 12 minutos seguintes. Até que Branco sofreu uma falta na intermediária. Branco era o substituto de Leonardo e uma aposta de Parreira condenada por muita gente. No entanto, não só manteve o nível, como cobrou com perfeição a tal falta que recebera, garantindo a vitória de 3x2 que pôs o Brasil na semifinal.

E lá estava de novo a Suécia, fechada como de hábito e como nunca, representando mais perigo do que a Suécia da primeira fase, por ter ensaiado à exaustão o contra-ataque que já surpreendera o Brasil. Restavam 10 minutos e o time do técnico Tommy Svensson começava a sonhar com a decisão por pênaltis que poderia levá-lo, pela segunda vez, à decisão de uma Copa do Mundo, quando Jorginho fez cruzamento da direita que Romário, com pouco mais de um metro e meio, aparou de cabeça na pequena área, no meio de uma floresta de gigantes, para tornar o Brasil finalista. Zagallo respirou fundo e decretou: “Só falta um”.

Enganam-se redondamente os que seguem acusando Parreira de ter cometido excesso de cuidados defensivos diante da Itália. Quem o fez foi Azzurra. Pois o técnico Arrigo Sacchi acreditava que o Brasil, a exemplo de 1986, não suportaria





Bebeto, que marcou o gol da vitória, recebe a marcação de Alex Lalas.



Ao lado, Romário se livra de vários camaroneses para marcar um dos gols do Brasil, que derrotou Camarões por 3x0. Abaixo, Aldair intecepta uma jogada do ataque russo, Jorginho, Mazinho e Raí observam o lance.



Equipe que venceu a Rússia por 2x0. Em pé, da esquerda para a direita: Ricardo Rocha, Taffarel, Mauro Silva, Márcio Santos, Leonardo e Jorginho. Agachados: Raí, Romário, Bebeto, Dunga e Zinho.

uma decisão por pênaltis. O Brasil, anote, chutou vinte e duas vezes ao gol de Pagliuca, contra seis do adversário. E acreditou na vitória até na prorrogação, quando Parreira trocou Zinho por Viola, um atacante genuíno. Romário desperdiçou uma bola sob as traves. O jogo acabou 0x0.

Sacchi esfregou as mãos, mas com certeza esqueceu que dois de seus mais importantes jogadores, Franco Baresi e Roberto Baggio, estavam no sacrifício, tanto que ambos foram selecionados para bater pênaltis.

O Brasil surpreendeu Sacchi, mostrando impressionante equilíbrio emocional nas cobranças, enquanto a dupla Baresi–Baggio fracassava. Baresi chutou fora. Márcio Santos, para a defesa de Pagliuca. Albertini fez 1x0. Romário igualou. Evani marcou o segundo gol italiano. Branco voltou a empatar. Massaro não conseguiu superar Taffarel.



Equipe que venceu os EUA por 1x0. Em pé, da esquerda para a direita: Taffarel, Leonardo, Aldair, Mauro Silva, Jorginho e Márcio Santos. Agachados: Mazinho, Romário, Bebeto, Dunga e Zinho.

Dunga estabeleceu o 3x2. Restava Baggio, que mandou a bola nas nuvens, pondo fim ao jejum brasileiro antes que ele completasse 24 anos. E Dunga levantou a Taça FIFA, mostrando, quatro anos depois, que o jocoso apelido de “Era Dunga” que a imprensa dera ao desastre de 1990 fora, sobretudo, um apressado equívoco.

É necessário ressaltar que há uma tremenda incoerência nas muitas críticas à Seleção de 1994: as mesmas pessoas que insistem em dizer que o Brasil não jogou nada vivem a falar maravilhas da atuação de Romário, que viveu naquele Mundial o auge de sua longa carreira, tanto que acabou eleito o craque do ano pela FIFA. Pois então, digam a Romário que o tetra não valeu. Já Carlos Alberto Parreira deixou o comando da Seleção após o Mundial de 1994 por vontade própria, alegando que havia cumprido o seu ciclo, após duas passagens pela Seleção.

Romário comemora o gol que marcou na vitória de 3x2 sobre os holandeses.





Equipe que venceu a Rússia por 2x0.
Em pé, da esquerda para a direita: Ricardo Rocha, Taffarel, Mauro Silva, Márcio Santos, Leonardo e Jorginho.
Agachados: Raí, Romário, Bebeto, Dunga e Zinho.



Equipe que venceu a Holanda por 3x2.
Em pé, da esquerda para a direita: Mazinho, Taffarel, Márcio Santos, Mauro Silva, Jorginho, Aldair e Branco.
Agachados: Dunga, Bebeto, Romário e Zinho.



Romário passou por Pagliuca, mas perdeu o ângulo de chute e desperdiçou uma grande oportunidade.







FINAL NEBULOSA

O trajeto até a Copa de 1998 foi curto. Para entusiasmar, a vitória de 2x1 sobre a Alemanha, em Stuttgart, no dia 25 de março, com um gol de Ronaldo driblando o goleiro Andreas Koepke aos 43 minutos do segundo tempo. Para preocupar, a derrota de 1x0 para a Argentina em pleno Maracanã, em 29 de abril. A torcida carioca fez tremenda e injustificável pressão sobre Cafu e Raí. O primeiro foi mantido, o outro acabou fora do Mundial.

A Seleção chegou ao Châteaux La Grande Romaine, em Ozoir-la-Ferrière, local da sua concentração na França, com, pelo menos, um problema: Romário havia se machucado com alguma gravidade na vitória de 1x0 do Flamengo sobre o Friburguense no dia 6 de maio, em jogo válido pelo Estadual do Rio. Na noite de 1º para 2 de junho, uma semana antes da estreia da Seleção no Mundial, os médicos concluíram que Romário não teria condições de jogo. Com base no parecer, a Comissão Técnica resolveu cortá-lo, convocando o meia Emerson para substituí-lo.

De todo jeito, Zagallo escalou o que tinha de melhor. O Brasil não fez uma grande partida contra a Escócia, mas venceu por 2x1, justificando o desespero que os britânicos demonstraram no dia do sorteio da Copa – “Brazil again, no!”

(“Brasil, novamente, não!”). Era a quarta vez que brasileiros e escoceses duelavam na primeira fase, o que já ocorrera em 1974, 1982 e 1990. César Sampaio abriu o placar com um gol meio de cabeça, meio de ombro, logo aos 4 minutos; o adversário empatou com Collins cobrando pênalti; e o Brasil chegou à vitória aos 71 minutos. Dunga fez belo lançamento para Cafu. O lateral chutou para a defesa de Leighton, mas o zagueiro Boyd, que vinha em sentido contrário, acabou fazendo contra.

Na segunda partida, Henri Michel, o técnico francês do Marrocos, decidiu apelar: o meia Chippo foi logo acertando a solada que deixou marca na perna de Ronaldo. Mas o Brasil soube escapar da violência. Fez 2x0 no primeiro tempo, gols de Ronaldo e Rivaldo, e liquidou a tarefa no comecinho da etapa final, com Bebeto, preferindo resguardar-se em seguida. Resguardou-se tanto que fez uma apresentação para lá de modesta contra a Noruega, permitindo que o adversário vencesse por 2x1, graças ao pênalti de Júnior Baiano em Tore Andre Flo que o mundo jurou, no dia, que não havia existido, mas que uma imagem da TV da Suécia provou ser real. Baiano agarrara o atacante pela camisa. Flo bateu e converteu.

Houve quem apostasse numa eliminação precoce nas oitavas. O técnico do Chile, Nelson Acosta, foi um desses. Quem acompanhou a transmissão pela TV há de se lembrar de Ivan Zamorano, o principal jogador chileno, olhos esbugalhados, berrando o hino de seu país. Muita gente se assustou e até que o Chile começou melhor. Mas aos 11 minutos Dunga bateu falta para César Sampaio, de cabeça, abrir o placar. O entusiasmo do adversário foi murchando e a sua resistência acabou aos 27 minutos, quando Sampaio, novamente, aproveitou o rebote de outra infração, essa cobrada por Roberto Carlos, para fazer 2x0. O primeiro tempo já ia acabar, quando Ronaldo foi derrubado pelo goleiro Tapia, e bateu o pênalti para estabelecer 3x0. O Chile descontou num lance fortuito, com Salas, mas Ronaldo, o melhor em campo, tratou de ampliar em seguida, completando cruzamento de Denílson, tornando, definitivamente, tranquila a passagem do Brasil às quartas de final.

Quem se encarregou de pregar o susto que o Chile prometera foi a Dinamarca, ao sair na frente com um gol de Jorgensen logo aos 2 minutos, aproveitando o cochilo da zaga brasileira. O time de Zagallo virou o placar antes que o relógio marcasse meia hora de jogo. Ronaldo lançou Bebeto, que empatou na saída de Schmeichel num toque milimétrico. Em seguida, Ronaldo, de novo, deu para Rivaldo fixar o 2x1. No início da etapa final, Roberto Carlos errou uma bicicleta e a bola sobrou limpa para Brian Laudrup igualar. Não se passaram 5 minutos e Rivaldo desferiu um chute longo e rasteiro, com efeito suficiente para enganar o goleiro e dar a vitória ao Brasil.

Brasil e Holanda fizeram uma semifinal em quatro jogos distintos reunidos num só. No primeiro tempo, prevaleceu o 0x0 capaz de traduzir o que não aconteceu. Na etapa final, Ronaldo fez 1x0 logo no primeiro minuto, aproveitando o lançamento com régua e compasso de Rivaldo. A Holanda, que possuía um time muito bom, passou a correr atrás do resultado e, mesmo que não jogasse mal, o Brasil foi recuando, na esperança de decidir a partida num outro contra-ataque. O técnico Guus Hiddink passou a apostar no chuveirinho. Restando 5 minutos, Ronald de Boer fez cruzamento perfeito para o artilheiro Patrick Kluivert, que desferiu uma cabeçada violenta, empurrando o jogo para o seu terceiro tempo. Se a etapa derradeira já havia sido pouco recomendável para cardíacos, a prorrogação foi proibida para os que sofriam do coração, porque foi decidida no gol de ouro e por causa das muitas oportunidades criadas por ambas as equipes, especialmente pelo Brasil, que se apresentou ligeiramente superior, mas que não conseguiu evitar a disputa por pênaltis.

Antes do início desse “quarto jogo”, uma imagem comovente: Zagallo sacudindo cada um de seus comandados, cabelos esvoaçantes, com palavras de carinho e incentivo que transmitiam a confiança que o time levou para as cobranças. Ronaldo bateu e marcou o 1x0. Frank de Boer empatou. Rivaldo fez 2x1. Bergkamp, 2x2.

Houve quem temesse por Emerson. Mas não deu zebra: 3x2. Logo, Taffarel também transformou-se em herói, ao agarrar o chute de Cocu. Dunga foi lá e marcou 4x2. O Brasil inteiro



Equipe que venceu a Escócia por 2x1.
Em pé, da esquerda para a direita: Taffarel, Júnior Baiano, Rivaldo, Aldair, César Sampaio e Cafu. Agachados: Ronaldo, Geovanni, Bebeto, Dunga e Roberto Carlos.



Ronaldo se livra de um zagueiro escocês.
Rivaldo e Roberto Carlos observam o lance.



Acima, Bebeto comemora o gol marcado
contra a Seleção de Marrocos.

Ao lado, a equipe que enfrentou a Noruega.
Em pé, da esquerda para a direita: Roberto Carlos, Taffarel,
Gonçalves, Rivaldo, Júnior Baiano e Cafu. Agachados:
Ronaldo, Leonardo, Denílson, Bebeto e Dunga.



prende a respiração. Olhos fixos em Taffarel. Ronald de Boer chutou no canto direito, o goleiro defendeu. Fim de papo.

O Brasil estava na final pela segunda vez consecutiva. Mas a história que se segue não é muito feliz, embora mais simples do que se sugeriu desde então. O time descansava para a decisão. Em dado momento, Roberto Carlos, que dividia o quarto com Ronaldo, notou que o atacante estava passando mal. Pareceu uma convulsão. Correu para buscar ajuda. Alguns companheiros socorreram-no. Não obstante, o craque para de contorcer-se, mas está pálido, quase desacordado. Os médicos decidiram levá-lo para um hospital de Paris. Ronaldo foi submetido a exames que descartaram problemas mais graves. Retornou para a concentração. Lanchou normalmente e seguiu para o Stade de France, local da decisão contra a França. Por precaução, a Comissão Técnica relacionou Edmundo como titular na escalação oficial que a FIFA divulgou meia hora antes da partida. No vestiário, os médicos conversaram com o atacante. Ele garantiu ter condições de jogo. Os médicos comunicaram ao treinador que Ronaldo estava liberado para a partida. Diante do aval, Zagallo decidiu mandá-lo a campo e o fez convicto de que não haveria problemas.

Hoje tem-se a certeza de que Ronaldo não atrapalhou o time, tanto que jogou os 90 minutos, nem pior nem melhor do que os companheiros. E caminha-se para o consenso de que a fraca atuação do Brasil no primeiro tempo da

final, quando a França estabeleceu a vantagem de 2x0, foi consequência do tremendo esforço que o time fez para superar a Holanda e do impacto que todos os integrantes da delegação sofreram com o infortúnio de Ronaldo, um episódio distante da rotina mesmo para os que somavam muitos anos de experiência no futebol.

A apatia demonstrada pela Seleção na etapa inicial foi tão estarrecedora que os próprios franceses demoraram a marcar os seus gols. Desperdiçaram várias oportunidades, duas com o centroavante Guivarc'h nos primeiros cinco minutos, como se não acreditasse no que acontecia. Com quase meia hora, Roberto Carlos cedeu o escanteio que Petit cobrou para apanhar a zaga presa no chão e Zidane subiu para fazer 1x0. Quase na hora do intervalo, Djorkaeff bateu outro tiro esquinado. A cena se repetiu. Zidane, de cabeça, estabeleceu 2x0, deixando quase evidente que o Brasil não teria forças para reagir.

Como, de fato, não teve. Zagallo ainda buscou mudanças. Trocou dois apoiadores, César Sampaio e Leonardo, por dois atacantes, Edmundo e Denílson. Este último chutou uma bola na trave, nada além. Restando 2 minutos, o time todo na frente, ainda tentando o impossível, a França armou um contra-ataque que acabou nos pés de Petit, que tocou na saída de Taffarel, ampliando para 3x0. O Brasil perdia a sua segunda final de Copa do Mundo em seis disputadas nos últimos 48 anos.



Ao lado, os jogadores de mãos dadas
fazem uma corrente durante a disputa
de pênaltis contra a Holanda.



2002

Coreia/Japão

O ano de 2002 começou com a polêmica que logo se tornaria, primeiro, monótona e, depois, excessivamente agressiva: mídia e opinião pública exigindo Romário na Seleção. Entre fevereiro e março, o Brasil venceu a Bolívia por 6x0, a Arábia Saudita por 1x0, a Islândia por 6x1 e a Iugoslávia por 1x0, esta no último amistoso disputado no país antes do embarque definitivo para a Copa.

Entrou o mês de abril e a pressão sobre Scolari continuava. O treinador alegou, no começo, que Romário só marcava gols em “arimateias e bambalas”, referindo-se ao fato de o jogador ter marcado sete vezes contra Bolívia e Venezuela, mas ter falhado no jogo contra o Uruguai, em Montevideú. Depois, Scolari foi além. Explicou que confiara em Romário, entregando-lhe inclusive a brachadeira de capitão naquela partida, mas que não houve reciprocidade. Lembrou o técnico que o craque abriu mão de disputar a Copa América de 2001, alegando que precisava submeter-se a uma cirurgia no olho que acabou não levando adiante, e indo excursionar com o

O PRIMEIRO PENTACAMPEÃO DO MUNDO

seu clube, o Vasco, pelo México, enquanto a Seleção vivia dificuldades na Colômbia.

O Brasil empatou em 1x1 com Portugal, em Lisboa, jogando um futebol apenas razoável, mantendo o esquema 3-5-2, que também seguia sendo alvo das críticas de um quinhão significativo de imprensa e torcedores. Até que, no dia 6 de maio, Scolari anunciou a relação dos vinte e três jogadores para o Mundial, sem Romário e com Rivaldo e Ronaldo. Explica-se: Ricardo Pruna, o médico do Barcelona, clube de Rivaldo, havia dito que a lesão no ligamento colateral medial do joelho direito do jogador não o deixaria disputar o Mundial. “Ele não vai aguentar”, sentenciou. Mas o médico da Seleção, José Luís Runco, garantiu o contrário, dando o seu aval, igualmente, para o aproveitamento de Ronaldo, que ainda se recuperava da terceira cirurgia para corrigir a ruptura do tendão patelar do joelho direito, realizada em abril de 2000, e de uma terceira contusão muscular que sofreu em dezembro de 2001 e que o deixara inativo até abril de 2002. Também tomaram assento no avião o zagueiro Anderson Polga, do Grêmio, o meia Gilberto Silva, do Atlético-MG, e o meia Kleber, do Atlético-PR, três jogadores que Scolari descobriu ao longo dos amistosos de início de ano.

Jamais um treinador de Seleção havia resistido a tanta pressão para convocar um jogador. Jamais um treinador vivera dilema tão angustiante diante de jogadores em recuperação. Nem Vicente Feola, em 1958, quando resolveu bater o pé e manter Pelé na lista dos vinte e dois que foram à Suécia. E jamais um treinador foi tão convicto de suas decisões, embora estivesse consciente, antes de tudo, que seria necessário ganhar o Mundial para que lhe dessem razão.

Na primeira escala para a Copa, o Brasil derrotou a Catalunha por 3 x 1, em Barcelona. Rivaldo e Ronaldo jogaram 68 minutos. Foi o suficiente. Na segunda parada, na goleada de 4x0 sobre a Malásia, em Kuala Lumpur, sob chuva torrencial, ambos voltaram a ser substituídos na etapa final, reservando as suas energias para a es-

treia no Mundial, nove dias mais tarde. No meio desse caminho, o treinador perdeu o meia Emerson, que foi brincar de goleiro numa pelada e sofreu uma luxação no braço direito, abrindo vaga para a convocação de Ricardinho, do Corinthians.

A estreia foi diante da Turquia, em Ulsan, na Coreia do Sul. Chegara o dia de Scolari provar que acertara em cheio ao suportar todas as pressões para convocar Romário, que ia valer a pena manter Rivaldo e Ronaldo, que era correta a sua tese de que o sucesso de um grupo depende basicamente da união entre todos, do chefe da delegação ao roupeiro. Chegara, enfim, o dia de Scolari comprovar o valor do que passou a chamar-se “Família Scolari”.

O Brasil fez uma partida razoável contra a Turquia, que saiu na frente com um gol de Hasan Sas, o mais habilidoso de seus jogadores. Ronaldo empatou no começo da segunda etapa, aproveitando cruzamento de Rivaldo. O jogo permaneceu equilibrado, até que aos 43 minutos o goleiro Rüstü errou numa saída de bola, lançando nos pés de Luizão, que arrancou em direção ao gol, até ser contido por Alpay Özalan. Na realidade, o zagueiro agarrou o centroavante fora da área, mas o árbitro sul-coreano Kim Yong-Joo marcou o pênalti que Rivaldo converteu, dando a vitória ao Brasil. Kim alegou que havia aplicado “a lei da vantagem” quando Luizão foi puxado pela camisa, e que o jogador, em seguida, também foi agarrado pelo braço, já dentro da área. No fim das contas, o empate com a Turquia também teria deixado o Brasil em primeiro lugar no Grupo C.

No dia 8 de junho, a Seleção deslocou-se até a ilha de Seogwipo para enfrentar a China, o time mais frágil da chave. Um terceiro encontro com um velho adversário, o técnico iugoslavo Bora Milutinovic, agora no comando da China. O Brasil já havia enfrentado Bora em 1990 e em 1994, quando ele dirigiu, respectivamente, Costa Rica e Estados Unidos. Nas duas ocasiões, a Seleção venceu por 1x0. Em 2002, foi muito mais fácil. Bora montou uma tremenda retranca, mas a muralha da Chi-



2002 FIFA WORLD CUP

KOREA/JAPAN™

31 MAY – 30 JUNE



na começou a ruir logo aos 15 minutos, quando Roberto Carlos cobrou uma falta ao seu estilo, abrindo o placar. Aos 31 minutos, Ronaldinho Gaúcho deixou Rivaldo livre para fazer 2x0. Os chineses já não ofereciam qualquer resistência. Aos 44 minutos, Ronaldo foi agarrado na área. Ronaldinho Gaúcho bateu o pênalti: 3x0. Houve uma evidente previsão de mais gols na etapa derradeira, mas só saiu mais um, aos 10 minutos, quando Cafu cruzou rasteiro, mandando a bola no pé de Ronaldinho, que bateu de primeira: 4x0. Na realidade, estava e ficou de bom tamanho para quem tinha o objetivo de conquistar o Mundial, preferindo assim gastar o tempo e evitar a possibilidade de contusões.

O triunfo garantiu a vaga do Brasil nas oitavas de final, mas ainda restava o jogo contra a Costa Rica, que precisava vencer e ainda aguardar o resultado de China x Turquia para passar à próxima fase. Scolari decidiu poupar Roque Júnior e Ronaldinho Gaúcho, que tinham cartão amarelo, e Roberto Carlos, contundido, substituídos, respectivamente, por Anderson Polga, Juninho Paulista e Edílson. Diante da necessidade, a Costa Rica, dirigida pelo brasileiro Alexandre Guimarães, partiu para o ataque. E a Seleção, sem compromisso, também saiu em busca dos gols, num lá e cá impressionante que lembrou o futebol daqueles tempos em que os treinadores não tinham tantas preocupações defensivas.

Logo aos 9 minutos, Edílson passou a Ronaldo, que mesmo bem marcado conseguiu concluir, entre tantos pés, tantos que o árbitro egípcio Gamal Al-Ghandour pôs na súmula o gol como sendo contra do zagueiro Marín, falha mais tarde corrigida pela própria FIFA, que acabou creditando o feito ao Fenômeno. Passaram-se 2 minutos e Ronaldo, em dia inspirado, virou o corpo para chutar e estabelecer 2x0. Oportunidades sucediam-se e eram desperdiçadas com frequência, de ambos os lados, até que Edmílson fez 3x0: Júnior cruzou, a bola bateu na defesa e sobrou para o zagueiro, que deu uma virada espetacular, no ar, fora do alcance de Lonnis. Dada a saída, num lance rápido, Wanchope diminuiu.

Veio a etapa final e o panorama do jogo não se modificou. Aos 10 minutos, Gomez marcou o segundo gol da Costa Rica, tornando o confronto ainda mais interessante para o público. De qualquer forma, a indiscutível qualidade do Brasil acabou prevalecendo, em que pese o elogiável espírito de luta do adversário. Aos 17 minutos, Júnior cruzou para Rivaldo fazer 4x2. Dada a saída, a Seleção retomou a bola. Edmílson lançou Júnior, que invadiu a área e decidiu chutar, mesmo que vários companheiros aguardassem o passe. Brasil 5x2. O primeiro lugar no Grupo C levou o time de Scolari a um confronto com a Bélgica. Começava o mata-mata. E pela primeira vez no Mundial, o Brasil deixava a Coreia do Sul para jogar no Japão.

Foi no Estádio Kobe Wings, em Kobe, no dia 17 de junho. Na primeira etapa, houve equilíbrio e um lance que provocou polêmica de momento: Peters cruzou e Wilmots marcou de cabeça. O árbitro jamaicano Peter Prendergast prontamente anulou. As imagens da TV trataram de mostrar depois que o atacante belga se apoiou no zagueiro Roque Júnior. Ronaldo, vigiado de perto por Van Buyten, não encontrava um palmo de liberdade, mas Marcos, com duas grandes defesas, empurrou a definição para a etapa derradeira.

E a exemplo da partida anterior, a qualidade do jogador brasileiro acabou fazendo a diferença: primeiro, aos 21 minutos, quando Ronaldinho Gaúcho deu a Rivaldo, que, mesmo marcado, e de costas para o gol, teve categoria suficiente para matar no peito e girar, desferindo chute violento, que raspou em Simons e enganou o goleiro De Vlieger. Em desvantagem, a Bélgica passou a ameaçar o Brasil, obrigando Marcos a praticar mais duas grandes intervenções, mas deixando, como não poderia deixar de ser, amplos espaços para o contra-ataque.

Assim, restavam 10 minutos quando Kleberson, que acabara de substituir Ronaldinho Gaúcho, apanhou a bola no seu campo, avançou pela direita até cruzar rasteiro para Ronaldo bater de canhota, fazendo 2x0 e liquidando a fatura.



Equipe que derrotou a Turquia por 2x1.
Em pé, da esquerda para a direita: Roque Júnior, Edmílson, Lúcio, Gilberto Silva, Marcos e Cafu.
Agachados: Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo, Juninho Paulista, Roberto Carlos e Rivaldo.



Equipe que goleou a China por 4x0.
Em pé, da esquerda para a direita: Lúcio, Anderson Polga, Roque Júnior, Gilberto Silva, Marcos e Cafu. Agachados: Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo, Juninho Paulista, Roberto Carlos e Rivaldo.

Quatro dias depois, em Shizuoka, Brasil e Inglaterra jogaram pela quarta vez em Copa do Mundo. Em 1958, houve empate de 0x0. Em 1962 e em 1970, deu Brasil – 3x1 e 1x0. Em 2002, a Seleção tomou um susto logo aos 23 minutos, quando Heskey fez lançamento para a área. Lúcio antecipou-se, mas deixou que a bola batesse em sua coxa direita, oferecendo-a a Michael Owen, que deu um belo toque, abrindo o placar. Quando aproximava-se o fim do primeiro tempo, Ronaldinho Gaúcho apanhou sobra na intermediária, deu drible desconcertante em Cole e passou a Rivaldo, que bateu com efeito fora do alcance do goleiro, empatando o jogo.

O gol devolveu a tranquilidade ao Brasil. Mal começou o segundo tempo, Scholes derrubou Kleberson longe da área, e Ronaldinho Gaúcho cobrou a falta direta em direção ao gol, enganando Seaman, que aguardava o cruzamento, mas acabou indo buscar a bola no fundo da rede. O curioso é que o mesmo Ronaldinho Gaúcho que vivia dia de graça, recebeu um justo cartão vermelho aos 11 minutos, após atingir Mills com alguma violência numa dividida. Com um homem a mais, os ingleses passaram a tentar envolver o Brasil no toque de bola, mas esbarravam sempre na boa marcação, levando o treinador Sven-Göran Eriksson a trocar o lateral Cole e o habilidoso Owen por dois jogadores altos e fortes, Sheringham e Vassell, para tentar o empate no chuveirinho. A retaguarda brasileira, que até então não ganhara a inteira confiança da mídia e do torcedor, acabou realizando uma partida brilhante, bloqueando a armada britânica no chão e no jogo aéreo.

Dali em diante não houve mais quem não acreditasse no penta. Brasil e Turquia voltaram a se encontrar nas semifinais, e os turcos só pensavam em vingança. Scolari convivia com dois problemas: um insolúvel – Ronaldinho Gaúcho suspenso – e Ronaldo, que estava sentindo a perna esquerda, o que foi mais ou menos contornado na véspera da partida. De qualquer forma, o atacante mostrava-se lento, preocupado em evitar contusões, deixando a responsabilidade do dia nos pés de Rivaldo, que fazia esforço extraordinário



Ao lado, Ronaldo e Rivaldo tentam uma jogada de ataque para o Brasil.

para organizar as ações, embora muito marcado. Ronaldo apresentava-se com tal dificuldade que houve muita gente da mídia, no intervalo, que sugerisse a sua substituição. Essa opinião foi arrastada até os quatro minutos do segundo tempo, quando o Fenômeno recebeu passe de Gilberto Silva para livrar-se dos perseguidores, invadiu a área e chutou de bico no canto esquerdo, um tiro executado com tal precisão que o gigante Rüstü não pôde alcançar.

Ferida mais uma vez em seus brios, a Turquia cresceu e passou a ter mais posse de bola, aproximando-se da área brasileira, onde a retaguarda voltou a ser soberana. O interessante naquela segunda etapa é que o adversário dominou, mas quem perdeu os gols foi o Brasil, especialmente Kleberson, chutando nas mãos de Rüstü, e Luizão, que errou o voleio quando tinha Rivaldo inteiramente livre ao seu lado. Ocorreu ainda, no confronto, uma das cenas mais curiosas do Mundial, até mesmo no próprio futebol. Em dado momento, perto do encerramento, Denílson carregou a bola para próximo da linha de fundo, no lado direito, arrastando seis turcos de uma só vez, embora, na realidade, o desfecho não tenha tido fim prático. O

Acima, Rivaldo chuta para marcar o primeiro gol do Brasil na vitória por 2x0 sobre a Bélgica. Ao lado, Denílson, um dos destaques na vitória de 1x0 sobre a Turquia que classificou o Brasil para a final. Abaixo, Ronaldo chuta fora do alcance de Khan para marcar um dos seus dois gols na final contra a Alemanha.





importante é que o Brasil venceu por 1x0, obtendo a vaga na grande final e garantindo o primeiro confronto com a Alemanha em 72 anos de história de Copa do Mundo.

A grande final teve o seu palco no International Stadium de Yokohama, no dia 30 de junho, com arbitragem do italiano Pierluigi Collina. O Brasil não tinha problemas. A Alemanha apresentava um trunfo, o goleiro Oliver Kahn — já eleito o melhor jogador da Copa — uma precipitação, logo se saberia. E sofria com a ausência do meia Michael Ballack. Mas não seria exagero afirmar que a Alemanha fez a sua partida mais convincente no torneio, dando trabalho ao time de Scolari, que também mostrava eficiência nos três setores. O Brasil esteve mais perto de sair para o intervalo com vantagem, num chute de Kleberson, que tocou no travessão, e depois numa disputa de bola na área alemã, numa virada de Ronaldo que Kahn, ainda justificando os elogios, defendeu com o pé.

Também houve algum equilíbrio na etapa final, pelo menos nos primeiros 20 minutos, quando quem quase marcou foi a Alemanha: primeiro, numa cabeçada de Jeremies, que Edmílson tratou de neutralizar, e depois com Neuville, na cobrança de falta que Marcos esforçou-se para mandar a escanteio. Aos 21 minutos, Ronaldo tomou a bola de Hamann, entregando a Rivaldo, que bateu forte de fora da área. Kahn acreditou que poderia segurar, mas a chuva tornara a bola escorregadia o suficiente para o goleiro largá-la nos pés de Ronaldinho, que aguardava o desfecho do lance, para abrir o placar.

Desde então, a Alemanha diminuiu o ritmo, e suas poucas tentativas terminavam invariavelmente no paredão brasileiro, principalmente em Roque Júnior, símbolo da

Nas imagens acima, diversos lances do ataque do Brasil, que, ao derrotar a Alemanha por 2x0, conquistou o seu quinto título mundial.

eficiência de uma zaga que mesmo no começo do Mundial já deixava muita gente de cabelo arrepiado. Pois foi Roque quem iniciou a jogada do segundo gol, ao interceptar de cabeça um passe alemão que foi cair pelo lado direito nos pés de Cafu, deste para Kleberson, daí para Rivaldo, que abriu as pernas enganando Metzelder, deixando a bola oferecer-se a Ronaldo, que a colocou nas redes, evidenciando, enfim, que o penta estava garantido.

Pouco depois, Ronaldo deixava o campo substituído por Juninho Paulista e aplaudido pelos 69.029 pagantes e por todos os que acompanharam a sua trajetória desde a terrível contusão que sofrera em Milão, no dia 12 de abril

de 2000. Quando o juiz Collina encerrou a partida, iniciando uma retirada tão discreta quanto a sua impecável atuação, o Brasil inteiro reconheceu definitivamente que Scolari tinha razão ao descartar Romário e ao defender as presenças de Rivaldo e de Ronaldinho, remando contra muitos prognósticos pessimistas.

Não tardou e o capitão brasileiro Cafu escalou a bancada oferecida para posar com a Taça FIFA, repetindo depois os gestos de Hideraldo Luis Bellini, em 1958, de Mauro Ramos de Oliveira, em 1962, de Carlos Alberto Torres, em 1970, e de Carlos Caetano Bledorn Verri, o Dunga, em 1994. Vale ressaltar, no entanto, que Marcos



Evangelista de Moraes, o Cafu, não se limitou apenas a brandir a estatueta, a exemplo dos antecessores, mas cismou também de prestar uma singela homenagem ao humilde bairro periférico paulistano em que cresceu, o Jardim Irene, além de fazer comovente declaração de amor à mulher, Regina.

Se o gesto de Cafu revestiu-se de alguma originalidade, o do povo brasileiro superou qualquer expectativa, dado que jamais uma Seleção havia recebido tantas manifestações de apreço, em Brasília, no Rio de Janeiro e em São Paulo, por onde os heróis desfilaram, ou nas outras milhares de cidades do país. Afinal, não é todo dia que se ganha um pentacampeonato mundial.



O capitão Cafu ergue a Taça FIFA.





Brasil

Alemanha

Na primeira fase de preparação para a disputa da Copa do Mundo de 2006, na Alemanha, a Seleção Brasileira ficou hospedada na cidade de Weggis, na Suíça, no luxuoso Weggis Park Hotel, e treinando no Thermoplan Arena. A ideia era fazer uma aclimação e concentração para a disputa, num ambiente o mais tranquilo possível. A preparação, que começou em 22 de maio, durou até o dia 4 de junho de 2006. Durante esse período, o Brasil fez duas partidas amistosas, um jogo-treino contra o time sub20 do Fluminense, no dia 28 de maio, quando venceu por 13x1, e outro contra um combinado da cidade de Lucerna, vencendo por 8x0.

Também durante a estadia em Weggis, a Seleção acabou tendo um corte por lesão. O zagueiro Edmílson teve uma ruptura no menisco do joelho direito durante o amistoso contra Lucerna. O volante Mineiro, do São Paulo, foi convocado para ocupar a sua vaga.

No dia 4 de junho, a seleção viajou para Königstein, onde realizou mais um amistoso visando a disputa da Copa do Mundo contra a Seleção da Nova Zelândia, que venceu por 4x0.

BRASIL PARA NAS QUARTAS DE FINAL

Na estreia na Copa do Mundo, a Seleção Brasileira enfrentou a seleção da Croácia, e mesmo não demonstrando todas as habilidades dos jogadores brasileiros conseguiu ganhar por 1x0. Aos 43 minutos, Cafu tocou para Kaká a três passos da meia-lua. Ele fintou a marcação e bateu de perna esquerda, com categoria, no canto direito alto de Pletikosa.

A segunda partida foi contra a Austrália, que o Brasil ganhou de 2x0, com os dois gols no segundo tempo. Aos 3 minutos, Ronaldo deu passe para Adriano e este marcou o primeiro. Aos 43 minutos, Robinho acertou a trave: no rebote, Fred só empurrou para as redes.

O último adversário da primeira fase foi o Japão, que era dirigido por Zico. Os japoneses saíram na frente e, aos 33 minutos do primeiro tempo, Tamada marcou para os asiáticos. O Brasil chegou ao empate com um gol de cabeça de Ronaldo aos 46 minutos. No segundo tempo, os gols saíram com naturalidade e a goleada foi completada por Juninho Pernambucano, aos 9 minutos; Gilberto Silva, aos 15 minutos; e novamente Ronaldo, aos 36 minutos, fechou o placar em 4x1. Com a vitória garantida, Carlos Alberto Parreira promoveu as entradas de Ricardinho, Zé Roberto e do goleiro Rogério Ceni.

Com o resultado, o Brasil confirmou o primeiro lugar do grupo e se classificou para as oitavas de final do torneio.

O adversário das oitavas foi a Seleção de Gana. O Brasil começou a partida se aproveitando da desorganização defensiva do adversário. Com 1 minuto de jogo, Ronaldinho fez lançamento preciso para Ronaldo, que só não concluiu para o gol porque o assistente assinalou impedimento.

Aos 4 minutos, um gol histórico. Kaká dominou no círculo central e lançou para Ronaldo. O atacante saiu na cara do goleiro Kingson e teve tempo para driblá-lo antes de tocar para o gol. Foi o seu 15º gol em mundiais, o Fenômeno agora era o maior artilheiro da história das Copas.

Gana conseguiu se arrumar e chegou a ameaçar o gol brasileiro em diversas oportunidades, mas seus atacantes tinham uma péssima pontaria. Mesmo mal no jogo, o Brasil chegou ao segundo gol ainda no primeiro tempo. Já nos acréscimos, Lúcio puxou o contra-ataque e lançou Kaká na direita; ele invadiu a área e esperou a aproximação de Cafu, que cruzou para Adriano completar para o gol vazio em posição de impedimento. Aos 39 minutos do segundo tempo, o Brasil marcou o terceiro: Ricardinho lançou para Zé Roberto, que tirou do goleiro e completou para o gol vazio.

Equipe que disputou a Copa do Mundo de 2006. Em pé, da esquerda para a direita: Dida, Lúcio, Juan, Adriano, Emerson e Cafu. Agachados: Ronaldinho Gaúcho, Roberto Carlos, Kaká, Zé Roberto e Ronaldo.



Gilberto Silva disputa uma jogada com o francês Malouda.
A França venceu por 1x0 e eliminou o Brasil.



Adriano chuta para marcar o primeiro gol do Brasil na vitória por 2x0 sobre a Austrália.



Abaixo, à esquerda, Ronaldo marca contra o Japão o seu 14º gol na história das Copas do Mundo. O Brasil venceu por 4x1.
Abaixo, Ronaldo dribla Kingson e marca o primeiro gol do Brasil na vitória por 3x0 sobre Gana. É o seu 15º gol marcado em Copas do Mundo, ele é o novo recordista de gols na história das Copas.



O adversário das quartas de final foi a França. No primeiro tempo, o Brasil demonstrou alguma rapidez e mais toque de bola, principalmente nos primeiros dez minutos, embora sem criar uma chance nítida de gol. Porém, a França, que começou mais recuada e com uma marcação compacta, passou a se aproveitar da falta de mobilidade do meio-campo e do ataque brasileiro.

Lá pela altura dos 20 minutos de jogo, a França já equilibrara o jogo e tinha domínio total das ações, sobrecarregando a defesa brasileira, em que Lúcio e Juan se desdobravam para cuidar dos avanços franceses. O final do primeiro tempo foi um alívio.

No segundo tempo o panorama do jogo não se alterou, e aos 11 minutos Zidane, que disputava a sua melhor

partida da Copa, deu seu golpe certo: cobrou falta da esquerda, buscando Henry livre no lado direito de uma área em que três brasileiros marcavam cinco franceses. Sozinho, livre de marcação na segunda trave, Henry chutou de direita e marcou o gol da França.

Surpreendido pelo gol, o Brasil não conseguia armar uma jogada mais perigosa. Parreira apelou para a formação antiga, tirando Juninho e colocando Adriano. Posteriormente, Cicinho entrou no lugar de Cafu e Robinho no lugar de Kaká. Mas, àquela altura, o descontrole da equipe já era grande demais para que Robinho mudasse a cara do jogo. As chances que aconteceram fora mais de “abafa” que jogadas pensadas. O Brasil estava eliminado da Copa do Mundo de 2006. A campeã foi a Itália, que conquistou o seu quarto título mundial.



1994

África do Sul

SONHO DO HEXA ADIADO

Quando Dunga assumiu a seleção, após a Copa do Mundo de 2006, pregou que os jogadores da Seleção Brasileira precisavam ter mais comprometimento e patriotismo para atingir os resultados planejados pela comissão técnica e desejados pela torcida brasileira. Tudo parecia caminhar de acordo com os planos, afinal, o Brasil ficou em primeiro lugar nas eliminatórias, conquistou os títulos da Copa América e da Copa das Confederações. Mas tudo começou a mudar a partir da pressão para a convocação dos jovens Neymar e Paulo Henrique Ganso, que naquele momento eram os melhores em atividade no Brasil. A seleção foi mal nas Olimpíadas e em alguns amistosos, e para piorar, na escalação para a disputa da Copa teve questionada a convocação de jogadores como Michel Bastos, Gilberto, Grafite, Doni, Kléberson e Júlio Baptista, deixando de fora além das duas revelações santistas, jogadores como Adriano e o goleiro Victor, este presente em noventa por cento das suas convocações, por conta disso, o choque com a mídia foi inevitável. Assim, o treinador fechou treinos, entrou em discussões com a imprensa durante as entrevistas coletivas, fez prevale-

cer os seus pontos de vista e levou seus homens de confiança. Mesmo com alguns vivendo um momento de má fase em seus clubes e com Kaká sem estar em perfeitas condições físicas partimos para a disputa de mais uma Copa do Mundo. A seleção realizou dois amistosos preparatórios, venceu o fraco Zimbábue por 3x0 e a Tanzânia por 5x1.

Em sua estreia na Copa do Mundo da África do Sul, o Brasil venceu a fraca Coreia do Norte por 2x1, com gols de Elano e Maicon. Apesar da vitória, a equipe encontrou problemas para superar a forte muralha defensiva norte-coreana, principalmente, por conta da má atuação de Kaká. A Coreia do Norte entrou em campo apenas com o objetivo de se defender. Sem conhecer muitos detalhes do rival asiático, o Brasil apostou na habilidade individual dos seus jogadores para tentar fazer a diferença. Mas o que se viu dentro de campo foi uma seleção nervosa, talvez pelo fato de ser a primeira partida. Mesmo assim, o Brasil venceu a sua oitava estreia consecutiva em Copas do Mundo, e manteve uma tradição: a de encontrar dificuldades no primeiro jogo.

No segundo jogo, contra a Costa do Marfim, a seleção conseguiu uma atuação mais próxima do ideal, especialmente, no segundo tempo. Ao final, a vitória por 3x1 garantiu com uma rodada de antecedência a classificação para as oitavas de final da Copa do Mundo. Luís Fabiano, que vivia um jejum de seis partidas sem marcar com a camisa do Brasil, foi um dos destaques da vitória brasileira, marcando dois gols. Elano marcou o terceiro e Didier Drogba marcou para a Costa do Marfim.

A lamentar a violência dos jogadores marfinenses, com a derrota consumada, eles decidiram apelar. Elano levou uma solada de Tiene e teve de deixar o campo amparado, sem conseguir apoiar o pé direito no chão, contusão que o deixou fora da Copa. Isto sem falar na expulsão polêmica de Kaká que, nervoso com as agressões adversárias, recebeu cartão amarelo por reclamação. Posteriormente, Keita simulou uma agressão e o con-

fuso árbitro francês Stephane Lannoy acreditou, deu o segundo amarelo e expulsou Kaká, alegando que ele deixou o cotovelo na hora do choque com Keita.

A terceira partida foi contra Portugal. A demonstração de rivalidade entre brasileiros e portugueses tornou o jogo pegado e muito violento. O Brasil até conseguiu apresentar maior volume de jogo no primeiro tempo: Nilmar e Daniel Alves, que entraram nos lugares de Elano e Kaká tiveram uma boa atuação, mas não o suficiente para superar a seleção portuguesa. Do outro lado, o treinador Carlos Queiroz deixou Fábio Coentrão mais enfiado pela esquerda para atuar nos espaços deixados pela defesa do Brasil, o que também não surtiu efeito. Ao final, o resultado não poderia ser outro, empate por 0x0 sem muitas emoções. Bom para os dois lados. A Seleção Brasileira garantiu a primeira posição do Grupo G, com sete pontos, e Portugal confirmou sua passagem às oitavas de final, com cinco pontos, em segundo lugar.

O Brasil teve como adversário nas quartas de final um velho freguês, o Chile, e como não poderia ser diferente, venceu por 3x0, naquele que foi considerado o seu melhor jogo da Copa da África, desta forma garantindo a vaga nas quartas de final contra a Holanda. Com gols de Juan, Luís Fabiano e Robinho, o time de Dunga mostrou um futebol rápido, envolvente e o mais importante, eficiente.

A notícia ruim ficou por conta da suspensão de Ramires. Com a sua entrada, o meio campo brasileiro passou a praticar um futebol mais rápido e melhorou bastante a qualidade do setor, que estava encontrando bastante dificuldade na competição.

O jogo começou muito corrido. O Chile ameaçou partir para o ataque e tentou criar algumas jogadas ofensivas, mas sempre sem sucesso. Aos 4 minutos, em uma jogada de contra-ataque, Luís Fabiano recebeu sozinho, carregou a bola e chutou à direita de Bravo.



Aos 34 minutos, numa jogada de escanteio. Juan subiu mais alto que todo mundo, e testou firme fora do alcance de Bravo. Veio o segundo tempo, e aos 14 minutos Ramires arrancou do meio-campo e passou por três adversários. Na entrada da área, passou a bola para Robinho, que colocou à esquerda de Bravo, que nada pode fazer. Era o carimbo no passaporte para as quartas de final da Copa do Mundo de 2010.

Veio a Holanda, o Brasil contava com o retorno de Felipe Melo, recuperado de uma contusão. Mas não contava com Elano, lesionado, e Ramires, suspenso. Por conta disso, Daniel Alves foi mantido como titular no meio de campo.

Depois de um início de jogo com as equipes se estudando, o Brasil abriu o placar aos 8 minutos, após Robinho receber passe magistral de Felipe Melo. Após o gol, a Holanda teve dificuldades para superar a defesa brasileira, pouco criava no meio campo e sofria com a insegurança de seu sistema defensivo. O Brasil dava um show e realizava a sua melhor atuação no Mundial.

Inexplicavelmente, o Brasil voltou diferente para o segundo tempo, e o panorama do jogo mudou completamente. A equipe estava desconcentrada em campo e aos 8 minutos, Sneijder recebeu na direita e cruzou para a área. Júlio César saiu mal, a bola resvalou na cabeça de Felipe Melo e entrou para o gol, empatando a partida.

Após o gol, o Brasil tentava tocar a bola, sobretudo no meio de campo. Mas somente aos 15 minutos, a Seleção chegou pela primeira vez: Daniel Alves recebeu na intermediária, driblou o marcador e arriscou para fora, com perigo. Dunga então substituiu Michel Bastos, que havia levado cartão amarelo por Gilberto. Poucos minutos depois, após novo levantamento para a área, a Holanda foi mortal. Robben bateu escanteio, Kuyt desviou na primeira trave e Sneijder, após Felipe Melo falhar na marcação, completou para as redes. O que já estava ruim ficou ainda pior. Aos 27 minutos, quando Felipe Melo cometeu falta em Robben e recebeu o cartão vermelho direto. Se com onze

Equipe que venceu a Coreia do Norte por 2x1.
Em pé, da esquerda para a direita: Lúcio, Júlio César, Juan, Maicon e Gilberto Silva.
Agachados: Michel Bastos, Robinho, Elano, Kaká e Luis Fabiano.



Equipe que foi derrotada pela Holanda por 2x1.
Em pé, da esquerda para a direita: Lúcio, Júlio César, Juan, Gilberto Silva, Maicon e Felipe Melo.
Agachados: Robinho, Kaká, Daniel Alves, Luís Fabiano e Michel Bastos.



Lúcio cercado por jogadores da Costa do Marfim.
Ao fundo, Elano observa na vitória por 3x1.

estava difícil, com dez ficou impossível e os holandeses venceram por 2x1. O Brasil estava fora da Copa.

O Brasil era a quarta seleção campeã mundial eliminada neste Mundial. Vale ressaltar que a campanha do Brasil, em 2010, foi inferior à da equipe treinada por Carlos Alberto Parreira em 2006. A campeã foi a Espanha, que venceu a Holanda na final por 1x0.

À esquerda, Luís Fabiano faz o passe para Robinho.
O Brasil venceu o Chile por 3x0.



Acima, Felipe Melo domina no peito, observado por Cristiano Ronaldo e outros dois portugueses.
O jogo terminou empatado em 0x0.



JOGOS DO BRASIL

EM TODAS
AS COPAS



1930



14 julho IUGOSLÁVIA 2x1 BRASIL

Local: Parque Central, Montevideu (Uruguai).

Público: 20.000 pagantes.

IUGOSLÁVIA: Jaksic (BASK Beograd); Ivkovic (BASK Beograd); e Mihajlovic (BSK Beograd); Arsenijevic (BSK Beograd), Stefanovic (FC Sète-FRA) e Dojkic (SK Jugoslavija); Tirnanic (BSK Beograd), Marjanovic (BSK Beograd), Bek (FC Sète-FRA), Vujadinovic (BSK Beograd) e Sekulic (SO Montpellier-FRA).
Técnico: Bosko Simonovic.

BRASIL: Joel (América FC-RJ); Brilhante (CR Vasco da Gama-RJ) e Itália (CR Vasco da Gama-RJ); Hermógenes (América FC-RJ), Fausto (CR Vasco da Gama-RJ) e Fernando Giudicelli (Fluminense FC-RJ); Poly (Americano FC-RJ), Nilo (Botafogo FC-RJ), Araken (C.B.D), Preguinho (Fluminense FC-RJ) e Theóphilo (São Cristóvão AC-RJ).
Técnico: Píndaro de Carvalho Rodrigues.

Gols: 1x0 Tirnanic, aos 21'; 2x0 Beck, aos 30'; 2x1 Preguinho, aos 62'.

Árbitro: Aníbal Tejada (Uruguai).

Assistentes: Ricardo Vallarino (Uruguai); Thomas Balvay (França).

20 de julho BRASIL 4x0 BOLÍVIA

Local: Estádio Centenário, Montevideu (Uruguai).

Público: 12.000 pagantes.

BRASIL: Velloso (Fluminense FC-RJ); Zé Luiz (São Cristóvão AC-RJ) e Itália (CR Vasco da Gama-RJ); Hermógenes (América FC-RJ), Fausto (CR Vasco da Gama-RJ) e Fernando Giudicelli (Fluminense FC-RJ); Benedicto (Botafogo FC-RJ), Russinho (CR Vasco da Gama-RJ), Carvalho Leite (Botafogo FC-RJ), Preguinho (Fluminense FC-RJ) e Moderato (CR Flamengo-RJ).
Técnico: Píndaro de Carvalho Rodrigues.

BOLÍVIA: Bermúdez (CD Oruro Royal); Durandal (CS San José Oruro) e Chavarría (CD Calavera); Sainz (CD The Strongest), Diógenes Lara (CD Bolívar) e Jorge Valderrama (CD Oruro Royal); Fernández (C Alianza Oruro), Reyes (CD The Strongest), Bustamante (CD El Litoral), Mendéz (CD Universitario), Alborta (CD Bolívar) e Fernández (C Alianza Oruro).
Técnico: Ulisses Saucedo.

Gols: 1x0 Moderato, aos 37'; 2x0 Preguinho, aos 67'; 3x0 Moderato, aos 73'; 4x0 Preguinho, aos 83'.

Árbitro: Thomas Balvay (França).

Assistentes: Francisco Matteucci (Uruguai); Gaspar Vallejo (México).

1934



27 de maio
ESPANHA 3x1 BRASIL

Local: Estádio Luigi Ferraris, Genoa (Itália).

ESPANHA: Zamora (Madrid FC); Ciriaco (Madrid FC) e Quincoces (Madrid FC); Cilauren (Athletic C. Bilbao), Muguenza (Athletic C. Bilbao) e Márculeta (Dinostia FC); Iraragorri (Athletic C. Bilbao), Lángara (Oviedo FC), Lecue (Real Betis BS), Lafuente (Athletic C. Bilbao) e Gorostiza (Athletic C. Bilbao).
Técnico: Amadeo García Salazar.

BRASIL: Pedrosa (Botafogo FC-RJ); Sylvio Hoffman (CBD) e Luiz Luz (CBD); Tinoco (CBD), Martim (Botafogo FC-RJ) e Canalli (Botafogo FC-RJ); Luizinho (CBD), Waldemar de Britto (CBD), Leônidas (CBD), Armandinho (CBD) e Patesko (CBD).
Técnico: Luis Augusto Vinhais.

Gols: 1x0 Iraragorri (pênalti), aos 18'; 2x0 Lángara, aos 25'; 3x0 Lángara, aos 29'; 3x1 Leônidas, aos 55'.

Árbitro: Alfred Birlem (Alemanha).

Assistentes: Ettore Carminati (Itália); Mihaly Ivanicsic (Hungria).

1938



5 de junho
BRASIL 6x5 POLÔNIA

Local: Stade de la Meinau, Estrasburgo (França).

Público: 13.452 pagantes.

BRASIL: Batatais (Fluminense FC-RJ); Domingos da Guia (CR Flamengo-RJ) e Machado (Fluminense FC-RJ); Zezé Procópio (Botafogo FC-RJ), Martim Silveira (Botafogo FC-RJ) e Afonsinho (São Cristóvão AC-RJ); Lopes (SC Corinthians Paulista-SP), Romeu (Fluminense FC-RJ), Leônidas (CR Flamengo-RJ), Perácio (Botafogo FC-RJ) e Hércules (Fluminense FC-RJ).
Técnico: Ademar Pimenta.

POLÔNIA: Madejski (SSA Wisla Kraków); Syczpaniak (SK Polonia Warszawa) e Galecki (SK Łódź); Góra (SK Cracovia), Nyc (SK Polonia Warszawa) e Dytko (FK Dab Katowice); Piec (SKS Naprzód Lipiny), Piontek (AKS Chorzów), Scherfke (SK Warta Poznań), Willimovski (Erster FCI Kattowitz) e Wodarz (SK Ruch Chorzów).
Técnico: Josef Kaluza.

Gols: 1x0 Leônidas, aos 18'; 1x1 Willimovski (pênalti), aos 22'; 2x1 Romeu, aos 25'; 3x1 Perácio, aos 44'; 3x2 Scherfke, aos 50'; 3x3 Willimovski, aos 59'; 4x3 Perácio, aos 72'; 4x4 Willimovski, aos 88'; 5x4 Leônidas, aos 93'; 6x4 Leônidas, aos 102'; 6x5 Willimovski, aos 107'.

Árbitro: Ivan Eklind (Suécia).

Assistentes: Louis Poissant (França); Ernest Kissenberger (França).

12 de junho
BRASIL 1x1 TCHECOSLOVÁQUIA

Local: Stade Municipal, Bordeaux (França).

Público: 22.021 pagantes.

BRASIL: Walter (CR Flamengo-RJ); Domingos da Guia (CR Flamengo-RJ) e Machado (Fluminense FC-RJ); Zezé Procópio (Botafogo FC-RJ), Martim Silveira (Botafogo FC-RJ) e Afonsinho (São Cristóvão AC-RJ); Lopes (SC Corinthians Paulista-SP), Romeu (Fluminense FC-RJ), Leônidas (CR Flamengo-RJ), Perácio (Botafogo FC-RJ) e Hércules (Fluminense FC-RJ).
Técnico: Ademar Pimenta.

TCHECOSLOVÁQUIA: Planicka (SC Slavia Praga); Burger (AC Sparta Praga) e Daucik (AC Sparta Praga); Kostalek (AC Sparta Praga), Boucek (AC Sparta Praga) e Kopecky (SC Slavia Praga); Riha (AC Sparta Praga), Simunek (SC Slavia Praga), Ludl (Viktoria Zizikov), Nejedly (AC Sparta Praga) e Puc (SC Slavia Praga).
Técnico: Josef Meissner.

Gols: 1x0 Leônidas, aos 30'; 1x1 Nejedly (pênalti), aos 64'.

Árbitro: Pal Von Hertzka (Hungria).

Assistentes: Giuseppe Scarpi (Itália); Charles de La Salles (França).

Expulsos: Zezé Procópio, aos 14'; Machado e Riha, aos 89'.

14 de junho
BRASIL 2x1 TCHECOSLOVÁQUIA
(Jogo Desempate)

Local: Stade Municipal, Bordeaux (França).

Público: 18.141 pagantes.

BRASIL: Walter (CR Flamengo-RJ); Jaú (SC Corinthians Paulista-SP) e Nariz (Botafogo FC-RJ); Britto (América FC-RJ), Brandão (SC Corinthians Paulista-SP) e Argemiro (A A Portuguesa Santista-SP); Roberto (São Cristóvão AC-RJ), Luisinho (Palestra Itália-SP), Leônidas da Silva (CR Flamengo-RJ), Tim (Fluminense FC-RJ) e Patesko (Botafogo FC-RJ).
Técnico: Ademar Pimenta.

TCHECOSLOVÁQUIA: Burkert (SK Zidenice); Burger (AC Sparta Praga) e Daucik (AC Sparta Praga); Kostalek (AC Sparta Praga), Boucek (AC Sparta Praga) e Kopecky (SC Slavia Praga); Horak (SK Slavia Praga), Senecky (AC Sparta Praga), Ludl (Viktoria Zizikov), Kreuz (SK Pardubice) e Rulc (SK Zidenice).
Técnico: Josef Zeman.

Gols: 1x0 Kopecky, aos 30'; 1x1 Leônidas, aos 56'; 2x1 Roberto, aos 63'.

Árbitro: Georges Capdeville (França).

Assistentes: Paul Marenco (França); Ernest Kissenberger (França).

16 de junho
ITÁLIA 2x1 BRASIL

Local: Stade Jean Boin “Velodrome”, Marselha (França).

Público: 33.000 pagantes.

ITÁLIA: Olivieri (AS Lucchese); Foni (Juventus FC) e Rava (Juventus FC); Serantoni (AS Roma), Andreolo (FC Bologna) e Locatelli (FC Internazionale); Biavatti (FC Bologna), Meazza (FC Internazionale), Piola (SS Lazio), Ferrari (Juventus FC) e Colaussi (USC Triestina). Técnico: Vittorio Pozzo.

BRASIL: Walter (CR Flamengo-RJ); Domingos da Guia (CR Flamengo-RJ) e Machado (Fluminense FC-RJ); Zezé Procópio (Botafogo FC-RJ), Martim Silveira (Botafogo FC-RJ) e Afonsoinho (São Cristóvão AC-RJ); Lopes (SC Corinthians Paulista-SP), Luisinho (Palestra Itália-SP), Romeu (Fluminense FC-RJ), Perácio (Botafogo FC-RJ) e Patesko (Botafogo FC-RJ).
Técnico: Ademar Pimenta.

Gols: 1x0 Colaussi, aos 55'; 2x0 Meazza (pênalti), aos 60'; 2x1 Romeu, aos 87'.

Árbitro: Hans Wüttrich (Suíça).

**Assistentes: Alois Beranek (Áustria);
Paul Marenco (França).**

19 de junho
BRASIL 4x2 SUÉCIA

Local: Estádio Municipal, Bordeaux (França).

Público: 15.000 pagantes.

BRASIL: Batatais (Fluminense FC-RJ); Domingos da Guia (CR Flamengo-RJ) e Machado (Fluminense FC-RJ); Zezé Procópio (Botafogo FC-RJ), Brandão (SC Corinthians Paulista-SP) e Afonsinho (São Cristóvão AC-RJ); Roberto (São Cristóvão AC-RJ), Romeu (Fluminense FC-RJ), Leônidas (CR Flamengo-RJ), Perácio (Botafogo FC-RJ) e Patesko (Botafogo FC-RJ). Técnico: Ademar Pimenta.

SUÉCIA: Abrahamsson (Gårda BK); Eriksson (Sandvikens IF) e Nilsson (FF Malmö); Almgren (AIK Fötboll), Linderholm (IK Sleipner) e Svanström (Örgryte IS); Jonasson (IF Elfsborg), Persson (AIK Fötboll), Nyberg (IFK Göteborg), Andersson I (IK Sleipner) e Andersson II (GAIS).
Técnico: József Nagy.

Gols: 0x1 Jonasson, aos 18'; 0x2 Nyberg, aos 38'; 1x2 Romeu, aos 43'; 2x2 Leônidas, aos 63'; 3x2 Leônidas, aos 73'; 4x2 Perácio, aos 80'.

Árbitro: John Langenus (Bélgica).

Assistentes: Eugene Olive (França); Ferdinand Valpred (França).



24 de junho
BRASIL 4x0 MÉXICO

Local: Estádio Municipal do Maracanã,
Rio de Janeiro (Brasil).

Público: 81.649 pagantes.

BRASIL: Barbosa [CR Vasco da Gama-RJ]; Augusto [CR Vasco da Gama-RJ] e Juvenal [CR Flamengo-RJ]; Ely [CR Vasco da Gama-RJ], Danilo [CR Vasco da Gama-RJ] e Bigode [CR Flamengo-RJ]; Maneca [CR Vasco da Gama-RJ], Ademir Menezes [CR Vasco da Gama-RJ], Baltazar [SC Corinthians Paulista-SP], Jair Rosa Pinto [SE Palmeiras-SP] e Friaça [São Paulo FC-SP].
Técnico: Flávio Rodrigues Costa.

MÉXICO: Carbajal (FC León); Zetter (CF Atlas) e Montemayor (FC León); Ruiz (Guadalajara CD AC), Ochoa (C América) e Roca (Necaxa CF); Septién (C España AC), Ortiz (CA Marte), Casarin (C España AC), Pérez (CA Marte) e Velásquez (CF Atlante). Técnico: Octavio Vial.

Gols: 1x0 Ademir Menezes, aos 32'; 2x0 Jair Rosa Pinto, aos 66'; 3x0 Baltazar, aos 72'; 4x0 Ademir Menezes, aos 81'.

Árbitro: George Reader (Inglaterra).

Assistentes: George Mitchell (Escócia);
Benjamin Mervyn Griffiths (País de Gales).

28 de junho
BRASIL 2x2 SUÍÇA

Local: Estádio Municipal do Pacaembu, São Paulo (Brasil).

Público: 42.032 pagantes.

BRASIL: Barbosa (CR Vasco da Gama-RJ); Augusto (CR Vasco da Gama-RJ) e Juvenal (CR Flamengo-RJ); Bauer (São Paulo FC-SP), Ruy (São Paulo FC-SP) e Noronha (São Paulo FC-SP); Alfredo II (CR Vasco da Gama-RJ), Maneca (CR Vasco da Gama-RJ), Baltazar (SC Corinthians Paulista-SP), Ademir Menezes (CR Vasco da Gama-RJ) e Friaça (São Paulo FC-SP).
Técnico: Flávio Rodrigues Costa.

SUIÇA: Stuber (FC Lasaunne Sports); Neury (Servette FC) e Bocquet (FC Lasaunne Sports); Lusenti (AC Bellinzona), Eggimann (FC La Chaux-de-Fonds) e Quinche (FC Basel); Tamini (Servette FC), Bickel (Grasshopper C Zürich), Friedländer (Servette FC), Bader (FC Basel) e Fatton (Servette FC).

Técnico: Karl Rappan.

Gols: 1x0 Alfredo II, aos 2'; 1x1 Fatton, aos 16'; 2x1 Baltazar, aos 31'; 2x2 Fatton, aos 81'.

Árbitro: Ramon Azon Roma (Espanha).

Assistentes: Cayetano de Nicola (Paraguai); Sergio Bustamente González (Chile).

1 de julho
BRASIL 2x0 IUGOSLÁVIA

Local: Estádio Municipal do Maracanã, Rio de Janeiro (Brasil).

Público: 142.429 pagantes.

BRASIL: Barbosa (CR Vasco da Gama-RJ); Augusto (CR Vasco da Gama-RJ) e Juvenal (CR Flamengo-RJ); Bauer (São Paulo FC-SP), Danilo (CR Vasco da Gama-RJ) e Bigode (CR Flamengo-RJ); Maneca (CR Vasco da Gama-RJ), Zizinho (Bangu AC-RJ), Ademir Menezes (CR Vasco da Gama-RJ), Jair Rosa Pinto (SE Palmeiras-SP) e Chico (CR Vasco da Gama-RJ).
Técnico: Flávio Rodrigues Costa.

IUGOSLÁVIA: Mrkusic (FK Crvena Zvezda); Horvat (NK Dinamo Zagreb) e Stankovic (FK Crvena Zvezda); Cajkovski (FK Partizan Beograd), Jovanovic (FK Partizan Beograd) e Dzajic (FK Crvena Zvezda); Vukas (FK Crvena Zvezda), Mitic (FK Crvena Zvezda), Tomasevic (FK Crvena Zvezda), Bobek (FK Partizan Beograd) e Cajkovski (FK Partizan Beograd).
Técnico: Milorad Arsenijevic.

Gols: 1x0 Ademir Menezes, aos 3'; 2x0 Zizinho, aos 69'.

Árbitro: Benjamin Mervyn Griffiths (País de Gales).

Assistentes: Alois Beranek (Áustria); José da Costa Vieira (Portugal).

9 de julho
BRASIL 7x1 SUÉCIA

Local: Estádio Municipal do Maracanã, Rio de Janeiro (Brasil).

Público: 138.886 pagantes.

BRASIL: Barbosa (CR Vasco da Gama-RJ); Augusto (CR Vasco da Gama-RJ) e Juvenal (CR Flamengo-RJ); Bauer (São Paulo FC-SP), Danilo Alvim (CR Vasco da Gama-RJ) e Bigode (CR Flamengo-RJ); Maneca (CR Vasco da Gama-RJ), Zizinho (Bangu AC-RJ), Ademir Menezes (CR Vasco da Gama-RJ), Jair Rosa Pinto (CR Vasco da Gama-RJ) e Chico (CR Vasco da Gama-RJ).
Técnico: Flávio Rodrigues Costa.

SUÉCIA: Svensson (IF Helsingborg); Samuelsson (IF Elfsborg Boras) e Erik Nilsson (Malmö FF); Andersson (AIK Stockholm), Nordhal (IFK Norrkoping) e Gärd (Malmö FF); Sundqvist (IFK Norrkoping), Palmer (Malmö FF), Jeppsson (Djurgardens IF), Skoglund (AIK Stockholm) e Stefan Nilsson (Malmö FF).
Técnico: George S. Raynor.

Gols: 1x0 Ademir Menezes, aos 17'; 2x0 Ademir Menezes, aos 36'; 3x0 Chico, aos 39'; 4x0 Maneca, aos 40'; 5x0 Ademir Menezes, aos 52'; 6x0 Ademir Menezes, aos 54'; 6x1 Andersson (pênalti), aos 67'; 7x1 Chico, aos 88'.

Árbitro: Arthur Edward Ellis (Inglaterra).

Assistentes: Charles de La Salle (França); Prudencio Garcia (Estados Unidos).

13 de julho
BRASIL 6x1 ESPANHA

Local: Estádio Municipal do Maracanã, Rio de Janeiro (Brasil).

Público: 152.772 pagantes.

BRASIL: Barbosa (CR Vasco da Gama-RJ); Augusto (CR Vasco da Gama-RJ) e Juvenal (CR Flamengo-RJ); Bauer (São Paulo FC-SP), Danilo Alvim (CR Vasco da Gama-RJ) e Bigode (CR Flamengo-RJ); Friaça (São Paulo FC-SP), Zizinho (Bangu AC-RJ), Ademir Menezes (CR Vasco da Gama-RJ), Jair Rosa Pinto (SE Palmeiras-SP) e Chico (CR Vasco da Gama-RJ).
Técnico: Flávio Rodrigues Costa.

ESPANHA: Ramallets (FC Barcelona); Alonso (RC Celta de Vigo) e Gonzalvo II (FC Barcelona); Gonzalvo III (FC Barcelona), Parra (RCD Espanyol) e Puchades (Valencia CF); Basora (FC Barcelona), Igoa (Valencia CF), Zarra (Athletic C Bilbao), Painizo (Athletic C Bilbao) e Gainza (Athletic C Bilbao).
Técnico: Guillermo Eyzaguirre Olmos.

Gols: 1x0 Ademir Menezes, aos 15'; 2x0 Jair Rosa Pinto, aos 21'; 3x0 Chico, aos 31'; 4x0 Ademir Menezes, aos 57'; 5x0 Zizinho, aos 67'; 6x1 Igoa, aos 71'.

Árbitro: Reginald James Leafe (Inglaterra).

Assistentes: José da Costa Vieira (Portugal); George Mitchell (Escócia).

16 de julho
URUGUAI 2x1 BRASIL

Local: Estádio Municipal do Maracanã, Rio de Janeiro (Brasil).

Público: 173.850 pagantes.

URUGUAI: Máspoli (CA Peñarol); González (CA Peñarol) e Tejera (C Nacional de F); Gambetta (C Nacional de F), Obdulio Varela (CA Peñarol) e Andrade (FC Central Español); Ghigghia (CA Peñarol), Pérez (C Nacional de F), Miguez (CA Peñarol), Schiaffino (CA Peñarol) e Morán (CA Cerro).
Técnico: Juan López Fontana.

BRASIL: Barbosa (CR Vasco da Gama-RJ); Augusto (CR Vasco da Gama-RJ) e Juvenal (CR Flamengo-RJ); Bauer (São Paulo FC-SP), Danilo Alvim (CR Vasco da Gama-RJ) e Bigode (CR Flamengo-RJ); Friaça (São Paulo FC-SP), Zizinho (Bangu AC-RJ), Ademir Menezes (CR Vasco da Gama-RJ), Jair Rosa Pinto (SE Palmeiras-SP) e Chico (CR Vasco da Gama-RJ).
Técnico: Flávio Rodrigues Costa.

Gols: 1x0 Friaça, aos 47'; 1x1 Schiaffino, aos 64'; 1x2 Ghigghia, aos 77'.

Árbitro: George Reader (Inglaterra).

Assistentes: Arthur Edward Ellis (Inglaterra); George Mitchell (Escócia).



16 de junho
BRASIL 5x0 MÉXICO

Local: Le Stade des Charmilles, Genebra (Suíça).

Público: 15.000 pagantes.

BRASIL: Castilho (Fluminense FC-RJ); Djalma Santos (A Portuguesa de Desportos-SP), Pinheiro (Fluminense FC-RJ) e Nilton Santos (Botafogo FR-RJ); Bauer (São Paulo FC-SP) e Brandãozinho (A Portuguesa de Desportos-SP); Julinho (A Portuguesa de Desportos-SP), Didi (Fluminense FC-RJ), Baltazar (SC Corinthians Paulista-SP), Pinga (CR Vasco da Gama-RJ) e Rodrigues (SE Palmeiras-SP).
Técnico: Alfredo Moreira Júnior (Zezé Moreira).

MÉXICO: Mota (CF Atlante); López (Guadalajara CD AC), González (CF Atlas) e Romo (Deportivo Toluca FC); Cárdenas (C Zacatapec) e Ávalos (CF Atlante); Torres (CF Atlas), Naranjo (CF Atlas), Lamadrid (CF Necaxa), Balcazar (Guadalajara CD AC) e Arellano (Guadalajara CD AC).
Técnico: Antonio Lopez Herranz.

Gols: 1x0 Baltazar, aos 23'; 2x0 Didi, aos 30'; 3x0 Pinga, aos 34'; 4x0 Pinga, aos 43'; 5x0 Julinho, aos 69'.

Árbitro: Raymond Wyssling (Suíça).

Assistentes: José da Costa Vieira (Portugal); Ernest Schönholser (Suíça).

19 de junho
BRASIL 1x1 IUGOSLÁVIA

Local: Stade de La Pontaise, Lausanne (Suíça).

Público: 25.000 pagantes.

BRASIL: Castilho (Fluminense FC-RJ); Djalma Santos (A Portuguesa de Desportos-SP) e Pinheiro (Fluminense FC-RJ); Bauer (São Paulo FC-SP), Brandãozinho (A Portuguesa de Desportos-SP) e Nilton Santos (Botafogo FR-RJ); Julinho (A Portuguesa de Desportos-SP), Didi (Fluminense FC-RJ), Baltazar (SC Corinthians Paulista-SP), Pinga (CR Vasco da Gama-RJ) e Rodrigues (SE Palmeiras-SP).
Técnico: Alfredo Moreira Júnior (Zezé Moreira).

IUGOSLÁVIA: Beara (NK Hadjuk Split); Stankovic (FK Crvena Zvezda) e Crnkovic (NK Dinamo Zagreb); Cajkovski (FK Partizan Beograd), Horvat (NK Dinamo Zagreb) e Boskov (Vojvodina Novi Sad); Milutinovic (FK Partizan Beograd), Mitic (FK Crvena Zvezda), Zebec (FK Partizan Beograd), Vukas (FK Crvena Zvezda) e Dvornic (NK Dinamo Zagreb).
Técnico: Aleksandar Timanic.

Gols: 1x0 Zebec, aos 48'; 1x1 Didi, aos 69'.

Árbitro: Edward Faultless (Escócia).

Assistentes: Carl Erich Steiner (Áustria); Albert Van Gunten (Suíça).

27 de junho
HUNGRIA 4x2 BRASIL

Local: Estádio Wankdorf, Berna (Suíça).

Público: 40.000 pagantes.

HUNGRIA: Grosics (Honvéd FC); Buzansky (Dorogi Bányász), Lantos (MTK Hungária FC) e Boszik II (Honvéd FC); Lóránt (Honvéd FC), Zakariás (Vörös Lobogó SE) e Hidegkuti (Vörös Lobogó SE); Tóth II (Csepel SC), Kocsis (Honvéd FC), Czibor (Honvéd FC) e Tóth (Újpesti TC).
Técnico: Gyula Mandi.

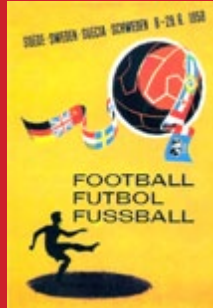
BRASIL: Castilho (Fluminense FC-RJ); Djalma Santos (A Portuguesa de Desportos-SP), Pinheiro (Fluminense FC-RJ) e Nilton Santos (Botafogo FR-RJ); Bauer (São Paulo FC-SP) e Brandãozinho (A Portuguesa de Desportos-SP); Julinho (A Portuguesa de Desportos-SP), Didi (Fluminense FC-RJ), Índio (CR Flamengo-RJ), Humberto Tozzi (SE Palmeiras-SP) e Maurinho (São Paulo FC-SP).
Técnico: Alfredo Moreira Júnior (Zezé Moreira).

Gols: 1x0 Hidegkuti, aos 4'; 2x0 Kocsis, aos 7'; 2x1 Djalma Santos (pênalti), aos 18'; 3x1 Lantos (pênalti), aos 60'; 3x2 Julinho, aos 65'; 4x2 Kocsis, aos 88'.

Árbitro: Arthur Ellis (Inglaterra).

Assistentes: William Ling (Inglaterra); Paul Wyssling (Suíça).

Expulsos: Buzansky e Nilton Santos, aos 71'; Humberto Tozzi, aos 79'.



8 de junho
BRASIL 3x0 ÁUSTRIA

Local: Estádio Rimmersvallen, Uddevalla (Suécia).

Público: 21.000 pagantes.

BRASIL: Gilmar (SC Corinthians Paulista-SP); De Sordi (São Paulo FC-SP), Bellini (CR Vasco da Gama-RJ), Orlando (CR Vasco da Gama-RJ) e Nilton Santos (Botafogo FR-RJ); Dino Sani (São Paulo FC-SP) e Didi (Botafogo FR-RJ); Joel (CR Flamengo-RJ), Mazzola (SE Palmeiras-SP), Dida (CR Flamengo-RJ) e Zagallo (CR Flamengo-RJ).
Técnico: Vicente Ítalo Feola.

ÁUSTRIA: Szanwald (Wiener SC); Halla (SK Rapid Wien), Happel (SK Rapid Wien) e Swoboda (SK Austria Wien); Hanappi (SK Rapid Wien) e Koller (First Vienna FC 1894); Horak (Wiener SC), Senekowics (SK Sturm Graz), Buzek (First Vienna FC 1894), Körner II (SK Rapid Wien) e Schleger (SK Austria Wien).
Técnico: Josef Argauer.

Gols: 1x0 Mazzola, aos 38'; 2x0 Nilton Santos, aos 49'; 3x0 Mazzola, aos 89'.

Árbitro: Maurice Guigue (França).

Assistentes: Albert Dusch (Alemanha); Jan Bronkhorst (Holanda).

11 de junho
BRASIL 0x0 INGLATERRA

Local: Estádio Nya Ullevi, Gotemburgo (Suécia).

Público: 40.895 pagantes.

BRASIL: Gilmar (SC Corinthians Paulista-SP), De Sordi (São Paulo FC-SP), Bellini (CR Vasco da Gama-RJ), Orlando (CR Vasco da Gama-RJ) e Nilton Santos (Botafogo FR-RJ); Dino Sani (São Paulo FC-SP) e Didi (Botafogo FR-RJ); Joel (CR Flamengo-RJ), Mazzola (SE Palmeiras-SP), Vavá (CR Vasco da Gama-RJ) e Zagallo (CR Flamengo-RJ).
Técnico: Vicente Ítalo Feola.

INGLATERRA: McDonald (Burnley FC); Howe (West Bromwich Albion FC), Billy Wright (Wolverhampton Wanderers FC) e Banks (Bolton Wanderers FC); Clamp (Wolverhampton Wanderers FC) e Slater (Wolverhampton Wanderers FC); Douglas (Blackburn Rovers FC), Bobby Robson (West Bromwich Albion FC), Kevan (West Bromwich Albion FC), Haynes (Fulham FC) e A'Court (Liverpool FC).
Técnico: Walter Winterbottom.

Árbitro: Albert Dusch (Alemanha Ocidental).

Assistentes: Istvan Zsolt (Hungria); Bertil Löw (Suécia).

15 de junho
BRASIL 2x0 UNIÃO SOVIÉTICA

Local: Estádio Nya Ullevi, Gotemburgo (Suécia).

Público: 50.928 pagantes.

BRASIL: Gilmar (SC Corinthians Paulista-SP); De Sordi (São Paulo FC-SP), Bellini (CR Vasco da Gama-RJ), Orlando (CR Vasco da Gama-RJ) e Nilton Santos (Botafogo FR-RJ); Zito (Santos FC-SP) e Didi (Botafogo FR-RJ); Garrincha (Botafogo FR-RJ), Vavá (CR Vasco da Gama-RJ), Pelé (Santos FC-SP) e Zagallo (CR Flamengo-RJ).
Técnico: Vicente Ítalo Feola.

UNIÃO SOVIÉTICA: Yashin (FC Dynamo Moscow); Kassarev (FC Dynamo Moscow), Krijevski (FC Dynamo Moscow) e Kuznetsov (FC Dynamo Moscow); Voinov (FC Dynamo Kiev) e Tsarev (FC Dynamo Moscow); Ivanov I (Zenit Leningrad), Ivanov II (FC Torpedo Moscow), Simonyan (FC Torpedo Moscow), Igor Netto (FC Spartak Moscow) e Illjin (FC Spartak Moscow).
Técnico: Gavril Katchalin.

Gols: 1x0 Vavá, aos 2'; 2x0 Vavá, aos 76'.

Árbitro: Maurice Guigue (França).

Assistentes: Birger Nielsen (Noruega); Carl Jorgensen (Dinamarca).

19 de junho
BRASIL 1x0 PAÍS DE GALES

Local: Estádio Nya Ullevi, Gotemburgo (Suécia).

Público: 25.923 pagantes.

BRASIL: Gilmar (SC Corinthians Paulista-SP), De Sordi (São Paulo FC-SP), Bellini (CR Vasco da Gama-RJ), Orlando (CR Vasco da Gama-RJ) e Nilton Santos (Botafogo FR-RJ); Zito (Santos FC-SP) e Didi (Botafogo FR-RJ); Garrincha (Botafogo FR-RJ), Mazzola (SE Palmeiras-SP), Pelé (Santos FC-SP) e Zagallo (CR Flamengo-RJ).
Técnico: Vicente Ítalo Feola.

PAÍS DE GALES: Kelsey (Arsenal FC-ING); Williams (West Bromwich Albion FC-ING), Charles II (Swansea City AFC) e Hopkins (Tottenham Hotspur FC-ING); Sullivan (Cardiff City FC) e Bowen (Arsenal FC-ING); Medwin (Tottenham Hotspur FC-ING), Hewitt (Cardiff City FC), Webster (Manchester United FC-ING), Allchurch (Swansea City AFC) e Cliff Jones (Tottenham Hotspur FC-ING).
Técnico: Jim Murphy.

Gol: 1x0 Pelé, aos 66'.

Árbitro: Erich Seipelt (Áustria).

Assistentes: Albert Dusch (Alemanha); Maurice Guigue (França).

24 de junho
BRASIL 5x2 FRANÇA

Local: Estádio Rasunda, Estocolmo (Suécia).

Público: 27.100 pagantes.

BRASIL: Gilmar (SC Corinthians Paulista-SP); De Sordi (São Paulo FC-SP), Bellini (CR Vasco da Gama-RJ), Orlando (CR Vasco da Gama-RJ) e Nilton Santos (Botafogo FR-RJ); Zito (Santos FC-SP) e Didi (Botafogo FR-RJ); Garrincha (Botafogo FR-RJ), Vavá (CR Vasco da Gama-RJ), Pelé (Santos FC-SP) e Zagallo (CR Flamengo-RJ).
Técnico: Vicente Ítalo Feola.

FRANÇA: Abbès (AS Saint-Etienne); Kaebel (AS Monaco), Jonquet (Stade de Reims) e Lerond (Olympique Lyonnais); Penverne (Stade de Reims) e Marcel (Olympique de Marseille); Wisnieski (RC Lens), Fontaine (Stade de Reims), Kopa (Real Madrid CF-ESP), Piantoni (Stade de Reims) e Vincent (Stade de Reims).
Técnico: Albert Batteux.

Gols: 1x0 Vavá, aos 2'; 1x1 Fontaine, aos 9'; 2x1 Didi, aos 39'; 3x1 Pelé, aos 52'; 4x1 Pelé, aos 64'; 5x1 Pelé, aos 75'; 5x2 Piantoni, aos 83'.

Árbitro: Benjamin Mervyn Griffiths (País de Gales).

Assistentes: Reginald James Leafe (Inglaterra); Raynon Wyssling (Suíça).

29 de junho
BRASIL 5x2 SUÉCIA

Local: Estádio de Rasunda, Estocolmo (Suécia).

Público: 49.737 pagantes.

BRASIL: Gilmar (SC Corinthians Paulista-SP); Djalma Santos (A Portuguesa de Desportos-SP), Bellini (CR Vasco da Gama-RJ), Orlando (CR Vasco da Gama-RJ) e Nilton Santos (Botafogo FR-RJ); Zito (Santos FC-SP) e Didi (Botafogo FR-RJ); Garrincha (Botafogo FR-RJ), Vavá (CR Vasco da Gama-RJ), Pelé (Santos FC-SP) e Zagallo (CR Flamengo-RJ).
Técnico: Vicente Ítalo Feola.

SUÉCIA: Svensson (IF Helsingborg); Bergmark (Örebro SK), Gustavsson (Atalanta BC-ITA) e Axbom (IFK Norrköping); Börjesson (Norrby IF) e Parling (Djurgårdens IF); Hamrim (Calcio Padova-ITA), Gren (Örgryte IS), Simonsson (Lazio SS-ITA), Liedholm (AC Milan-ITA) e Skoglund (FC Intenazionale Milano-ITA).
Técnico: George Raynor.

Gols: 1x0 Liedholm, aos 3'; 1x1 Vavá, aos 9'; 2x1 Vavá, aos 32'; 3x1 Pelé, aos 55'; 4x1 Zagallo, aos 68'; 4x2 Simonsson, aos 80'; 5x2 Pelé, aos 90'.

Árbitro: Maurice Guigue (França).

Assistentes: Albert Dusch (Alemanha); Juan Garay Gardeazabal (Espanha).

1962



30 de maio
BRASIL 2x0 MÉXICO

Local: Estádio Sausalito, Viña del Mar (Chile).

Público: 10.484 pagantes.

BRASIL: Gilmar (Santos FC-SP); Djalma Santos (SE Palmeiras-SP), Mauro (Santos FC-SP), Zózimo (Bangu-RJ) e Nilton Santos (Botafogo FR-RJ); Zito (Santos FC-SP) e Didi (Botafogo FR-RJ); Garrincha (Botafogo FR-RJ), Vavá (SE Palmeiras-SP), Pelé (Santos FC-SP) e Zagallo (Botafogo FR-RJ).
Técnico: Aymoré Moreira.

MÉXICO: Carbajal (FC León); Del Muro (FC Atlas), Villegas (CD Guadalajara AC), Cárdenas (C Zacatapec) e Sepúlveda (CD Guadalajara AC); Nájera (C América) e Del Aguilla (Deportivo Toluca FC); Reyes (CD Guadalajara AC), Hernández (CD Guadalajara AC), Jasso (C América) e Díaz (CD Guadalajara AC).
Técnico: Ignacio Trellez.

Gols: 1x0 Zagallo, aos 56'; 2x0 Pelé, aos 72'.

Árbitro: Dientz Gottfried (Suíça).

Assistentes: Pierre Schwinte (França); Carl Erich Steiner (Áustria).

2 de junho
BRASIL 0x0 TCHECOSLOVÁQUIA

Local: Estádio Sausalito, Viña del Mar (Chile).

Público: 14.903 pagantes.

BRASIL: Gilmar (Santos FC-SP); Djalma Santos (SE Palmeiras-SP), Mauro (Santos FC-SP), Zózimo (Bangu-RJ) e Nilton Santos (Botafogo FR-RJ); Zito (Santos FC-SP) e Didi (Botafogo FR-RJ); Garrincha (Botafogo FR-RJ), Vavá (SE Palmeiras-SP), Pelé (Santos FC-SP) e Zagallo (Botafogo FR-RJ).
Técnico: Aymoré Moreira.

TCHECOSLOVÁQUIA: Schroíff (SK Slovan Bratislava); Lala (SK Slavia Praga), Popluhar (SK Slovan Bratislava), Pluskal (SK Dukla Praga) e Novak (SK Dukla Praga); Stibranyi (SK Spartak Trnava) e Masopust (SK Dukla Praga); Scherer (FK Inter Bratislava), Kvasnak (AC Sparta Praga), Adamec (SK Dukla Praga) e Jelinek II (SK Dukla Praga).
Técnico: Rudolf Vytlačil.

Árbitro: Pierre Schwinte (França).

Assistentes: Gottfried Dienst (Suíça); Domingo Massaro Conley (Chile).

6 de junho
BRASIL 2x1 ESPANHA

Local: Estádio Sausalito, Viña del Mar (Chile).

Público: 18.715 pagantes.

BRASIL: Gilmar (Santos FC-SP); Djalma Santos (SE Palmeiras-SP), Mauro (Santos FC-SP), Zózimo (Bangu-RJ) e Nilton Santos (Botafogo FR-RJ); Zito (Santos FC-SP) e Didi (Botafogo FR-RJ); Garrincha (Botafogo FR-RJ), Vavá (SE Palmeiras-SP), Amarildo (Botafogo FR-RJ) e Zagallo (Botafogo FR-RJ).
Técnico: Aymoré Moreira.

ESPANHA: Araquistáin (CF Real Madrid); Rodríguez (FC Barcelona), Gracia (FC Barcelona), Vergés (FC Barcelona) e Echeberria (Athletic C Bilbao); Pachín (CF Real Madrid) e Adelardo (C Atlético de Madrid); Collar (C Atlético de Madrid), Puskas (CF Real Madrid), Peiró (C Atlético de Madrid) e Gento (CF Real Madrid).
Técnico: Helenio Herrera Gavilán.

Gols: 1x0 Adelardo, aos 34'; 1x1 Amarildo, aos 71'; 2x1 Amarildo, aos 88'.

Árbitro: Sergio Bustamente González (Chile).

Assistentes: Esteban Marino (Uruguai); José Antonio Sundhelm (Colômbia).

10 de junho
BRASIL 3x1 INGLATERRA

Local: Estádio Sausalito, Viña del Mar (Chile).

Público: 17.736 pagantes.

BRASIL: Gilmar (Santos FC-SP); Djalma Santos (SE Palmeiras-SP), Mauro (Santos FC-SP), Zózimo (Bangu-RJ) e Nilton Santos (Botafogo FR-RJ); Zito (Santos FC-SP) e Didi (Botafogo FR-RJ); Garrincha (Botafogo FR-RJ), Vavá (SE Palmeiras-SP), Amarildo (Botafogo FR-RJ) e Zagallo (Botafogo FR-RJ).
Técnico: Aymoré Moreira.

INGLATERRA: Springett (Sheffield Wednesday FC); Armfield (Blackpool FC), Ray Wilson (Huddersfield Town FC), Bobby Moore (West Ham United FC) e Flowers (Wolverhampton Wanderers FC); Norman (Tottenham Hotspur FC) e Douglas (Blackburn Rovers FC); Greaves (Tottenham Hotspur FC), Hitchens (Aston Villa FC), Haynes (Fulham FC) e Bobby Charlton (Manchester United FC).
Técnico: Walter Winterbottom.

Gols: 1x0 Garrincha, aos 29'; 1x1 Hitchens, aos 38'; 2x1 Vavá, aos 53'; 3x1 Garrincha, aos 59'.

Árbitro: Pierre Schwinte (França).

Assistentes: Gottfried Dienst (Suíça); Sergio Bustamente González (Chile).

13 de junho
BRASIL 4x2 CHILE

Local: Estádio Nacional, Santiago (Chile).

Público: 76.594 pagantes.

BRASIL: Gilmar (Santos FC-SP); Djalma Santos (SE Palmeiras-SP), Mauro (Santos FC-SP), Zózimo (Bangu-RJ) e Nilton Santos (Botafogo FR-RJ); Zito (Santos FC-SP) e Didi (Botafogo FR-RJ); Garrincha (Botafogo FR-RJ), Vavá (SE Palmeiras-SP), Amarildo (Botafogo FR-RJ) e Zagallo (Botafogo FR-RJ).
Técnico: Aymoré Moreira.

CHILE: Escutti (CD Colo Colo); Eyzaguirre (CF Universidad de Chile), Contreras (CF Universidad de Chile), Sánchez (Santiago Wanders SADP) e Rodríguez (CSD Unión Española); Toro (CD Colo Colo) e Eladio Rojas (CD Everton); Ramírez Banda (CF Universidad de Chile), Landa (Green Cross Temuco), Tobar (CF Universidad Católica) e Leonel Sánchez (CF Universidad de Chile).
Técnico: Fernando Riera Bauzá.

Gols: 1x0 Garrincha, aos 9'; 2x0 Garrincha, aos 31'; 2x1 Jorge Toro, aos 41'; 3x1 Vavá, aos 48'; 3x2 Leonel Sánchez (pênalti), aos 61'; 4x2 Vavá, aos 77'.

Árbitro: Arturo Maximo Yamazaki Maldonado (Peru).

Assistentes: Luis Antonio Ventre (Argentina); Esteban Marino (Uruguai).

Expulsos: Honorio Landa 80', Garrincha 83'.

17 de junho
BRASIL 3x1 TCHECOSLOVÁQUIA

Local: Estádio Nacional, Santiago (Chile).

Público: 69.068 pagantes.

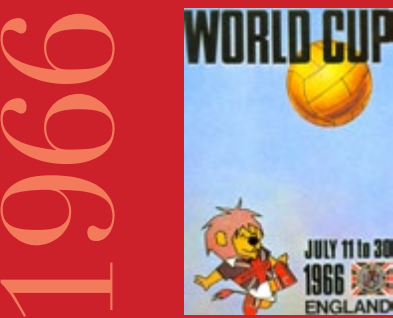
BRASIL: Gilmar (Santos FC-SP); Djalma Santos (SE Palmeiras-SP), Mauro (Santos FC-SP), Zózimo (Bangu-RJ) e Nilton Santos (Botafogo FR-RJ); Zito (Santos FC-SP) e Didi (Botafogo FR-RJ); Garrincha (Botafogo FR-RJ), Vavá (SE Palmeiras-SP), Amarildo (Botafogo FR-RJ) e Zagallo (Botafogo FR-RJ).
Técnico: Aymoré Moreira.

TCHECOSLOVÁQUIA: Schroiff (SK Slovan Bratislava); Tichy (AC Sparta Praga), Popluhar (SK Slovan Bratislava), Pluskal (SK Dukla Praga) e Novak (SK Dukla Praga); Pospichal (AC Sparta Praga) e Masopust (SK Dukla Praga); Scherer (FK Inter Bratislava), Kvasnak (AC Sparta Praga), Kadabra (SK Sonp Kladno) e Jelinek II (SK Dukla Praga).
Técnico: Rudolf Vytlačil.

Gols: 1x0 Masopust, aos 15'; 1x1 Amarildo, aos 17'; 2x1 Zito, aos 68'; 3x1 Vavá, aos 77'.

Árbitro: Nikolay Gavrilovich Latyshev (União Soviética).

Assistentes: Robert Holley Davidson (Escócia); Leopold Sylvain Horn (Holanda).



12 de julho
BRASIL 2x0 BULGÁRIA

Local: Goodison Park Stadion, Liverpool (Inglaterra).

Público: 52.487 pagantes.

BRASIL: Gilmar (Santos FC-SP); Djalma Santos (SE Palmeiras-SP), Bellini (São Paulo FC-SP), Altair (Fluminense FC-RJ) e Paulo Henrique (CR Flamengo-RJ); Denílson (Fluminense FC-RJ) e Lima (Santos FC-SP); Garrincha (SC Corinthians Paulista-SP), Alcindo (Grêmio FBPA-RS), Pelé (Santos FC-SP) e Jairzinho (Botafogo FR-RJ).
Técnico: Vicente Ítalo Feola.

BULGÁRIA: Naydenov (PFC CSKA Sofia); Shalamanov (PFC Slavia Sofia), Penev (PFC CSKA Sofia), Vutzov (PFC Levski Sofia) e Gaganelov (PFC CSKA Sofia); Zhechev (FD Spartak Sofia) e Kitov (FD Spartak Sofia); Dermendjev (PFC Botev Plovdiv), Asparuhov (PFC Levski Sofia), Yakimov (PFC CSKA Sofia) e Kolev (PFC CSKA Sofia).
Técnico: Rudolf Vytlačil.

Gols: 1x0 Pelé, aos 15'; 2x0 Garrincha, aos 63'.

Árbitro: Kurt Tschenscher (Alemanha).

Assistentes: George McCabe (Inglaterra); John Keith Taylor (Inglaterra).

10 de junho
BRASIL 3x2 ROMÊNIA

Local: Estádio Jalisco, Guadalajara (México).

Público: 50.804 pagantes.

BRASIL: Félix (Fluminense FC-RJ); Carlos Alberto Torres (Santos FC-SP), Britto (CR Flamengo-RJ), Fontana (Cruzeiro EC-MG) e Everaldo (Grêmio FBPA-RS), depois Marco Antônio (Fluminense FC-RJ) aos 60'; Wilson Piazza (Cruzeiro EC-MG) e Clodoaldo (Santos FC-SP), depois Edu (Santos FC-SP) aos 74'; Jairzinho (Botafogo FR-RJ), Tostão (Cruzeiro EC-MG), Pelé (Santos FC-SP) e Paulo César Lima (Botafogo FR-RJ).
Técnico: Mário Jorge Lôbo Zagallo.

ROMÊNIA: Adamache (FC Brasov), depois Raducanu (FC Rapid Bucuresti) aos 27'; Satmareanu (FC Steaua Bucureste), Lupescu (FC Rapid Bucuresti), Dinu (FC Dinamo Bucureste) e Mocanu (FC Petrolul Ploiesti); Dimitru (FC Rapid Bucuresti), Nunweiller (FC Rapid Bucuresti) e Dembrowski (FC Dinamo Bucureste); Neagu (FC Rapid Bucuresti), Dumitrache (FC Dinamo Bucureste), depois Tataru (FC Steaua Bucureste) aos 72' e Lucescu (FC Dinamo Bucureste).
Técnico: Anghel Nicolescu.

Gols: 1x0 Pelé, aos 19'; 2x0 Jairzinho, aos 34';
2x1 Dumitrache, aos 44'; 3x1 Pelé, aos 67';
3x2 Dembrowski, aos 84'.

Árbitro: Frederik Marshall (Áustria).

Assistentes: Ramon Barreto Ruiz (Uruguai);
Vital Loraux (Bélgica).

Cartão Amarelo: Mocanu, Dimitru.

14 de junho
BRASIL 4x2 PERU

Local: Estádio Jalisco, Guadalajara (México).

Público: 54.233 pagantes.

BRASIL: Félix (Fluminense FC-RJ); Carlos Alberto Torres (Santos FC-SP), Britto (CR Flamengo-RJ), Wilson Piazza (Cruzeiro EC-MG) e Marco Antônio (Fluminense FC-RJ); Clodoaldo (Santos FC-SP), Gérson (São Paulo FC-SP), depois Paulo César Lima (Botafogo FR-RJ) aos 67'; Jairzinho (Botafogo FR-RJ), depois Roberto Miranda (Botafogo FR-RJ) aos 80', Tostão (Cruzeiro EC-MG) , Pelé (Santos FC-SP) e Rivelino (SC Corinthians Paulista-SP).
Técnico: Mário Jorge Lôbo Zagallo.

PERU: Rubiños (C Sporting Cristal); Eloy Campos (C Sporting Cristal), Fernández (C Universitário de Deportes), Chumpitaz (C Universitário de Deportes) e Fuentes (C Universitário de Deportes); Mifflin (C Sporting Cristal), Challe (C Universitário de Deportes) e Cubillas (C Alianza Lima); Baylon (C Alianza Lima), depois Sotil (C Alianza Lima) aos 64', Perico León (C Alianza Lima), depois Reyes (CD Juan Aurich) aos 61' e Gallardo (C Sporting Cristal).
Técnico: Waldir Pereira (Didi).

Gols: 1x0 Rivelino, aos 11'; 2x0 Tostão, aos 15';
2x1 Gallardo, aos 28'; 3x1 Tostão, aos 52';
3x2 Cubillas, aos 70'; 4x2 Jairzinho, aos 75'.

Árbitro: Vital Loraux (Bélgica).

Assistentes: Ferdinand Marschall (Áustria);
Gyula Emsberger (Hungria).

17 de junho
BRASIL 3x1 URUGUAI

Local: Estádio Jalisco, Guadalajara (México).

Público: 51.261 pagantes.

BRASIL: Félix (Fluminense FC-RJ); Carlos Alberto Torres (Santos FC-SP), Britto (CR Flamengo-RJ), Wilson Piazza (Cruzeiro EC-MG) e Everaldo (Grêmio FBPA-RS); Clodolado (Santos FC-SP) e Gérson (São Paulo FC-SP); Jairzinho (Botafogo FR-RJ), Tostão (Cruzeiro EC-MG) e Pelé (Santos FC-SP) e Rivelino (SC Corinthians Paulista-SP).
Técnico: Mário Jorge Lôbo Zagallo.

URUGUAI: Mazurkiewicz (CA Peñarol); Ubiñas (C Nacional de F), Ancheta (C Nacional de F), Matosas (CA Peñarol) e Mujica (C Nacional de F); Fontes (SC Defensor), Montero Castillo (C Nacional de F) e Cortés (CA Peñarol); Cubilla (C Nacional de F), Maneiro (C Nacional de F), depois Espárrago (C Nacional de F) aos 77' e Morales (C Nacional de F).
Técnico: Juan Eduardo Hohberg.

Gols: 0x1 Cubilla, aos 18'; 1x1 Clodoaldo, aos 45';
2x1 Jairzinho, aos 75'; 3x1 Rivelino, aos 89'.

Árbitro: José María Ortiz de Mendizábal (Espanha).

Assistentes: Tofik Bakhramov (União Soviética);
Ferdinand Marschall (Áustria).

Cartão Amarelo: Fontes; Maneiro; Mujica;
Carlos Alberto Torres.

21 de junho
BRASIL 4x1 ITÁLIA

Local: Estádio Azteca, Cidade do México (México).

Público: 107.412 pagantes.

BRASIL: Félix (Fluminense FC-RJ); Carlos Alberto Torres (Santos FC-SP), Britto (CR Flamengo-RJ), Wilson Piazza (Cruzeiro EC-MG) e Everaldo (Grêmio FBPA-RS); Clodoaldo (Santos FC-SP) e Gérson (São Paulo FC-SP); Jairzinho (Botafogo FR-RJ), Tostão (Cruzeiro EC-MG) , Pelé (Santos FC-SP) e Rivelino (SC Corinthians Paulista-SP).
Técnico: Mário Jorge Lôbo Zagallo.

ITÁLIA: Albertosi (Cagliari Calcio); Burgnich (FC Internazionale Milano), Cera (Cagliari Calcio), Rosatto (AC Milan) e Facchetti (FC Internazionale Milano); Bertini (FC Internazionale Milano), depois Juliano (SSC Napoli) aos 74', De Sisti (ACF Fiorentina) e Mazzola (FC Internazionale Milano); Domenghini (Cagliari Calcio), Bonisegna (FC Internazionale Milano), depois Rivera (AC Milan) aos 84' e Riva (Cagliari Calcio).
Técnico: Ferruccio Valcareggi.

Gols: 1x0 Pelé, aos 17'; 1x1 Bonisegna, aos 37';
2x1 Gérson, aos 65'; 3x1 Jairzinho, aos 71';
4x1 Carlos Alberto Torres, aos 88'.

Árbitro: Rudi Glöckner (Alemanha).

Assistentes: Ruedi Scheurer (Suíça);
Norberto Angel Coerezza (Argentina).

Cartão Amarelo: Burgnich; Rivelino.



13 de junho
BRASIL 0x0 IUGOSLÁVIA

Local: Waldstadion, Frankfurt (Alemanha Ocidental).

Público: 59.000 pagantes.

BRASIL: Leão (SE Palmeiras-SP); Nelinho (Cruzeiro EC-MG), Luiz Pereira (SE Palmeiras-SP), Marinho Peres (Santos FC-SP) e Marinho Chagas (Botafogo FR-RJ); Wilson Piazza (Cruzeiro EC-MG), Rivelino (SC Corinthians Paulista-SP) e Paulo César Lima (CR Flamengo-RJ); Valdomiro (SC Internacional-RS), Jairzinho (Botafogo FR-RJ), Leivinha (SE Palmeiras-SP).
Técnico: Mário Jorge Lôbo Zagallo.

IUGOSLÁVIA: Maric (FK Velez Mostar); Bulja (NK Hajduk Split), Hadziabidic (FK Zeljeznicar Sarajevo), Musinic (NK Hajduk Split) e Katalinski (FK Zeljeznicar Sarajevo); Bogicevic (FK Crvena Zvezda), Petkovic (Troyes Aube F-FRA) e Oblak (NK Hajduk Split); Surjak (NK Hajduk Split), Acimovic (FK Crvena Zvezda) e Dzajic (FK Crvena Zvezda).
Técnico: Miljan Miljanic.

Árbitro: Rudolf Scheurer (Suíça).

Assistentes: Louis Pestarino (Argentina); Vital Loraux (Bélgica).

Cartão Amarelo: Oblak; Acimovic.

18 de junho
BRASIL 0x0 ESCÓCIA

Local: Waldstadion, Frankfurt (Alemanha).

Público: 62.000 pagantes.

BRASIL: Leão (SE Palmeiras-SP); Nelinho (Cruzeiro EC-MG), Luiz Pereira (SE Palmeiras-SP), Marinho Peres (Santos FC-SP) e Marinho Chagas (Botafogo FR-RJ); Wilson Piazza (Cruzeiro EC-MG) , Rivelino (SC Corinthians Paulista-SP) e Paulo César Lima (CR Flamengo-RJ); Jairzinho (Botafogo FR-RJ), Mirandinha (São Paulo FC-SP) e Leivinha (SE Palmeiras-SP), depois Paulo César Carpegiani (SC Internacional-RS) aos 65'.
Técnico: Mário Jorge Lôbo Zagallo.

ESCÓCIA: Harvey (Leeds United AFC-ING); McGrain (Celtic FC), Jardine (Rangers FC), Holton (Manchester United FC-ING) e Buchan (Manchester United FC-ING); Billy Bremner (Leeds United AFC-ING), Hay (Celtic FC) e Dalglish (Celtic FC); Morgan (Manchester United FC-ING), Joe Jordan (Leeds United AFC-ING) e Lorimer (Leeds United AFC-ING).
Técnico: William Esplin Ormond.

Árbitro: Arie Van Gemmert (Holanda).

Assistentes: Erich Linemayr (Áustria); Karoly Palotai (Hungria).

Cartão Amarelo: Marinho Peres; Marinho Chagas; Rivelino.

22 de junho
BRASIL 3x0 ZAIRE

Local: Parkstadion, Gelsenkirchen (Alemanha).

Público: 35.000 pagantes.

BRASIL: Leão (SE Palmeiras-SP); Nelinho (Cruzeiro EC-MG), Luiz Pereira (SE Palmeiras-SP), Marinho Peres (Santos FC-SP) e Marinho Chagas (Botafogo FR-RJ); Wilson Piazza (Cruzeiro EC-MG), depois Mirandinha (São Paulo FC-SP) aos 70', Rivelino (SC Corinthians Paulista-SP) e Paulo César Carpegiani (SC Internacional-RS); Jairzinho (Botafogo FR-RJ), Leivinha (SE Palmeiras-SP), depois Valdomiro (SC Internacional-RS) aos 19' e Edu (Santos FC-SP).
Técnico: Mário Jorge Lôbo Zagallo.

ZAIRE: Kazadi (TP Mazembe); Mwepu (TP Mazembe), Mukombo (TP Mazembe), Bwanga (TP Mazembe) e Lobilo (AS Vita Club); Kibonge (AS Vita Club), Tshinabu (TP Mazembe), depois Kembo (AS Vita Club) aos 61' e Mana (CJ Imana); Ntumba (AS Vita Club), Kidumu (CJ Imana), depois Kilasu (FC Bilima) aos 61' e Mayanga (AS Vita Club).
Técnico: Blagoje Vidinic.

Gols: 1x0 Jairzinho, aos 13'; 2x0 Rivelino, aos 67'; 3x0 Valdomiro, aos 79'.

Árbitro: Nicolae Rainea (Romênia).

Assistentes: Klaus Ohmsen (Alemanha Ocidental); Aurélio Angonese (Itália).

Cartão Amarelo: Mirandinha; Mwepu.

26 de junho
BRASIL 1x0 ALEMANHA ORIENTAL

Local: Niedersachsenstadion, Hannover (Alemanha).

Público: 58.463 pagantes.

BRASIL: Leão (SE Palmeiras-SP); Zé Maria (SC Corinthians Paulista-SP), Luiz Pereira (SE Palmeiras-SP), Marinho Peres (Santos FC-SP) e Marinho Chagas (Botafogo FR-RJ); Paulo César Carpegiani (SC Internacional-RS), Rivelino (SC Corinthians Paulista-SP) e Paulo César Lima (CR Flamengo-RJ); Valdomiro (SC Internacional-RS), Jairzinho (Botafogo FR-RJ) e Dirceu (Botafogo FR-RJ).
Técnico: Mário Jorge Lôbo Zagallo.

ALEMANHA ORIENTAL: Croy (FSV Zwickau); Kische (SG Dynamo Dresden), Wäetzlich (SG Dynamo Dresden), Lauck (Berliner FC Dynamo) depois Löwe (FC Lokomotive Leipzig) aos 64' e Bransche (FC Carl Zeiss Jena); Weise (FC Carl Zeiss Jena), Streich (FC Hansa Rostock) e Hamman (FC Viktoria 91), depois Irmischer (FC Carl Zeiss Jena) aos 46'; Sparwasser (FC Magdeburg), Kurbjuweit (FC Carl Zeiss Jena) e Hoffman (FC Magdeburg).
Técnico: Georg Buschner.

Gol: 1x0 Rivelino, aos 61'.

Árbitro: John Thomas (País de Gales).

Assistentes: Tony Boskovic (Austrália); Dogan Babacan (Turquia).

Cartão Amarelo: Jairzinho; Dirceu; Paulo César Carpeggiani; Streich; Hamann.

30 de junho
BRASIL 2x1 ARGENTINA

Local: Niedersachsenstadion, Hannover (Alemanha).

Público: 38.000 pagantes.

BRASIL: Leão (SE Palmeiras-SP); Zé Maria (SC Corinthians Paulista-SP), Luiz Pereira (SE Palmeiras-SP), Marinho Peres (Santos FC-SP) e Marinho Chagas (Botafogo FR-RJ); Paulo César Carpegiani (SC Internacional-RS), Rivelino (SC Corinthians Paulista-SP) e Dirceu (Botafogo FR-RJ); Valdomiro (SC Internacional-RS), Jairzinho (Botafogo FR-RJ) e Paulo César Lima (CR Flamengo-RJ).
Técnico: Mário Jorge Lôbo Zagallo.

ARGENTINA: Carnevali (UD Las Palmas-ESP); Heredia (C Atlético de Madrid-ESP), Bargas (FC Nantes-FRA), Glaría (CA San Lorenzo) e Sá (CA Independiente), depois Carrascosa (CA Huracán) aos 45'; Squeo (Racing Club), Brindisi (CA Huracán) e Babington (CA Huracán); Balbuena (CA Independiente), Ayala (C Atlético de Madrid-ESP) e Kempes (CA Rosário Central), depois Housemann (CA Huracán) aos 45'.
Técnico: Vladislao Cap.

Gols: 1x0 Rivelino, aos 32'; 1x1 Brindisi, aos 34'; 2x1 Jairzinho, aos 54'.

Árbitro: Vital Loraux (Bélgica).

Assistentes: John Taylor (Inglaterra); Birame N'Diaye (Senegal).

Cartão Amarelo: Houseman.

3 de julho
HOLANDA 2x0 BRASIL

Local: Westfalenstadion, Dortmund (Alemanha Ocidental).

Público: 52.500 pagantes.

HOLANDA: Jongbloed (FC Amsterdan); Suurbier (AFC Ajax), Krol (AFC Ajax) e Rijsbergen (Feyenoord); Haan (AFC Ajax), Neeskens (AFC Ajax) depois Israel (Feyenoord) aos 85', Van Hanegem (Feyenoord) e Jansen (Feyenoord); Rep (AFC Ajax), Cruyff (CF Barcelona-ESP) e Resembrink (FC Anderlecht-BEL), depois De Jong (Feyenoord).
Técnico: Rinus Michels.

BRASIL: Leão (SE Palmeiras-SP); Zé Maria (SC Corinthians Paulista-SP), Luiz Pereira (SE Palmeiras-SP), Marinho Peres (Santos FC-SP) e Marinho Chagas (Botafogo FR-RJ); Paulo César Carpegiani (SC Internacional-RS), Rivelino (SC Corinthians Paulista-SP) e Paulo César Lima (CR Flamengo-RJ), depois Mirandinha (São Paulo FC-SP); Valdomiro (SC Internacional-RS), Jairzinho (Botafogo FR-RJ) e Dirceu (Botafogo FR-RJ).
Técnico: Mário Jorge Lôbo Zagallo.

Gols: 1x0 Neeskens, aos 50'; 2x0 Cruijff, aos 65'.

Árbitro: Kurt Tschencher (Alemanha).

Assistentes: Robert Davidson (Escócia); Govinahsamy Suppiah (Singapura).

Cartão Amarelo: Rep, Zé Maria, Luiz Pereira.

Cartão Vermelho: Luiz Pereira, aos 84'.

6 de julho
POLÔNIA 1x0 BRASIL

Local: Estádio Olímpico, Munique (Alemanha).

Público: 74.100 pagantes.

POLÔNIA: Tomaszewski (LKS Lodz); Szymanowski (WKS Slask Wroclaw), Zmuda (WKS Gwardia Warsaw), Gorgon (KS Górnik Zabrze) e Musial (Wisla Krakov SSA); Kasperczak (FKS Stal Mielec), depois Cmikiewicz (CWKS Legia Warszawa) aos 79', Deyna (CWKS Legia Warszawa) e Maszyk (Ruch Chorzów SSA); Lato (FKS Stal Mielec), Szarmach (KS Górnik Zabrze), depois Kapka (Wisla Krakov SSA) aos 73' e Gadocha (CWKS Legia Warszawa).
Técnico: Kazimiersz Gorski.

BRASIL: Leão (SE Palmeiras-SP); Zé Maria (SC Corinthians Paulista-SP), Alfredo (SE Palmeiras-SP), Marinho Peres (Santos FC-SP) e Marinho Chagas (Botafogo FR-RJ); Paulo César Carpegiani (SC Internacional-RS), Ademir da Guia (SE Palmeiras-SP), depois Mirandinha (São Paulo FC-SP) aos 66' e Rivelino (SC Corinthians Paulista-SP); Valdomiro (SC Internacional-RS), Jairzinho (Botafogo FR-RJ) e Dirceu (Botafogo FR-RJ).
Técnico: Mário Jorge Lôbo Zagallo.

Gol: 1x0 Lato, aos 75'.

Árbitro: Aurelio Angonese (Itália).

Assistentes: Birame N'Daye (Senegal); Jaffar Namdar (Iran).

Cartão Amarelo: Kasperczak; Jairzinho.



3 de junho
BRASIL 1x1 SUÉCIA

Local: Estádio Parque Municipal, Mar del Plata (Argentina).

Público: 32.569 pagantes.

BRASIL: Leão (SE Palmeiras-SP); Toninho (CR Flamengo-RJ), Oscar (São Paulo FC-SP), Amaral (SC Corinthians Paulista-SP) e Edinho (Fluminense FC-RJ); Toninho Cerezo (C Atlético Mineiro-MG), depois Dirceu (CR Vasco da Gama-RJ) aos 80', Batista (SC Internacional-RS) e Rivelino (Fluminense FC-RJ); Gil (Botafogo FR-RJ), depois Nelinho (Cruzeiro EC-MG) aos 78', Reinaldo (C Atlético Mineiro-MG) e Zico (CR Flamengo-RJ).
Técnico: Cláudio Pecego de Moraes Coutinho.

SUÉCIA: Hellström (FC Kaiserslautern-ALE); Borg (Malmö FF), Roy Andersson (Malmö FF), Nordqvist (IFK Göteborg) e Erlandsson (Malmö FF); Tapper (Malmö FF), Linderöth (Olympique de Marseille-FRA) e Larsson (FC Schalke 04-ALE), depois Edström (IFK Göteborg) aos 79'; Sjöberg (Malmö FF), Bo Larsson (Malmö FF) e Wendt (FC Kaiserslautern-ALE).
Técnico: Georg Ericsson.

Gols: 1x0 Sjöberg, aos 37'; 1x1 Reinaldo, aos 45'.

Árbitro: John Clive Thomas (País de Gales).

Assistentes: Alojzy Jarguz (Polônia); Jafar Namdar (Irã).

Cartão Amarelo: Oscar; Wendt.

7 de junho
BRASIL 0x0 ESPANHA

Local: Estádio Municipal, Mar del Plata (Argentina).

Público: 34.771 pagantes.

BRASIL: Leão (SE Palmeiras-SP); Nelinho (Cruzeiro EC-MG) depois Gil (Botafogo FR-RJ) aos 69', Oscar (São Paulo FC-SP), Amaral (SC Corinthians Paulista-SP) e Edinho (Fluminense FC-RJ); Batista (SC Internacional-RS), Toninho Cerezo (C Atlético Mineiro-MG) e Dirceu (CR Vasco da Gama-RJ); Toninho (CR Flamengo-RJ), Zico (CR Flamengo-RJ), depois Jorge Mendonça (SE Palmeiras-SP) aos 84' e Reinaldo (C Atlético Mineiro-MG).
Técnico: Cláudio Pecego de Moraes Coutinho.

ESPANHA: Miguel Angel (CF Real Madrid); Uria (R Sporting Gijón), depois Guzmán (C Atlético de Madrid) aos 78', Migueli (CF Barcelona), depois Biosca (Real Bétis) aos 50', Marcelino (C Atlético de Madrid) e Olmo (CF Barcelona); San José (CF Real Madrid), Leal (C Atlético de Madrid) e Asensi (CF Barcelona); Cardenosa (Real Bétis), Juanito (CF Real Madrid) e Santillana (CF Real Madrid).
Técnico: Ladislao Kubala.

Árbitro: Sergio Gonella (Itália).

Assistentes: Abraham Klein (Israel), Arturo Andres Ithurralde (Argentina).

Cartão Amarelo: Leal.

11 de junho
BRASIL 1x0 ÁUSTRIA

Local: Estádio Municipal, Mar del Plata (Argentina).

Público: 35.221 pagantes.

BRASIL: Leão (SE Palmeiras-SP); Toninho (CR Flamengo-RJ), Oscar (São Paulo FC-SP), Amaral (SC Corinthians Paulista-SP) e Rodrigues Neto (Botafogo FR-RJ); Batista (SC Internacional-RS), Toninho Cerezo (C Atlético Mineiro-MG), depois Chicão (São Paulo FC-SP) aos 71' e Dirceu (CR Vasco da Gama-RJ); Gil (Botafogo FR-RJ), Jorge Mendonça (SE Palmeiras-SP), depois Zico (CR Flamengo-RJ) aos 84' e Roberto Dinamite (CR Vasco da Gama-RJ).
Técnico: Cláudio Pecego de Moraes Coutinho.

ÁUSTRIA: Koncilia (FC Wacker Innsbruck); Sara (FK Austria Wien), depois Weber (SK Sturm Graz) aos 61', Pezzey (FC Wacker Innsbruck), Obermayer (FK Austria Wien) e Breitenberger (SK Vöest Linz); Hickersberger (Fortuna Düsseldorf-ALE), Prohaska (FK Austria Wien) e Kreuz (Feyenoord-HOL); Krieger (FC Brügge-BEL) depois Happich (Wiener SC) aos 84', Krankl (SK Rapid Wien) e Jara (MSV Duisburg-ALE).
Técnico: Helmut Senekowitsch.

Gol: 1x0 Roberto Dinamite, aos 40'.

Árbitro: Robert Wurtz (França).

Assistentes: Farouk Bouzo (Síria); Gebre Yesus Tesfaye (Etiópia).

14 de junho
BRASIL 3x0 PERU

Local: Estádio Parque General San Martín, Mendoza (Argentina).

Público: 31.278 pagantes.

BRASIL: Leão (SE Palmeiras-SP); Toninho (CR Flamengo-RJ), Oscar (São Paulo FC-SP), Amaral (SC Corinthians Paulista-SP) e Rodrigues Neto (Botafogo FR-RJ); Batista (SC Internacional-RS), Toninho Cerezo (C Atlético Mineiro-MG), depois Chicão (São Paulo FC-SP) aos 76' e Dirceu (CR Vasco da Gama-RJ); Gil (Botafogo FR-RJ), depois Zico (CR Flamengo-RJ) aos 80', Jorge Mendonça (SE Palmeiras-SP) e Roberto Dinamite (CR Vasco da Gama-RJ).
Técnico: Cláudio Pecego de Moraes Coutinho.

PERU: Quiroga (C Sporting Cristal); Duarte (C Alianza de Lima), Manzo (Deportivo Municipal), Chumpitaz (C Sporting Cristal) e Díaz (C Sporting Cristal), depois Navarro (C Sporting Cristal) aos 11'; Velásquez (C Alianza Lima), Muñante (Pumas UNAM-MEX) e Cueto (C Alianza Lima); La Rosa (C Alianza Lima), Cubillas (C Alianza Lima) e Oblitas (C Sporting Cristal) depois Percy Rojas (C Sporting Cristal) aos 46'.
Técnico: Marcos Medrano Calderón.

Gols: 1x0 Dirceu, aos 14'; 2x0 Dirceu, aos 27'; 3x0 Zico (pênalti), aos 70'.

Árbitro: Nicolae Rainea (Romênia).

Assistentes: Jean Dubach (Suíça); Werner Winsemann (Canadá).

Cartão Amarelo: Velásquez; Roberto Dinamite.

18 de junho
BRASIL 0x0 ARGENTINA

Local: Estádio Gigante Arroyto Cardviola, Rosário (Argentina).

Público: 37.326 pagantes.

BRASIL: Leão (SE Palmeiras-SP); Toninho (CR Flamengo-RJ), Oscar (Ponte Preta-SP), Amaral (SC Corinthians Paulista-SP) e Rodrigues Neto (Botafogo FR-RJ), depois Edinho aos 34'; Chicão (São Paulo FC-SP), Batista (SC Internacional-RS) e Dirceu (CR Vasco da Gama-RJ); Gil (Botafogo FR-RJ), Jorge Mendonça (SE Palmeiras-SP), depois Zico (CR Flamengo-RJ) aos 80' e Roberto Dinamite (CR Vasco da Gama-RJ).
Técnico: Cláudio Pecego de Moraes Coutinho.

ARGENTINA: Fillol (CA River Plate); Olguín (CA San Lorenzo), Galván (C Talleres de Córdoba), Passarella (CA River Plate) e Tarantini (CA Boca Juniors); Gallego (CA Newell's Old Boys), Ardilles (CA Huracán), depois Villa (Racing Club) aos 46' e Kempes (Valencia CF-ESP); Bertoni (CA Independiente), Luque (CA River Plate) e Ortiz (CA San Lorenzo), depois Alonso (CA River Plate) aos 60'.
Técnico: César Luis Menotti.

Árbitro: Karoly Palotai (Hungria).

Assistentes: Erich Linemayr (Áustria); Adolf Prokop (Alemanha).

Cartão Amarelo: Villa; Chicão; Edinho; Zico.

21 de junho
BRASIL 3x1 POLÔNIA

Local: Estádio Parque General San Martín,
Mendoza (Argentina).

Público: 39.586 pagantes.

BRASIL: Leão (SE Palmeiras-SP); Nelinho (Cruzeiro EC-MG), Oscar (São Paulo FC-SP), Amaral (SC Corinthians Paulista-SP) e Toninho (CR Flamengo-RJ); Batista (SC Internacional-RS), Toninho Cerezo (C Atlético Mineiro-MG), depois Rivelino (Fluminense FC-RJ) aos 77' e Dirceu (CR Vasco da Gama-RJ); Gil (Botafogo FR-RJ), Roberto Dinamite (CR Vasco da Gama-RJ) e Zico (CR Flamengo-RJ), depois Jorge Mendonça (SE Palmeiras-SP) aos 7'.
Técnico: Cláudio Pecego de Moraes Coutinho.

POLÔNIA: Kukla (FKS Stal Mielec), Szymanowski (Wisla Kraków SSA), Maculewicz (Wisla Kraków SSA), Zmuda (WKS Slask Wrocla) e Gorgon (KS Górnik Zabrze); Kasperczak (FKS Stal Mielec), depois Lubanski (KSC Lokeren-BEL) aos 64', Deyna (CWKS Legia Warszawa) e Nawalka (Wisla Kraków SSA); Lato (FKS Stal Mielec), Szarmach (FKS Stal Mielec) e Boniek (KS Widzew Łódz).
Técnico: Jacek Wojciech Gmoch.

Gols: 1x0 Nelinho, aos 13'; 1x1 Lato, aos 45'; 2x1 Roberto Dinamite, aos 57'; 3x1 Roberto Dinamite, aos 62'.

Árbitro: Juan Silvagno Cavanna (Chile).

Assistentes: Anatoly Ivanov (União Soviética); Alfonso González Archundia (México).

Cartão Amarelo: Jorge Mendonça; Toninho Cerezo.

24 de junho
BRASIL 2x1 ITÁLIA

Local: Estádio Monumental de Nuñez,
Buenos Aires (Argentina).

Público: 69.659 pagantes.

BRASIL: Leão (SE Palmeiras-SP); Nelinho (Cruzeiro EC-MG), Oscar (Ponte Preta-SP), Amaral (SC Corinthians Paulista-SP) e Rodrigues Neto (Botafogo FR-RJ); Batista (SC Internacional-RS), Toninho Cerezo (C Atlético Mineiro-MG), depois Rivelino (Fluminense FC-RJ) aos 64' e Dirceu (CR Vasco da Gama-RJ); Gil (Botafogo FR-RJ), depois Reinaldo (C Atlético Mineiro-MG) aos 46', Jorge Mendonça (SE Palmeiras-SP) e Roberto Dinamite (CR Vasco da Gama-RJ).
Técnico: Cláudio Pecego de Moraes Coutinho.

ITÁLIA: Zoff (Juventus FC); Gentile (Juventus FC), Scirea (Juventus FC), Cuccureddu (Juventus FC) e Cabrini (Juventus FC); Patrizio Sala (Torino FC), Antognoni (AFC Fiorentina), depois Claudio Sala (Torino FC) aos 78' e Aldo Maldera (AC Milan); Causio (Juventus FC), Paolo Rossi (Lanerossi RV) e Bettega (Juventus FC).
Técnico: Enzo Bearzot.

Gols: 1x0 Causio, aos 38'; 1x1 Nelinho, aos 64'; 2x1 Dirceu, aos 71'.

Árbitro: Abraham Klein (Israel).

Assistentes: Alfonso González Archundia (México), Károly Palotái (Hungria).

Cartão Amarelo: Nelinho, Batista, Gentile.

1982



14 de junho
BRASIL 2x1 UNIÃO SOVIÉTICA

Local: Estádio Ramón Sanchez Pizjuán,
Sevilha (Espanha).

Público: 68.000 pagantes.

BRASIL: Waldir Peres (São Paulo FC-SP); Leandro (CR Flamengo-RJ), Oscar (São Paulo FC-SP), Luizinho (C Atlético Mineiro-MG) e Júnior (CR Flamengo-RJ); Falcão (AS Roma-ITA), Sócrates (SC Corinthians Paulista-SP), Zico (CR Flamengo-RJ) e Dirceu (C Atlético de Madrid-ESP), depois Paulo Isidoro (Grêmio FBPA-RS) aos 46'; Serginho (São Paulo FC-SP) e Éder (C Atlético Mineiro-MG).
Técnico: Telê Santana da Silva.

UNIÃO SOVIÉTICA: Dasayev (FC Spartak Moscow); Sulakvelidze (FC Dynamo Tbilisi), Chivadze (FC Dynamo Tbilisi), Baltacha (FC Dynamo Kyiv) e Demianenko (FC Dynamo Kyiv); Shengeliya (FC Dynamo Tbilisi), Bessonov (FC Dynamo Kyiv) e Gavrilov (FC Spartak Moscow), depois Suslopanov (FC Tropedo Moscow) aos 46'; Bal (FC Dynamo Kyiv), Vitaly (FC Dynamo Tbilisi) e Blokhin (FC Dynamo Kyiv).
Técnico: Konstantin Ivanovich Beskov.

Gols: 1x0 Bal, aos 34'; 1x1 Sócrates, aos 74'; 2x1 Éder, aos 87'.

Árbitro: Augusto Lamo Castillo (Espanha).

Assistentes: Victoriano Sánchez Arminio (Espanha); Jose Luis Garcia Carrion (Espanha).

18 de junho
BRASIL 4x1 ESCÓCIA

Local: Estádio Benito Villamarin,
Sevilha (Espanha).

Público: 47.379 pagantes.

BRASIL: Waldir Peres (São Paulo FC-SP); Leandro (CR Flamengo-RJ), Oscar (São Paulo FC-SP), Luizinho (C Atlético Mineiro-MG) e Júnior (CR Flamengo-RJ); Toninho Cerezo (C Atlético Mineiro-MG), Falcão (AS Roma-ITA) e Zico (CR Flamengo-RJ); Serginho (São Paulo FC-SP), depois Paulo Isidoro (Grêmio FBPA-RS) aos 70', Sócrates (SC Corinthians Paulista-SP) e Éder (C Atlético Mineiro-MG).
Técnico: Telê Santana da Silva.

ESCÓCIA: Rough (Partick Thistle FC); Narey (Dundee United FC), Hansen (Liverpool FC-ING), Gray (Leeds United FC-ING) e Miller (Aberdeen FC); Hartford (Manchester City FC-ING), depois McLeish (Aberdeen FC) aos 63', Wark (Ipswich Town FC-ING) e Souness (Liverpool FC-ING); Archibald (Tottenham Hotspur FC-ING), Strachan (Aberdeen FC), depois Dalglish (Liverpool FC-ING) aos 68' e Robertson (Nottingham Forest FC-ING).
Técnico: Jock Stein.

Gols: 1x0 Narey, aos 18'; 1x1 Zico, aos 33'; 2x1 Oscar, aos 48'; 3x1 Éder, aos 64'; 4x1 Falcão, aos 86'.

Árbitro: Jesús Luis Paulino Siles (Costa Rica).

Assistentes: Thomson Tam Sun Chan (Hong-Kong), Adolf Prokop (Alemanha).

23 de junho
BRASIL 4x0 NOVA ZELÂNDIA

Local: Estádio Benito Villamarin, Sevilha (Espanha).

Público: 43.000 pagantes.

BRASIL: Waldir Peres (São Paulo FC-SP); Leandro (CR Flamengo-RJ), Oscar (São Paulo FC-SP), depois Edinho (Fluminense FC-RJ) aos 75', Luizinho (C Atlético Mineiro-MG) e Júnior (CR Flamengo-RJ); Toninho Cerezo (C Atlético Mineiro-MG), Falcão (AS Roma-ITA), Sócrates (SC Corinthians Paulista-SP) e Zico (CR Flamengo-RJ); Serginho (São Paulo FC-SP), depois Paulo Isidoro (Grêmio FBPA-RS) aos 75' e Éder (C Atlético Mineiro-MG).
Técnico: Telê Santana da Silva.

NOVA ZELÂNDIA: Van Hattum (Manurewa AFC); Dodds (Adelaide City FC-AUS), Herbert (Mt Wellington AFC), Almond (Invercargill Thistle AFC) e Elrick (North Shore United AFC); Boath (West Adelaide SC-AUS), Summer (West Adelaide SC-AUS) e McKay (Gisborne City FC); Creswell (Gisborne City FC) depois Turner (Gisborne City FC) aos 77', Rufer (FC Zürich-SUI), depois Cole (North Shore United AFC) aos 77' e Wooddin (South Melbourne FC-AUS).
Técnico: John Adshead.

Gols: 1x0 Zico, aos 29'; 2x0 Zico, aos 31'; 3x0 Falcão, aos 55'; 4x0 Serginho, aos 70'.

Árbitro: Damar Matovinovic (Iugoslávia).

Assistentes: Abraham Klein (Israel); Charles Corver (Holanda).

2 de julho
BRASIL 3x1 ARGENTINA

Local: Estádio Parque do Sarriá, Barcelona (Espanha).

Público: 44.000 pagantes.

BRASIL: Waldir Peres (São Paulo FC-SP); Leandro (CR Flamengo-RJ), depois Edevaldo (SC Internacional-RS) aos 82', Oscar (São Paulo FC-SP), Luizinho (C Atlético Mineiro-MG) e Júnior (CR Flamengo-RJ); Toninho Cerezo (C Atlético Mineiro-MG), Falcão (AS Roma-ITA) e Zico (CR Flamengo-RJ), depois Batista (Grêmio FBPA-RS) aos 80'; Sócrates (SC Corinthians Paulista-SP), Serginho (São Paulo FC-SP) e Éder (C Atlético Mineiro-MG).
Técnico: Telê Santana da Silva

ARGENTINA: Fillol (CA River Plate); Olguín (CA Independiente), Galván (CA Talleres de Córdoba), Passarella (CA River Plate) e Tarantini (CA Boca Juniors); Barbas (Racing Club), Ardilles (Tottenham Hotspur FC-ING) e Calderón (CA Independiente); Bertoni (CA Independiente), depois Santamaría (CA Newell's Old Boys) aos 65', Kempes (Valencia CF-ESP), depois Ramón Díaz (CA River Plate) aos 46' e Maradona (CA Boca Juniors).
Técnico: César Luis Menotti.

Gols: 1x0 Zico, aos 11'; 2x0 Serginho, aos 66'; 3x0 Júnior, aos 73'; 3x1 Ramón Díaz, aos 69'.

Árbitro: Mario Rubio Vasquez (México).

Assistentes: Gilberto Aristizábal Múrcia (Colômbia), Gastón Edmundo Castro Makuc (Chile).

Cartão Amarelo: Passarella; Waldir Peres; Falcão.

Cartão Vermelho: Diego Maradona, aos 85'.

5 de julho
ITÁLIA 3x2 BRASIL

Local: Estádio Sarriá, Barcelona (Espanha).

Público: 44.000 pagantes.

ITÁLIA: Zoff (Juventus FC); Gentile (Juventus FC), Scirea (Juventus FC), Collovatti (AC Milan), depois Bergomi (FC Internazionale Milano) aos 34' e Cabrini (Juventus ITA); Tardelli (Juventus FC), depois Marini (FC Internazionale Milano) aos 75', Antognoni (AFC Fiorentina) e Orialli (FC Internazionale Milano); Conti (AS Roma), Paolo Rossi (Juventus FC) e Graziani (AFC Fiorentina).
Técnico: Enzo Bearzot.

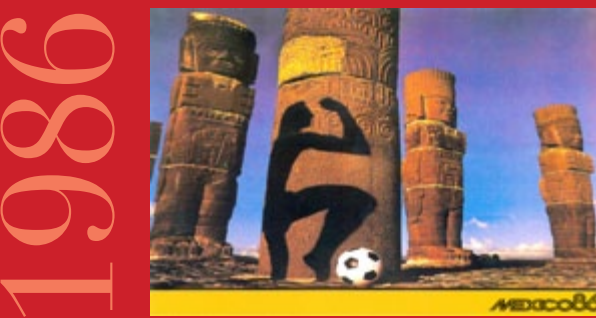
BRASIL: Waldir Peres (São Paulo FC-SP); Leandro (CR Flamengo-RJ); Oscar (São Paulo FC-SP); Luizinho (C Atlético Mineiro-MG) e Júnior (CR Flamengo-RJ); Toninho Cerezo (C Atlético Mineiro-MG), Falcão (AS Roma-ITA), Zico (CR Flamengo-RJ) e Sócrates (SC Corinthians Paulista-SP); Serginho (São Paulo FC-SP), depois Paulo Isidoro (Grêmio FBPA-RS) aos 69' e Éder (C Atlético Mineiro-MG).
Técnico: Telê Santana da Silva.

Gols: 1x0 Paolo Rossi, aos 5'; 1x1 Sócrates, aos 12'; 2x1 Paolo Rossi, aos 25'; 2x2 Falcão, aos 68'; 3x2 Paolo Rossi, aos 75'.

Árbitro: Abraham Klein (Israel).

Assistentes: Thomson Tam Sun Chan (Hong-Kong); Bogdan Dotchev (Bulgária).

Cartão Amarelo: Gentile; Orialli.



1 de junho
BRASIL 1x0 ESPANHA

Local: Estádio Jalisco, Guadalajara (México).

Público: 35.748 pagantes.

BRASIL: Carlos (SC Corinthians Paulista-SP); Édson Boaro (SC Corinthians Paulista-SP), Júlio César (Guarani FC-SP), Edinho (Udinese Calcio-ITA) e Branco (Fluminense FC-RJ); Alemão (Botafogo FR-RJ), Elzo (C Atlético Mineiro-MG), Júnior (Torino FC-ITA), depois Falcão (São Paulo FC-SP) aos 79' e Sócrates (CR Flamengo-RJ); Careca (São Paulo FC-SP) e Casagrande (SC Corinthians Paulista-SP), depois Müller (São Paulo FC-SP) aos 66'.
Técnico: Telê Santana da Silva.

ESPANHA: Zubizarreta (Athletic C Bilbao); Tomás (C Atlético de Madrid), Victor (CF Barcelona), Goicoetxea (Athletic C Bilbao) e Camacho (CF Real Madrid); Maceda (R Sporting Gijón), Michel (CF Real Madrid-ESP) e Francisco (Sevilla FC), depois Señor (Real Zaragoza SAD) aos 82'; Butragueño (CF Real Madrid), Julio Alberto (CF Barcelona) e Julio Salinas (C Atlético de Madrid).
Técnico: Miguel Muñoz Mozún.

Gol: 1x0 Sócrates, aos 63'.

Árbitro: Christopher Bambridge (Austrália).

Assistentes: David Socha (Estados Unidos); Johannes Nicolaus Ignacius Keizer (Holanda).

Cartão Amarelo: Júlio Alberto; Branco.

6 de junho
BRASIL 1x0 ARGÉLIA

Local: Estádio Jalisco, Guadalajara (México).

Público: 48.000 pagantes.

BRASIL: Carlos (SC Corinthians Paulista-SP); Édson Boaro (SC Corinthians Paulista-SP), depois Falcão (São Paulo FC-SP) aos 11', Júlio César (Guarani FC-SP), Edinho (Udinese Calcio-ITA) e Branco (Fluminense FC-RJ); Alemão (Botafogo FR-RJ), Elzo (C Atlético Mineiro-MG), Sócrates (CR Flamengo-RJ) e Júnior (Torino FC-ITA); Careca (São Paulo FC-SP) e Casagrande (SC Corinthians Paulista-SP), depois Müller (São Paulo FC-SP) aos 60'.
Técnico: Telê Santana da Silva.

ARGÉLIA: Drid (MP Oran); Liegeon (AS Monaco FC-FRA), Kaci-Said (RS Kouba), Megharia (ASO Chelf) e Mansouri (Montpellier HSC-FRA); Guendouz (JS El Biar), Salah (FC Mulhouse-FRA), depois Bensaoula (MP Oran) aos 67', Ben Mabrouk (RC Paris-FRA) e Menad (JE Tizi-Ouzou); Belloumi (GCR Mascara), depois Zidane (KRC Genk-BEL) aos 80' e Madjer (FC Porto-POR).
Técnico: Rabah Saâdane.

Gol: 1x0 Careca, aos 67'.

Árbitro: Romulo Méndez Molina (Guatemala).

Assistentes: Jose Luis Martínez Bazán (Uruguai); Joel Quiniou (França).

12 de junho
BRASIL 3x0 IRLANDA DO NORTE

Local: Estádio Jalisco, Guadalajara (México).

Público: 51.000 pagantes.

BRASIL: Carlos (SC Corinthians Paulista-SP); Josimar (Botafogo FR-RJ), Júlio César (Guarani FC-SP), Edinho (Udinese Calcio-ITA) e Branco (Fluminense FC-RJ); Alemão (Botafogo FR-RJ), Elzo (C Atlético Mineiro-MG), Sócrates (CR Flamengo-RJ), depois Zico (CR Flamengo-RJ) aos 68' e Júnior (Torino FC-ITA); Müller (São Paulo FC-SP), depois Casagrande (SC Corinthians Paulista-SP) aos 28' e Careca (São Paulo FC-SP).
Técnico: Telê Santana da Silva.

IRLANDA DO NORTE: Pat Jennings (Tottenham Hotspur FC-ING); Nicholl (Rangers FC-ESC), McDonald (Queens Park Rangers-ING), O'Neill (Norwich City FC-ING) e Donaghy (Manchester United FC-ING); Campbell (Notts County FC-ING), depois Armstrong (Chesterfield FC-ING) aos 67', McIlroy (Manchester City FC-ING), McCreery (Newcastle United FC-ING) e Stewart (Newcastle United FC-ING); Clarke (AFC Bournemouth-ING) e Whiteside (Manchester United FC-ING), depois Hamilton (Oxford United FC-ING) aos 71'.
Técnico: William Laurence Bingham.

Gols: 1x0 Careca, aos 15'; 2x0 Josimar, aos 41'; 3x0 Careca, aos 87'.

Árbitro: Sigfried Kirschen (Alemanha Oriental).

Assistentes: Idrissa Traore (Mali); George Courtney (Inglaterra).

Cartão Amarelo: Donaghy.

16 de junho
BRASIL 4x0 POLÔNIA

Local: Estádio Jalisco, Guadalajara (México).

Público: 45.000 pagantes.

BRASIL: Carlos (SC Corinthians Paulista-SP); Josimar (Botafogo FR-RJ), Júlio César (Guarani FC-SP), Edinho (Udinese Calcio-ITA) e Branco (Fluminense FC-RJ); Alemão (Botafogo FR-RJ), Elzo (C Atlético Mineiro-MG), Sócrates (CR Flamengo-RJ), depois Zico (CR Flamengo-RJ) aos 70' e Júnior (Torino FC-ITA); Müller (São Paulo FC-SP), depois Silas (São Paulo FC-SP) aos 74' e Careca (São Paulo FC-SP).
Técnico: Telê Santana da Silva.

POLÔNIA: Mlynarczyk (FC Porto-POR); Wojcicki (RTS Widzew Łódź), Przybys (RTS Widzew Łódź) depois Furtok (GKS Katowice) aos 39', Majewski (FC Kaiserslautern-ALE) e Ostrowski (MKS Pogon Szczecin); Tarasiewicz (WKS Slisk Wroclaw), Karas (CWKS Legia Warszawa), Urban (KS Górnik Zabrze) depois Zmuda (US Cremonese-ITA) aos 82' e Dziekanowski (CWKS Legia Warszawa); Boniek (AS Roma) e Smolarek (RTS Widzew Łódź).
Técnico: Antoni Krzysztof Piechniczek.

Gols: 1x0 Sócrates (pênalti), aos 30'; 2x0 Josimar, aos 55'; 3x0 Edinho, aos 79', 4x0 Careca (pênalti), aos 83'.

Árbitro: Volker Roth (Alemanha Ocidental).

Assistentes: Antonio Márquez Ramírez (México); Alan Snoddy (Irlanda do Norte).

Cartão Amarelo: Dziekanowski; Boniek; Smolarek; Careca, Edinho.

21 de junho
BRASIL (3) 1x1 (4) FRANÇA

Local: Estádio Jalisco, Guadalajara (México).

Público: 65.000 pagantes.

BRASIL: Carlos (SC Corinthians Paulista-SP); Josimar (Botafogo FR-RJ), Júlio César (Guarani FC-SP), Edinho (Udinese Calcio-ITA) e Branco (Fluminense FC-RJ); Alemão (Botafogo FR-RJ), Elzo (C Atlético Mineiro-MG), Sócrates (CR Flamengo-RJ) e Júnior (Torino FC-ITA) depois Silas (São Paulo FC-SP) aos 91'; Müller (São Paulo FC-SP) depois Zico (CR Flamengo-RJ) aos 71' e Careca (São Paulo FC-SP).
Técnico: Telê Santana da Silva.

FRANÇA: Bats (Paris Saint-Germain FC); Amoros (AS Monaco), Tusseau (Racing C Paris), Battiston (FC Girondins de Bordeaux) e Bossis (Racing C Paris); Giresse (FC Girondins de Bordeaux), depois Ferreri (FC Girondins de Bordeaux) aos 87', Platini (Juventus FC-ITA), Fernandez (Paris Saint Germain FC) e Rocheteau (Paris Saint Germain FC), depois Bellone (AS Monaco) aos 99'; Tigana (FC Girondins de Bordeaux) e Stopyra (Toulouse FC).
Técnico: Henri Michel.

Gols: 1x0 Careca, aos 18'; 1x1 Platini, aos 42'.

Disputa de Pênaltis: Sócrates (perdeu); Stopyra (0x1); Alemão (1x1); Amoros (1x2); Zico (2x2); Bellone (2x3); Branco (3x3); Platini (perdeu); Júlio César (perdeu) e Fernandez (3x4).

Árbitro: Ioan Igna (Romênia).

Assistentes: Lajos Németh (Hungria); Vojtech Christov (Tchecoslováquia).



10 de junho
BRASIL 2x1 SUÉCIA

Local: Estádio Delle Alpi, Turim (Itália).

Público: 62.628 pagantes.

BRASIL: Taffarel (SC Internacional-RS); Mozer (Olympique Marselha-FRA), Ricardo Gomes (SL Benfica-POR) e Mauro Galvão (Botafogo FR-RJ); Jorginho (Bayer Leverkusen-ALE), Dunga (AFC Fiorentina-ITA), Alemão (SSC Napoli-ITA), Valdo (SL Benfica-POR), depois Silas (Sporting CP-POR) aos 83' e Branco (FC Porto-POR); Careca (SSC Napoli-ITA) e Müller (Torino FC-ITA). Técnico: Sebastião Barroso Lazaroni.

SUÉCIA: Ravelli (IFK Göteborg); Roland Nilsson (Sheffield Wednesday FC-ING), Larsson (AFC Ajax-HOL) e Ljüng (BSC Young Boys-SUI) depois Strömberg (Atalanta BC-ITA) aos 71'; Schwarz (Malmö FF), Ingesson (IFK Göteborg), Limpar (US Cremonese-ITA), Thern (SL Benfica-POR) e Joachim Nilsson (Malmö FF); Brolin (IFK Norrköping) e Magnusson (SL Benfica-POR), depois Pettersson (AFC Ajax-HOL) aos 46'. Técnico: Olle Nordin.

Gols: 1x0 Careca, aos 40'; 2x0 Careca, aos 64'; 3x0 Brolin, aos 79'.

Árbitro: Tulio Lanese (Itália).

Assistentes: Michel Vautrot (França); Neji Jouini (Tunísia).

Cartão Amarelo: Mozer; Branco; Joachim Nilsson; Dunga.

16 de junho
BRASIL 1x0 COSTA RICA

Local: Estádio delle Alpi, Turim (Itália).

Público: 58.007 pagantes.

BRASIL: Taffarel (SC Internacional-RS); Mozer (Olympique Marselha-FRA), Ricardo Gomes (SL Benfica-POR) e Mauro Galvão (Botafogo FR-RJ); Jorginho (Bayer Leverkusen-ALE), Dunga (AFC Fiorentina-ITA), Alemão (SSC Napoli-ITA), Valdo (SL Benfica-POR), depois Silas (Sporting CP-POR) aos 85' e Branco (FC Porto-POR); Careca (SSC Napoli-ITA), depois Bebeto (CR Vasco da Gama-RJ) aos 83' e Müller (Torino FC-ITA). Técnico: Sebastião Barroso Lazaroni.

COSTA RICA: Conejo (CS Cartaginés); Marchena (CS Cartaginés), González (C Deportivo Saprissa), Montero (CLD Alajuense) e Chávez (CLD Alajuense); Flores (C Deportivo Saprissa), Chavarria (CD Herediano), Ramírez (CLD Alajuense) e Jara (CD Herediano), depois Mayers (AD Limonense) aos 70'; Gómez (CS Cartaginés) e Cayasso (C Deportivo Saprissa), depois Alexandre Guimarães (C Deportivo Saprissa) aos 77'. Técnico: Velibor Bora Milutinovic.

Gol: 1x0 Müller, aos 32'.

Árbitro: Naji Jouini (Tunísia).

Assistentes: Jean Fidele Diramba (Gabão); Jassim Mandi Abdul Rahman (Bharein).

Cartão Amarelo: Jara; Gómez; Jorginho; Mozer.

19 de junho
BRASIL 1x0 ESCÓCIA

Local: Estádio delle Alpi, Turim (Itália).

Público: 62.502 pagantes.

BRASIL: Taffarel (SC Internacional-RS); Ricardo Rocha (São Paulo FC-SP), Ricardo Gomes (SL Benfica-POR) e Mauro Galvão (Botafogo FR-RJ); Jorginho (Bayer Leverkusen-ALE), Dunga (AFC Fiorentina-ITA), Alemão (SSC Napoli-ITA), Valdo (SL Benfica-POR) e Branco (FC Porto-POR); Careca (SSC Napoli-ITA) e Romário (PSV Eindhoven-HOL); depois Müller (Torino FC-ITA) aos 65'. Técnico: Sebastião Barroso Lazaroni.

ESCÓCIA: Leighton (Manchester United FC-ING); McKimmie (Aberdeen FC), McPherson (Heart of Midlothian FC), McLeish (Aberdeen FC) e Malpas (Dundee United FC); Aitken (Newcastle United FC-ING), McLeod (BV Borussia Dortmund-ALE); depois Gillespie (Liverpool FC-ING) aos 39', McStay (Celtic FC) e McCall (Everton FC-ING); McCoist (Rangers FC); depois Fleck (Norwich City-ING) aos 78' e Mo Johnstone (Rangers FC).

Técnico: Andy Roxburgh.

Gol: 1x0 Müller, aos 82'.

Árbitro: Helmut Kohl (Alemanha).

Assistentes: Michal Listkiewicz (Polônia); Siegfried Kirschen (Alemanha).

Cartão Amarelo: Mo Johnstone; McLeod.

24 de junho
ARGENTINA 1x0 BRASIL

Local: Estádio delle Alpi, Turim (Itália).

Público: 61.381 pagantes.

ARGENTINA: Goycochea (CD Los Millonarios-COL); Simon (CA Boca Juniors), Ruggeri (CF Real Madrid-ESP), Monzón (CA Independiente) e Olarticochea (Racing Club); Giusti (CA Independiente), Basualdo (vfb Stuttgart-ALE), Burruchaga (FC Nabtes-FRA) e Maradona (SSC Napoli-ITA); Troglio (SS Lazio-ITA), depois Calderón (Paris Saint Germain FC-FRA) aos 63' e Caniggia (Atalanta BC-ITA). Técnico: Carlos Salvador Bilardo.

BRASIL: Taffarel (SC Internacional-RS); Ricardo Rocha (São Paulo FC-SP), Mauro Galvão (Botafogo FR-RJ) depois Silas (Sporting CP-POR) aos 83' e Ricardo Gomes (Benfica-POR); Jorginho (FC Bayern München-ALE), Dunga (AFC Fiorentina-ITA), Alemão (SSC Napoli-ITA) depois Renato Gaúcho (CR Flamengo-RJ) aos 83', Valdo (SL Benfica-POR) e Branco (FC Porto-POR); Careca (SSC Napoli-ITA) e Müller (Torino FC-ITA). Técnico: Sebastião Barroso Lazaroni.

Gol: 1x0 Caniggia, aos 81'.

Árbitro: Joel Quiniou (França).

Assistentes: Alexey Spirim (Rússia), Pierluigi Pairetto (Itália).

Cartão Amarelo: Monzón; Giusti; Ricardo Rocha; Mauro Galvão; Goycochea.

Cartão Vermelho: Ricardo Gomes, aos 83'.

1994



20 de junho
BRASIL 2x0 RÚSSIA

Local: Estádio Stanford, San Francisco (EUA).

Público: 81.061 pagantes.

BRASIL: Taffarel (AC Reggiana 1919-ITA); Jorginho (FC Bayern München-ALE), Ricardo Rocha (CR Vasco da Gama-RJ), depois Aldair (AS Roma-ITA) aos 75', Márcio Santos (FC Girondins Bordeaux-FRA) e Leonardo (São Paulo FC-SP); Mauro Silva (RC Deportivo-ESP), Dunga (VfB Stuttgart-ALE), depois Mazinho (SE Palmeiras-SP) aos 85', Raí (Paris Saint-Germain FC-FRA) e Zinho (SE Palmeiras-SP); Bebeto (RC Deportivo-ESP) e Romário (FC Barcelona-ESP).
Técnico: Carlos Alberto Gomes Parreira.

RÚSSIA: Kharine (Chelsea FC-ING); Gorlukovich (KFC Uerdingen 05-ALE), Nikoforov (FK Spartak Moscow), Ternawski (FK Spartak Moscow) e Kuznetsov (RCD Espanyol-ESP); Khlestov (FK Spartak Moscow), Karpin (FK Spartak Moscow), Piatnitski (FK Spartak Moscow) e Tsymbalar (Chelsea FC-ING); Radchenko (R Racing C Santander-ESP), depois Borodiuk (SC Freiburg-ALE) aos 77' e Yuran (SL Benfica-POR), depois Salenko (Valencia CF-ESP) aos 55'.
Técnico: Pavel Fyodorovich Sadyrin.

Gols: 1x0 Romário, aos 26'; 2x0 Raí (pênalti), aos 52'.

Árbitro: Na-Yan Lim Kee Chong (Ilhas Maurício).

Assistentes: El Jilali Mohamed Rharib (Marrocos), Domenico Ramicone (Itália).

4º árbitro: Fabio Baldas (Itália).

Cartão Amarelo: Nikoforov; Khlestov; Kuznetsov.

24 de junho
BRASIL 3x0 CAMARÕES

Local: Estádio Stanford, San Francisco (EUA).

Público: 83.401 pagantes.

BRASIL: Taffarel (AC Reggiana 1919-ITA); Jorginho (FC Bayern München-ALE), Aldair (AS Roma-ITA), Márcio Santos (FC Girondins Bordeaux-FRA) e Leonardo (São Paulo FC-SP); Mauro Silva (RC Deportivo-ESP), Dunga (VfB Stuttgart-ALE), Raí (Paris Saint-Germain FC-FRA), depois Müller (São Paulo FC-SP) aos 82' e Zinho (SE Palmeiras-SP), depois Paulo Sérgio (Bayer Leverkusen-ALE) aos 75'; Bebeto (RC Deportivo-ESP) e Romário (FC Barcelona-ESP).
Técnico: Carlos Alberto Gomes Parreira.

CAMARÕES: Bell (AS Saint-Étienne-FRA); Tataw (Olympic Mvolýé), Agbo (Olympic Mvolýé), Song (Tonnerre Yaoundé) e Kalla (Canon Yaoundé); Foé (Canon Yaoundé), Libiih (OC Medine-RAU), Mbouh (Nadi Qatar-QAT) e Mfede (Canon Yaoundé), depois Maboang (Rio Ave FC-POR) aos 72'; Oman-Biyik (Racing C Lens-FRA) e Embé (CF Bellenenses-POR), depois Milla (Tonnerre Yaoundé) aos 63'.
Técnico: Henri Michel.

Gols: 1x0 Romário, aos 39'; 2x0 Márcio Santos, aos 66'; 3x0 Bebeto, aos 73'.

Árbitro: Arturo Brizio Carter (México).

Assistentes: Douglas Micael James (Trinidad & Tobago), Carl-Johan Meyer Christensen (Dinamarca).

4º Árbitro: Peter Mikkelsen (Dinamarca).

Cartão Amarelo: Tataw; Kalla; Mauro Silva.
Cartão Vermelho: Song, aos 63'.

28 de junho
BRASIL 1x1 SUÉCIA

Local: Estádio Pontiac Silverdome, Detroit (EUA).

Público: 77.217 pagantes.

BRASIL: Taffarel (AC Reggiana 1919-ITA); Jorginho (FC Bayern München-ALE), Aldair (AS Roma-ITA), Márcio Santos (FC Girondin Bordeaux-FRA) e Leonardo (São Paulo FC-SP), Mauro Silva (RC Deportivo-ESP), depois Mazinho (SE Palmeiras-SP) aos 46', Dunga (VfB Stuttgart-ALE), Raí (Paris Saint-Germain FC-FRA), depois Paulo Sérgio (Bayer Leverkusen-ALE) aos 83' e Zinho (SE Palmeiras-SP); Bebeto (RC Deportivo-ESP) e Romário (FC Barcelona-ESP).
Técnico: Carlos Alberto Gomes Parreira.

SUÉCIA: Ravelli (IFK Göteborg); Roland Nilsson (Helsingborgs IF), Patrik Andersson (Borussia Mönchengladbach-ALE), Kamark (IFK Göteborg) e Ljüng (Galatasaray SK-TUR); Schwarz (SL Benfica-POR), depois Mild (Servette FC-SUI) aos 75', Ingesson (PSV Eindhoven-HOL), Thern (SSC Napoli-ITA) e Brolin (AC Parma-ITA); Larsson (Feyenoord-HOL), depois Blomqvist (IFK Göteborg) aos 64' e Kennet Andersson (Lille OSC-FRA).
Técnico: Thomas Svensson.

Gols: 1x0 Kennet Andersson, aos 23'; 1x1 Romário, aos 47'.

Árbitro: Sandor Puhl (Hungria).

Assistentes: Sandor Marton (Hungria); Luc Matthys (Bélgica).

4º Árbitro: Manuel Díaz Vega (Espanha).

Cartão Amarelo: Aldair; Mild.

4 de julho
BRASIL 1x0 ESTADOS UNIDOS

Local: Estádio Stanford, San Francisco (EUA).

Público: 84.147 pagantes.

BRASIL: Taffarel (AC Reggiana 1919-ITA); Jorginho (FC Bayern München-ALE), Aldair (AS Roma-ITA), Márcio Santos (FC Girondin Bordeaux-FRA) e Leonardo (Kashima Antlers-JAP); Mauro Silva (RC Deportivo-ESP), Dunga (VfB Stuttgart-ALE), Mazinho (SE Palmeiras-SP) e Zinho (SE Palmeiras-SP), depois Cafu (São Paulo FC-SP) aos 46'; Bebeto (RC Deportivo-ESP) e Romário (FC Barcelona-ESP).
Técnico: Carlos Alberto Gomes Parreira.

ESTADOS UNIDOS: Tony Meola (US Soccer Federation); Clavijo (US Soccer Federation), Balboa (US Soccer Federation), Lalas (US Soccer Federation) e Caligiuri (US Soccer Federation); Dooley (Bayer Leverkusen-ALE), Tab Ramos (Real Betis-ESP), depois Wynalda (VfL Bochum-ALE) aos 46', Sorber (US Soccer Federation) e Pérez (US Soccer Federation), depois Wegerle (Coventry City FC-ING) aos 66'; Cobi Jones (Coventry City FC-ING) e Stewart (Willem II-HOL).
Técnico: Velibor Bora Milutinovic.

Gol: 1x0 Bebeto, aos 72'.

Árbitro: Joel Quiniou (França).

Assistentes: Park Hae-Yong (Coreia do Sul); Bo Jonas Hil Karlsson (Suécia).

4º Árbitro: Mikael Erik Everstig (Suécia).

Cartão Amarelo: Mazinho, Jorginho; Tab Ramos; Caligiuri; Clavijo; Dooley.
Cartão Vermelho: Leonardo 43' e Fernando Clavijo 85'.

9 de julho
BRASIL 3x2 HOLANDA

Local: Estádio Cotton Bowl,Dallas (EUA).

Público: 63.500 pagantes.

BRASIL: Taffarel (AC Reggiana 1919-ITA); Jorginho (FC Bayern München-ALE), Aldair (AS Roma-ITA), Márcio Santos (FC Girondin Bordeaux-FRA) e Branco (Fluminense FC-RJ), depois Cafu (São Paulo FC-SP) aos 90'; Mauro Silva (RC Deportivo-ESP), Dunga (VfB Stuttgart-ALE), Mazinho (SE Palmeiras-SP), depois Raí (Paris Saint-Germain FC-FRA) aos 80' e Zinho (SE Palmeiras-SP); Bebeto (RC Deportivo-ESP) e Romário (FC Barcelona-ESP).
Técnico: Carlos Alberto Gomes Parreira.

HOLANDA: De Goeij (Feyenoord); Koeman (CF Barcelona), Valckx (Sporting CP-POR) e Wouters (PSV Eindhoven); Winter (SS Lazio-ITA), Rijkaard (AFC Ajax) depois Ronald De Boer (AFC Ajax) aos 64', Jonk (FC Internazionale Milano-ITA) e Witschge (Feyenoord); Overmars (AFC Ajax), Bergkamp (FC Internazionale Milano-ITA) e Van Vossen (AFC Ajax) depois Roy (US Foggia-ITA) aos 54'.
Técnico: Dick Advocaat.

Gols: 1x0 Romário, aos 51'; 2x0 Bebeto, aos 62'; 2x1 Bergkamp, aos 64'; 2x2 Winter, aos 76'; 3x2 Branco 80'.

Árbitro: Rodrigo Badilla Sequeira (Costa Rica).

Assistentes: Yousif Abdulla Al Ghattan (Bahrein); Davoud Fanaei (Iran).

4º Árbitro: Francisco Oscar Lamolina (Argentina).

Cartão Amarelo: Winter; Dunga; Wouters.

13 de julho
BRASIL 1x0 SUÉCIA

Local: Estádio Rose Bowl, Pasadena (USA).

Público: 91.856 pagantes.

BRASIL: Taffarel (AC Reggiana 1919-ITA); Jorginho (FC Bayern München-ALE), Aldair (AS Roma-ITA), Márcio Santos (FC Girondin Bordeaux-FRA) e Branco (Fluminense FC-RJ); Mauro Silva (RC Deportivo-ESP), Dunga (VfB Stuttgart-ALE), Mazinho (SE Palmeiras-SP), depois Raí (Paris Saint-Germain FC-FRA) aos 46' e Zinho (SE Palmeiras-SP); Bebeto (RC Deportivo-ESP) e Romário (FC Barcelona-ESP).
Técnico: Carlos Alberto Gomes Parreira.

SUÉCIA: Ravelli (IFK Göteborg); Roland Nilsson (Helsingborgs IF), Patrik Andersson (Borussia Mönchengladbach-ALE), Bjorkblund Kamark (IFK Göteborg) e Ljüng (Galatasaray SK-TUR), depois Mild (Servette FC-SUI) aos 75', Ingesson (PSV Eindhoven-HOL), Thern (SSC Napoli-ITA) e Brolin (AC Parma-ITA); Dahlin (Borussia Mönchengladbach-ALE), depois Rehn (IFK Göteborg) aos 67' e Kennet Andersson (Lille OSC-FRA).
Técnico: Thomas Svensson.

Gol: 1x0 Romário, aos 80'.

Árbitro: Jose Joaquim Torres Cadena (Colômbia).

Assistentes: Sandor Marton (Hungria); Luc Matthys (Bélgica).

4º Árbitro: Francisco Oscar Lamolina (Argentina).

Cartão Amarelo: Zinho; Ljung; Brolin.
Cartão Vermelho: Thern, aos 63'.

17 de julho
BRASIL (3) 0x0 (2) ITÁLIA

Local: Estádio Rose Bowl, Pasadena (USA).

Público: 94.194 pagantes.

BRASIL: Taffarel (AC Reggiana 1919-ITA); Jorginho (FC Bayern München-ALE) depois Cafu (AS Roma-ITA) aos 21', Aldair (AS Roma-ITA), Márcio Santos (FC Girondin Bordeaux-FRA) e Branco (Fluminense FC-RJ); Mauro Silva (RC Deportivo-ESP), Dunga (VfB Stuttgart-ALE), Mazinho (SE Palmeiras-SP) e Zinho (SE Palmeiras-SP), depois Viola (SC Corinthians Paulista-SP) aos 106'; Bebeto (RC Deportivo-ESP) e Romário (FC Barcelona-ESP).
Técnico: Carlos Alberto Gomes Parreira.

ITÁLIA: Pagliuca (UC Sampdoria); Benarrivo (Parma FC), Mussi (Torino FC) depois Apolloni (Parma FC) aos 34', Baresi (AC Milan) e Maldini (AC Milan); Albertini (AC Milan), Dino Baggio (Juventus FC), depois Evani (UC Sampdoria) aos 95', Berti (FC Internazionale Milano) e Donadoni (AC Milan); Baggio (Juventus FC) e Massaro (AC Milan).
Técnico: Arrigo Sacchi.

Pênaltis: Franco Baresi (perdeu), Márcio Santos (perdeu), Demetrio Albertini (1x0), Romário (1x1), Evani (2x1), Branco (2x2), Massaro (perdeu), Dunga (3x2) , Roberto Baggio (perdeu).

Árbitro: Sandor Puhl (Hungria).

Assistentes: Venancio Concepción Zárate (Paraguai); Davoud Fanaei (Iran).

4º Árbitro: Francisco Oscar Lamolina (Argentina).

Cartão Amarelo: Mazinho; Apolloni; Albertini; Cafu.



10 de junho
BRASIL 2x1 ESCÓCIA

Local: Stade de France Saint-Denis, Paris (França).

Público: 80.000 pagantes.

BRASIL: Taffarel (C Atlético Mineiro-MG); Cafu (AS Roma-ITA), Aldair (AS Roma-ITA), Júnior Baiano (CR Flamengo-RJ) e Roberto Carlos (CF Real Madrid-ESP); César Sampaio (Yokohama Flügels-JAP), Giovanni (FC Barcelona-ESP), depois Leonardo (AC Milan-ITA) aos 46', Dunga (Jubilo Iwata-JAP) e Rivaldo (FC Barcelona-ESP); Ronaldo (FC Internazionale Milano-ITA) e Bebeto (Botafogo FR-RJ), depois Denílson (São Paulo FC-SP) aos 70'.
Técnico: Mário Jorge Lôbo Zagallo.

ESCÓCIA: Leighton (Aberdeen FC); Calderwood (Tottenham Hotspur FC-ING), Hendry (Blackburn Rovers FC-ING) e Boyd (Celtic FC); Burley (Celtic FC), Lambert (Celtic FC), Jackson (Celtic FC), depois Mckinlay (Blackburn Rovers FC-ING) aos 79', Collins (AS Monaco-FRA) e Dailly (Derby County FC-ING), depois McKinley (Celtic FC) aos 85'; Durie (Rangers FC) e Gallacher (Blackburn Rovers FC-ING).
Técnico: Craig Brown.

Gols: 1x0 César Sampaio, aos 5'; 1x1 Collins (pênalti), aos 38'; 2x1 Boyd (contra) aos 74'.

Árbitro: José Maria Garcia Aranda (Espanha).

Assistentes: Fernando Tresaco Gracia (Espanha); Jorge Luis Arango (Colômbia).

4º Árbitro: Gamal Ghandour (Egito).

Cartão Amarelo: Jackson; César Sampaio; Aldair.

16 de junho
BRASIL 3x0 MARROCOS

Local: Sttade de La Beaujoire, Nantes (França).

Público: 33.266 pagantes.

BRASIL: Taffarel (C Atlético Mineiro-MG); Cafu (AS Roma-ITA), Aldair (AS Roma-ITA), Júnior Baiano (CR Flamengo-RJ) e Roberto Carlos (CF Real Madrid-ESP); César Sampaio (Yokohama Flügels-JAP), depois Doriva (FC Porto-POR) aos 68', Dunga (Jubilo Iwata-JAP), Leonardo (AC Milan-ITA) e Rivaldo (FC Barcelona-ESP) depois Denílson (São Paulo FC-SP) aos 87'; Bebeto (Botafogo FR-RJ), depois Edmundo (AFC Fiorentina-ITA) aos 72' e Ronaldo (FC Internazionale Milano-ITA). Técnico: Mário Jorge Lôbo Zagallo.

MARROCOS: Benzekri (RS Settat); Saber (Sporting CP-POR), depois Abrami (Widdad Casablanca) aos 76', Rossi (Stade Rennais FC-FRA), Naybet (RC Deportivo-ESP) e El Hadrioui (SL Benfica-POR); Chippe (FC Porto-POR), El Khalej (SL Benfica-POR), Chiba (SD Compostel-ESP), depois Amzine (FC Mulhouse-FRA) aos 76' e Hadji (RC Deportivo-ESP); Hadda (Club Africain-TUN), depois El Khattabi (SC Heerenveen-HOL) aos 88' e Bassir (RC Deportivo-ESP). Técnico: Henri Michel.

Gols: 1x0 Ronaldo, aos 9'; 2x0 Rivaldo, aos 47'; 3x0 Bebeto, aos 50'.

Árbitro: Nikolai Vladislavovich Levnikov (Rússia); Mark Warren (Inglaterra).

Assistente: Yuri Dupanov (Bielorrússia)

4° Árbitro: Paul Anthony Durkin (Inglaterra).

Cartão Amarelo: Hadda; César Sampaio; Chiba; Júnior Baiano.

23 de junho
NORUEGA 2x1 BRASIL

Local: Stade Vélodrome, Marseilles (França).

Público: 55.000 pagantes.

NORUEGA: Grodas (Tottenham Hotspur FC-ING); Berg (Manchester United FC-ING), Bjernebye (Liverpool FC-ING), Heggem (Rosenborg BK) e Johnsen (Manchester United FC-ING); Havard Flo (Werder Bremen-ALE), depois Solksjaer (Manchester United FC-ING) aos 68', Leonhardsen (Liverpool FC-ING), Rekdal (Hertha BSC Berlin-ALE) e Riseth (LASK Linz-AUS), depois Jostein Flo (Stromsgodset IF) aos 78'; Strand (Rosenborg BK), depois Mykland (Panathinaikos FC-GRE) aos 46' e Tore André Flo (Chelsea FC-ING). Técnico: Egil Olsen.

BRASIL: Taffarel (C Atlético Mineiro-MG); Cafu (AS Roma-ITA), Gonçalves (Botafogo FR-RJ), Júnior Baiano (CR Flamengo-RJ) e Roberto Carlos (CF Real Madrid-ESP); Dunga (Jubilo Iwata-JAP), Leonardo (AC Milan-ITA), Bebeto (Botafogo FR-RJ) e Rivaldo (FC Barcelona-ESP); Ronaldo (FC Internazionale Milano-ITA) e Denílson (São Paulo FC-SP). Técnico: Mário Jorge Lôbo Zagallo.

Gols: 1x0 Bebeto, aos 77'; 1x1 Tore André Flo, aos 82'; 2x1 Rekdal (pênalti), aos 89'.

Árbitro: Esfandiar Baharmast (Estados Unidos).

Assistentes: Gennaro Mazzei (Itália); Dramane Dante (Mali).

4° Árbitro: Arturo Brizio Carter (México).

Cartão Amarelo: Leonhardsen; Tore Andre Flo.

27 de junho
BRASIL 4x1 CHILE

Local: Stade Parc des Princes, Paris (França).

Público: 45.500 pagantes.

BRASIL: Taffarel (C Atlético Mineiro-MG); Cafu (AS Roma-ITA), Aldair (AS Roma-ITA), depois Gonçalves (Botafogo FR-RJ) aos 78', Júnior Baiano (CR Flamengo-RJ) e Roberto Carlos (CF Real Madrid-ESP); César Sampaio (Yokohama Flügels-JAP), Dunga (Jubilo Iwata-JAP), Leonardo (AC Milan-ITA) e Rivaldo (FC Barcelona-ESP); Bebeto (Botafogo FR-RJ), depois Denílson (São Paulo FC-SP) aos 65' e Ronaldo (FC Internazionale Milano-ITA). Técnico: Mário Jorge Lôbo Zagallo.

CHILE: Tapia (CD Universidad Católica); Margas (CD Universidad Católica), Fuentes (CF Universidad de Chile) e Reyes (CSD Colo Colo); Aros (CF Universidad de Chile), Ramírez (CD Universidad Católica), depois Veja (NY/NJ MetroStars-USA) aos 46', Sierra (CSD Colo Colo), depois Estay (Deportivo Toluca FC-MEX) aos 46', Acuña (CF Universidad de Chile), depois Mussri (CF Universidad de Chile) aos 80' e Cornejo (CD Universidad Católica); Marcelo Salas (CA River Plate-ARG) e Zamorano (FC Internazionale Milano-ITA). Técnico: Nelson Acosta.

Gols: 1x0 César Sampaio, aos 11'; 2x0 César Sampaio, aos 26'; 3x0 Ronaldo (pênalti), aos 47'; 3x1 Marcelo Salas, aos 68'; 4x1 Ronaldo, aos 70'.

Árbitro: Marc Batta (França).

Assistentes: Jacques Poudevigne (França); Owen Powell (Jamaica).

4° Árbitro: Pirom Anprasert (Tailândia).

Cartão Amarelo: Fuentes; Tapia; Leonardo; Cafu.

3 de julho
BRASIL 3x2 DINAMARCA

Local: Stade de La Beaujoire, Nantes (França).

Público: 39.500 pagantes.

BRASIL: Taffarel (C Atlético Mineiro-MG); Cafu (AS Roma-ITA), Aldair (AS Roma-ITA), Júnior Baiano (CR Flamengo-RJ) e Roberto Carlos (CF Real Madrid-ESP); César Sampaio (Yokohama Flügels-JAP), Dunga (Jubilo Iwata-JAP), Leonardo (AC Milan-ITA), depois Emerson (Bayer Leverkusen-ALE) aos 72' e Rivaldo (FC Barcelona-ESP), depois Zé Roberto (CR Flamengo-RJ) aos 87'; Bebeto (Botafogo FR-RJ), depois Denílson (São Paulo FC-SP) aos 64' e Ronaldo (FC Internazionale Milano-ITA). Técnico: Mário Jorge Lôbo Zagallo.

DINAMARCA: Schmeichel (Manchester United FC-ING); Colding (Brondby IF), Rieper (Celtic FC-ESC), Högh (Fenerbahçe SK-TUR) e Heintze (Bayer Leverkusen-ALE); Jørgensen (Udinese Calcio-ITA), Helveg (Udinese Calcio-ITA), depois Schjönberg (FC Kaiserlautern-ALE) aos 87', Michael Laudrup (AFC Ajax-HOL) e Nielsen (Tottenham Hotspur FC-ING), depois Tøfting (MSV Duisburg-ALE) aos 46'; Möller (PSV Eindhoven-HOL), depois Sand (Brondby IF) aos 66' e Brian Laudrup (Rangers FC-ESC). Técnico: Bo Johansson (Suécia).

Gols: 0x1 Jørgensen, aos 2'; 1x1 Bebeto, aos 11'; 2x1 Rivaldo, aos 27'; 2x2 Brian Laudrup, aos 50'; 3x2 Rivaldo, aos 61'.

Árbitro: Mohammed Gamal Ghandour (Egito).

Assistentes: Mohamed MANSRI (Tunísia); Dramane Dant e (Mali).

4° Árbitro: Ali Mohamad Bujsaim (Emirados Árabes).

Cartão Amarelo: Roberto Carlos; Helveg; Aldair; Colding; Tøfting; Cafu.

7 de julho
BRASIL (4) 1x1 (2) HOLANDA

Local: Stade Vélodrome, Marseilles (França).

Público: 54.000 pagantes.

BRASIL: Taffarel (C Atlético Mineiro-MG); Zé Carlos (São Paulo FC-SP), Aldair (AS Roma-ITA), Júnior Baiano (CR Flamengo-RJ) e Roberto Carlos (CF Real Madrid-ESP); César Sampaio (Yokohama Flügels-JAP), Dunga (Jubilo Iwata-JAP), Leonardo (AC Milan-ITA), depois Emerson (Bayer Leverkusen-ALE) aos 85' e Rivaldo (FC Barcelona-ESP); Bebeto (Botafogo FR-RJ), depois Denílson (São Paulo FC-SP) aos 70' e Ronaldo (FC Internazionale Milano-ITA).
Técnico: Mário Jorge Lôbo Zagallo.

HOLANDA: Van der Sar (AFC Ajax); Reiziger (CF Barcelona-ESP), depois Winter (FC Internazionale Milano-ITA) aos 56', Jaap Stam (PSV Eindhoven) e Frank de Boer (AFC Ajax); Ronald de Boer (AFC Ajax), Jonk (PSV Eindhoven) depois Seedorf (CF Real Madrid-ESP) aos 111', Davids (Juventus FC-ITA) e Cocu (PSV Eindhoven); Bergkamp (Arsenal FC-ING), Kluivert (AC Milan-ITA)e Zenden (PSV Eindhoven) depois Van Hooijdonk (Nottingham Forest FC-ING) aos 75'.
Técnico: Guus Hiddink.

Gols: 1x0 Ronaldo, aos 46'; 1x1 Kluivert, aos 87'.

Pênaltis: Ronaldo (1x0), Frank de Boer (1x1), Rivaldo (2x1), Bergkamp (2x2), Emerson (3x2), Cocu (perdeu), Dunga (4x2), Ronald de Boer (perdeu).

Árbitro: Ali Mohamad Bujsaim (Emirados Árabes).

Assistentes: Hussain Ghadanfari (Kuwait); Mohamed Al Musawi (Omã).

4° Árbitro: Abdul Rahman Al-Zeid (Arábia Saudita).

Cartão Amarelo: Zé Carlos; César Sampaio; Reiziger; Davids; Van Hooijdonk; Seedorf.

12 de julho
BRASIL 0x3 FRANÇA

Local: Grand Stade de France Saint Denis, Paris (França).

Público: 80.000 pagantes.

BRASIL: Taffarel (C Atlético Mineiro-MG), Cafu (AS Roma-ITA), Júnior Baiano (CR Flamengo-RJ), Aldair (AS Roma-ITA) e Roberto Carlos (CF Real Madrid-ESP); César Sampaio (Yokohama Flügels-JAP), depois Edmundo (AFC Fiorentina-ITA) aos 74', Dunga (Jubilo Iwata-JAP), Leonardo (AC Milan-ITA), depois Denílson (São Paulo FC-SP) aos 46' e Rivaldo (FC Barcelona-ESP); Bebeto (Botafogo FR-RJ) e Ronaldo (FC Internazionale Milano-ITA).
Técnico: Mário Jorge Lôbo Zagallo.

FRANÇA: Barthez (AS Monaco); Thuram (Parma FC-ITA), Leboeuf (Chelsea FC-ING), Desailly (AC Milan-ITA) e Lizarazu (FC Bayern München-ALE); Deschamps (Juventus FC-ITA), Karembeu (CF Real Madrid-ESP), depois Boghossian (UC Sampdoria-ITA) aos 58', Petit (Arsenal FC-ING) e Zidane (Juventus FC-ITA); Djorkaeff (FC Internazionale Milano-ITA), depois Vieira (Arsenal FC-ING) aos 76' e Guivarc'h (AJ Auxerre) depois Dugarry (Olympique Marseille) aos 66'.
Técnico: Aimé Jacquet.

Gols: 1x0 Zidane, aos 28'; 2x0 Zidane, aos 46'; 3x0 Petit, aos 93'.

Árbitro: Saïd Belqola (Marrocos).

Assistentes: Mark Warren (Inglaterra); Achmat Salie (África do Sul).

4° Árbitro: Abdul Rahman Al-Zeid (Arábia Saudita).

Cartão Amarelo: Júnior Baiano; Deschamps; Desailly; Karembeu.
Cartão Vermelho: Desailly, aos 68'.

2002



3 de junho
BRASIL 2x1 TURQUIA

Local: Munsu Aid Stadium, Ulsan (Coreia do Sul).

Público: 33.842 pagantes.

BRASIL: Marcos (SE Palmeiras-SP); Lúcio (Bayer Leverkusen-ALE), Roque Júnior (AC Milan-ITA) e Edmilson (Olimpique Lyonnais-FRA); Cafu (AS Roma-ITA), Gilberto Silva (C Atlético Mineiro-MG), Juninho Paulista (CR Flamengo-RJ), depois Vampeta (SC Corinthians Paulista-SP) aos 71', Ronaldinho Gaúcho (Paris Saint-Germain FC-FRA) depois Denílson (Bétis-ESP) aos 67' e Roberto Carlos (CF Real Madrid-ESP); Rivaldo (FC Barcelona-ESP) e Ronaldo (FC Internazionale Milano-ITA), depois Luizão (Grêmio FBPA-RS) aos 73'.
Técnico: Luiz Felipe Scolari.

TURQUIA: Reçber (Fenerbahçe SK); Korkmaz (Galatasaray SK), depois Mansiz (Besiktas JK) aos 65', Akyel (Fenerbahçe SK) e Özat (Fenerbahçe SK); Özalan (Aston Villa FC-ING), Kerimoglu (Blackburn Rovers FC-ING), Ünsal (Blackburn Rovers FC-ING), Belozoglu (FC Internazionale Milano-ITA) e Bastürk (Bayer Leverkusen-ALE), depois Davala (AC Milan-ITA) aos 65'; Sas (Galatasaray SK) e Sukür (Parma FC-ITA).
Técnico: Senol Günes.

Gols: 0x1 Hasan Sas, aos 45'; 1x1 Ronaldo, aos 59'; e 2x1 Rivaldo (pênalti), aos 86'.

Árbitro: Kim Yong-Joo (Coreia do Sul).

Assistentes: Visva Krishnan (Singapura); Vladimir Fernandez (El Salvador).

4° Árbitro: Vitor Melo Pereira (Portugal).

Cartão Amarelo: Akyel; Ünsal; Özalan; Denílson.

Cartão Vermelho: Özalan, aos 86'; Ünsal, aos 94'.

8 de junho
BRASIL 4x0 CHINA

Local: Jeju World Cup Stadium, Seogwipo (Coreia do Sul).

Público: 36.750 pagantes.

BRASIL: Marcos (SE Palmeiras-SP); Lúcio (Bayer Leverkusen-ALE), Roque Júnior (AC Milan-ITA) e Anderson Polga (Grêmio FBPA-RS); Cafu (AS Roma-ITA), Gilberto Silva (C Atlético Mineiro-MG), Juninho Paulista (CR Flamengo-RJ), depois Ricardinho (SC Corinthians Paulista-SP) aos 70', Ronaldinho Gaúcho (Paris Saint-Germain FC-FRA), depois Denílson (Bétis-ESP) aos 46' e Roberto Carlos (CF Real Madrid-ESP); Rivaldo (FC Barcelona-ESP) e Ronaldo (FC Internazionale Milano-ITA), depois Edílson (Cruzeiro EC-MG) aos 71'.
Técnico: Luiz Felipe Scolari.

CHINA: Jiang Jin (Tianjin Teda FC); Xu Yanlong (Beijing Guoan FC), Du Wei (Shanghai Shenhua FC) e Li Weifeng (Shenzhen Shangqingyin FC); Wu Chengyang (Shanghai Shenhua U FC), Li Tie (Liaoning FC), Li Xiaopeng (Shandong Luneng T FC), Zhao Junzhe (Liaoning FC) e Qi Hong (Shanghai Zhongyuan Huili), depois Shao Jiayi (Beijing Guoan FC) aos 65'; Ma Mingyu (Sichuan Guancheng FC) depois Yong Pu (Beijing Guoan FC) aos 61' e Hao Haidong (Dalian Haichang FC), depois Qu Bo (Qingdao Jonoon FC) aos 75'.
Técnico: Velibor Bora Milutinovic.

Gols: 1x0 Roberto Carlos, aos 14'; 2x0 Rivaldo, aos 31'; 3x0 Ronaldinho Gaúcho (pênalti), aos 44'; 4x0 Ronaldo, aos 54'.

Árbitro: Anders Frisk (Suécia).

Assistentes: Leif Lindberg (Suécia); Bommer Fierro (Equador).

4° Árbitro: Ali Bujsaim (Emirados Árabes).

Cartão Amarelo: Ronaldinho Gaúcho; Roque Júnior.

13 de junho
BRASIL 5x2 COSTA RICA

Local: Suwon World Cup Stadium, (Coreia do Sul).

Público: 38.524 pagantes.

BRASIL: Marcos (SE Palmeiras-SP); Lúcio (Bayer Leverkusen-ALE), Anderson Polga (Grêmio FBPA-RS) e Edmílson (Olimpique Lyonnais-FRA); Cafu (AS Roma-ITA), Gilberto Silva (C Atlético Mineiro-MG), Juninho Paulista (CR Flamengo-RJ), depois Ricardinho (SC Corinthians Paulista-SP) aos 60', Rivaldo (FC Barcelona-ESP), depois Kaká (São Paulo FC-SP) aos 71' e Júnior (Parma-ITA); Edílson (Cruzeiro EC-MG), depois Kleberson (C Atlético Paranaense-PR) aos 57' e Ronaldo (FC Internazionale Milano-ITA).
Técnico: Luiz Felipe Scolari.

COSTA RICA: Lonnis (CD Saprissa); Wright (CS Herediano), Marín (LD Alajuelense), Martínez (CD Saprissa), depois Parks (Udinese Calcio-ITA) aos 73' e Wallace (LD Alajuelense), depois Bryce (LD Alajuelense) aos 46'; Solís (LD Alajuelense), depois Fonseca (LD Alajuelense) aos 67', López (LD Alajuelense), Castro (LD Alajuelense) e Centeno (CD Saprissa); Gómez (OFI Crete-GRE) e Wanchope (Manchester City FC-ING).
Técnico: Alexandre Guimarães.

Gols: 1x0 Ronaldo, aos 10'; 2x0 Ronaldo, aos 12'; 3x0 Edmílson, aos 38'; 3x1 Wanchope, aos 39'; 3x2 Gómez, aos 56'; 4x2 Rivaldo, aos 62'; 5x2 Júnior, aos 63'.

Árbitro: Gamal El-Ghandour (Egito).

Assistentes: Wagih Faraga (Egito); Egon Bereuter (Áustria).

4º Árbitro: Lubos Michel (Eslováquia).

Cartão Amarelo: Cafu.

17 de junho

17 de junho
BRASIL 2x1 INGLATERRA

Local: Shizuoka Stadium Ekopa, Shizuoka (Japão).

Público: 47.436 pagantes.

BRASIL: Marcos (SE Palmeiras-SP); Lúcio (Bayer Leverkusen-ALE), Roque Júnior (SE Palmeiras-SP) e Edmílson (Olimpique Lyonnais-FRA); Cafu (AS Roma-ITA), Gilberto Silva (C Atlético Mineiro-MG), Kleberson (C Atlético Paranaense-PR), Ronaldinho Gaúcho (Paris Saint-Germain FC-FRA) e Roberto Carlos (CF Real Madrid-ESP); Rivaldo (FC Barcelona-ESP) e Ronaldo (FC Internazionale Milano-ITA), depois Edílson (Cruzeiro EC-MG) aos 69'.
Técnico: Luiz Felipe Scolari.

INGLATERRA: Seaman (Arsenal FC); Mills (Leeds United FC), Rio Ferdinand (Leeds United FC), Campbell (Arsenal FC) e Cole (Arsenal FC), depois Sheringham (Tottenham Hotspur FC) aos 79'; Butt (Manchester United FC), Beckham (Manchester United FC), Scholes (Manchester United FC) e Sinclair (West Ham United FC), depois Dyer (Newcastle United FC) aos 55'; Owen (Liverpool FC), depois Vassell (Aston Villa FC) aos 78' e Heskey (Liverpool FC).
Técnico: Sven Goran Eriksson.

Gols: 0x1 Michael Owen, aos 22'; 1x1 Rivaldo, aos 45' e 2x1 Ronaldinho Gaúcho, aos 50'.

Árbitro: Felipe Ramos Rizo (México).

Assistentes: Héctor Vergara (Canadá); Mohamed Saeed (Moldávia).

4º Árbitro: Ali Bujisaim.

Cartão Amarelo: Scholes, Rio Ferdinand.
Cartão Vermelho: Ronaldinho Gaúcho aos 57'.

26 de junho
BRASIL 1x0 TURQUIA

Local: Saitama Stadium (Japão).

Público: 61.058 pagantes.

BRASIL: Marcos (SE Palmeiras-SP); Lúcio (Bayer Leverkusen-ALE), Roque Júnior (SE Palmeiras-SP) e Edmílson (Olimpique Lyonnais-FRA); Cafu (AS Roma-ITA), Gilberto Silva (C Atlético Mineiro-MG), Kleberson (C Atlético Paranaense-PR), depois Beletti (São Paulo FC-SP) aos 85', Rivaldo (FC Barcelona-ESP) e Roberto Carlos (CF Real Madrid-ESP); Edílson (Cruzeiro EC-MG), depois Denílson (Bétis-ESP) aos 74' e Ronaldo (FC Internazionale Milano-ITA), depois Luizão (Grêmio FBPA-RS) aos 69'.
Técnico: Luiz Felipe Scolari.

TURQUIA: Reçber (Fenerbahçe SK), Korkmaz (Galatasaray SK), Akyel (Fenerbahçe SK), Kerimoglu (Blackburn Rovers FC-ING) e Özalan (Aston Villa FC-ING); Penbe (Galatasaray SK), Davala (AC Milan-ITA), depois Izzet (Leicester City FC-ING) aos 73', Belozoglu (FC Internazionale Milano-ITA) depois Mansiz (Besiktas JK) aos 61' e Bastürk (Bayer Leverkusen-ALE), depois Erdem (Galatasaray SK) aos 87'; Sas (Galatasaray SK) e Sukür (Parma FC-ITA).
Técnico: Senol Günes.

Gol: 1x0 Ronaldo, aos 48'.

Árbitro: Kim Milton-Nielsen (Dinamarca).

Assistentes: Maciej Wierzbowski (Polônia); Igor Sramka (Eslováquia).

4º Árbitro: Brian Hall (Estados Unidos).

Cartão Amarelo: Gilberto Silva; Kerimoglu; Sas.

30 de junho
BRASIL 2x0 ALEMANHA

Local: International Yokohama Stadium,
Yokohama (Japão).

Público: 69.029 pagantes.

BRASIL: Marcos (SE Palmeiras-SP); Lúcio (Bayer
Leverkusen-ALE), Roque Júnior (SE Palmeiras-SP)
e Edmílson (Olympique Lyonnais-FRA) ; Cafu (AS Roma-
ITA), Gilberto Silva (C Atlético Mineiro-MG), Kleber-
son (C Atlético Paranaense-PR), Ronaldinho Gaúcho (Paris
Saint-Germain FC-FRA), depois Juninho Paulista (CR
Flamengo-RJ) aos 84’ e Roberto Carlos (CF Real Madrid-
ESP); Ronaldo (FC Internazionale Milano-ITA), depois
Denílson (Bétis-ESP) aos 89’ e Rivaldo (FC Barcelona-
ESP).

Técnico: Luiz Felipe Scolari.

ALEMANHA: Kahn (FC Bayern München); Linke
(FC Bayern München), Ramelow (Bayer Leverkusen)
e Metzelder (BV Borussia Dortmund); Frings (SV Werder
Bremen), Schneider (Bayer Leverkusen), Hamann
(Liverpool FC-ING), Jeremies (FC Bayern München),
depois Asamoah (FC Schalke-04) aos 76’ e Marco Bode
(SV Werder Bremen), depois Ziege (Tottenham Hotspur
FC-ING) aos 83’; Oliver Neuville (Bayer Leverkusen)
e Miroslav Klose (FC Kaiserslautern), depois Bierhoff
(AS Monaco-FRA) aos 73’.

Técnico: Rudi Völler.

Gols: 1x0 Ronaldo, aos 67; 2x0 Ronaldo, aos 77’.

Árbitro: Pierluigi Collina (Itália).

Assistentes: Leif Lindberg (Suécia);
Philip Sharp (Inglaterra).

4º Árbitro: Hugh Dallas (Escócia).

Cartão Amarelo: Roque Júnior; Klose.



13 de junho
BRASIL 1x0 CROÁCIA

Local: Estádio Olímpico de Berlim, (Alemanha).

BRASIL: Dida (AC Milan-ITA); Cafu (AC Milan-ITA), Lúcio
(Bayern München-ALE), Juan (Bayer Leverkusen-ALE)
e Roberto Carlos (CF Real Madrid-ESP); Emerson
(Juventus-ITA), Zé Roberto (FC Bayern München-
ALE), Kaká (AC Milan-ITA) e Ronaldinho Gaúcho (FC
Barcelona-ESP); Adriano (FC Internazionale Milano-ITA)
e Ronaldo (CF Real Madrid-ESP) depois Robinho (CF
Real Madrid-ESP) aos 68’.

Técnico: Carlos Alberto Gomes Parreira.

CROÁCIA: SPletikosa (HNK Hajduk Split); Simunic
(Hertha BSC Berlin-ALE), Robert Kovac (Juventus FC-
ITA), Simic (AC Milan-ITA); Srna (FC Shakhtar Donetsk-
UKR), Tudor (AC Siena-ITA), Niko Kovac (Hertha BSC
Berlin-ALE), depois Leko (FC Dynamo Kyiv-UKR)
aos 40’, Kranjcar (HNK Hajduk Split), Babic (Bayer
Leverkusen-ALE); Prso (Rangers FC-ESC) e Klasnic
(SV Werder Bremen-ALE), depois Olic (CSKA Moscow-
RUS) aos 55’.

Técnico: Zlatko Kranjcar

Gol: 1x0 Kaká, aos 43’.

Árbitro: Benito Archundia Tellez (México).

Assistentes: Jose Ramírez (México);
Hector Vergara (Canadá).

4º Árbitro: Mohamed Guezzaz (Marrocos).

Cartão Amarelo: Niko Kovac; Emerson; Robert Kovac;
Igor Tudor.

18 de junho
BRASIL 2x0 AUSTRÁLIA

Local: FIFA World Cup Stadium, Munique (Alemanha).

BRASIL: Dida (AC Milan-ITA); Cafu (AC Milan-ITA), Lúcio
(Bayern München-ALE), Juan (Bayer Leverkusen-ALE)
e Roberto Carlos (CF Real Madrid-ESP); Emerson
(Juventus-ITA), depois Gilberto Silva (Arsenal FC-ING)
aos 71’, Zé Roberto (FC Bayern München-ALE), Kaká
(AC Milan-ITA) e Ronaldinho Gaúcho (FC Barcelona-
ESP); Adriano (FC Internazionale Milano-ITA), depois
Fred (Olympique Lyonnais-FRA) aos 87’ e Ronaldo
(CF Real Madrid-ESP), depois Robinho (CF Real Madrid-
ESP) aos 71’.

Técnico: Carlos Alberto Gomes Parreira.

AUSTRÁLIA: Schwarzer (Middlesbrough FC-ING);
Sterjovski (FC Basel-SUI), Neill (Blackburn Rovers FC-
ING), Moore (Newcastle United FC-ING), depois Aloisi
(Deportivo Alavés-ESP) aos 68’, Chipperfield (FC Basel-
SUI), Culina (PSV Eindhoven-HOL), Emerton (Blackburn
Rovers FC-ING), Grella (Parma FC-ITA), Popovic (Crystal
Palace FC-ING), depois Bresciano (Parma FC-ITA) aos
40’; Cahill (Everton FC-ING), depois Kewell (Liverpool
FC-ING) aos 45’, Viduka (Middlesbrough FC-ING).

Técnico: Guus Hiddink.

Gols: 1x0 Adriano, aos 48’; 2x0 Fred, aos 90’.

Árbitro: Merk Markus (Alemanha).

Assistentes: Christian Schraer (Alemanha);
Jan-Hendrik Salver (Alemanha).

4º Árbitro: Marco Antonio Rodríguez Moreno (México).

Cartão Amarelo: Emerton; Cafu; Ronaldo; Culina;
Robinho.

22 de junho
BRASIL 4x1 JAPÃO

Local: FIFA World Cup Stadium, Dortmund (Alemanha).

BRASIL: Dida (AC Milan-ITA), depois Rogério Ceni
(São Paulo FC-SP) aos 81’; Cicinho (CF Real
Madrid-ESP), Lúcio (Bayern München-ALE), Juan
(Bayer Leverkusen-ALE) e Gilberto (Herta Berlim-
ALE); Gilberto Silva (Arsenal FC-ING), Juninho
Pernambucano (Olympique Lyonnais-FRA), Kaká (AC
Milan-ITA), depois Zé Roberto (FC Bayern München-
ALE) aos 71’ e Ronaldinho Gaúcho (FC Barcelona-
ESP), depois Ricardinho (SC Corinthians Paulista-SP)
aos 71’; Robinho (CF Real Madrid-ESP) e Ronaldo (CF
Real Madrid-ESP).

Técnico: Carlos Alberto Gomes Parreira.

JAPÃO: Kawaguchi (Jubilo Iwata); Kaji (Gamba
Ozaka), Tsuboi (Urawa Reds), Nakazawa (Yokohama
F Marinos), Alex Santos (Urawa Reds); Inamoto (West
Bromwich Albion FC-ING), Ogasawara (Kashima
Antlers), depois Koji Nakata (FC Basel-SUI) aos
56’, Hidetoshi Nakata (Bolton Wanderers FC-ING),
Nakamura (Celtic FC-ESC); Maki (JEF United Chiba),
depois Takahara (Hamburger SV-ALE) aos 60’, depois
Oguro (Grenoble Foot 38-FRA) aos 66’ e Tamada
(Nagoya Grampus Eight).

Técnico: Arthur Antunes Coimbra “Zico”.

Gols: 0x1 Tamada, aos 33’; 1x1 Ronaldo, aos 46’; 2x1
Juninho Pernambucano, aos 54’; 3x1 Gilberto, aos 60’;
4x1 Ronaldo, aos 81’.

Árbitro: Eric Poulat (França).

Assistentes: Lionel Dagorne (França);
Vincent Texier (França).

4º Árbitro: Jerome Damon (África do Sul).

Cartão Amarelo: Kaji; Gilberto.

27 de junho
BRASIL 3x0 GANA

Local: FIFA World Cup Stadion, Dortmund (Alemanha).

BRASIL: Dida (AC Milan-ITA); Cafu (AC Milan-ITA), Lúcio (FC Bayern München-ALE), Juan (Bayer Leverkusen-ALE) e Roberto Carlos (CF Real Madrid-ESP), Émerson (Juventus-ITA), depois Gilberto Silva (Arsenal FC-ING) aos 46', Zé Roberto (FC Bayern München-ALE), Kaká (AC Milan-ITA), depois Ricardinho (SC Corinthians Paulista-SP) aos 82', Ronaldinho Gaúcho (FC Barcelona-ESP), Adriano (FC Internazionale Milano-ITA), depois Juninho Pernambucano (Olympique Lyonnais-FRA) aos 60' e Ronaldo (CF Real Madrid-ESP).
Técnico: Carlos Alberto Gomes Parreira.

GANA: Kingson (Ankaraspor AS); Pantsil (Hapoel Tel-Aviv-ISR), Mensah (Stade Rennais FC-FRA), Pappoe (Hapoel Kfar Saba-ISR), Shilla (Asante Kotoko FC); Addo (PSV Eindhoven-HOL), depois Boateng (AIK Solna-SUE) aos 59', Muntari (Udinese Calcio-ITA), Appiah (Fenerbahçe SK-TUR), Draman (SK Crvena Zvezda-SCG); Amoah (BV Borussia Dortmund-ALE), depois Tachie-Mensah (FC Saint Gallen-SUI) aos 69' e Gyan (Modena FC-ITA).
Técnico: Ratomir Dujkovic.

Gols: 1x0 Ronaldo, aos 4'; 2x0 Adriano, aos 12', 3x0 Zé Roberto, aos 84'.

Árbitro: Lubos Michel (Eslováquia).

Assistentes: Roman Slysco (Eslováquia); Martin Balko (Eslováquia).

4º Árbitro: Mark Shield (Austrália).

Cartão Amarelo: Appiah, Muntari; Adriano; Pantsil; Addo; Gyan.
Cartão Vermelho: Asamoah Gyan, aos 80'.

01 julho
FRANÇA 1x0 BRASIL

Local: FIFA World Cup Stadion, Frankfurt (Alemanha).

FRANÇA: Barthez (Olympique de Marseille); Sagnol (FC Bayern München-ALE), Thuram (CF Barcelona-ESP), Gallas (Chelsea FC-ING) e Abidal (Olympique Lyonnais); Makelele (Chelsea FC-ING), Vieira (Juventus FC-ITA), Malouda (Olympique Lyonnais), depois Wiltord (Olympique Lyonnais) aos 80' e Zidane (CF Real Madrid-ESP); Franck Ribery (Olympique de Marseille), depois Govu (Olympique Lyonnais) aos 75' e Henry (Arsenal FC-ING), depois Saha (Manchester United FC-ING) aos 85'.
Técnico: Raymond Domenech.

BRASIL: Dida (AC Milan-ITA); Cafu (AC Milan-ITA), depois Cicinho (CF Real Madrid-ESP) aos 75', Lúcio (FC Bayern München-ALE), Juan (Bayer Leverkusen-ALE), Roberto Carlos (CF Real Madrid-ESP), Gilberto Silva (Arsenal FC-ING), Zé Roberto (FC Bayern München-ALE), Juninho Pernambucano (Olympique Lyonnais-FRA), depois Adriano (FC Internazionale Milano-ITA) aos 62', Kaká (AC Milan-ITA), depois Robinho (CF Real Madrid-ESP) aos 77', Ronaldinho Gaúcho (FC Barcelona-ESP), Ronaldo (CF Real Madrid-ESP).
Técnico: Carlos Alberto Gomes Parreira.

Gol: 1x0 Henry, aos 56'.

Árbitro: Luis Medina Cantalejo (Espanha).

Assistentes: Victoriano Giraldez Carrasco (Espanha); Pedro Medina Hernandez (Espanha).

4º Árbitro: Mark Shield (Austrália).

Cartão Amarelo: Cafu; Juan; Ronaldo; Sagnol; Lucio; Saha; Thuram.



5 de junho
BRASIL 2x1 COREIA DO NORTE

Local: Ellis Park Stadium, Johannesburg (África do Sul).

BRASIL: Júlio César (Internazionale-ITA); Maicon (Internazionale-ITA), Lúcio (Internazionale-ITA), Juan (Roma-ITA) e Michel Bastos (Olympique Lyonnais-FRA); Felipe Melo (Juventus-ITA) depois Ramires (Benfica-POR), aos 84', Gilberto Silva (Panathinaikos-GRE), Elano (Galatasaray-TUR) depois Daniel Alves (Barcelona-ESP), aos 73' e Kaká (Real Madrid-ESP) depois Nilmar (Villareal-ESP), aos 78'; Robinho (Santos-SP) e Luís Fabiano (Sevilla-ESP).
Técnico: Carlos Caetano Bledorn Verri – Dunga.

COREIA DO NORTE: Ri Myong-Guk (Pyongyang City), Cha Jong-Hyok (Amrokgang), Ri Jun-Il (Sobaeksu), Pak Nam-Chol (April 25), Ri Kwang-Chon (April 25), Ji Yun-Nam (April 25), Jong Tae-Se (Kawasaki Frontale), Hong Yong-Jo (FK Rostov-RUS), Mun In-uk (April 25) depois Kim-Kum Il (April 25), aos 79', Pak Chol-Jin (Amrokgang) e An Yong-Hak (Omiya Ardija-JAP).
Técnico: Kim Jong-Hun.

Gols: 1x0 Maicon, aos 55'; 2x0 Elano, aos 72'; 2x1 Ji Yun-Nam, aos 89'.

Árbitro: Viktor Kassai (Hungria).

Assistentes: Gabor Eros (Hungria), Tibor Vamos (Hungria).

4º Árbitro: Subkhiddin Mohd Salleh (Malásia).

Cartão Amarelo: Ramires.

20 de junho
BRASIL 3x1 COSTA DO MARFIM

Local: Soccer City Stadium, Johannesburg, (África do Sul).

BRASIL: Júlio César (Internazionale-ITA); Maicon (Internazionale-ITA), Lúcio (Internazionale-ITA), Juan (Roma-ITA) e Michel Bastos (Olympique Lyonnais-FRA); Felipe Melo (Juventus-ITA), Gilberto Silva (Panathinaikos-GRE), Elano (Galatasaray-TUR) depois Daniel Alves (Barcelona-ESP), aos 66' e Kaká (Real Madrid-ESP); Robinho (Santos-SP) depois Ramires (Benfica-POR), aos 92' e Luís Fabiano (Sevilla-ESP).
Técnico: Carlos Caetano Bledorn Verri – Dunga.

COSTA DO MARFIM: Barry (Lokeren-BEL), Demel (Hamburger SV-ALE), Zokora (Sevilla-ESP), Kolo Touré (Manchester City-ING) e Tiéné (Valenciennes-FRA); Tiotê (Twente Enschede-HOL), Yaya Touré (Barcelona-ESP), Ebouê (Arsenal-ING) depois Romaric (Sevilla-ESP), aos 71' e Dindanê (Portsmouth-ING) depois Gervinho (Lille-FRA), aos 53'; Kalou (Chelsea-ING) depois Keita (Galatasaray-TUR), aos 66' e Drogba (Chelsea-ING).
Técnico: Sven Göran-Ericksson.

Árbitro: Stephane Lannoy (França).

Assistentes: Eric Dansault (França), Laurent Ugo (França).

4º Árbitro: Subkhiddin Mohd Salleh (Malásia).

Gols: 1x0 Luís Fabiano, aos 25'; 2x0 Luís Fabiano, aos 50'; 3x0 Elano, aos 62'; 3x1 Drogba, aos 79'.

Cartão Amarelo: Tiéné, Tiote, Nilmar.
Cartão Vermelho: Kaká, aos 88'.

25 de junho
BRASIL 0x0 PORTUGAL

Local: Moses Mabhida Stadium,
em Durban (África do Sul).

BRASIL: Júlio César (Internazionale-ITA); Maicon (Internazionale-ITA), Lúcio (Internazionale-ITA), Juan (Roma-ITA) e Michel Bastos (Olympique Lyonnais-FRA); Felipe Melo (Juventus-ITA), depois Josué (Wolfsburg-ALE), aos 44', Gilberto Silva (Panathinaikos-GRE), Daniel Alves (Barcelona-ESP) e Júlio Baptista (Roma-ITA) depois Ramires (Benfica-POR), aos 82'; Nilmar (Villareal-ESP) e Luís Fabiano (Sevilla-ESP) depois Grafite (Wolfsburg-ALE), aos 84'.
Técnico: Carlos Caetano Bledorn Verri – Dunga.

PORTUGAL: Eduardo (Braga-POR), Ricardo Costa (Lille-FRA), Bruno Alves (Porto-POR), Ricardo Carvalho (Chelsea-ING) e Fabio Coentrão (Benfica-POR); Pepe (Real Madrid-ESP) depois Pedro Mendes (Sporting-POR), aos 63', Duda (Málaga-ESP) depois Simão (Atlético de Madrid-ESP), aos 53', Raul Meireles (Porto-POR) depois Miguel Veloso (Sporting-POR), aos 83' e Tiago (Atlético de Madrid-ESP); Cristiano Ronaldo (Real Madrid-ESP) e Danny (Zenit St Petersburg-RUS).
Técnico: Carlos Queiroz.

Árbitro: Benito Archundia (México).

Assistentes: Héctor Vergara (Canadá),
Marvin Torrentera (México).

4º Árbitro: Peter O'larry (Nova Zelândia).

Cartão Amarelo: Duda, Tiago, Pepe, Fabio Coentrão, Luís Fabiano, Juan, Felipe Melo.

28 de junho
BRASIL 3x0 CHILE

Local: Ellis Park Stadium, Johannesburg (África do Sul).

BRASIL: Júlio César (Internazionale-ITA); Maicon (Internazionale-ITA), Lúcio (Internazionale-ITA), Juan (Roma-ITA) e Michel Bastos (Olympique Lyonnais-FRA); Ramires (Benfica-POR), Gilberto Silva (Panathinaikos-GRE), Daniel Alves (Barcelona-ESP) e Kaká (Real Madrid-ESP) depois Kléberson (Flamengo-RJ), aos 80'; Robinho (Santos-SP) depois Gilberto (Cruzeiro-MG), aos 84' e Luís Fabiano (Sevilla-ESP) depois Nilmar (Villareal-ESP), aos 75'.
Técnico: Carlos Caetano Bledorn Verri – Dunga.

CHILE: Bravo (Real Sociedad-ESP), Isla (Universidad Catolica-CHI) depois Millar (Colo Colo), aos 62', Contreras (PAOK-GRE) depois Tello (Besiktas-TUR), aos 46', Jara (West Bromwich Albion-ING) e Fuentes (Universidad Catolica-CHI); Vidal (Bayer Leverkusen-ALE), Carmona (Reggina-ITA) e Beausejour (América-MEX); Sánchez (Udinese-ITA), Mark González (CSKA Moscou-RUS) depois Valdivia (Al ain-UAE), aos 46' e Suazo (Zaragoza-ESP).
Técnico: Marcelo Bielsa.

Árbitro: Howard Webb (Inglaterra).

Assistentes: Darren Cann (Inglaterra),
Michael Mullarkey (Inglaterra).

4º Árbitro: Martin Hansson (Suécia).

Gols: 1x0 Juan, aos 34'; 2x0 Luís Fabiano, aos 37'; 3x0 Robinho, aos 59'.

Cartão Amarelo: Kaká, Ramires; Vidal, Fuentes, Millar.

02 de julho
BRASIL 1x2 HOLANDA

Local: Nelson Mandela Bay Stadion,
Porto Elizabeth (África do Sul).

BRASIL: Júlio César (Internazionale-ITA); Maicon (Internazionale-ITA), Lúcio (Internazionale-ITA), Juan (Roma-ITA) e Michel Bastos (Olympique Lyonnais-FRA) depois Gilberto (Cruzeiro-MG), aos 61'; Felipe Melo (Juventus-ITA), Gilberto Silva (Panathinaikos-GRE), Daniel Alves (Barcelona-ESP) e Kaká (Real Madrid-ESP); Robinho (Santos-SP) e Luís Fabiano (Sevilla-ESP) depois Nilmar (Villareal-ESP), aos 77'.
Técnico: Carlos Caetano Bledorn Verri – Dunga.

HOLANDA: Stekelenburg (Ajax), Van der Wiel (Ajax), Heitinga (Everton-ING), Ooijer (PSV Eindhoven) e Van Bronckhorst (Feyenoord); Van Bommel (Bayern Munich-ALE), De Jong (Manchester City–ING) e Sneijder Internazionale-ITA); Kuyt (Liverpool-ING), Robben (Bayern Munich-ALE) e Van Persie (Arsenal-ING) depois Huntelaar (Milan-ITA), aos 85'.
Técnico: Bert van Marwijk.

Gols: 1x0 Robinho, aos 10'; 1x1 Felipe Melo (contra), aos 53'; 1x2 Sneijder, aos 68'.

Árbitro: Yuichi Nishimura (Japão).

Assistentes: Toru Sagara (Japão),
Jeong Hae Sang (Coreia).

4º árbitro: Khalil Al Ghamdi (Arábia Saudita).

Cartão Amarelo: Heitinga, De Jong, Ooijer, Van der Wiel, Michel Bastos.
Cartão Vermelho: Felipe Melo, aos 72'.



RECORDES DO BRASIL

EM TODAS AS COPAS

ESTATÍSTICAS

Jogos: 92
Vitórias: 64
Empates: 14
Derrotas: 14
Pontos Conquistados: 163
Gols Pró: 201
Gols Contra: 84
Saldo: 117 gols

MAIOR INVENCIBILIDADE DO BRASIL EM COPAS DO MUNDO

13 partidas – 08/06/1958 a 12/07/1966

08/06/1958 - 3x0 ÁUSTRIA
11/06/1958 - 0x0 INGLATERRA
15/06/1958 - 2x0 RÚSSIA
19/06/1958 - 1x0 PAÍS DE GALES
24/06/1958 - 5x2 FRANÇA
29/06/1958 - 5x2 SUÉCIA
30/05/1962 - 2x0 MÉXICO
02/06/1962 - 0x0 TCHECOSLOVÁQUIA
06/06/1962 - 2x1 ESPANHA
10/06/1962 - 3x1 INGLATERRA
13/06/1962 - 4x2 CHILE
17/06/1962 - 3x1 TCHECOSLOVÁQUIA
12/07/1966 - 2x0 BULGÁRIA

MAIOR NÚMERO DE VITÓRIAS CONSECUTIVAS DO BRASIL EM COPAS DO MUNDO

11 partidas – 03/06/2002 a 27/06/2002

03/6/2002 - 2x1 TURQUIA
08/6/2002 - 4x0 CHINA
13/6/2002 - 5x2 COSTA RICA
17/6/2002 - 2x0 BÉLGICA
21/6/2002 - 2x1 INGLATERRA
26/6/2002 - 1x0 TURQUIA
30/6/2002 - 2x0 ALEMANHA
13/6/2006 - 1x0 CROÁCIA
18/6/2006 - 2x0 AUSTRÁLIA
22/6/2006 - 4x1 JAPÃO
27/6/2006 - 3x0 GANA

ARTILHEIROS ABSOLUTOS EM COPAS DO MUNDO

15 gols
Maior artilheiro da história das Copas do Mundo.
Ronaldo { 1994, 1998, 2002, 2006 }

12 gols
Pelé { 1958, 1962, 1966, 1970 }

9 gols
Jairzinho { 1966, 1970, 1974 }
Rivaldo { 1998, 2002 }
Vavá { 1958, 1962 }

8 gols
Leônidas da Silva { 1934, 1938 }

7 gols
Ademir Menezes { 1950 }
Bebeto { 1990, 1994, 1998 }
Careca { 1986, 1990 }

6 gols
Rivelino { 1970, 1974 }
Romário { 1990, 1994 }

5 gols
Garrincha { 1958, 1962, 1966 }
Zico { 1978, 1982, 1986 }

4 gols
Chico { 1950 }
Sócrates { 1982, 1986 }

3 gols
Amarildo { 1962 }
Baltazar { 1950, 1954 }
César Sampaio { 1998 }
Didi { 1954, 1958, 1962 }
Dirceu { 1974, 1978, 1982 }
Falcão { 1982, 1986 }
Jair Rosa Pinto { 1950 }
Luís Fabiano { 2010 }
Perácio { 1938 }
Preguinho { 1930 }
Roberto Dinamite { 1978, 1982 }
Romeu { 1938 }
Tostão { 1966, 1970 }

2 gols

Adriano (2006)
Éder (1982)
Josimar (1986)
Elano (2010)
Julinho (1954)
Mazzola (1958)
Moderato (1930)
Müller (1986, 1990, 1994)
Nelinho (1974, 1978)
Pinga (1954)
Ronaldinho Gaúcho (2002, 2006)
Robinho (2010)
Serginho (1982)
Zagallo (1958, 1962)
Zizinho (1950)

1 gol

Alfredo II (1950)
Branco (1986, 1990, 1994)
Carlos Alberto Torres (1970)
Clodoaldo (1970)
Djalma Santos (1954, 1958, 1962, 1966)
Edinho (1978, 1982, 1986)
Edmilson (2002)
Fred (2006)
Friaça (1950)
Gérson (1966, 1970)
Gilberto (2006)
Juan (2010)
Juninho Pernambucano (2006)
Júnior (1982, 1986)
Júnior (2002)
Kaká (2002, 2006)
Maicon (2010)
Maneca (1950)
Márcio Santos (1994)
Nilton Santos (1950, 1954, 1958, 1962)
Oscar (1978, 1982, 1986)
Raí (1994)
Reinaldo (1978)
Rildo (1966)
Roberto (1938)
Roberto Carlos (1998, 2002, 2006)
Valdomiro 1974)
Zé Roberto (1998, 2006)
Zito (1958, 1962, 1966)
Boyd (Escócia) contra 1998

ARTILHEIROS POR EDIÇÃO DE COPAS DO MUNDO

1930: Preguinho – 3 gols
1934: Leônidas – 1 gol
1938: Leônidas – 7 gols
1950: Ademir Menezes – 9 gols
1954: Didi, Julinho, Pinga – 2 gols
1958: Pelé – 6 gols
1962: Garrincha, Vavá – 4 gols
1966: Garrincha, Pelé, Rildo, Tostão – 1 gol
1970: Jairzinho – 7 gols
1974: Rivelino – 3 gols
1978: Dirceu, Roberto Dinamite – 3 gols
1982: Zico – 4 gols
1986: Careca – 5 gols
1990: Careca, Müller – 2 gols
1994: Romário – 5 gols
1998: Ronaldo – 4 gols
2002: Ronaldo – 8 gols
2006: Ronaldo – 3 gols
2010: Luís Fabiano – 3 gols

OS RECORDISTAS DE JOGOS DO BRASIL EM TODAS AS COPAS

20 jogos

Cafu (1994, 1998, 2002, 2006)

19 jogos

Ronaldo (1994, 1998, 2002, 2006)

18 jogos

Dunga (1990, 1994, 1998), Taffarel (1990, 1994, 1998)

17 jogos

Lúcio (2002, 2006, 2010), Roberto Carlos (1998, 2002, 2006)

16 jogos

Gilberto Silva (2002, 2006, 2010), Jairzinho (1966, 1970, 1974)

15 jogos

Bebeto (1990, 1994, 1998), Didi (1954, 1958, 1962), Nilton Santos (1950, 1954, 1958, 1962), Rivelino (1970, 1974, 1978)

14 jogos

Gilmar (1958, 1962, 1966), Leão (1970, 1974, 1978, 1986), Pelé (1958, 1962, 1966, 1970), Rivaldo (1998, 2002), Zico (1978, 1982, 1986)

13 jogos

Aldair (1990, 1994, 1998)

12 jogos

Branco (1986, 1990, 1994), Dirceu (1974, 1978, 1982), Djalma Santos (1954, 1958, 1962, 1966), Garrincha (1958, 1962, 1966), Oscar (1978, 1982, 1986), Zagallo (1958, 1962)

11 jogos

Denílson (2002, 2006), Jorginho (1990, 1994), Leonardo (1994, 1998)

10 jogos

Juan (2006, 2010), Júnior (1982, 1986), Kaká (2002, 2006, 2010), Müller (1986, 1990, 1994), Ronaldinho Gaúcho (2002, 2006), Sócrates (1982, 1986), Toninho Cerezo (1978, 1982), Vavá (1958, 1962), Zito (1958, 1962, 1966)

9 jogos

Alemão (1986, 1990), Careca (1986, 1990), Edinho (1978, 1982, 1986), Paulo César (1970, 1974), Wilson Piazza (1970, 1974)

8 jogos

Batista (1978, 1982), Bauer (1950, 1954), Bellini (1958, 1962, 1966), Robinho (2006, 2010), Romário (1990, 1994).

7 jogos

Amaral (1978), Britto (1966, 1970), Falcão (1982, 1986), Gil (1978), Júnior Baiano (1998), Márcio Santos (1994), Marcos (2002), Marinho Chagas (1974), Marinho Peres (1974), Mauro Silva (1994), Nelinho (1974, 1978), Orlando (1958, 1966), Tostão (1966, 1970), Zinho (1994).

6 jogos

Ademir Menezes (1950), Augusto (1950), Barbosa (1950), Carlos Alberto Torres (1970), Carpeggiani (1974), César Sampaio (1998), Clodoaldo (1970), Edmilson (2002), Félix (1970), Jorge Mendonça (1978), Juvenal (1950), Kléberson (2002, 2010), Luiz Pereira (1974), Mauro Ramos (1954, 1958, 1962),

Mazinho (1990, 1994), Roque Júnior (2002), Toninho (1978), Valdomiro (1974), Zé Roberto (1998, 2006), Zózimo (1958, 1962)

5 jogos

Bigode (1950), Carlos (1978, 1982, 1986), Daniel Alves (2010), Danilo Alvim (1950), De Sordi (1958), Dida (1998, 2002, 2006), Éder (1982), Elzo (1986), Emerson (1998, 2006), Everaldo (1970), Gérson (1966, 1970), Jair Rosa Pinto (1950), Júlio César (1986), Júlio César (2010), Juninho Paulista (2002), Leandro (1982), Leônidas da Silva (1934, 1938), Luís Fabiano (2010), Luizinho (1982), Maicon (2010), Michel Bastos (2010), Raí (1994), Ricardinho (2002, 2006), Roberto Dinamite (1978, 1982), Serginho (1982), Silas (1986, 1990), Waldir Peres (1974, 1978, 1982)

4 jogos

Adriano (2006), Afonsinho (1938), Amarildo (1962), Baltazar (1950, 1954), Chico (1950), Domingos da Guia (1938), Edílson (2002), Felipe Melo (2010), Friaça (1950), Machado (1938), Maneca (1950), Martim (1934, 1938), Mauro Galvão (1990), Mirandinha (1974), Nilmar (2010), Patesko (1934, 1938), Paulo Isidoro (1982), Perácio (1938), Ramires (2010), Ricardo Gomes (1990), Rodrigues Neto (1978), Romeu (1938), Valdo (1986, 1990), Zé Maria (1970, 1974), Zezé Procópio (1938), Zizinho (1950)

3 jogos

Brandãozinho (1954), Casagrande (1986), Castilho (1950, 1954, 1958, 1962), Chicão (1978), Gilberto (2006, 2010), Josimar (1986), Julinho (1954), Juninho Pernambucano (2006), Leivinha (1974), Lima (1966), Lopes (1938), Luisinho (1934, 1938), Mazzola (1958), Pinheiro (1954), Reinaldo (1978), Ricardo Rocha (1990, 1994), Wálter (1938)

2 jogos

Alcindo (1966), Altair (1962, 1966), Anderson Polga (2002), Batatais (1938), Brandão (1838), Cicinho (2006), Denílson (1966), Dino Sani (1958), Edmundo (1998), Édson Boaro (1986), Edu (1966, 1970, 1974), Elano (2010), Fausto (1930), Fernando Giudicelli (1930), Fontana (1970), Gonçalves (1998), Hércules (1938), Hermógenes (1930), Itália (1930), Joel (1958), Luizão (2002), Marco Antonio (1970, 1974), Mozer (1990), Paulo Henrique (1966), Paulo Sérgio (1994), Pinga (1954), Preguinho (1930), Roberto (1938), Roberto Miranda (1970), Rodrigues (1954).

1 jogo

Ademir da Guia (1974), Alfredo (1974), Alfredo II (1950), Araken (1930), Argemiro (1938), Armandinho (1934), Belletti (2002), Benedicto (1930), Brilhante (1930), Britto (1938), Canalli (1934), Carvalho Leite (1930, 1934), Dida (1958), Doriva (1998), Edevaldo (1982), Ely do Amparo (1950), Fidélis (1966), Fred (2006), Giovanni (1998), Grafite (2010), Humberto Tozzi (1954), Índio (1954), Jaú (1938), Joel (1930), Josué (2010), Júlio Baptista (2010), Júnior (2002), Luiz Luz (1934), Manga (1966), Maurinho (1954), Moderato (1930), Nariz (1938), Nilo (1930), Noronha (1950), Paraná (1966), Pedrosa (1934), Poly (1930), Renato Gaúcho (1990), Rildo (1966), Rogério Ceni (2002, 2006), Russinho (1930), Ruy (1950), Silva (1966), Sylvio Hoffman (1934), Theóphilo (1930), Tim (1938), Tinoco (1934), Vampeta (2002), Velloso (1930), Viola (1994), Waldemar de Britto (1934), Zé Carlos (1998), Zé Luiz (1930)

CRAQUES DE TODAS AS COPAS

A

ABEL (1978)

Nome: Abel Carlos da Silva Braga

Nascimento: 01/09/1952, Rio de Janeiro (RJ)

Posição: Zagueiro

ACÁCIO (1990)

Nome: Acácio Cordeiro Barreto

Nascimento: 24/01/1959, Campos dos Goytacazes (RJ)

Posição: Goleiro

ADÃOZINHO (1950)

Nome: Adão Nunes Dornelles

Nascimento: 02/04/1923, Porto Alegre (RS)

Morte: 03/08/1991, Jaú (SP)

Posição: Atacante

ADEMIR DA GUIA (1974)

Nome: Ademir da Guia

Nascimento: 04/03/1942, Rio de Janeiro (RJ)

Posição: Meio Campo

ADEMIR MENEZES (1950)

Nome: Ademir Marques de Menezes

Nascimento: 08/12/1922, Recife (PE)

Morte: 11/05/1996, Rio de Janeiro (RJ)

Posição: Atacante

ADO (1970)

Nome: Eduardo Roberto Stingenhen

Nascimento: 04/07/1944, Jaraguá do Sul (SC)

Posição: Goleiro

ADRIANO (2006)

Nome: Adriano Leite Ribeiro

Nascimento: 17/02/1982, Rio de Janeiro (RJ)

AFONSINHO (1938)

Nome: Affonso Guimarães da Silva

Nascimento: 08/03/1914, Rio de Janeiro (RJ)

Morte: 20/02/1997, Rio de Janeiro (RJ)

Posição: Centro Médio

ALCINDO (1966)

Nome: Alcindo Martha de Freitas

Nascimento: 31/03/1945, Sapucaia do Sul (RS)

Posição: Atacante

ALDAIR (1990 – 1994 – 1998)

Nome: Aldair Nascimento dos Santos

Nascimento: 30/11/1965, Ilhéus (BA)

Posição: Zagueiro

ALEMÃO (1986 – 1990)

Nome: Ricardo Rogério de Brito

Nascimento: 22/11/1961, Lavras (MG)

Posição: Meia

ALFREDO (1974)

Nome: Alfredo Mostarda Filho

Nascimento: 18/10/1946, São Paulo (SP)

Posição: Quarto Zagueiro

ALFREDO II (1950)

Nome: Alfredo dos Santos

Nascimento: 01/01/1920, Rio de Janeiro (RJ)

Morte: 21/08/2001, Rio de Janeiro (RJ)

Posição: Centro Médio

ALFREDO RAMOS (1954)

Nome: Alfredo Ramos Castilho

Nascimento: 27/10/1924, Jacareí (SP)

Posição: Zagueiro

ALTAIR (1962 – 1966)

Nome: Altair Gomes de Figueiredo

Nascimento: 22/01/1938, Niterói (RJ)

Posição: Lateral Esquerdo

AMARAL (1978)

Nome: João Justino Amaral dos Santos

Nascimento: 21/12/1954, Campinas (SP)

Posição: Zagueiro

AMARILDO (1962)

Nome: Amarildo Tavares da Silveira

Nascimento: 29/07/1940, Campos dos Goytacazes (RJ)

Posição: Atacante

ANDERSON POLGA (2002)

Nome: Anderson Corrêa Polga

Nascimento: 09/02/1979, Santiago (RS)

Posição: Quarto Zagueiro

ANDRÉ CRUZ (1998)

Nome: André Alves da Cruz

Nascimento: 20/09/1968, Piracicaba (SP)

Posição: Zagueiro

ARAKEN (1930)

Nome: Araken Patusca

Nascimento: 17/07/1906, Santos (SP)

Morte: 24/01/1990, Santos (SP)

Posição: Atacante

ARGEMIRO (1938)

Nome: Argemiro Pinheiro da Silva

Nascimento: 03/06/1916, Riberão Preto (SP)

Morte: 04/07/1975, Ribeirão Preto (SP)

Posição: Centro Médio

ARIEL (1934)

Nome: Ariel Augusto Nogueira

Nascimento: 22/02/1910, Petrópolis (RJ)

Posição: Meio Campo

ARMANDINHO (1934)

Nome: Armando dos Santos

Nascimento: 03/06/1911, Rio de Janeiro (RJ)

Morte: 26/05/1972, São Paulo (SP)

Posição: Atacante

ÁTTILA (1934)

Nome: Áttila de Carvalho

Nascimento: 16/12/1910, Rio de Janeiro (RJ)

Posição: Atacante

AUGUSTO (1950)

Nome: Augusto da Costa

Nascimento: 22/10/1920, Rio de Janeiro (RJ)

Morte: 01/02/2004, Rio de Janeiro (RJ)

Posição: Zagueiro

B

BALDOCCHI (1970)

Nome: José Guilherme Baldocchi

Nascimento: 14/03/1946, Batatais (SP)

Posição: Quarto Zagueiro

BALTAZAR (1950 – 1954)

Nome: Oswaldo da Silva

Nascimento: 14/01/1926, Santos (SP)

Morte: 25/03/1993, São Paulo (SP)

Posição: Atacante

| |
|---|
| <div>BARBOSA (1950)</div> <div>Nome: Moacyr Barbosa</div> <div>Nascimento: 27/03/1921, Campinas (SP)</div> <div>Morte: 07/04/2000, São Paulo (SP)</div> <div>Posição: Goleiro</div> |
| <div>BATATAIS (1938)</div> <div>Nome: Algisto Lorenzatto</div> <div>Nascimento: 20/05/1910, Batatais (SP)</div> <div>Morte: 16/07/1960, Rio de Janeiro (RJ)</div> |
| <div>BATISTA (1978 – 1982)</div> <div>Nome: João Batista da Silva</div> <div>Nascimento: 08/03/1955, Porto Alegre (RS)</div> <div>Posição: Meia</div> |
| <div>BAUER (1950 – 1954)</div> <div>Nome: José Carlos Bauer</div> <div>Nascimento: 21/11/1925, São Paulo (SP)</div> <div>Morte: 04/02/2007, São Paulo (SP)</div> <div>Posição: Centro Médio</div> |
| <div>BEBETO (1990 – 1994 – 1998)</div> <div>Nome: José Roberto Gama de Oliveira</div> <div>Nascimento: 16/02/1964, Salvador (BA)</div> <div>Posição: Atacante</div> |
| <div>BELLETTI (2002)</div> <div>Nome: Juliano Haus Belletti</div> <div>Nascimento: 20/06/1976, Cascavel (PR)</div> <div>Posição: Lateral Direito</div> |
| <div>BELLINI (1958 – 1962 – 1966)</div> <div>Nome: Hideraldo Luiz Bellini</div> <div>Nascimento: 21/06/1930, Itapira (SP)</div> <div>Posição: Zagueiro</div> |
| <div>BENEDICTO (1930)</div> <div>Nome: Benedicto de Moraes Menezes</div> <div>Nascimento: 30/10/1906, Pelotas (RS)</div> <div>Morte: 14/07/1942, Rio de Janeiro (RJ)</div> <div>Posição: Atacante</div> |

| |
|---|
| <div>BENVENUTO (1930)</div> <div>Nome: Humberto de Araújo Benvenuto</div> <div>Nascimento: 04/06/1903, Rio de Janeiro (RJ)</div> <div>Posição: Centro Médio</div> |
| <div>BIGODE (1950)</div> <div>Nome: João Ferreira</div> <div>Nascimento: 04/04/1922, Belo Horizonte (MG)</div> <div>Morte: 31/07/2003, Belo Horizonte (MG)</div> <div>Posição: Zagueiro</div> |
| <div>BISMARCK (1990)</div> <div>Nome: Bismarck Barreto de Faria</div> <div>Nascimento: 17/09/1969, Niterói (RJ)</div> <div>Posição: Meio Campo</div> |
| <div>BRANCO (1986 – 1990 – 1994)</div> <div>Nome: Cláudio Ibrahim Vaz Leal</div> <div>Nascimento: 04/04/1964, Bagé (RS)</div> <div>Posição: Lateral Esquerdo</div> |
| <div>BRANDÃO (1938)</div> <div>Nome: José Augusto Brandão</div> <div>Nascimento: 19/06/1916, Taubaté (SP)</div> <div>Morte: 20/07/1989, São Paulo (SP)</div> <div>Posição: Centro Médio</div> |
| <div>BRANDÃOZINHO (1954)</div> <div>Nome: Antenor Lucas</div> <div>Nascimento: 09/06/1925, Campinas (SP)</div> <div>Morte: 04/04/2000, São Paulo (SP)</div> <div>Posição: Centro Médio</div> |
| <div>BRILHANTE (1930)</div> <div>Nome: Alfredo Brilhante da Costa</div> <div>Nascimento: 11/05/1905, Rio de Janeiro (RJ)</div> <div>Morte: 08/06/1980, Rio de Janeiro (RJ)</div> <div>Posição: Zagueiro</div> |

| |
|---|
| <div>BRITO (1966 – 1970)</div> <div>Nome: Hércules Britto Ruas</div> <div>Nascimento: 09/08/1939, Rio de Janeiro (RJ)</div> <div>Posição: Zagueiro</div> |
| <div>BRITTO (1938)</div> <div>Nome: Hermínio de Britto</div> <div>Nascimento: 06/05/1914, São Paulo (SP)</div> <div>Posição: Centro Médio</div> |
| <div>CABEÇÃO (1954)</div> <div>Nome: Luís de Moraes</div> <div>Nascimento: 23/08/1930, São Paulo (SP)</div> <div>Posição: Goleiro</div> |
| <div>CAFU (1994 – 1998 – 2002 – 2006)</div> <div>Nome: Marcos Evangelista de Moraes</div> <div>Nascimento: 15/09/1970, São Paulo (SP)</div> <div>Posição: Lateral Direito</div> |
| <div>CANALLI (1934)</div> <div>Nome: Heitor Canalli</div> <div>Nascimento: 31/03/1910, Juiz de Fora (MG)</div> <div>Morte: 21/07/1990, Juiz de Fora (MG)</div> <div>Posição: Centro Médio</div> |
| <div>CARECA (1986 – 1990)</div> <div>Nome: Antonio de Oliveira Filho</div> <div>Nascimento: 05/10/1960, Araraquara (SP)</div> <div>Posição: Atacante</div> |
| <div>CARLOS (1978 - 1982 – 1986)</div> <div>Nome: Carlos Roberto Gallo</div> <div>Nascimento: 04/03/1956, Vinhedo (SP)</div> <div>Posição: Goleiro</div> |
| <div>CARLOS ALBERTO TORRES (1970)</div> <div>Nome: Carlos Alberto Torres</div> <div>Nascimento: 06/07/1945, Rio de Janeiro (RJ)</div> <div>Posição: Lateral Direito</div> |

| |
|---|
| <div>CARLOS GERMANO (1998)</div> <div>Nome: Carlos Germano Schwambach Neto</div> <div>Nascimento: 14/08/1970, Domingos Martins(ES)</div> <div>Posição: Goleiro</div> |
| <div>CARPEGGIANI (1974)</div> <div>Nome: Paulo César Carpeggiani</div> <div>Nascimento: 17/02/1949, Erexim (RS)</div> <div>Posição: Meio Campo</div> |
| <div>CARVALHO LEITE (1930 – 1934)</div> <div>Nome: Carlos Antonio Dobbert de Carvalho Leite</div> <div>Nascimento: 26/05/1912, Rio de Janeiro (RJ)</div> <div>Morte: 20/05/2004, Rio de Janeiro (RJ)</div> <div>Posição: Atacante</div> |
| <div>CASAGRANDE (1986)</div> <div>Nome: Wálter Casagrande Júnior</div> <div>Nascimento: 15/04/1963, São Paulo (SP)</div> <div>Posição: Atacante</div> |
| <div>CASTILHO (1950 – 1954 – 1958 – 1962)</div> <div>Nome: Carlos José Castilho</div> <div>Nascimento: 27/11/1927, Rio de Janeiro (RJ)</div> <div>Morte: 02/02/1987, Rio de Janeiro (RJ)</div> <div>Posição: Goleiro</div> |
| <div>CÉSAR (1974)</div> <div>Nome: César Augusto da Silva Lemos</div> <div>Nascimento: 17/05/1945, Niterói (RJ)</div> <div>Posição: Atacante</div> |
| <div>CÉSAR SAMPAIO (1998)</div> <div>Nome: Carlos César Sampaio Campos</div> <div>Nascimento: 31/03/1968, São Paulo (SP)</div> <div>Posição: Volante</div> |
| <div>CHICÃO (1978)</div> <div>Nome: Francisco Jesuíno Avanzi</div> <div>Nascimento: 30/01/1949, Piracicaba (SP)</div> <div>Morte: 08/10/2008, São Paulo (SP)</div> |

CHICO (1950)

Nome: Francisco Aramburu
Nascimento: 07/01/1923, Uruguaiana (RS)
Morte: 01/10/1997, Porto Alegre (RS)
Posição: Atacante

CICINHO (2006)

Nome: Cícero João de Cézare
Nascimento: 24/06/1980, Pradópolis (SP)
Posição: Lateral Direito

CLODOALDO (1970)

Nome: Clodoaldo Tavares Santana
Nascimento: 26/09/1949, Aracaju (SE)
Posição: Meio Campo

COUTINHO (1962)

Nome: Antonio Wilson Honório
Nascimento: 11/06/1943, Piracicaba (SP)
Posição: Atacante

CRIS (2006)

Nome: Cristiano Marques Gomes
Nascimento: 03/06/1977, Guarulhos (SP)
Posição: Zagueiro

D

DANIEL ALVES (2010)

Nome: Daniel Alves da Silva.
Nascimento: 06/05/1983, Juazeiro (BA).
Posição : Lateral direito

DANILO ALVIM (1950)

Nome: Danilo Faria Alvim
Nascimento: 13/12/1920, Rio de Janeiro (RJ)
Morte: 16/05/1996, Rio de Janeiro (RJ)
Posição: Meio Campo

DARIO (1970)

Nome: Dario José dos Santos
Nascimento: 04/03/1946, Rio de Janeiro (RJ)
Posição: Atacante

DE SORDI (1958)

Nome: Newton de Sordi
Nascimento: 14/02/1931, Piracicaba (SP)
Posição: Lateral Direito

DENÍLSON (1966)

Nome: Denílson Custódio Machado
Nascimento: 28/03/1943, Campos dos Goytacazes (RJ)
Posição: Meia

DENÍLSON (1998 – 2002)

Nome: Denílson de Oliveira
Nascimento: 24/08/1977, São Bernardo do Campo (SP)
Posição: Atacante

DEQUINHA (1954)

Nome: José Mendonça dos Santos
Nascimento: 19/03/1928, Mossoró (RN)
Morte: 23/07/1997, Aracaju (SE)
Posição: Zagueiro

DIDA (1998 – 2002 – 2006)

Nome: Nélon de Jesus Silva
Nascimento: 07/10/1973, Irará (BA)
Posição: Goleiro

DIDA (1958)

Nome: Edvaldo Alves de Santa Rosa
Nascimento: 26/03/1934, Maceió (AL)
Morte: 17/09/2002, Rio de Janeiro (RJ)
Posição: Atacante

DIDI (1954 – 1958 – 1962)

Nome: Waldir Pereira
Nascimento: 08/10/1928, Campos dos Goytacazes (RJ)
Morte: 12/05/2001, Rio de Janeiro (RJ)
Posição: Meio Campo

DINO SANI (1958)

Nome: Dino Sani
Nascimento: 23/05/1932, São Paulo (SP)
Posição: Meio Campo

DIRCEU (1974 – 1978 – 1982)

Nome: Dirceu José Guimarães
Nascimento: 15/06/1952, Curitiba (PR)
Morte: 15/09/1995, Rio de Janeiro (RJ)
Posição: Meio Campo

DJALMA SANTOS (1954–1958–1962–1966)

Nome: Dejalma dos Santos
Nascimento: 27/02/1929, São Paulo (SP)
Posição: Lateral Direito

DOCA (1930)

Nome: Alfredo de Almeida Rêgo
Nascimento: 14/05/1905, Santana do Livramento (RS)
Posição: Atacante

DOMINGOS DA GUIA (1938)

Nome: Domingos Antonio da Guia
Nascimento: 19/11/1912, Rio de Janeiro (RJ)
Morte: 18/05/2000, Rio de Janeiro (RJ)
Posição: Zagueiro

DORIVA (1998)

Nome: Dorival Guidoni Júnior
Nascimento: 28/05/1972, Nhandeara (SP)
Posição: Volante

DONI (2010)

Nome: Donieber Alexander Marangon
Nascimento 22/10/1979, Jundiaí (SP).
Posição: Goleiro

DUNGA (1990 – 1994 – 1998)

Nome: Carlos Caetano Bledorn Verri
Nascimento: 31/10/1963, Ijuí (RS)
Posição: Volante

E

ÉDER (1982)

Nome: Éder Aleixo de Assis
Nascimento: 25/05/1957, Vespasiano (MG)
Posição: Atacante

EDEVALDO (1982)

Nome: Edevaldo de Freitas
Nascimento: 28/01/1958, Campos dos Goytacazes (RJ)
Posição: Lateral Direito

EDÍLSON (2002)

Nome: Edílson da Silva Ferreira
Nascimento: 17/09/1971, Salvador (BA)
Posição: Atacante

EDINHO (1978 – 1982 – 1986)

Nome: Edino Nazareth Filho
Nascimento: 05/06/1955, Rio de Janeiro (RJ)
Posição: Zagueiro

EDIVALDO (1986)

Nome: Edivaldo Martins Fonseca
Nascimento: 13/04/1962, Volta Redonda (RJ)
Morte: 14/01/1993, Boituva (SP)
Posição: Atacante

EDMILSON (2002)

Nome: Edmilson José Gomes Moraes
Nascimento: 10/07/1976, Taquaritinga (SP)
Posição: Zagueiro

| |
|--|
| EDMUNDO (1998) |
| Nome: Edmundo Alves de Souza Neto |
| Nascimento: 02/04/1971, Rio de Janeiro (RJ) |
| Posição: Atacante |
| |
| ÉDSON BOARO (1986) |
| Nome: Édson Boaro |
| Nascimento: 03/07/1959, São José do Rio Preto (SP) |
| Posição: Lateral Direito |
| |
| EDU (1966 – 1970 – 1974) |
| Nome: Jonas Eduardo Américo |
| Nascimento: 06/08/1949, Campinas (SP) |
| Posição: Atacante |
| |
| ELY DO AMPARO (1950) |
| Nome: Ely do Amparo |
| Nascimento: 14/05/1921, Paracambi (RJ) |
| Morte: 09/03/1991, Paracambi (RJ) |
| Posição: Centro Médio |
| |
| ELZO (1986) |
| Nome: Elzo Aloísio Coelho |
| Nascimento: 22/01/1961, Serrania(MG) |
| Posição: Meia |
| |
| ÉMERSON (1998 – 2006) |
| Nome: Émerson Ferreira da Rosa |
| Nascimento: 04/04/1976, Pelotas (RS) |
| Posição: Meia |
| |
| EVERALDO (1970) |
| Nome: Everaldo Marques da Silva |
| Nascimento: 11/09/1944, Porto Alegre (RS) |
| Morte: 27/10/1974, Porto Alegre (RS) |
| Posição: Lateral Esquerdo |

| |
|--|
| FALCÃO (1982 – 1986) |
| Nome: Paulo Roberto Falcão |
| Nascimento: 16/10/1953, Abelardo Luz (SC) |
| Posição: Volante |
| |
| FAUSTO (1930) |
| Nome: Fausto dos Santos |
| Nascimento: 28/01/1905, Codó (MA) |
| Morte: 28/03/1939, Santos Dumont (MG) |
| Posição: Centro Médio |
| |
| FELIPE MELO (2010) |
| Nome: Felipe Melo de Carvalho |
| Nascimento: 26/06/1983, Volta Redonda (RJ) |
| Posição: Meia |
| |
| FÉLIX (1970) |
| Nome: Félix Mielli Venerando |
| Nascimento: 24/12/1937, São Paulo (SP) |
| Posição: Goleiro |
| |
| FERNANDO GIUDICELLI (1930) |
| Nome: Fernando Rubens Pasi Giudicelli |
| Nascimento: 01/04/1903, Rio de Janeiro (RJ) |
| Morte: 28/12/1968, Rio de Janeiro (RJ) |
| Posição: Médio Esquerdo |
| |
| FIDÉLIS (1966) |
| Nome: José Maria Fidélis dos Santos |
| Nascimento: 13/03/1944, São José dos Campos (SP) |
| Posição: Lateral Direito |
| |
| FONTANA (1970) |
| Nome: José de Anchieta Fontana |
| Nascimento: 31/12/1940, Vitória (ES) |
| Morte: 10/09/1980, Vitória (ES) |
| Posição: Zagueiro |

| |
|---|
| FORTES (1930) |
| Nome: Agostinho Fortes Filho |
| Nascimento: 09/09/1901, Rio de Janeiro (RJ) |
| Morte: 02/05/1966, Rio de Janeiro (RJ) |
| Posição: Quarto Zagueiro |
| |
| FRED (2006) |
| Nome: Frederico Chaves Guedes |
| Nascimento: 03/10/1983, Teófilo Otoni (MG) |
| Posição: Atacante |
| |
| FRIAÇA (1950) |
| Nome: Albino Friaça Cardoso |
| Nascimento: 20/10/1924, Porciúncula (RJ) |
| Morte: 12/01/2009, Porciúncula (RJ) |
| Posição: Atacante |
| |
| GARRINCHA (1958 – 1962 – 1966) |
| Nome: Manuel dos Santos |
| Nascimento: 28/10/1933, Pau Grande (RJ) |
| Morte: 20/01/1983, Rio de Janeiro (RJ) |
| Posição: Atacante |
| |
| GERMANO (1934) |
| Nome: Germano Boetcher Sobrinho |
| Nascimento: 14/03/1911, Rio de Janeiro (RJ) |
| Morte: 09/06/1977, Rio de Janeiro (RJ) |
| Posição: Goleiro |
| |
| GÉRSON (1966 – 1970) |
| Nome: Gérson de Oliveira Nunes |
| Nascimento: 01/11/1941, Niterói (RJ) |
| Posição: Meio Campo |
| |
| GIL (1978) |
| Nome: Gilberto Alves |
| Nascimento: 24/12/1950, Nova Lima (MG) |
| Posição: Atacante |

| |
|---|
| GILBERTO (2006) |
| Nome: Gilberto da Silva Melo |
| Nascimento: 25/04/1976, Rio de Janeiro (RJ) |
| Posição: Lateral Esquerdo |
| |
| GILBERTO SILVA (2002 – 2006 – 2010) |
| Nome: Gilberto Aparecido da Silva |
| Nascimento: 07/10/1976, Lagoa da Prata (MG) |
| Posição: Volante |
| |
| GILMAR (1958 – 1962 – 1966) |
| Nome: Gilmar dos Santos Neves |
| Nascimento: 22/08/1930, Santos (SP) |
| Posição: Goleiro |
| |
| GILMAR (1994) |
| Nome: Gilmar Luiz Rinaldi |
| Nascimento: 13/01/1959, Porto Alegre (RS) |
| Posição: Goleiro |
| |
| GIOVANNI (1998) |
| Nome: Giovanni Silva de Oliveira |
| Nascimento: 04/02/1972, Belém (PA) |
| Posição: Meia |
| |
| GOMES (2010) |
| Nome: Heurelho da Silva Gomes |
| Nascimento: 15/12/1981, João Pinheiro (MG). |
| Posição: Goleiro |
| |
| GONÇALVES (1998) |
| Nome: Marcelo Gonçalves Costa Lopes |
| Nascimento: 22/02/1966, Rio de Janeiro (RJ) |
| Posição: Zagueiro |
| |
| GRAFITE (2010) |
| Nome: Edivaldo Batista Líbanio |
| Nascimento: 02/04/1979, Campos Lindos (SP) |
| Posição: Atacante |

H

HÉRCULES (1938)
Nome: Hércules de Miranda
Nascimento: 02/07/1912, Guaxupé (MG)
Morte: 03/09/1982, Rio de Janeiro (RJ)
Posição: Atacante

HERMÓGENES (1930)
Nome: Hermógenes Valente Fonseca
Nascimento: 04/11/1906, Rio de Janeiro (RJ)
Posição: Centro Médio

HUMBERTO TOZZI (1954)
Nome: Humberto Barbosa Tozzi
Nascimento: 04/02/1934, São João de Meriti (RJ)
Morte: 17/04/1980, Rio de Janeiro (RJ)
Posição: Atacante

I

ÍNDIO (1954)
Nome: Aloísio Francisco da Luz
Nascimento: 01/03/1931, Cabedelo (PB)
Posição: Atacante

ITÁLIA (1930)
Nome: Luis Gervazzoni
Nascimento: 22/05/1907, Rio de Janeiro (RJ)
Morte: 21/09/1963, Rio de Janeiro (RJ)
Posição: Zagueiro

IVAN MARIZ (1930)
Nome: Ivan Mariz
Nascimento: 16/05/1910, Belém (PA)
Morte: 13/05/1982, Rio de Janeiro (RJ)
Posição: Centro Médio

J

JAIR DA COSTA (1962)
Nome: Jair da Costa
Nascimento: 09/07/1940, Santo André (SP)
Posição: Atacante

JAIR MARINHO (1962)
Nome: Jair Marinho de Oliveira
Nascimento: 17/07/1936, Niterói (RJ)
Posição: Lateral Direito

JAIR ROSA PINTO (1950)
Nome: Jaír Rosa Pinto
Nascimento: 21/03/1921, Quatis (RJ)
Morte: 28/07/2005, Rio de Janeiro (RJ)
Posição: Meio Campo

JAIRZINHO (1966 – 1970 – 1974)
Nome: Jair Ventura Filho
Nascimento: 25/12/1944, Duque de Caxias (RJ)
Posição: Atacante

JAÚ (1938)
Nome: Euclydes Barbosa
Nascimento: 07/12/1909, São Paulo (SP)
Morte: 26/02/1988, São Paulo (SP)
Posição: Zagueiro

JOEL (1930)
Nome: Joel de Oliveira Monteiro
Nascimento: 01/05/1904, Rio de Janeiro (RJ)
Morte: 06/05/1990, Rio de Janeiro (RJ)
Posição: Goleiro

JOEL CAMARGO (1970)
Nome: Joel Camargo
Nascimento: 18/09/1946, Santos (SP)
Posição: Quarto Zagueiro

JORGE MENDONÇA (1978)
Nome: Jorge Pinto Mendonça
Nascimento: 06/06/1964, Silva Jardim (RJ)
Morte: 17/02/2006, Campinas (SP)
Posição: Meio Campo

JORGINHO (1990 – 1994)
Nome: Jorge Amorim de Oliveira Campos
Nascimento: 17/08/1964, Rio de Janeiro (RJ)
Posição: Lateral Direito

JOSIMAR (1986)
Nome: Josimar Higino Pereira
Nascimento: 19/09/1961, Rio de Janeiro (RJ)
Posição: Lateral Direito

JOSUÉ (2010)
Nome: Josué Anunciado Oliveira
Nascimento: 19/07/1979, Vitória de Santo Antão (PE).
Posição: Meio Campo

JUAN (2006 – 2010)
Nome: Juan Silveira dos Santos
Nascimento: 10/02/1979, Rio de Janeiro (RJ)
Posição: Quarto Zagueiro

JULINHO (1954)
Nome: Julio Botelho
Nascimento: 29/07/1929, São Paulo (SP)
Morte: 11/01/2003, São Paulo (SP)
Posição: Atacante

JÚLIO BAPTISTA (2010)
Nome: Júlio César Baptista
Nascimento: 01/10/1981, São Paulo (SP)
Posição: Meio campo

JÚLIO CÉSAR (2006 – 2010)
Nome: Julio César Soares Espíndola
Nascimento: 03/09/1979, Rio de Janeiro (RJ)
Posição: Goleiro

JÚLIO CÉSAR (1986)
Nome: Júlio César da Silva
Nascimento: 08/03/1963, Bauru (SP)
Posição: Zagueiro

JUNINHO (1978)
Nome: Alcides Fonseca Júnior
Nascimento: 29/08/1958, Olímpia (SP)
Posição: Zagueiro

JUNINHO PAULISTA (2002)
Nome: Oswaldo Giroldo Júnior
Nascimento: 22/02/1973, São Paulo (SP)
Posição: Meia

JUNINHO PERNAMBUCANO (2006)
Nome: Antonio Augusto Ribeiro Reis Júnior
Nascimento: 30/01/1975, Recife (PE)

JÚNIOR (1982 – 1986)
Nome: Leovegildo Lins Gama Júnior
Nascimento: 19/06/1954, João Pessoa (PB)
Posição: Lateral Esquerdo/Meio Campo

JÚNIOR (2002)
Nome: Jenílson Ângelo de Souza
Nascimento: 20/06/1973, Santo Anônio de Jesus (BA)
Posição: Lateral Esquerdo

JÚNIOR BAIANO (1998)
Nome: Raimundo Ferreira Ramos Júnior
Nascimento: 14/03/1970, Feira de Santana (BA)
Posição: Zagueiro

JURANDYR (1962)
Nome: Jurandyr de Freitas
Nascimento: 12/11/1940, Marília (SP)
Morte: 06/03/1996, São Paulo (SP)
Posição: Zagueiro

JUVENAL { 1950}
Nome: Juvenal Amarijo
Nascimento: 27/11/1923, Santa Vitória do Palmar {RS}
Morte: 30/10/2009, Camaçari {BA}
Posição: Zagueiro

K

KAKÁ { 2002 – 2006 – 2010}
Nome: Ricardo Izecson dos Santos Leite
Nascimento: 22/04/1982, Brasília {DF}
Posição: Meio Campo

KLÉBERSON { 2002 – 2010}
Nome: José Kléberson Pereira
Nascimento: 16/06/1979, Uraí {PR}
Posição: Meio Campo

L

LEANDRO { 1982}
Nome: José Leandro Souza Ferreira
Nascimento: 17/03/1959, Cabo Frio {RJ}
Posição: Lateral Direito

LEÃO { 1970 – 1974 – 1978 – 1986}
Nome: Emerson Leão
Nascimento: 11/07/1949, Riberão Preto {SP}
Posição: Goleiro

LEIVINHA { 1974}
Nome: João Leiva Filho
Nascimento: 11/09/1949, Novo Horizonte {SP}
Posição: Atacante

LEONARDO { 1994 – 1998}
Nome: Leonardo Nascimento de Araújo
Nascimento: 05/02/1969, Niterói {RJ}
Posição: Lateral Esquerdo/Meio Campo

LEÔNIDAS DA SILVA { 1934 – 1938}
Nome: Leônidas da Silva
Nascimento: 09/06/1913, Rio de Janeiro {RJ}
Morte: 24/01/2004, São Paulo {SP}
Posição: Atacante

LIMA { 1966}
Nome: Antonio Lima dos Santos
Nascimento: 18/01/1942, São Sebastião do Paraíso {MG}
Posição: Meia

LOPES { 1938}
Nome: José dos Santos Lopes
Nascimento: 19/11/1910, Batatais {SP}
Morte: 28/08/1996, Batatais {SP}
Posição: Atacante

LÚCIO { 2002 – 2006 – 2010}
Nome: Lucimar da Silva Ferreira
Nascimento: 08/05/1978, Brasília {DF}
Posição: Zagueiro

LUÍS FABIANO { 2010}
Nome: Luís Fabiano Clemente
Nascimento: 08/11/1980, Campinas {SP}
Posição: Atacante

LUISÃO { 2006}
Nome: Anderson Luís da Silva
Nascimento: 13/02/1981, Amparo {SP}
Posição: Quarto Zagueiro

LUISINHO { 1934 – 1938}
Nome: Luís Mesquita de Oliveira
Nascimento: 29/03/1911, Rio de Janeiro {RJ}
Morte: 27/12/1983, São Paulo {SP}
Posição: Atacante

LUIZ LUZ { 1934}
Nome: Luiz dos Santos Luz
Nascimento: 26/01/1909, Porto Alegre {RS}
Morte: 27/10/1989, Porto Alegre {RS}
Posição: Zagueiro

LUIZ PEREIRA { 1974}
Nome: Luiz Edmundo Pereira
Nascimento: 21/06/1949, Juazeiro {BA}
Posição: Zagueiro

LUIZÃO { 2002}
Nome: Luiz Carlos Bombonato Goulart
Nascimento: 14/11/1975, Rubineia {SP}
Posição: Atacante

LUIZINHO { 1982}
Nome: Luiz Carlos Ferreira
Nascimento: 23/10/1958, Nova Lima {MG}
Posição: Zagueiro

M

MACHADO { 1938}
Nome: Arthur Machado
Nascimento: 01/01/1906, Nova Iguaçu {RJ}
Posição: Zagueiro

MAICON { 2010}
Nome: Maicon Douglas Sisenando
Nascimento: 26/07/1981, Novo Hamburgo {RS}
Posição: Lateral Direito

MANECA { 1950}
Nome: Manuel Marinho Alves
Nascimento: 28/01/1926, Salvador {BA}
Morte: 28/06/1961, Rio de Janeiro {RJ}
Posição: Atacante

MANGA { 1966}
Nome: Hailton Corrêa de Arruda
Nascimento: 26/04/1937, Recife {PE}
Posição: Goleiro

MANUELZINHO { 1930}
Nome: Manuel de Aguiar Fagundes
Nascimento: 02/01/1901, Niterói {RJ}
Morte: 20/11/1953, Niterói {RJ}
Posição: Atacante

MÁRCIO SANTOS { 1994}
Nome: Márcio Roberto dos Santos
Nascimento: 15/09/1969, São Paulo {SP}
Posição: Zagueiro

MARCO ANTONIO { 1970 – 1974}
Nome: Marco Antonio Feliciano
Nascimento: 06/02/1951, Santos {SP}
Posição: Lateral Esquerdo

MARCOS { 2002}
Nome: Marcos Roberto Silveira dos Reis
Nascimento: 04/08/1973, Oriente {SP}
Posição: Goleiro

MARINHO CHAGAS { 1974}
Nome: Francisco das Chagas Marinho
Nascimento: 08/02/1952, Natal {RN}
Posição: Lateral Esquerdo

MARINHO PERES { 1974}
Nome: Mário Peres Ulibarri
Nascimento: 19/03/1947, Sorocaba {SP}
Posição: Quarto Zagueiro

MARTIM { 1934 – 1938}
Nome: Martim Mércio da Silveira
Nascimento: 02/03/1911, Bagé {RS}
Morte: 27/05/1972, Bagé {RS}
Posição: Centro Médio

MAURINHO { 1954}
Nome: Mauro Raphael
Nascimento: 06/06/1933, Araraquara {SP}
Morte: 28/06/1995, São Paulo {SP}
Posição: Atacante

MAURO GALVÃO { 1990}
Nome: Mauro Geraldo Galvão
Nascimento: 19/12/1961, Porto Alegre {RS}
Posição: Zagueiro

MAURO RAMOS (1954 - 1958 – 1962)
Nome: Mauro Ramos de Oliveira
Nascimento: 30/08/1930, Poços de Caldas (MG)
Morte: 18/09/2002, Poços de Caldas (MG)
Posição: Zagueiro

MAURO SILVA (1994)
Nome: Mauro da Silva
Nascimento: 12/01/1968, São Bernardo do Campo (SP)
Posição: Volante

MAZINHO (1990 – 1994)
Nome: Iomar do Nascimento
Nascimento: 08/04/1966, Santa Rita (PB)
Posição: Meia

MAZZOLA (1958)
Nome: José João Altafani
Nascimento: 24/07/1938, Piracicaba (SP)
Posição: Atacante

MENGÁLVIO (1962)
Nome: Mengálvio Pedro Figueró
Nascimento: 17/12/1939, Laguna (SC)
Posição: Meio Campo

MICHEL BASTOS (2010)
Nome: Michel Fernandes Bastos
Nascimento: 02/08/1983, Pelotas (RS)
Posição: Lateral Esquerdo

MINEIRO (2006)
Nome: Carlos Luciano da Silva
Nascimento: 02/08/1975, Porto Alegre (RS)
Posição: Meio Campo

MIRANDINHA (1974)
Nome: Sebastião Miranda da Silva Filho
Nascimento: 26/02/1952, Bebedouro (SP)
Posição: Atacante

MOACYR (1958)
Nome: Moacyr Claudino Pinto
Nascimento: 18/05/1936, São Paulo (SP)
Posição: Meio Campo

MODERATO (1930)
Nome: Moderato Wisintainer
Nascimento: 12/04/1903, Alegrete (RS)
Morte: 31/01/1986, Pelotas (RS)
Posição: Atacante

MOZER (1990)
Nome: José Carlos Nepomuceno Mozer
Nascimento: 19/09/1960, Rio de Janeiro (RJ)
Posição: Zagueiro

MÜLLER (1986 – 1990 – 1994)
Nome: Luiz Antonio Corrêa da Costa
Nascimento: 31/01/1966, Campo Grande (MS)
Posição: Atacante

NARIZ (1938)
Nome: Álvaro Lopes Cançado
Nascimento: 08/02/1912, Uberaba (MG)
Morte: 19/09/1984, Belo Horizonte (MG)
Posição: Zagueiro

NELINHO (1974 – 1978)
Nome: Manoel Rezende de Mattos Cabral
Nascimento: 26/07/1950, Rio de Janeiro (RJ)
Posição: Lateral Direito

NENA (1950)
Nome: Olavo Rodrigues Barbosa
Nascimento: 11/07/1923, Porto Alegre (RS)
Posição: Zagueiro

NIGINHO (1938)
Nome: Leonízio Fantoni
Nascimento: 12/02/1912, Belo Horizonte (MG)
Morte: 05/09/1975, Belo Horizonte (MG)
Posição: Atacante

NILMAR (2010)
Nome: Nilmar Honorato da Silva
Nascimento: 14/07/1984, Bandeirante (PR)
Posição: Atacante

NILO (1930)
Nome: Nilo Murtinho Braga
Nascimento: 03/04/1903, Rio de Janeiro (RJ)
Morte: 07/02/1975, Rio de Janeiro (RJ)
Posição: Atacante

NÍLTON SANTOS (1950–1954–1958-1962)
Nome: Nílton dos Santos
Nascimento: 16/05/1925, Rio de Janeiro (RJ)
Posição: Lateral Esquerdo

NORONHA (1950)
Nome: Alfredo Eduardo Ribeiro Mena Barreto de Freitas Noronha
Nascimento: 25/09/1918, Porto Alegre (RS)
Morte: 27/07/2003, São Paulo (SP)
Posição: Centro Médio

OCTÁCILIO (1934)
Nome: Octacílio Pinheiro Guerra
Nascimento: 21/11/1909, Porto Alegre (RS)
Morte: 26/02/1967, Porto Alegre (RS)
Posição: Zagueiro

ORECO (1958)
Nome: Waldemar Rodrigues Martins
Nascimento: 13/06/1932, Santa Maria (RS)
Morte: 03/04/1985, Ituverava (SP)
Posição: Lateral Esquerdo

ORLANDO (1958 – 1966)
Nome: Orlando Peçanha de Carvalho
Nascimento: 20/09/1935, Niterói (RJ)
Morte: 10/02/2010, Rio de Janeiro (RJ)
Posição: Zagueiro

OSCAR (1978 – 1982 – 1986)
Nome: José Oscar Bernardi
Nascimento: 20/06/1954, Monte Sião (MG)
Posição: Zagueiro

OSCARINO (1930)
Nome: Oscarino Costa
Nascimento: 17/11/1907, Niterói (RJ)
Morte: 16/09/1990, Niterói (RJ)
Posição: Quarto Zagueiro

PAMPLONA (1930)
Nome: Estanislau de Figueiredo Pamplona
Nascimento: 24/03/1904, Belém (PA)
Morte: 28/10/1973, Belém (PA)
Posição: Atacante

PARANÁ (1966)
Nome: Ademir de Barros
Nascimento: 21/03/1942, Cambará (PR)
Posição: Atacante

PATESKO (1934 – 1938)
Nome: Rodolfo Barteczko
Nascimento: 12/11/1910, Curitiba (PR)
Morte: 13/03/1988, Rio de Janeiro (RJ)
Posição: Atacante

PAULINHO DE ALMEIDA (1954)
Nome: Paulo de Almeida Ribeiro
Nascimento: 15/04/1932, Porto Alegre (RS)
Morte: 11/06/2007, São Paulo (SP)
Posição: Lateral Direito

| |
|---|
| PAULO CÉSAR (1970 – 1974) |
| Nome: Paulo César Lima |
| Nascimento: 16/06/1949, Rio de Janeiro (RJ) |
| Posição: Meio Campo |
| |
| PAULO HENRIQUE (1966) |
| Nome: Paulo Henrique Souza de Oliveira |
| Nascimento: 05/01/1943, Macaé (RJ) |
| Posição: Lateral Esquerdo |
| |
| PAULO ISIDORO (1982) |
| Nome: Paulo Isidoro de Jesus |
| Nascimento: 03/07/1953, Belo Horizonte (MG) |
| Posição: Meia |
| |
| PAULO SÉRGIO (1982) |
| Nome: Paulo Sérgio de Oliveira Lima |
| Nascimento: 24/07/1954, Rio de Janeiro (RJ) |
| Posição: Goleiro |
| |
| PAULO SÉRGIO (1994) |
| Nome: Paulo Sérgio Silvestre Nascimento |
| Nascimento: 02/06/1969, São Paulo (SP) |
| Posição: Atacante |
| |
| PAULO VÍCTOR (1986) |
| Nome: Paulo Víctor Barbosa de Carvalho |
| Nascimento: 07/06/1957, Belém (PA) |
| Posição: Goleiro |
| |
| PEDRINHO (1982) |
| Nome: Pedro Luiz Vicençote |
| Nascimento: 22/10/1957, Santo André (SP) |
| Posição: Lateral Esquerdo |
| |
| PEDROSA (1934) |
| Nome: Roberto Gomes Pedrosa |
| Nascimento: 08/07/1913, Rio de Janeiro (RJ) |
| Morte: 06/01/1954, São Paulo (SP) |
| Posição: Goleiro |

| |
|--|
| PELÉ (1958 – 1962 – 1966 – 1970) |
| Nome: Édson Arantes do Nascimento |
| Nascimento: 23/10/1940, Três Corações (MG) |
| Posição: Atacante |
| |
| PEPE (1958 – 1962) |
| Nome: José Macia |
| Nascimento: 25/05/1935, Santos (SP) |
| Posição: Atacante |
| |
| PERÁCIO (1938) |
| Nome: José Perácio Berjun |
| Nascimento: 02/11/1917, Nova Lima (MG) |
| Morte: 10/03/1977, Rio de Janeiro (RJ) |
| Posição: Atacante |
| |
| PIAZZA (1970 – 1974) |
| Nome: Wilson da Silva Piazza |
| Nascimento: 25/02/1943, Ribeirão das Neves (MG) |
| Posição: Quarto Zagueiro |
| |
| PINGA (1954) |
| Nome: José Lazaro Robles |
| Nascimento: 11/02/1924, São Paulo (SP) |
| Morte: 07/05/1996, Campinas (SP) |
| Posição: Atacante |
| |
| PINHEIRO (1954) |
| Nome: João Carlos Batista Pinheiro |
| Nascimento: 13/01/1932, Campos dos Goytacazes (RJ) |
| Posição: Zagueiro |
| |
| POLOZZI (1978) |
| Nome: José Fernando Polozzi |
| Nascimento: 01/10/1952, Vinhedo (SP) |
| Posição: Zagueiro |
| |
| POLY (1930) |
| Nome: Polycarpo Ribeiro de Oliveira |
| Nascimento: 26/01/1909, Conceição de Macabu (RJ) |
| Posição: Atacante |

| |
|---|
| PREGUINHO (1930) |
| Nome: João Coelho Netto |
| Nascimento: 08/02/1905, Rio de Janeiro (RJ) |
| Morte: 01/10/1979, Rio de Janeiro (RJ) |
| Posição: Atacante |
| |
| RAÍ (1994) |
| Nome: Raí Souza Vieira de Oliveira |
| Nascimento: 15/05/1965, Ribeirão Preto (SP) |
| Posição: Meio Campo |
| |
| RAMIRES (2010) |
| Nome: Ramires Santos do Born |
| Nascimento: 24/03/1987, Barra do Piraí (RJ) |
| Posição: Meio campo |
| |
| REINALDO (1978) |
| Nome: José Reinaldo de Lima |
| Nascimento: 11/01/1957, Ponte Nova (MG) |
| Posição: Atacante |
| |
| RENATO (1974) |
| Nome: Renato Cunha Valle |
| Nascimento: 05/12/1944, Rio de Janeiro (RJ) |
| Posição: Goleiro |
| |
| RENATO (1982) |
| Nome: Carlos Renato Frederico |
| Nascimento: 21/02/1957, Morungaba(SP) |
| Posição: Meio Campo |
| |
| RENATO GAÚCHO (1990) |
| Nome: Renato Portaluppi |
| Nascimento: 09/09/1962, Porto Alegre (RS) |
| Posição: Atacante |
| |
| RICARDINHO (2002 – 2006) |
| Nome: Ricardo Luis Pozzi Rodrigues |
| Nascimento: 23/05/1976, São Paulo (SP) |
| Posição: Meio Campo |

| |
|--|
| RICARDO GOMES (1990) |
| Nome: Ricardo Gomes Raymundo |
| Nascimento: 13/12/1964, Rio de Janeiro (RJ) |
| Posição: Zagueiro |
| |
| RICARDO ROCHA (1990 – 1994) |
| Nome: Ricardo Roberto Barreto da Rocha |
| Nascimento: 17/09/1962, Recife (PE) |
| Posição: Zagueiro |
| |
| RILDO (1966) |
| Nome: Rildo da Costa Menezes |
| Nascimento: 23/01/1942, Recife(PE) |
| Posição: Lateral Esquerdo |
| |
| RIVALDO (1998 – 2002) |
| Nome: Rivaldo Vítor Borba Ferreira |
| Nascimento: 19/04/1972, Recife (PE) |
| Posição: Meia |
| |
| RIVELLINO (1970 – 1974 – 1978) |
| Nome: Roberto Rivellino |
| Nascimento: 01/01/1946, São Paulo (SP) |
| Posição: Meio Campo |
| |
| ROBERTO (1938) |
| Nome: Roberto Emílio da Cunha |
| Nascimento: 20/06/1912, Niterói (RJ) |
| Morte: 20/03/1977, Rio de Janeiro (RJ) |
| Posição: Atacante |
| |
| ROBERTO CARLOS (1998 – 2002 – 2006) |
| Nome: Roberto Carlos da Silva |
| Nascimento: 10/04/1973, Garça (SP) |
| Posição: Zagueiro |
| |
| ROBERTO DINAMITE (1978 – 1982) |
| Nome: Carlos Roberto de Oliveira |
| Nascimento: 13/04/1954, Duque de Caxias (RJ) |
| Posição: Atacante |

| |
|---|
| ROBERTO MIRANDA (1970) |
| Nome: Roberto Lopes de Miranda |
| Nascimento: 31/07/1944, São Gonçalo (RJ) |
| Posição: Atacante |
| |
| ROBINHO (2006 – 2010) |
| Nome: Robson de Souza |
| Nascimento: 25/01/1984, São Vicente (SP) |
| Posição: Atacante |
| |
| RODRIGUES (1954) |
| Nome: Francisco Rodrigues |
| Nascimento: 27/06/1925, São Paulo (SP) |
| Morte: 30/10/1988, São Paulo (SP) |
| Posição: Atacante |
| |
| RODRIGUES NETO (1978) |
| Nome: José Rodrigues Neto |
| Nascimento: 01/12/1949, Central de Minas (MG) |
| Posição: Lateral Esquerdo |
| |
| ROGÉRIO CENI (2006) |
| Nome: Rogério Ceni |
| Nascimento: 22/01/1973, Pato Branco (PR) |
| Posição: Goleiro |
| |
| ROMÁRIO (1990 – 1994) |
| Nome: Romário de Souza Farias |
| Nascimento: 29/01/1966, Rio de Janeiro (RJ) |
| Posição: Atacante |
| |
| ROMEU (1938) |
| Nome: Romeu Pelliciar |
| Nascimento: 26/03/1911, Jundiaí (SP) |
| Morte: 15/07/1971, São Paulo (SP) |
| Posição: Atacante |
| |
| RONALDÃO (1994) |
| Nome: Ronaldo Rodrigues de Jesus |
| Nascimento: 19/06/1965, São Paulo (SP) |
| Posição: Zagueiro |

| |
|--|
| RONALDINHO GAÚCHO (2002 – 2006) |
| Nome: Ronaldo de Assis Moreira |
| Nascimento: 21/03/1980, Porto Alegre (RS) |
| Posição: Atacante |
| |
| RONALDO (1994 – 1998 – 2002 – 2006) |
| Nome: Ronaldo Luiz Nazário de Lima |
| Nascimento: 22/09/1976, Rio de Janeiro (RJ) |
| Posição: Atacante |
| |
| ROQUE JÚNIOR (2002) |
| Nome: José Vítor Roque Júnior |
| Nascimento: 14/03/1970, Santa Rita do Sapucaí (MG) |
| Posição: Zagueiro |
| |
| RUSSINHO (1930) |
| Nome: Moacyr Siqueira de Queiroz |
| Nascimento: 18/12/1902, Rio de Janeiro (RJ) |
| Morte: 14/08/1992, Rio de Janeiro (RJ) |
| Posição: Atacante |
| |
| RUY (1950) |
| Nome: Ruy Campos |
| Nascimento: 02/02/1922, São Paulo (SP) |
| Morte: 02/01/2002, São Paulo (SP) |
| Posição: Meia |
| |
| S |
| |
| SERGINHO (1982) |
| Nome: Sérgio Bernardino |
| Nascimento: 23/12/1953, São Paulo (SP) |
| Posição: Atacante |
| |
| SILAS (1986 – 1990) |
| Nome: Paulo Silas do Prado Pereira |
| Nascimento: 27/08/1965, Campinas (SP) |
| Posição: Meio Campo |

| |
|---|
| SILVA (1966) |
| Nome: Wálter Machado da Silva |
| Nascimento: 02/01/1940, Ribeirão Preto (SP) |
| Posição: Atacante |
| |
| SÓCRATES (1982 – 1986) |
| Nome: Sócrates Brasileiro de Sousa Vieira de Oliveira |
| Nascimento: 19/02/1954, Belém (PA) |
| Posição: Meio Campo |
| |
| SYLVIO HOFFMAN (1934) |
| Nome: Sylvio Hoffman Mazzi |
| Nascimento: 11/05/1908, Rio de Janeiro (RJ) |
| Morte: 15/11/1991, Rio de Janeiro (RJ) |
| Posição: Zagueiro |
| |
| T |
| |
| TAFFAREL (1990 – 1994 – 1998) |
| Nome: Cláudio André Mergen Taffarel |
| Nascimento: 08/05/1966, Santa Rosa (RS) |
| Posição: Goleiro |
| |
| THEÓPHILO (1930) |
| Nome: Theóphilo Bettencourt Pereira |
| Nascimento: 11/04/1900, Rio de Janeiro (RJ) |
| Morte: 10/04/1988, Rio de Janeiro (RJ) |
| Posição: Atacante |
| |
| THIAGO SILVA (2010) |
| Nome: Thiago Emiliano da Silva |
| Nascimento: 22/09/1984, Rio de Janeiro (RJ) |
| Posição: Volante |
| |
| TIM (1938) |
| Nome: Elba de Pádua Lima |
| Nascimento: 20/12/1915, Rifânia (SP) |
| Morte: 07/07/1984, Rio de Janeiro (RJ) |
| Posição: Atacante |

| |
|---|
| TINOCO (1934) |
| Nome: Alfredo Alves Tinoco |
| Nascimento: 02/12/1904, Rio de Janeiro (RJ) |
| Morte: 04/07/1975, Rio de Janeiro (RJ) |
| Posição: Centro Médio |
| |
| TITA (1990) |
| Nome: Milton Queiroz da Paixão |
| Nascimento: 01/04/1958, Rio de Janeiro (RJ) |
| Posição: Meio Campo |
| |
| TONINHO (1978) |
| Nome: Antônio Dias dos Santos |
| Nascimento: 07/06/1948, Vera Cruz (BA) |
| Morte: 08/12/1999, Salvador (BA) |
| Posição: Zagueiro |
| |
| TONINHO CEREZZO (1978 – 1982) |
| Nome: Antonio Carlos Cerezzo |
| Nascimento: 21/04/1956, Belo Horizonte (MG) |
| Posição: Volante |
| |
| TOSTÃO (1966 – 1970) |
| Nome: Eduardo Gonçalves de Andrade |
| Nascimento: 25/01/1947, Belo Horizonte (MG) |
| Posição: Atacante |
| |
| V |
| |
| VALDO (1986 – 1990) |
| Nome: Valdo Cândido de Oliveira Filho |
| Nascimento: 12/02/1964, Siderópolis (SC) |
| Posição: Meio Campo |
| |
| VALDOMIRO (1974) |
| Nome: Valdomiro Vaz Franco |
| Nascimento: 17/02/1946, Criciúma (SC) |
| Posição: Atacante |

VAMPETA (2002)
Nome: Marcos André Batista Santos
Nascimento: 13/03/1974, Nazaré das Farinhas (BA)
Posição: Volante

VAVÁ (1958 – 1962)
Nome: Edvaldo Izídio Neto
Nascimento: 12/11/1934, Recife (PE)
Morte: 19/01/2002, Rio de Janeiro (RJ)
Posição: Atacante

VELLOSO (1930)
Nome: Osvaldo de Barros Velloso
Nascimento: 28/05/1905, Corumbá (MS)
Posição: Goleiro

VELUDO (1954)
Nome: Caetano Silva
Nascimento: 07/08/1930, Rio de Janeiro (RJ)
Morte: 26/10/1979, Rio de Janeiro (RJ)
Posição: Goleiro

VIOLA (1994)
Nome: Paulo Sérgio Rosa
Nascimento: 01/01/1969, São Paulo (SP)
Posição: Atacante

W

WALDEMAR DE BRITTO (1934)
Nome: Waldemar de Britto
Nascimento: 17/05/1913, São Paulo (SP)
Morte: 21/02/1979, São Paulo (SP)
Posição: Atacante

WALDIR PERES (1974 – 1978 – 1982)
Nome: Waldir Peres Arruda
Nascimento: 02/02/1951, Garça (SP)
Posição: Goleiro

WALDYR (1934)
Nome: Wálter Guimarães
Nascimento: 21/03/1912, Rio de Janeiro (RJ)
Posição: Centro Médio

WÁLTER (1938)
Nome: Wálter de Souza Goulart
Nascimento: 17/06/1912, Rio de Janeiro (RJ)
Morte: 13/11/1951, Rio de Janeiro (RJ)
Posição: Goleiro

Z

ZAGALLO (1958 – 1962)
Nome: Mário Jorge Lôbo Zagallo
Nascimento: 09/08/1931, Maceió (AL)
Posição: Atacante

ZÉ CARLOS (1990)
Nome: José Carlos da Costa Araújo
Nascimento: 07/02/1962, Rio de Janeiro (RJ)
Morte: 24/07/2009, Rio de Janeiro (RJ)
Posição: Goleiro

ZÉ CARLOS (1998)
Nome: José Carlos de Almeida
Nascimento: 30/11/1968, Presidente Bernardes (SP)
Posição: Lateral Direito

ZÉ LUIZ (1930)
Nome: José Luiz de Oliveira
Nascimento: 16/01/1904, Rio de Janeiro (RJ)
Posição: Zagueiro

ZÉ MARIA (1970 – 1974)
Nome: José Maria Rodrigues Alves
Nascimento: 18/05/1949, Botucatu (SP)
Posição: Lateral Direito

ZÉ ROBERTO (1998 – 2006)
Nome: José Roberto da Silva Júnior
Nascimento: 06/07/1974, São Paulo (SP)
Posição: Meio Campo

ZÉ SÉRGIO (1998)
Nome: José Sérgio Presti
Nascimento: 08/03/1957, São Paulo (SP)
Posição: Atacante

ZEQUINHA (1962)
Nome: José Ferreira Franco
Nascimento: 18/11/1934, Recife (PE)
Morte: 25/07/2009, Recife (PE)
Posição: Meio Campo

ZETTI (1994)
Nome: Armelino Donizette Quagliato
Nascimento: 10/01/1965, Capivari (SP)
Posição: Goleiro

ZEZÉ PROCÓPIO (1938)
Nome: José Procópio Mendes
Nascimento: 12/08/1913, Varginha (MG)
Morte: 08/02/1980, Valença (RJ)
Posição: Centro Médio

ZICO (1978 – 1982 – 1986)
Nome: Arthur Antunes Coimbra
Nascimento: 03/03/1953, Rio de Janeiro (RJ)
Posição: Meio Campo

ZINHO (1994)
Nome: Crizam César de Oliveira Júnior
Nascimento: 17/06/1967, Rio de Janeiro (RJ)
Posição: Meio Campo

ZITO (1958 – 1962 – 1966)
Nome: José Ely de Miranda
Nascimento: 08/08/1932, Roseira (SP)
Posição: Meia

ZIZINHO (1950)
Nome: Thomaz Soares de Silva
Nascimento: 14/09/1921, São Gonçalo (RJ)
Morte: 08/02/2002, Niterói (RJ)
Posição: Meio Campo

ZÓZIMO (1958 – 1962)
Nome: Zózimo Alves Calazães
Nascimento: 19/06/1932, Salvador (BA)
Morte: 17/07/1977, Rio de Janeiro (RJ)
Posição: Zagueiro

TREINADORES DE TODAS AS COPAS

ADEMAR PIMENTA (1938)
Nome: Ademar Pimenta
Nascimento: 12 abril 1896, Rio de Janeiro (RJ)
Morte: 26 agosto 1970, Rio de Janeiro (RJ)
Em Copas do Mundo: 5 jogos, 3 vitórias, 1 empate e 1 derrota
Classificação: 3º colocado
Foi diretor-técnico da Associação Metropolitana de Sports Athléticos, a liga que dirigia o futebol do Rio, na primeira metade da década de 30. Saiu do anonimato após obter o vice carioca dirigindo o Madureira em 1936. Assumiu a Seleção no fim daquele ano. Levou a equipe à segunda colocação no Sul-Americano de 1937. Conquistou o surpreendente e festejado terceiro lugar no Mundial de 1938, e ainda foi treinador no Torneio Continental de 1942, chegando em terceiro lugar.

AYMORÉ MOREIRA (1962)
Nome: Aymoré Moreira
Nascimento: 24 de abril de 1912, Miracema (RJ)
Morte: 26 de julho de 1998, Salvador (BA)
Em Copas do Mundo: 6 jogos, 5 vitórias e 1 empate
Classificação: Campeão
Ex-goleiro, assumiu a Seleção pela primeira vez em 1953, por influência do irmão famoso, Zezé Moreira. Perdeu o Sul-Americano daquele ano em Lima, mas em relatório entregue à CBD criticou a entidade, que não lhe dera

opções para fazer a convocação. Ficou sem o cargo, mas hoje sabe-se que a atitude ajudou a mudar a postura dos dirigentes, permitindo aos futuros treinadores a liberdade de escolher os comandados. Tanto que voltou à Seleção em 1961 para ganhar o bicampeonato mundial em 1962 e seguir na Seleção, com intervalos, até 1968.

CARLOS ALBERTO PARREIRA (1994 - 2006)

Nome: Carlos Alberto Gomes Parreira

Nascimento: 27 fevereiro 1943, Rio de Janeiro (RJ)

Em Copas do Mundo: 12 jogos, 9 vitórias,

2 empates, 1 derrota

Classificação: 1994 (Campeão); 2006 (8º colocado)

Integrou a Comissão Técnica na conquista da Copa do Mundo de 1970, no México. Dirigiu depois a Seleção em três ocasiões: em 1983, de 1991 a 1994, e de 2003 a 2006. Na segunda delas, ganhou a Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos, apostando numa retaguarda eficiente e na capacidade criativa de dois homens de frente, Bebeto e Romário, ambos em plena forma. Parreira defende a tese, que sempre procura aplicar na prática, de que todo time deve sempre apresentar um equilíbrio absoluto entre os três setores, retaguarda, meio-campo e ataque.

CLÁUDIO COUTINHO (1978)

Nome: Cláudio Pêcego de Moraes Coutinho

Nascimento: 5 de janeiro de 1939, Dom Pedrito (RS)

Morte: 27 novembro 1981, Rio de Janeiro (RJ)

Em Copas do Mundo: 7 jogos, 4 vitórias, 3 empates

Classificação: 3º colocado

Um dos preparadores físicos na conquista do tricampeonato mundial, em 1970, tornou-se treinador do Flamengo em 1976. Estudioso do futebol, apresentou no clube um punhado de novos conceitos táticos que mais tarde empregou na Seleção, após assumir o seu comando em fevereiro de 1977, com a missão de conduzi-la ao tetracampeonato mundial. Entre acertos e alguns equívocos, levou a equipe ao terceiro lugar invicto na polêmica Copa de 1978, disputada na Argentina. Saiu depois de perder a Copa América de 1979.

FLÁVIO COSTA (1950)

Nome: Flávio Rodrigues da Costa

Nascimento: 14 de setembro de 1906, Rio de Janeiro (RJ)

Morte: 22 de novembro de 1999, Rio de Janeiro (RJ)

Em Copas do Mundo: 6 jogos, 4 vitórias,

1 empate, 1 derrota

Classificação: Vice-Campeão

Ex-centro médio do Flamengo nas décadas de 1920 e de 1930, ganhou notoriedade como técnico após conquistar o título carioca pelo rubro-negro em 1939. Dirigiu a Seleção em duas ocasiões: de 1944 a 1950, e em 1956. Perdeu o Mundial de 1950 para o Uruguai, em pleno Maracanã. Mas voltou em 1956 e aconselhou a CBD a organizar a excursão à Europa que pôs a Seleção na rota dos grandes confrontos internacionais, importante para fazê-la começar a ganhar a experiência necessária para a conquista da Copa do Mundo de 1958.

LUIS VINHAIS (1934)

Nome: Luis Augusto Vinhais

Nascimento: 11 de março de 1896, Rio de Janeiro (RJ)

Morte: 4 abril 1960, Rio de Janeiro (RJ)

Em Copas do Mundo: 1 jogo, 1 derrota

Classificação: 14º colocado

Aprendeu futebol com o técnico uruguaio Ramon Platero, que conheceu no Vasco, aplicando em seguida os métodos do mestre no São Cristóvão, que levou ao título carioca de 1926. Pregava o amor incondicional à camisa e à pátria. Era essencialmente disciplinador, mas falava a linguagem do jogador. Afinal, foi um eficiente centro médio. Passou a dirigir a Seleção em 1931. Viveu seu grande momento na conquista da Copa Rio Branco de 1932, em plena Montevideú, quando lançou dois monstros sagrados: Domingos da Guia e Leônidas da Silva. Foi o técnico do Brasil na Copa do Mundo de 1934, na Itália. O Brasil perdeu de 3x1 da Espanha e foi eliminado.

LUIZ FELIPE SCOLARI (2002)

Nome: Luiz Felipe Scolari

Nascimento: 9 de novembro de 1948, Passo Fundo (RS)

Em Copas do Mundo: 7 jogos, 7 vitórias

Classificação: Campeão.

Cotado pela primeira vez em 2000, após muitos títulos importantes por clubes, Scolari chegou a descartar a Seleção. Mas acabou aceitando o cargo em 2001, quando a equipe vivia situação complicada nas eliminatórias para 2002. Manteve-se fiel a seus princípios. “Meu estilo é competição. Se puder colocar qualidade, ótimo. Mas vou privilegiar as vitórias, do jeito que for”, disse numa entrevista, em 1997. E teve pelo menos dois méritos na conquista do penta: suportar as pressões para incluir Romário na sua lista e apostar até o fim em Rivaldo e em Ronaldinho.

PÍNDARO DE CARVALHO (1930)

Nome: Píndaro de Carvalho Rodrigues

Nascimento: 1 de junho de 1892, São Paulo (SP)

Morte: 30 de agosto de 1965, Rio de Janeiro (RJ)

Em Copas do Mundo: 2 jogos, 1 vitória, 1 derrota

Classificação: 6º colocado

Apelidado Gigante de Pedra nos tempos de jogador, foi como zagueiro que integrou a Seleção campeã sul-americana em 1919. Médico de ofício, exerceu diversos cargos na Liga Metropolitana de Desportos Terrestres do Rio e no seu clube, o Flamengo. Foi o primeiro técnico da Seleção em Copa do Mundo, em 1930, no Uruguai.

SEBASTIÃO LAZARONI (1990)

Nome: Sebastião Barroso Lazaroni

Nascimento: 25 setembro 1950, Muriaé (MG)

Em Copas do Mundo: 4 jogos, 3 vitórias, 1 derrota

Classificação: 9º colocado

Ex-goleiro, preparador físico, transformou-se em treinador no Flamengo a partir de 1985. Foi tricampeão carioca em 1986, 1987 e 1988, neste último ano dirigindo o Vasco, e acabou sendo conduzido à Seleção pelo dirigente Eurico Miranda, que acumulava as funções de vice de Futebol no clube de São Januário e na CBF. Criou polêmica ao armar a equipe no esquema 3-5-2, pouco usual no Brasil, mas a conquista da Copa América após 40 anos, e a classificação tranquila para o Mundial de 1990 levaram-no a permanecer no cargo. Saiu após o Mundial

TELÊ SANTANA (1982 - 1986)

Nome: Telê Santana da Silva

Nascimento: 31 de julho de 1931, Itabirito (MG)

Morte: 21 de abril de 2006, Belo Horizonte (MG)

Em Copas do Mundo: 10 jogos, 8 vitórias,

1 empate, 1 derrota

Classificação: 1982 - 5º colocado; 1986 - 5º colocado

Há um consenso de que foi Telê o treinador que montou a mais elogiada Seleção desde a conquista do tri mundial, em 1970, incluídas as equipes que ganharam os títulos de 1994 e de 2002. A Seleção de 1982 encantou o planeta e deixou o eterno legado do futebol-arte, mesmo sem levantar a taça. Telê chegou à Seleção em 1980. Também foi técnico no Mundial de 1986, onde caiu após dramática decisão por pênaltis. Impressionante: não ganhou títulos, mas será sempre citado como um dos principais treinadores da história da Seleção.

VICENTE FEOLA (1958 - 1966)

Nome: Vicente Ítalo Feola

Nascimento: 1 de novembro de São Paulo (SP)

Morte: 6 novembro de 1975, São Paulo (SP)

Em Copas do Mundo: 9 jogos, 6 vitórias, 1 empate,

2 derrotas

Classificação: 1958 - Campeão; 1966 - 11º colocado

Primeiro treinador brasileiro a conquistar uma Copa do Mundo. Bonachão, levou para a Seleção as experiências de técnico e de supervisor acumuladas desde 1935, em especial no São Paulo, onde cumpriu funções distintas em quase 40 anos. Uma autêntica injustiça da opinião pública, desinformada, foi` jogar sobre sua figura a fama de dorminhoco, pois teve, em 1958, dois méritos inquestionáveis: insistiu em levar Pelé e foi ousado o suficiente para fazer o time jogar num 4-3-3, numa época em que mesmo o 4-2-4 ainda não era completamente aceito.

ZAGALLO (1970, 1974, 1998)

Nome: Mário Jorge Lôbo Zagallo

Nascimento: 9 de agosto de 1931, Maceió (AL)

Em Copas do Mundo: 20 jogos, 13 vitórias,

3 empates, 4 derrotas

Classificação: 1970 - Campeão; 1974 - 4º colocado;

1998 - Vice-campeão

Zagallo jogou como ponta-esquerda na Seleção Brasileira entre 1958 e 1964. Ganhou a primeira chance como técnico da equipe em 1967, pelo bom trabalho realizado no Botafogo-RJ. Voltou em 1970, após conquistar um punhado de títulos no alvinegro carioca, e ganhou o tricampeonato mundial, no México. Deixou a Seleção após chegar em quarto lugar na Copa de 1974, na Alemanha. Voltou como coordenador-técnico em 1991, acompanhando Carlos Alberto Parreira, e foi no cargo que participou da campanha do tetra, em 1994, nos EUA. Foi novamente efetivado como treinador em 1994. E permaneceu até 1998, após ganhar o vice mundial, na França. Em 2003, voltou como coordenador de Parreira, e participou da conquista da Copa América de 2004. É o recordista de jogos no comando da Seleção.

ZEZÉ MOREIRA (1954)

Nome: Alfredo Moreira Júnior

Nascimento: 16 de outubro de 1907, Miracema (RJ)

Morte: 10 de abril de 1998, Rio de Janeiro (RJ)

Em Copas do Mundo: 3 jogos, 1 vitória,

1 empate, 1 derrota

Classificação: 7º colocado

Chegou à Seleção após conquistar o título carioca de 1951 pelo Fluminense, quando lançou o sistema de marcação por zona, que abandonava o combate homem a homem e que propunha cercar os adversários por espaços, que privilegiava a cobertura e que praticamente excluía a possibilidade do insucesso individual dos defensores. Zezé levantou o primeiro título importante da Seleção no exterior, o Campeonato Pan-Americano de 1952, no Chile. Também classificou e dirigiu a equipe na Copa do Mundo de 1954, na Suíça.

ÁRBITROS BRASILEIROS QUE ATUARAM EM MUNDIAIS

1930 – Gilberto de Almeida Rego; 1950 – Mário Gonçalves Vianna, Mário Gardelli e Alberto Monard da Gama Malcher; 1954 – Mário Gonçalves Vianna; 1962 – João Etzell Filho; 1966 – Armando Nunes Castanheira da Rosa Marques; 1970 – Ayrton Vieira de Moraes; 1974 – Armando Nunes Castanheira da Rosa Marques; 1978 e 1982 - Arnaldo David Cezar Coelho; 1986 – Romualdo Arppi Filho; 1990 – José Roberto Ramiz Wright; 1994 – Renato Marsiglia e Paulo Jorge Alves; 1998 – Márcio Rezende Freitas e Arnaldo Pinto; 2002 – Carlos Eugênio Simon e Jorge Paulo Gomes; 2006 – Carlos Eugênio Simon, Aristeu Leonardo Tavares e Ednilson Corona; 2010 – Carlos Eugênio Simon, Altemir Haussman e Roberto Braatz.





Ministério do
Esporte

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

